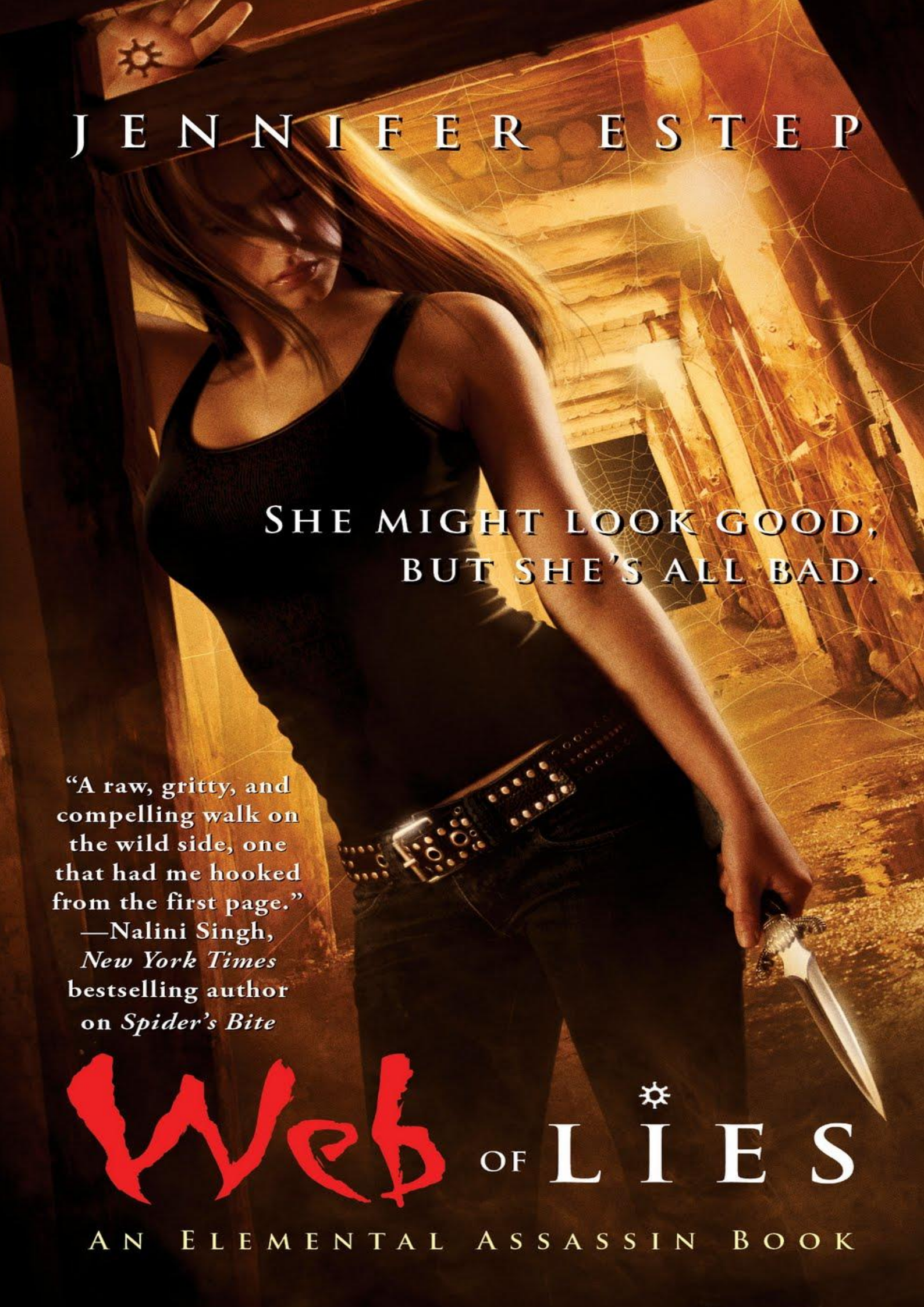

JENNIFER ESTEP
SHE MIGHT LOOK GOOD,
BUT SHE'S ALL BAD.
"A raw, gritty, and compelling walk on the wild side, one that had me hooked from the first page."
—Nalini Singh, *New York Times* bestselling author on *Spider's Bite*
Web of Lies
AN ELEMENTAL ASSASSIN BOOK

— Gin.

— Detetive.

Ficamos ali, olhando um para o outro. Uma corrente elétrica invisível zumbia entre nós, disparando faíscas de desejo em todas as direções. Eu inspirei. O cheiro limpo de sabão do detetive encheu o meu nariz, subjugando o cominho, a pimenta vermelha e as outras especiarias no ar. Donovan desviou o olhar e limpou a garganta.

— Você quer me dizer o que aconteceu? — Ele perguntou em voz baixa.

— Você quer me dizer por que está aqui? — Eu rebati.

Donovan me encarou. — Tudo bem. Pedi à expedição para me informar se houvesse quaisquer incidentes no Pork Pit.

— Por quê? Medo que eu pudesse começar a matar pessoas em meu próprio local de negócios? Você não deve ter conseguido o memorando, mas eu já me aposentei, detetive.

Suas sobrancelhas negras se juntaram pela surpresa. — Aposentou?

Eu assenti. — Aposentei.

Alguma emoção queimou em seus olhos âmbares. Poderia ter sido alívio ou até mesmo esperança, mas fosse o que fosse tinha desaparecido antes que eu pudesse decifrar. — Bem, bom para você, eu acho.

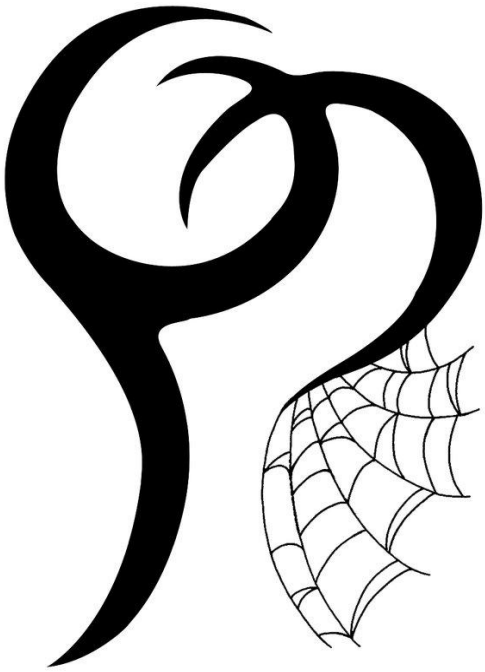


Web of Lies

AN ELEMENTAL ASSASSIN BOOK

JENNIFER ESTEP





Capítulo 1

— Parem! Ninguém se mexe! Isto é um assalto!

Wow. Três clichês consecutivos. Alguém estava seriamente em falta no departamento da imaginação.

Mas as ameaças gritadas assustaram alguém, que soltou um pequeno grito. Eu suspirei. Gritos eram sempre ruins para os negócios. O que significava que eu não podia ignorar o problema que tinha acabado de entrar no meu restaurante - ou lidar com ele da forma rápida e violenta que eu teria preferido. Uma faca silverstone através do coração era o suficiente para parar a maioria dos problemas em seu caminho. Permanentemente.

Então eu levantei meus olhos cinza da cópia do livro de bolso *A Odisseia* que eu estava lendo para ver sobre o que era toda aquela confusão.

Dois homens de vinte e poucos anos estavam no meio do Pork Pit, parecendo deslocados entre as cabines de vinil azul e rosa do restaurante. A dupla dinâmica exibia sobretudos pretos que cobriam suas finas T-shirts e batiam contra seus jeans rasgados de estrelas de rock. Nenhum deles usava chapéu ou luvas e o frio do outono havia pintado suas orelhas e dedos de um vermelho cereja brilhante. Me perguntei quanto tempo eles estiveram lá fora, reunindo coragem para entrar e gritar suas demandas banais.

Água escorria de suas botas e se espalhava pelas desbotadas trilhas de porco azul e rosa que cobriam o chão do restaurante. Olhei para os calçados dos homens. Caro couro preto espesso o suficiente para proteger do frio de Novembro.

Sem furos, sem fendas, sem cadarços faltando. Estes dois não eram os típicos drogados desesperados à procura de dinheiro fácil.

Não, eles tinham seu próprio dinheiro - muito dele, pela aparência de seus sapatos caros, T-shirts vintage e jeans de marca.

Estes dois punks ricos estavam roubando a minha churrascaria só pela emoção disso.

Pior maldita decisão que eles já tinham tomado.

— Parem! — O primeiro cara repetiu, como se todos nós não tivéssemos ouvido antes.

Ele era um homem musculoso com espetados cabelos loiros sustentados por algum tipo de produto para cabelos brilhantes. Ele provavelmente tinha um pouco de sangue de gigante em sua árvore genealógica, a julgar pela sua estrutura de um metro e noventa e as mãos grandes. Apesar de seus vinte e poucos anos, gordura de criança ainda inchava o seu rosto como um quente marshmallow gotejando. Os olhos castanhos do cara viajaram por todo o restaurante, observando tudo desde o feijão borbulhando no fogão atrás de mim à fritadeira[1] sibilando e à maltratada cópia de *Where the Red Fern Grows* pendurada na parede ao lado da caixa registradora.

Em seguida o Bolo de Carne[2] voltou sua atenção às pessoas dentro do Pork Pit para se certificar de que estávamos todos seguindo as suas exigências. Não havia muitas pessoas para olhar. Segunda-feira era geralmente um dia parado, ainda mais pela violência do vento frio e a chuva que caía lá fora. As únicas pessoas no restaurante além de mim e os aspirantes a assaltantes eram minha cozinheira anã, Sophia Deveraux, e um par de clientes - duas mulheres em idade universitária vestindo jeans justos e T-shirts apertadas não muito diferentes daquelas que os assaltantes usavam.

As mulheres sentaram chocadas e congeladas, olhos arregalados, sanduíches de carne de churrasco a meio caminho de seus lábios. Sophia estava ao lado do fogão, seus olhos pretos planos e desinteressados enquanto observava os feijões borbulharem. Ela grunhiu uma vez e agitou uma colher de metal para eles. Pouca coisa incomodava Sophia.

[1] http://images.publicradio.org/content/2008/04/16/20080416_frenchfries_33.jpg

[2] Beefcake no original - também gíria para homem atraente e musculoso, mas eu acho que ela se referiu a ele como Bolo de Carne devido ao seu tamanho e ao rosto inchado.

O primeiro cara levantou a mão. Uma pequena faca brilhou em seus dedos vermelhos e rachados. Um pequeno sorriso duro curvou meus lábios. Eu gostava de facas.

— Relaxe, Jake, — o segundo cara murmurou. — Não precisa gritar.

Olhei para ele. Onde seu amigo era loiro e musculoso, o assaltante número dois era baixo e ossudo. Seus ralos cabelos estavam presos devido a um topete incontrolável em vez de uma superabundância de produto. Os cachos eram de um vermelho brilhante, o que provavelmente tinha lhe dado o apelido de Cenoura em algum ponto. O Cenoura colocou as mãos nos bolsos furados, mudou o peso de um pé para o outro e olhou o chão, claramente desejando estar em qualquer outro lugar. Um ajudante relutante na melhor das hipóteses. Provavelmente tentou dissuadir seu companheiro. Ele deveria ter tentado mais.

— Sem nomes, *Lance*. Lembra? — Jake rosnou e encarou o seu amigo.

O corpo ossudo de Lance sacudiu ao ouvir seu próprio nome, como se alguém o tivesse eletrocutado com um aguilhão de gado.

Sua boca abriu, mas ele não disse nada.

Usei um dos recibos de cartão de crédito daquele dia para marcar o ponto em que estava n'*A Odisseia*. Então fechei o meu livro, endireitei-me, deslizei para fora do meu banco e contornei o longo balcão que se estendia pela parede traseira do Pork Pit. Hora de remover o lixo.

O primeiro cara, Jake, observou-me mover com o canto do olho. Mas em vez de investir em mim como eu esperava, o meio gigante se moveu para a esquerda e puxou uma das garotas para fora de sua cabine - uma garota hispânica com um corte de cabelo de fada.

Ela soltou outro grito estridente. Seu grosso sanduíche de carne voou de sua mão e respingou contra uma das vitrines. O molho de churrasco parecia sangue escorrendo pelo suave vidro brilhante.

— Deixe-a em paz, seu bastardo! — A outra mulher gritou.

Ela saltou para seus pés e investiu em Jake, que bateu nela com as costas da mão. Ele poderia ser apenas um meio gigante, mas ainda havia força suficiente em seu golpe para erguer a mulher de seus pés e mandá-la cambaleando contra uma mesa.

Ela capotou por cima, bateu forte no chão e deu um gemido baixo.

Neste ponto, Sophia Deveraux tinha se tornado um pouco mais interessada pelas coisas. A anã se moveu para ficar ao meu lado. As caveiras prata penduradas no colar de couro preto em volta do seu pescoço tilintaram juntas como sinos de vento.

As caveiras combinavam com as de sua T-shirt preta.

— Você vai pela direita, — murmurei. — Eu vou pela esquerda.

Sophia grunhiu e se moveu para a outra extremidade do balcão, onde a segunda mulher havia sido jogada.

— Lance! — Jake balançou a cabeça em direção à mulher ferida e à Sophia. — Observe aquelas cadelas!

Lance umedeceu os lábios. Miséria pura encheu seu rosto pálido, mas ele deu um passo em torno de seu amigo e trotou até à mulher ferida, que tinha se erguido para suas mãos e joelhos. Ela tirou um emaranhado de cabelo preto azulado de seu rosto. Seus olhos azuis queimaram com ódio. Uma guerreira.

Mas Lance não viu o seu olhar venenoso. Ele estava muito ocupado olhando para Sophia. A maioria das pessoas olhava. A anã havia se tornado gótica antes do gótico ser popular - cem anos atrás ou algo assim. Além de seu colar de caveiras combinar com a T-shirt, Sophia Deveraux usava jeans pretos e botas. Batom rosa cobria seus lábios, contrastando com a sombra preta brilhosa em suas pálpebras e a palidez natural de seu rosto.

Hoje, o tema da cor se estendia até o cabelo dela. Pálidas listras rosas brilhavam entre suas curtas mechas pretas.

Mas Jake não estava tão perplexo. Ele puxou a primeira mulher ainda mais perto, a virou, segurou-a na frente dele, e levantou a faca para sua garganta. Agora ele tinha um escudo humano. Fantástico.

Mas essa não era a pior parte. Um pouco de vermelho brilhou nas profundezas de seus olhos castanhos, como um fósforo que vinha à vida. Magia surgiu em forma de um vento quente de verão através do restaurante, picando a minha pele com poder e fazendo as cicatrizes nas minhas palmas coçarem. Chamas saíram de entre os dedos cerrados do Jake, viajando para cima e se

detendo sobre a faca. A lâmina brilhava vermelho-alaranjado pela súbita explosão de calor.

Bem, bem, bem, Jake o assaltante era cheio de surpresas.

Porque além de ser um ladrãozinho, o meio gigante Jake era também um elemental - alguém que podia controlar um dos quatro elementos. Fogo, no seu caso.

O meu sorriso cresceu um pouco mais. Jake não era a única pessoa aqui que era um elemental - ou que era extremamente perigoso. Ergui minha cabeça, alcançando a minha magia de Pedra. Ao meu redor, os tijolos maltratados do Pork Pit murmuraram com desconforto, sentindo o abalo emocional que já tinha tomado lugar e minhas intenções escuras.

— *Eu disse ninguém se mexe, porra.*

O grito anterior de Jake caiu para um sussurro rouco. Seus olhos estavam completamente vermelhos agora, como se alguém tivesse ajustado dois rubis cintilantes em seu rosto gordo de criança. Um riacho de suor escorria de sua têmpora e sua cabeça balançava ao ritmo de uma música que só ele podia ouvir. Jake estava alto de alguma coisa - álcool, drogas, sangue, sua própria magia, talvez tudo ao mesmo tempo. Não importava muito. Ele estaria morto em um minuto. Dois, no máximo.

O brilho vermelho nos olhos de Jake se iluminou quando ele alcançou sua magia novamente. As chamas piscando sobre a lâmina de prata queimaram mais e mais quentes, até que alcançaram o pescoço da menina, ameaçando queimá-la. Lágrimas escorriam pelo seu rosto em forma de coração e sua respiração vinha em sufocados soluços curtos, mas ela não se moveu. Garota esperta.

Meus olhos se estreitaram. Uma coisa era tentar roubar o Pork Pit, minha churrascaria, meu boteco. Elementais sem-sorte, vampiras prostitutas, e outros vagabundos viciados em sua própria magia e ansiando por mais poderiam ser desculpados por essa estupidez. Mas ninguém - *ninguém* - ameaçava meus clientes pagantes. Eu iria desfrutar cuidar deste canalha. Tão logo o tivesse longe da garota.

Então eu levantei minhas mãos em um gesto apaziguador e mantive a calma violência fria fora dos meus olhos cinza o melhor que pude.

— Sou a proprietária. Gin Blanco. Não quero nenhum problema. Deixem a garota ir e abrirei a caixa registradora para vocês. Nem chamarei a polícia depois que vocês saírem.

Sobretudo porque não me faria nenhum bem. Os policiais na metrópole do sul de Ashland eram tão tortos[3] como ziguezagues de relâmpago. Os membros estimados da po-po[4] mal se preocupavam em responder a roubos, especialmente nessa fronteira do bairro Southtown, muito menos fazer algo útil, como apanhar os criminosos após o fato.

Jake bufou. — Vá em frente. A polícia não pode me tocar, puta. Você sabe quem é o meu pai?

Além de ser um elemental de Fogo, Jake era também uma diva[5] famosa[6]. Era um milagre ele ter sobrevivido tanto tempo.

— Não lhes diga *isso*! — Lance assobiou.

Jake bufou e voltou seus olhos vermelhos para seu amigo. — Direi a elas o que eu quiser. Então cale essa sua boca chorosa.

— Apenas deixe a garota ir, e abrirei a caixa registradora, — repeti com voz firme, esperando que minhas palavras penetrassem a elevada magia de Jake e afundassem em seu crânio maciço.

Seus olhos vermelhos se estreitaram para fendas. — Você abrirá a caixa registradora, ou a menina morre - e você junto com ela.

Ele puxou a garota de volta para ele e as chamas queimaram na faca ainda mais brilhantes, assumindo um tom amarelo-alaranjado. As cicatrizes silverstone em minhas palmas - aquelas em forma de runas de aranha - coçavam com o afluxo de magia. Fiquei tensa, com medo do que ele ia fazer à garota aqui, agora. Poderia matá-lo - facilmente - mas provavelmente não antes de ele machucar a

[3] No sentido de desonesto.

[4] Origem: Califórnia — policiais que patrulham algumas praias em bicicletas e usam um colete escrito PO (Police Officer) no peito; eles costumam andar em pares. Por isso po-po.

[5] Prima Donna em inglês— é frequentemente usado para descrever alguém arrogante, vaidoso, ou apenas maldoso. Diva e prima donna tornaram-se sinônimos de exibicionista ou vadia.

[6] Name-Dropping em inglês — ato de inserir o nome de qualquer pessoa popular ou famosa em uma conversa num esforço de acelerar a construção de um relacionamento com alguém, ou fazer a si mesmo parecer mais importante.

garota com a sua magia. Não queria que isso acontecesse. Não iria acontecer. Não no meu restaurante. Não agora, não de novo.

— Jake, acalme-se, — Lance pediu a seu amigo. — Ninguém está causando nenhum problema. Está indo exatamente como você planejou. Rápido e fácil. Vamos apenas pegar o dinheiro e ir embora.

Jake me encarou, as chamas dançando em seus olhos vermelhos combinavam com o movimento daquelas na lâmina da faca.

Pura alegria maliciosa encheu seus olhos carmins. Mesmo se eu não fosse boa lendo as pessoas, essa emoção por si só já me diria que Jake gostava de usar a sua magia, amava o poder que lhe dava, a sensação de ser invencível.

E ele não ia ficar satisfeito apenas roubando meu dinheiro. Não, Jake iria usar o seu poder de fogo para matar todo mundo no restaurante só porque ele podia, porque ele queria mostrar a sua magia e provar que ele era realmente foda. A não ser que eu fizesse algo para detê-lo.

— Jake? O dinheiro? — Lance perguntou novamente.

Depois de um momento, o fogo esmaeceu nos olhos de Jake. Ele baixou a lâmina brilhante alguns centímetros, dando à garota um pouco de ar realmente necessário. — Dinheiro. Agora.

Abri a registradora, agarrei todas as notas enrugadas que estavam lá dentro e as estendi. Tudo o que Jake tinha que fazer era soltar a garota tempo suficiente para avançar e pegar o dinheiro e eu o teria. *Vamos lá, seu bastardo. Venha brincar com a Gin.*

Mas algum senso de auto-preservação deve ter operado, porque o meio gigante musculoso sacudiu a cabeça. Lance deixou seu posto perto da mulher ferida, foi cuidadosamente para a frente, pegou o dinheiro da minha mão e recuou. Não me preocupei em agarrá-lo e usá-lo como refém. Caras como Jake eram capazes de deixar seus amigos girando ao vento[7] - ou presos na borda da minha lâmina.

Jake lambeu os lábios grossos e rachados. — Quanto? Quanto está aí?

Lance vasculhou as notas verdes. — Um pouco mais de 200.

[7] Numa situação extremamente ruim.

— Só isso? Você está escondendo o dinheiro de mim, puta, — rosnou Jake.

Dei de ombros. — Segunda-feira é um dia parado. E muitas pessoas não gostam de sair neste tipo de clima frio, nem mesmo por churrasco.

O elemental de Fogo olhou para mim, debatendo as minhas palavras e o que poderia fazer com elas. Eu sorri de volta. Ele não sabia no que havia se metido - ou com quem estava mexendo.

— Vamos embora, Jake, — Lance pediu. — Alguns policiais poderiam aparecer a qualquer momento.

Jake apertou o agarre sobre a sua faca de fogo. — Não. Não até que essa puta me diga o que ela fez com o resto do dinheiro. Este é o restaurante mais popular do bairro. Tinha que haver mais de 200 dólares nessa caixa registradora. Então, onde você o escondeu, vadia? Você está usando um cinto de dinheiro[8] debaixo desse gorduroso avental azul?

Dei de ombros. — Por que você não vem e descobre, seu merda patético?

Seus olhos ficaram mais escuros, mais vermelhos, mais irritados, até que eu pensei que as faíscas de fogo piscando lá poderiam realmente disparar para fora de suas mágicas íris coloridas. Jake soltou um grunhido furioso.

Ele empurrou a garota para longe e investiu em mim, a faca mantida diretamente para fora.

Meu sorriso se alargou. Finalmente. Hora de jogar.

Esperei até que ele estivesse ao alcance, então avancei e virei meu corpo no seu. Bati meu cotovelo em seu plexo solar e varri seus pés de sob ele.

Jake tossiu, tropeçou e mergulhou de cabeça no chão.

Sua têmpora raspou no lado de uma das mesas enquanto ele caía, resultando em um pouco de sangue salpicando nos meus jeans. A pancada foi o suficiente para fazer Jake perder o agarre sobre a sua magia de Fogo. O formigamento de poder saindo dele desapareceu e as chamas se extinguiram na faca em sua mão. O metal quente assobiou e soltou fumaça quando entrou em contato com o chão frio.

[8] http://moneybelt.co.cc/wp-content/uploads/2010/04/waist_money_belt.jpg

Olhei à minha direita. A mulher que Jake tinha jogado através da sala se esforçava para ficar de pé e se preparava para lançar-se em Lance. Mas Sophia agarrou a cintura da garota e a puxou de volta. A mulher começou a lutar, mas a anã gótica balançou a cabeça e deu um passo adiante, colocando-se na frente da cliente. Lance engoliu uma vez e deu um passo para trás, pronto para virar e correr.

Mas Sophia era mais rápida. A anã socou-o uma vez no estômago. Lance caiu como se uma bigorna tivesse lhe caído em cima. Ele desabou no chão e não se mexeu.

Um caído, um por cair.

Voltei minha atenção de volta para Jake, que tinha rolado para o lado. Sangue escorria do lado da cabeça onde ele tinha se cortado no canto da mesa. O meio gigante me viu em pé sobre ele, se curvou até à metade e atacou-me com sua faca que arrefecia. Idiota. Ele nem sequer tinha chegado perto de me entalhar. Após Jake fazer outro movimento falho com a lâmina, eu me abaixei e agarrei seu pulso, dobrando-o para trás para que ele não pudesse movê-lo. Olhei a arma na mão fechada.

— Porra, — eu disse. — Pegue uma faca de verdade. Você não poderia nem descascar batatas com essa coisa.

Então eu arranquei a lâmina de seus dedos rachados e estalei seu pulso grosso.

Jake uivou de dor, mas o barulho não me incomodou.

Não tinha feito em anos. Empurrei-o para baixo em suas costas, em seguida sentei escarranchada nele, um joelho de cada lado do peito musculoso, apertando e pressionando suas costelas. Gigantes, mesmo meio gigantes como Jake, odiavam quando eles tinham dificuldade para respirar. A maioria das pessoas odiava.

Ajustei e reforcei meu aperto sobre a faca, pronta para conduzi-la em seu coração. Uma arma frágil, mas que faria o trabalho. Praticamente qualquer coisa faria, se você tivesse suficiente força e determinação para colocar por trás disso. Eu tinha bastante de ambos.

Um pequeno soluço sufocado soou, tirando minha atenção de Jake e seus estridentes lamentos.

Meus olhos cinza sacudiram para cima. Uma das garotas estava encolhida debaixo de uma mesa a poucos metros de distância, seus joelhos encolhidos junto ao peito, seus olhos arregalados em seu rosto, lágrimas deslizando pelo seu rosto corado.

Uma posição em que eu tinha estado, uma vez.

Um par de meses atrás, a garota e suas lágrimas não teriam me incomodado. Eu teria matado Jake e seu amigo, lavado o sangue das minhas mãos e pedido a Sophia para se livrar dos corpos antes que eu fechasse o Pork Pit para a noite.

Isso era o que os assassinos faziam.

E eu era a Aranha, uma dos melhores.

Mas eu tinha tido uma espécie de epifania há dois meses quando o meu mentor tinha sido brutalmente torturado e assassinado dentro do Pork Pit - no mesmo local que Jake e eu estávamos no momento. O velho, Fletcher Lane, queria que eu me aposentasse, tomasse um caminho diferente na vida, vivesse um pouco à luz do dia, como ele tanto gostava de dizer. Segui o conselho de Fletcher e encerrei o negócio de assassina depois de ter matado Alexis James, a elemental do Ar que o tinha assassinado.

— Hmph.

Atrás de mim, Sophia grunhiu. Olhei por cima do meu ombro para a anã, que ainda estava segurando a outra mulher. A garota estava tentando, sem sucesso, arrancar os grossos dedos da anã de sua cintura. Boa sorte com isso. Sophia tinha um aperto como a morte. Uma vez que ela tinha você, ela não a deixava ir - nunca. Meus olhos cinza travaram com os pretos de Sophia. Pesar brilhou em seu olhar escuro e ela balançou a cabeça só um pouquinho. Não, ela estava dizendo. Não na frente de duas testemunhas.

Sophia estava certa. Testemunhas eram ruins. Não poderia destripar Jake com as duas garotas assistindo e me livrar do corpo depois. Não no meu próprio restaurante. Não sem estragar meu disfarce como Gin Blanco e se quisesse deixar tudo para trás. E eu não ia fazer isso. Não por um pedaço de lixo como o elemental de Fogo. Mas isso não queria dizer que eu não podia deixar Jake saber exatamente com quem ele estava lidando.

Esperei até que houve uma calmaria nos gritos de Jake, então inclinei a sua cabeça para cima com a ponta da faca e olhei em seus olhos. Eles tinham

perdido todo o toque de sua ardente magia vermelha. Agora, suas íris castanhas estavam largas e brilhantes com pânico, medo, dor.

— Se você alguma vez voltar ao meu restaurante e foder comigo ou com meus clientes, eu vou te entalhar como um peru de Ação de Graças.

Golpeei a faca para baixo, rompendo a pele do seu pescoço musculoso. Jake gritou devido à picada e agarrou o ferimento leve com seus dedos da grossura de salsichas. Dei um tapa na mão e cortei-o de novo. O cheiro de sangue quente e acobreado encheu o meu nariz. Outra coisa que não me incomodava em um longo, longo tempo.

— Toda vez que você se mover, vou cortá-lo de novo. Mais e mais profundamente. Acene com a cabeça se você entendeu.

Ódio queimou em seu olhar, atenuando a dor e o pânico, mas ele acenou.

— Bom.

Bati em sua têmpora com o cabo da faca. A cabeça de Jake estalou para um lado e caiu no chão. Inconsciente.

Assim como seu amigo Lance.

Levantei-me, limpei minhas impressões digitais da faca e deixei cair a arma no chão. O meio gigante não se mexeu. Então eu fiquei de pé e fui para a garota, ainda agachada debaixo da mesa.

Ela encolheu-se contra as pernas de uma cadeira quando me aproximei, como se quisesse se fundir com o metal. Seu pulso vibrava como uma borboleta louca em sua têmpora. Coloquei o meu mais amigável, mais confiável e encantador sorriso do Sul no meu rosto e me abaixei até que estava ao mesmo nível que ela.

— Vamos lá, querida, — eu disse, estendendo a minha mão. — Acabou. Aqueles homens já não vão te machucar.

Seus olhos chocolate dispararam para Jake que estava deitado no chão.

Seu olhar se moveu de volta para mim e ela mordeu o lábio, dentes brancos contra a pele cor caramelo.

— Também não vou te machucar, — disse com uma voz suave. — Vamos lá. Tenho certeza que sua amiga quer ver como você está.

— Cassidy! — A outra mulher gritou pois Sophia ainda não a estava deixando ir. — Você está bem?

A voz da amiga penetrou o torpor temeroso de Cassidy.

Ela suspirou e acenou com a cabeça. A garota estendeu o braço e eu agarrei a mão trêmula. Os dedos de Cassidy pareciam finos, frágeis pingentes contra a cicatriz grossa embutida na minha palma. Puxei a garota para seus pés. Ela me olhou com cautela compreensível, então eu mantive meus movimentos lentos e simples, não querendo assustá-la.

— Estou bem, Eva, — disse Cassidy em voz baixa. — Só um pouco abalada, é tudo.

Sophia soltou a outra mulher e eu recuei.

Eva correu para a frente e pegou sua amiga em um abraço apertado.

Cassidy abraçou a outra mulher e as duas se balançaram para a frente e para trás no meio do restaurante.

Caminhei até Sophia, que estava observando as duas mulheres com uma expressão plana em seu pálido rosto.

— Amizade. Não é uma coisa linda? — Brinquei.

— Hmph. — Sophia grunhiu novamente.

Mas nos cantos dos lábios da anã gótica surgiu um sorriso minúsculo.

As duas garotas se abraçaram por mais um minuto antes que Eva puxasse o celular de seu jeans.

— Você liga para a polícia, — Eva disse à amiga. — Preciso deixar Owen saber que eu estou bem. Você sabe como ele é. Ele vai surtar quando descobrir sobre isso.

Cassidy assentiu com a cabeça de forma solidaria e puxou seu próprio telefone dos jeans. As duas mulheres começaram a discar números, em vez de pedirem a mim, à dona do restaurante, para fazer isso por elas. Não era de

estranhar. Se você queria policiais, você mesmo os chamava. Certamente não dependeria da bondade de estranhos para fazer isso. Não em Ashland.

Eu fiz uma careta. Policiais. Exatamente o que eu precisava. Alguns dos melhores de Ashland obtendo uma vista completa de mim, a ex-assassina, da anã gótica que gostava de eliminar corpos mortos em seu tempo livre e dos dois caras que tínhamos despachado tão facilmente.

Não era o tipo de atenção que eu queria chamar para mim, mesmo que eu estivesse aposentada. No entanto, já não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Sophia voltou ao fogão para verificar o seu feijão. Eva falou em voz baixa com alguém em seu telefone.

Cassidy terminou sua chamada para o 911 e se deixou cair na cadeira mais próxima.

A garota encarou Jake que estava no chão, em seguida, seus olhos castanhos se voltaram para a faca ensanguentada. Seu lábio inferior estremeceu, os olhos ficaram brilhantes e suas mãos tremeram. Ela tentava segurar as lágrimas. Outra coisa que eu tive que fazer, uma vez.

Andei até o balcão e peguei um prato de vidro cheio de biscoitos floresta negra que eu tinha cozido naquela manhã.

— Aqui. — Tirei a parte superior e segurei o prato para ela. — Pegue um biscoito. Eles têm muito açúcar, manteiga e chocolate neles. Vão ajudar com a tremedeira.

Cassidy deu-me um sorriso fraco, pegou um doce de chocolate e mordeu a mistura. O chocolate amargo derreteu na sua boca e seus olhos brilharam com prazer em vez de preocupação.

Eva terminou sua ligação e se sentou ao lado da amiga.

Suas mãos não tremiam quando ela fechou o telefone e ela olhou para Jake com uma expressão pensativa. O único sinal de que alguma coisa havia acontecido com Eva era um vergão vermelho na sua bochecha, onde seu rosto tinha se chocado contra o chão.

A garota tinha uma cabeça fria em seus ombros e um aperto firme sobre suas emoções. Mas isso não significava que ela não poderia se deixar levar mais tarde.

Segurei o prato para ela. — Você também.

Eva pegou um biscoito, partiu-o em dois, e enfiou metade em sua boca. Não era tímida, também.

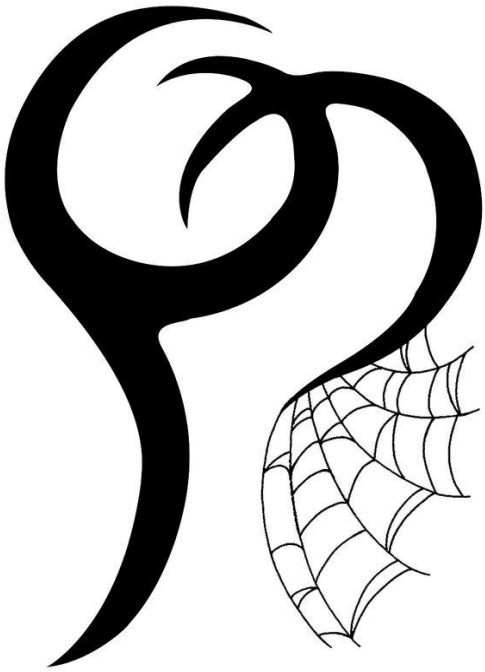
Também peguei um dos doces de chocolate da pilha.

Não porque eu tinha nervos trêmulos, mas porque eles eram biscoitos malditamente bons. Eu mesma os tinha feito, e eu era tão boa em cozinheira como tinha sido em assassina.

Olhei para os dois homens inconscientes no chão.

Lance estava de braços abertos ao lado de uma das cabines onde Sophia o tinha deixado cair. Sangue continuava a escorrer dos cortes na garganta e na têmpora de Jake, manchando o chão de um marrom enferrujado.

Peguei outro biscoito do prato e os observei sangrar.



Capítulo 2

Um par de oficiais de patrulha uniformizados apareceu vinte minutos depois. Atrasados, como de costume. Se tivéssemos realmente precisado deles, nossos corpos teriam ficado frios e pegajosos no chão. Os policiais passaram rapidamente pela porta da frente e pararam, surpresos com a cena calma.

Eva e Cassidy sentavam-se em sua cabine inicial. Cassidy mastigava seu quarto biscoito e tomava um gole do leite que eu lhe tinha dado. Eva tinha um cotovelo inclinado sobre a mesa, segurando a cabeça com uma de suas mãos. Com a mão livre, ela metodicamente partiu um biscoito e comeu-o lentamente, pedaço por pedaço. Parecia que o choque tinha finalmente a alcançado.

No fogão, Sophia enchia de feijão cozido uns frascos de vidro Mason[9] para levar à sua irmã mais velha, Jo-Jo. Eu estava empoleirada em meu banco usual atrás da caixa registradora, comendo meu terceiro biscoito e lendo sobre Ulisses cegando um ciclope.

O primeiro policial era quase da minha altura, um metro e setenta ou assim, um cara hispânico resistente com pele cor de noz e um topete combinando com os cachos que escaparam do gorro em que ele os tinha enfiado. Sardas escuras pontilhavam suas bochechas como se fossem nozes.

Ele tinha tirado a sua arma e esta estava pressionada contra a sua perna.

[9] http://www.bridepop.com/wp-content/uploads/2011/01/mason-jar.png

Em contraste, o outro policial tinha cerca de dois metros de altura, a cabeça raspada como um melão e punhos do tamanho de um presunto. Sua pele era tão negra que brilhava, como azeviche polido. Assim eram os seus olhos. Seu nome era Xavier. Eu tinha-o visto trabalhando como porteiro na Agressão do Norte, um clube noturno que tive a oportunidade de visitar recentemente.

Não tinha percebido que ele também era um membro da força policial.

Xavier reconheceu-me também e inclinou a cabeça em minha direção. Eu retribuí o gesto.

Xavier não tinha a sua arma. Não precisava. Gigantes poderiam levar um par de balas no peito antes de caírem e um soco bem colocado de seus punhos quebraria o pescoço de quase qualquer um. Estranho ele estar trabalhando como policial, no entanto. A maioria dos gigantes em Ashland alugava os seus serviços como seguranças privados. Pagava melhor, mesmo que fosse igualmente perigoso.

— Recebemos uma ligação sobre um roubo, — o primeiro policial falou.

Sua voz era alta e chorosa, como uma serra elétrica.

— Yeah. Esses dois caras entraram e tentaram me roubar. Esse, — eu apontei para Jake, — entrou na loja e disse a todos para pararem o que estavam a fazer. Quando comecei a abrir a caixa registradora, ele pegou uma das meninas e colocou uma faca em sua garganta. Ele é um elemental do Fogo. Colocou chamas em sua faca e quase queimou a garota com ela. Mas, felizmente, minha cozinheira e eu fomos capazes de subjugar os dois.

Os policiais olharam para os dois homens, depois para mim, então para Sophia e finalmente para as garotas.

— Foi assim que aconteceu? — O policial baixo perguntou.

Eva e Cassidy acenaram com a cabeça. Sophia grunhiu seu acordo.

— Foi exatamente assim que aconteceu, — eu disse.

O pequeno policial se focou em Lance. — E o outro cara lá?

— Seu amigo. Tentou acalmá-lo. Não funcionou.

O policial olhou para os dois homens por mais um momento, então olhou de volta para mim. — E você fez isso com eles? Com o quê? Um taco de beisebol?

— Não, — respondi. — Apenas segurei o primeiro cara, o grande. Minha cozinheira cuidou do outro homem. Nenhuma de nós tinha uma arma.

Com sua grande força, Sophia não necessitava de uma arma mais do que um gigante precisava. E eu não achava que era necessário mencionar as cinco facas silverstone atualmente escondidas em meu corpo. Ou as outras colocadas em locais estratégicos por todo o restaurante. Ou o fato de que eu poderia apenas ter formado um pingente de gelo denteado com minha magia de Gelo e cortado a garganta do Jake com ele. Ou até mesmo usado o meu outro poder elemental de Pedra para desabar todo o restaurante em cima de sua cabeça.

O pequeno policial soltou um assobio baixo. — Escolheram o lugar errado para roubar, não é?

Eu não respondi. Ele podia ver exatamente o quão errados eles tinham estado pelos respingos de sangue no chão.

Os dois homens estavam começando a voltar a si. Lance se balançava para frente e para trás no chão, segurando o estômago, como se isso fosse diminuir a dor que ele sentia onde Sophia o tinha socado. Jake estava deitado de costas e ele piscou para o teto como se não estivesse realmente vendo-o.

O policial gigante, Xavier, se inclinou, pegou Lance pela nuca com uma mão e colocou-lhe um conjunto de algemas silverstone. — Você. Fique quieto.

Lance estava muito ocupado tentando não vomitar para fazer algo estúpido, como correr. Xavier ficou sobre um dos joelhos e começou a repetir o processo de algemar em Jake. Ele olhou para seu rosto. Xavier fez uma careta, então olhou-me com seus olhos negros.

— Você sabe quem é este? — Ele resmungou.

— Não. Deveria?

O gigante acenou com a cabeça. — Yeah, Jake McAllister.

Meus olhos cinzentos se estreitaram. — McAllister? Como em Jonah McAllister? O advogado?

— Esse mesmo, — retumbou Xavier. — Jake aqui é seu filho. Terceira vez que ele está em apuros desde o Halloween.

O início de uma dor de cabeça latejava atrás dos meus olhos. Jonah McAllister era o mais caro advogado de Ashland e o mais bem sucedido. Um empreendedor carismático que poderia fazer o criminoso mais violento, irredimível e sociopata parecer uma colegial inocente — e fazer o júri chorar de compaixão enquanto fazia isso. McAllister não se importava se as pessoas eram culpadas ou não, contanto que pudessem pagar os seus astronômicos honorários.

Mas ainda mais problemático era o fato de que Jonah McAllister era também o conselheiro pessoal de Mab Monroe. Ashland poderia ter toda a pompa municipal de qualquer outra cidade. A polícia e os bombeiros, um conselho municipal e um prefeito.

Mas Mab Monroe era quem realmente dominava a cidade, além do seu próprio lucrativo império mafioso. Para a maioria das pessoas, Mab era a mais rica empresária da cidade, que generosamente, de forma desinteressada, usava sua riqueza para ajudar os menos afortunados. Mas aqueles de nós que se moviam pelo lado sombrio da vida sabiam que Mab fazia tudo, desde encomendar sequestros a subornar funcionários do governo e assassinar qualquer um que ficasse em seu caminho.

Mab tinha dinheiro, mas seu verdadeiro poder vinha do fato de que ela era uma elemental do Fogo, assim como Jake McAllister.

Sendo uma elemental significava que Mab poderia criar, controlar e manipular o fogo de praticamente qualquer jeito que ela quisesse. Mas Mab Monroe tinha muito mais poder do que Jake McAllister alguma vez havia sonhado. Dizia-se que Mab tinha mais magia, mais poder cru, do que qualquer elemental nascido nos últimos quinhentos anos. Dada a sua opressão na cidade e posição de rainha no submundo de Ashland, não era tanto um rumor como um fato conhecido.

Qualquer um que se levantava contra Mab Monroe era morto rapidamente.

Jonah McAllister era mais do que apenas o advogado de Mab — ele era um de seus principais tenentes, junto com Elliot Slater, o gigante que lidava com a segurança de Mab e que aplicava brutalmente a sua vontade. O trabalho de McAllister era lidar com alguém que desafiasse Mab através dos meios legais. Enterrá-los em papelada e burocracia suficiente para afogar um elefante de modo que eles ou desistiam de imediato ou eram forçados a isso quando fossem à falência tentando pagar seus próprios advogados.

Não, Jonah McAllister não ficaria satisfeito ao saber que eu tinha derrubando o seu filho. Ele, e por extensão Mab Monroe, poderiam me trazer problemas — problemas que não eram tão facilmente solucionáveis agora que eu era apenas Gin Blanco e não estava mais trabalhando clandestinamente como a Aranha.

— Você tem certeza que deseja prestar queixa? — Xavier perguntou. — A maioria das pessoas não o faz, depois de saberem quem é seu pai.

Olhei para Jake, que continuava piscando para o teto.

O meu olhar caiu sobre Cassidy, que estava ocupada olhando os seus sapatos. Ela tinha ouvido a pergunta de Xavier e sabia o que significava o nome McAllister tão bem quanto eu. Cassidy pensava que eu ia desistir e não queria ver-me dizer aos policiais para deixarem Jake ir.

A imagem das chamas vermelhas-alaranjadas lambendo a garganta esbelta de Cassidy passou diante de meus olhos, juntamente com seu rosto coberto de lágrimas. Lembrando-me de um outro lugar, de um outro tempo, uma outra garota desesperada para que eu a salvasse, a convencesse de que tudo ia ficar bem, mesmo sabendo que não iria. Mesmo sabendo que nunca ficaria bem novamente.

As memórias da minha irmã mais nova, Bria, e a noite horrível que nossa mãe e irmã mais velha, Annabella, tinham sido assassinadas, nadaram na parte de trás da minha mente, um tubarão negro subindo à superfície. A memória afundou seus dentes afiados e frios em meu coração. Fogo, tortura, destruição, morte. Tudo isso e muito mais tinha acontecido nessa noite fatídica há dezessete anos atrás. Minhas mãos se enrolaram em punhos frouxos, escondendo as cicatrizes de runa de aranha que haviam sido queimadas nas minhas palmas — cicatrizes que eram um lembrete constante da minha família perdida.

Após alguns segundos, desenrolei minhas palmas e flexionei os dedos, tirando a tensão deles.

Focalizei em Jake McAllister novamente, lembrando a forma afiada e maliciosa que ele me olhou. Duzentos dólares ou não, ele estava preparado para matar a mim e a todo o mundo que estava no restaurante por nada mais do que uma sensação de euforia. Estaria condenada se eu o deixasse se safar disso.

— Foda-se quem o pai dele é, — eu disse. — Ele quase cortou a garganta daquela garota. Vou prestar queixa.

Xavier deu de ombros. — Sua escolha. Só não espere muito disso.

Ele tilintou as algemas silverstone em torno dos pulsos de Jake e puxou o elemental de Fogo até seus pés. O movimento abrupto tirou Jake de seu transe de piscar e ele olhou por cima do ombro para o policial, depois de volta para mim. Demorou alguns segundos para a realidade da situação penetrar em seu crânio maciço.

— Você chamou a polícia? Você vai pagar por isso, puta! — Jake gritou.

Ele avançou, tentando se livrar de Xavier e chegar até mim. Porém Xavier facilmente o deteve com uma mão.

Difícil se livrar do aperto de um gigante.

Mas em vez de ficar onde estava, eu contornei o balcão e fui até Jake. Desta vez, eu o deixaria ver quão frios, planos e duros meus olhos cinza realmente eram. — Você é quem vai pagar quando papai descobrir que está derrubando restaurantes — ou tentando. Péssimo trabalho de merda que você fez.

— Puta, — ele gritou de novo. — Você vai morrer por isso! Você está me ouvindo? Você está morta!

Jake pulou para a frente novamente, mas o policial gigante puxou-o pela nuca — não muito gentilmente.

Xavier piscou para mim e eu sorri. Estava começando a gostar de Xavier. Teria que lhe dar uma ou duas notas extras de cem na próxima vez que o visse trabalhando na porta do Agressão do Norte.

— Vamos lá, Jake, — Xavier retumbou. — Vamos levá-lo à viatura para que você possa chamar o seu velho para vir salvá-lo.

Xavier empurrou Jake McAllister e seu amigo Lance pela porta da frente e colocou-os na traseira de uma viatura que aguardava. O policial, o cara baixo, tomou os depoimentos de Cassidy e Eva. Ele tinha acabado de falar com as meninas quando a porta da frente do Pork Pit abriu e outro policial entrou. Um homem hispânico alto com cabelo preto curto, pele bronzeada e olhos da cor de uísque esfumaçado.

Detetive Donovan Caine.

A maioria dos policiais em Ashland podiam ser conhecidos por sua apatia e avareza, mas Donovan Caine era uma rara exceção à regra. Ele lutava contra a corrupção, subornos e retribuições que a maior parte da força policial recebia para olhar para o outro lado e realmente tentava pegar os criminosos. E o detetive realmente acreditava em todas aquelas coisas piegas de proteger e servir.

O meu caminho tinha atravessado pela primeira vez com o do Caine vários meses atrás, quando eu tinha assassinado Cliff Ingles, seu parceiro corrupto. Além de receber dinheiro e favores sexuais de prostitutas vampiras enquanto ele estava em serviço, Ingles tinha cruelmente estuprado e espancado uma das filhas adolescentes das prostitutas.

Mesmo entre a escória em Ashland, Cliff Ingles tinha sido um verdadeiro príncipe e eu tinha tratado dele como um pro bono[10]. Meu próprio tipo de serviço público.

Donovan Caine não sabia o quão sujo seu parceiro era e tornou-se obcecado com a captura do assassino de Cliff Ingles — eu. É claro, a trilha tinha esfriado, sendo que eu não era nada senão profissional, mas isso não tinha impedido Caine de manter o caso aberto e cavar para obter informações a cada poucas semanas.

Então nossos caminhos se cruzaram novamente — e em pessoa — dois meses atrás quando eu tinha sido enquadrada pelo assassinato de um delator corporativo chamado Gordon Giles.

Algumas pessoas desagradáveis pensaram que o detetive tinha informações que poderiam implicá-los no esquema e eles tentavam obter informações dele quando eu apareci e os derrubei. Depois disso, Donovan Caine tinha relutantemente unido forças comigo para encontrar o verdadeiro assassino.

Durante o curso da nossa investigação, tivemos um caso quente de-uma-noite — bem, mais como um caso quente de-uma-hora — alguns meses atrás, mas nada desde então. A mentalidade do detetive Escoteiro era um ponto de atrito entre nós. Eu achava sua moral admirável, um pouco impraticável em uma cidade tão suja, violenta e corrupta como Ashland. Ele achava a minha falta da mencionada moral e a falta de remorso por todas as coisas sangrentas que eu tinha feito na minha antiga profissão perturbadora, para dizer o mínimo.

Ainda assim, a atração entre nós tinha sido intensa e o sexo apressado que tivemos num armário de abastecimentos tinha sido fantástico.

[10] Latim – “para o bem do povo”

Só tinha visto o detetive uma vez desde então, no funeral do meu mentor, Fletcher Lane. Caine tinha vindo para oferecer suas condolências e me checar. Beijei-o ali mesmo no cemitério. Depois disso, ele tinha saltado para longe de mim como um coelho assustado.

Não tinha visto ou falado com o detetive desde então. Pensava muito nele, no entanto. Mais do que eu desejava.

E agora ali estava ele no meu boteco, no meu cantinho da cidade.

Donovan Caine percebeu meu olhar e levantou a cabeça.

Nossos olhos se trancaram, ouro com cinza. Meu peito apertou e o calor familiar inundou minhas veias, reunindo-se no meu estômago antes de se dirigir mais para baixo. Olhei para o casaco da marinha que o detetive usava.

O tecido de lã pendurava sobre seus ombros e mostrava o contorno do seu corpo magro e duro. Lembrei-me da sensação daquele corpo duro. Sua boca pressionada contra a minha, nossas línguas batendo juntas. Mãos agarrando as roupas do outro.

O cheiro fresco e limpo dele enchendo meu nariz. A forma como ele murmurava meu nome uma e outra vez como uma maldição — ou a resposta a uma oração — quando ele tinha empurrado em mim, rápido, duro e profundo. Mmm.

O pequeno policial me viu olhando para o detetive. Ele se aproximou, murmurou algo para Caine e sacudiu a cabeça em minha direção. Provavelmente apontando-me como a proprietária e principal testemunha. A maioria das mulheres, a maioria das amantes deixadas para trás, teria avançado ameaçadoramente e exigido saber o que Donovan Caine fazia ali.

Por que ele não tinha sequer ligado. Em vez disso, inclinei um cotovelo contra o balcão e permaneci indiferente, embora o meu estômago se apertasse com a visão dele.

Paciência era uma das minhas virtudes. Sempre tinha sido. O detetive viria a mim em breve.

Menos de um minuto depois, Caine terminou sua conversa tranquila com o outro policial e caminhou na minha direção.

Ele parou a cerca de um pé de distância, seus olhos dourados assimilando meu avental azul manchado de gordura, jeans desgastado e T-shirt de manga comprida. Dois tomates escarlates decoravam o topo do algodão preto.

— Gin.

— Detetive.

Ficamos ali, olhando um para o outro. Uma corrente elétrica invisível zumbia entre nós, disparando faíscas de desejo em todas as direções. Eu inspirei. O cheiro limpo de sabão do detetive encheu o meu nariz, subjugando o cominho, a pimenta vermelha e as outras especiarias no ar. Donovan desviou o olhar e limpou a garganta.

Ele sacudiu a cabeça e eu o segui até o outro lado do restaurante, fora do alcance dos ouvidos de qualquer outra pessoa

— Você quer me dizer o que aconteceu? — Ele perguntou em voz baixa.

— Você quer me dizer por que está aqui? — Eu rebati. — Detetives não costumam verificar assaltos em Southtown, especialmente aqueles que foram impedidos.

Donovan me encarou. — Tudo bem. Pedi à expedição para me informar se houvesse quaisquer incidentes no Pork Pit.

— Por quê? Medo que eu pudesse começar a matar pessoas em meu próprio local de negócios? Você não deve ter conseguido o memorando, mas eu já me aposentei, detetive.

Suas sobrancelhas negras se juntaram pela surpresa. — Aposentou?

Eu assenti. — Aposentei. Agora passo os meus dias aqui no Pork Pit servindo o melhor churrasco, salada de repolho e chá gelado de amora em Ashland.

Alguma emoção queimou em seus olhos âmbares. Poderia ter sido alívio ou até mesmo esperança, mas fosse o que fosse tinha desaparecido antes que eu pudesse decifrar. — Bem, bom para você, eu acho.

Dei de ombros. Desistir do meu negócio de assassina não era bom ou ruim. Fletcher Lane tinha andado atrás de mim para eu me aposentar por meses antes do seu assassinato. Após sua morte, decidi honrar o último desejo do velho. Nada

mais, nada menos. Mas à medida que os meus olhos deslizaram pelo corpo de Donovan Caine, não pude deixar de imaginar se a minha revelação seria o suficiente para conseguir que o detetive voltasse para a minha cama. Certamente não poderia machucar.

Donovan tirou uma caneta e um bloco de notas do seu bolso.

— Então me conte o que aconteceu.

Recapitulei os acontecimentos da última hora. Depois que eu terminei, Caine ficou em silêncio, sua caneta congelada no seu bloco de notas, revirando algo em sua mente. Então ele levantou seus olhos de ouro para mim.

— Por que você não os matou? — Ele perguntou numa voz suave. — Ambos sabemos que você poderia.

— Facilmente, — eu concordei. — Mas uma das meninas estava no chão ao meu lado.

— E você não queria que ela visse você fazer isso?

Dei de ombros. — Testemunhas são ruins, detetive. Já lhe havia dito isso antes.

Ele bufou. — E eu aqui pensando que você estava desenvolvendo um coração.

Decepção tingiu suas palavras. Ignorei a ânsia que o som provocou em mim.

— Oh, eu sempre tive um coração detetive, — respondi em tom jovial. — Só não o deixo me impedir de fazer o que precisa ser feito. Isso seria fraco e eu não sou fraca. Não tenho sido em muito tempo.

— Não, fraca é uma coisa que você definitivamente não é. — Donovan me fitou. — Você pode estar aposentada, mas realmente não mudou nada, não é, Gin?

— Isso depende da sua definição de *mudança*. Eu deveria me transformar em uma mãe devota ou num coração sangrando[11] que deixa as pessoas pisarem

[11] Coração mole, pessoa que é excessivamente simpática com aqueles que se dizem desprivilegiados ou explorados

em cima? Não me parece que isso vai acontecer. Mas reavaliei a minha vida, minhas prioridades e decidi fazer uma pequena mudança. Dito isto, se alguém me empurrar, vier para cima de mim como aqueles dois palhaços, eu vou empurrar de volta — três vezes mais forte. Ser uma assassina foi a minha forma de vida desde que eu tinha treze anos, detetive. Não vou esquecer o que fiz durante os últimos dezessete anos só porque não estou mais fazendo isso.

— Eu vejo.

Desta vez, a decepção era tão afiada como uma das facas silverstone escondidas nas mangas da minha camisa. Donovan Caine ainda me queria, mas ele queria que sua consciência estivesse segura sobre isso também. Eu não era a única que precisava mudar.

Caine limpou a garganta. — Você sabe quem o garoto loiro é?

— Jake McAllister. Filho querido de Jonah McAllister. O policial gigante me disse - em seguida, perguntou se eu ainda queria prestar queixa.

Donovan olhou para o policial, que poderia ser visto de pé na calçada através das vitrines.

— Xavier? Ele é um bom cara. Provavelmente pensou que estava lhe fazendo um favor, deixando você saber sobre o garoto e suas conexões. Porque Jonah McAllister não vai gostar disto. Ele pode causar um monte de problemas para você.

— Se ele causar, vou lidar com isso da maneira que eu sempre faço. Rapidamente. Eficientemente. Permanentemente.

— Da maneira que você sempre faz? Pensei que você estava tentando mudar.

— Eu estou, — respondi. — Mas lixo branco ainda é lixo branco, detetive. Ninguém vem ao meu restaurante, tenta roubar o lugar e ameaça os meus clientes. Não me importo com quem é seu pai.

Ficamos olhando um para o outro. Não pela primeira vez, eu ansiava atrair o detetive para perto, puxar seus lábios de encontro aos meus e ver se o sexo seria tão quente, duro e bom como havia sido antes. Nós certamente teríamos mais margem de manobra em uma das mesas do que tivemos no armário de abastecimentos. Mmm.

Mas eu não ia fazer o primeiro movimento. Eu tinha feito isso antes. Se o detetive me quisesse, ele teria que me deixar saber.

Mas ele não o fez.

Em vez disso, Donovan Caine me encarou, seus olhos traçando minhas feições, como se ele estivesse a memorizá-las. Como se ele estivesse planejando nunca mais me ver. Talvez isso acontecesse.

A ideia fez meu estômago revirar, mas eu mantive meu rosto suave e inexpressivo. Não tinha sobrevivido todo este tempo usando o meu coração na minha manga[12]. Não planejava começar a fazer isso agora. Nem mesmo por ele.

Finalmente, Donovan estendeu a mão. Eu peguei-a. Seus dedos pareciam duros, fortes, capazes contra os meus e o calor que ele emanava aqueceu meu corpo inteiro. Donovan soltou minha mão como se ela queimasse. Talvez queimasse, me querer tanto, a mulher que tinha matado seu parceiro.

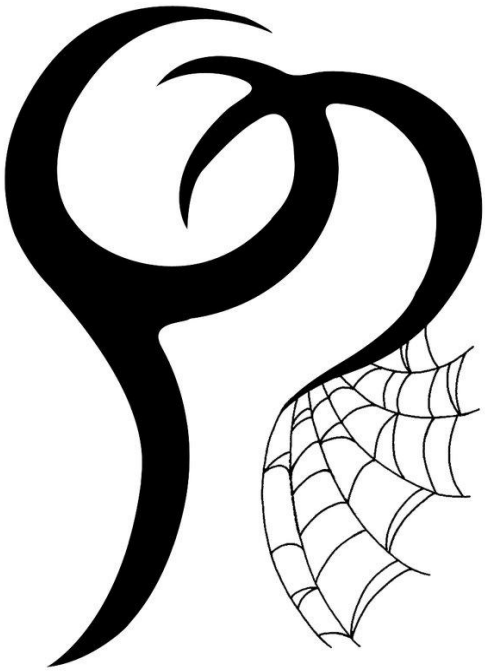
Tinha ouvido o detetive dizer uma vez que você não fodia o assassino do seu parceiro. Mas ele tinha feito isso — duas vezes — e tinha gostado. E ele ainda se odiava por isso.

— Tome cuidado, Gin.

— Você também, detetive. Você também.

Donovan Caine assentiu com a cabeça uma última vez. Em seguida, o detetive se virou e saiu pela porta, deixando meu boteco e meu coração um pouco mais vazios e mais frios do que tinham estado antes.

[12] by wearing my heart on my sleeve — mostrar seus sentimentos claramente e abertamente por seu comportamento.



Capítulo 3

Quase um minuto se passou antes que a porta da frente se abrisse uma vez mais, fazendo o sino tocar. Olhei para cima, querendo saber se o detetive havia mudado de ideia sobre, bem, qualquer coisa.

Tudo.

Mas o homem que entrou no Pork Pit não era Donovan Caine ou qualquer outro policial. Seu terno era muito caro para isso. O tecido preto caía sobre seus ombros, destacando um corpo que era compacto, robusto, forte. Dada a sua estrutura corporal, eu teria pensado que ele era um anão.

Mas com o seu metro e oitenta e cinco, ele era demasiado alto para isso. Ele tinha uma cabeça grossa com cabelo que era de um brilhante preto azulado, enquanto seus olhos eram de um violeta claro. Uma fina cicatriz branca cortava na diagonal o seu queixo. Isso compensava a inclinação torta do seu nariz.

Essas eram as duas únicas falhas em suas esculpidas feições, que de alguma forma acrescentavam ainda mais qualidade a seu rosto, ao invés de diminuir sua boa aparência.

Ele era uma figura impressionante. Marcante, confiante, agressiva, forte. Alguém que exigia atenção.

Alguém que valia a pena observar. Especialmente porque ele me parecia vagamente familiar.

Eu meio que esperava ver um par de guardas gigantes acompanhando o homem ao Pork Pit. A maioria das pessoas ricas em Ashland empregava pelo menos um par deles e esse cara era definitivamente rico, a julgar por seu terno ostentoso e comportamento confiante.

Mas o homem entrou sozinho. Seus olhos claros varreram o interior do restaurante, fazendo uma pausa ao ver os respingos de sangue no chão. Depois de um momento, seu olhar seguiu em frente e se estabeleceu nas duas meninas, que estavam arrumando seus livros para saírem.

— Eva, — disse ele com uma voz que rugiu como um trovão. — Você está bem?

Eva fechou o zíper de sua mochila. — Estou bem, Owen.

O homem se moveu para ficar ao lado dela. Ele caminhava rigidamente mas com um propósito, como um trator arando através de dentes de leão.

— Diga-me o que aconteceu.

— Disse que estava bem, — repetiu ela com uma voz irritada, como se tivesse tido essa discussão muitas vezes antes. — Também disse que não havia necessidade de vir para cá. Você nunca me escuta.

— Sou seu irmão mais velho, — disse ele. — Tenho que prestar atenção em você.

Irmão mais velho? Sim, eu podia ver isso. Eva tinha a mesma coloração que o homem de trinta e poucos anos. Cabelo preto azulado, olhos claros, pele leitosa. Isso a fazia bonita. Ele também, de uma maneira fria.

— Agora, me diga o que aconteceu, — o homem exigiu novamente.

Eva revirou os olhos e lançou-se em uma recontagem da tentativa de assalto. Enquanto ela falava, o homem cruzou os braços sobre o peito. Seu bíceps inchou com o movimento e ele começou a bater um dedo no cotovelo oposto.

Apesar dos movimentos, ele estava totalmente focado em sua irmã, como se ela fosse a coisa mais importante do mundo para ele. Talvez fosse. Ele olhou fixamente para o vergão vermelho na sua bochecha e suas mãos se enrolaram em punhos. Tive a nítida sensação de que ele gostaria de ter algum tempo sozinho com Jake McAllister.

Quando Eva terminou sua história, seu irmão mais velho voltou sua atenção para mim. Pela primeira vez, senti toda a força de seu olhar. Afiado, astuto e calculista. Era como se eu estivesse a olhar para os meus próprios olhos. Ele caminhou para a frente e estendeu a mão.

— Owen Grayson.

Bem, as surpresas simplesmente não acabavam. Primeiro, Jake McAllister decidiu honrar meu restaurante com a sua presença e agora Owen Grayson havia chegado para recolher sua irmã.

Eu tinha ouvido falar dele, é claro. Grayson era um dos empresários mais ricos da cidade. Produção de madeira, minério e metal.

Ele tinha os dedos em um monte de setores que faziam dinheiro. Com seu terno suave e características esculpidas, Grayson não tinha o brilho desafiante, ostentoso e mortal de Mab Monroe, que gostava de exibir seu status como menina de ouro da cidade. Ainda assim, eu conhecia poder quando o via - elemental ou não. E Owen Grayson tinha bastante poder.

Definitivamente alguém que valia a pena observar.

— Gin Blanco.

— Gin? — Ele perguntou.

— Como o licor, — eu brinquei.

Os olhos de Owen Grayson brilharam quando ele ouviu o meu tom irônico, mas eu ainda coloquei minha mão na sua. Os dedos de Grayson se enrolaram em torno da minha pele como cordas grossas de kudzu[13]. Duros, resistentes e quase inquebráveis. Ele podia não ser um anão, mas tinha que haver um pouco do sangue deles em suas veias. Era a única maneira de explicar esse tipo de aperto. Grayson olhou para as nossas mãos entrelaçadas e franziu a testa, como se eu tivesse dado um choque estático nele ou algo assim. Talvez eu tivesse, porque senti uma picada breve na minha palma.

A sensação desapareceu e eu apertei mais forte, só para lhe mostrar que não era facilmente intimidada. Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Grayson, como se ele achasse a minha demonstração de força divertida. Dei-lhe

[13] Trepadeira.

um olhar frio. A hostilidade deve ter cintilado nos meus olhos cinzentos porque Owen Grayson soltou primeiro.

Eva Grayson assistiu a troca de olhares com interesse. Assim como fez a sua amiga Cassidy. Sophia Deveraux já havia recuado aos fundos do Pork Pit para começar a fechar o restaurante para a noite.

Owen Grayson olhou-me um momento mais antes de se voltar para a irmã. — Esta noite provou meu ponto sobre Southtown. A partir de agora, alguém estará com você durante o horário escolar.

Eva revirou os olhos novamente. Parecia algo que ela fazia muito quando seu irmão mais velho estava por perto. — Não. Nenhum guarda-costas. Tenho 19 anos de idade, Owen. Estou na faculdade. Posso cuidar de mim mesma.

— Como você fez hoje? — Replicou ele.

— Hoje foi um evento estranho e você sabe disso, — ela retrucou. — Não vou deixar você usar isso como uma desculpa. Além disso, eu estava perfeitamente segura o tempo todo.

— Esse hematoma em sua bochecha diz-me o contrário.

Owen olhou para sua irmã de modo ameaçador, mas o olhar hostil deslizou por ela como água. Parecia algo que ela ignorava bastante. Em vez disso, Eva deu-lhe um calmo olhar calculista.

— Você quer que eu tenha um guarda-costas? Então contrate-a. — A menina apontou o dedo para mim. — Porque ela pegou um elemental de Fogo como se nada fosse. E ela cozinha.

Os olhos pálidos de Owen varreram o meu corpo. Provavelmente perguntando-se como eu tive força, bolas ou sorte para fazer isso.

Tinha aceito fazer um monte de trabalhos sujos no meu tempo, mas ser guarda-costas para uma garota sabe-tudo da faculdade? Poderia ter me aposentado de ser uma assassina, mas não tinha ficado insana. — Desculpe. Meu cartão de dança já está cheio.

Owen acenou. — Ainda assim ofereço o emprego, você salvou a vida da minha irmã. Eu te devo. Diga o seu preço.

Foi a minha vez de revirar os olhos. — Não quero o seu dinheiro, e eu não preciso dele.

Seu olhar violeta balançou em torno do restaurante, assimilando as desbotadas trilhas do porco no chão e as cabines, cadeiras e mesas que estavam bem gastas. Descrença encheu suas feições, mas ele era o suficiente cavalheiro para não me chamar de mentirosa na minha cara. Mal sabia ele que eu estava dizendo a verdade. Eu tinha recebido um monte de dinheiro - *um monte* de dinheiro - dos meus trabalhos de assassina ao longo dos anos, e Fletcher me tinha deixado um legado extremamente sadio em seu testamento. Poderia sangrar notas de cem por anos, décadas até, e não me machucaria nem um pouco.

Mas em vez de me oferecer dinheiro de novo, Owen colocou a mão em seu terno e tirou um pequeno cartão branco. Eu o aceitei. Juntamente com o seu nome e número de telefone celular, um martelo estava gravado no cartão em folha de prata. A runa Grayson. Um martelo grande e pesado simbolizando a força, o poder, o trabalho árduo.

— Se você precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em ligar. Dia ou noite, — disse ele.

Meu dedo traçou a runa de martelo e eu memorizei o número. Podia não ser uma coisa ruim ter alguém como Owen Grayson me devendo um favor. Além disso, Finnegan Lane, meu irmão de criação e sócio no crime, me mataria se eu o recusasse. — Tudo bem.

Nós travamos olhares. Eram frios, calculistas e astutos, em ambos os lados. Grayson inclinou a cabeça para mim. Eu fiz o mesmo. Nós tínhamos um acordo.

Owen virou-se para as duas mulheres. — Vamos lá, meninas. Hora de ir.

Ele segurou-lhes a porta aberta, e elas se dirigiram para fora.

Owen Grayson parou, olhando por cima do ombro.

O empresário olhou para mim um momento mais antes de sair para a noite escura.

***

Eu tranquei a porta da frente depois que eles saíram e inverti o sinal para *Fechado*. Passava apenas alguns minutos das sete, mas nós não teríamos mais clientes esta noite.

Tão perto de Southtown, as pessoas conseguiam farejar violência melhor do que cães de caça. Além disso, eu não tinha vontade de esfregar o sangue de Jake McAllister.

Fui até à parte traseira do restaurante e desejei boa-noite a Sophia.

A anã gótica grunhiu, recolheu seus frascos de vidro Mason cheios de feijão cozido e saiu pela porta de trás para voltar a casa para sua irmã, Jo-Jo. Depois de me certificar que os fogões, a fritadeira e as luzes estavam desligados, segui-a para o beco que ficava atrás do restaurante.

Fiquei nas sombras ao lado de uma das lixeiras, olhando, ouvindo, procurando. Mas nada se moveu na noite fria e calma, nem mesmo os ratos e gatos de rua à procura de lixo. Ainda assim, coloquei meus dedos contra o rígido tijolo do restaurante, usando a minha magia elemental para ouvir a pedra.

O murmúrio lento do tijolo era um de silenciado contentamento obstruído - do jeito que os estômagos e as artérias dos clientes do Pork Pit se sentiam depois de comerem um quente, grosso e suculento sanduíche de churrasco. Com o tempo, as emoções, os sentimentos e as ações afundam na terra e especialmente na pedra, onde podiam permanecer indefinidamente até que outra coisa, outra ação, chegasse para se juntar, alterar ou dominar. Minha magia elemental de Pedra me deixava sentir essas vibrações, analisá-las, interpretá-las e até mesmo tocá-las se eu quisesse. Porém o breve pedaço de violência que tinha acontecido mais cedo esta noite não tinha durado o tempo suficiente ou não tinha sido brutal o suficiente para o tijolo apanhar permanentemente suas vibrações. Bom.

Ainda assim, eu olhei e ouvi um momento mais, buscando a forma reveladora de um meio gigante ou algum tipo de fogo piscando nas sombras. Mas Jake McAllister não estava esperando por mim. O papai provavelmente ainda estava tirando-o da cadeia. No entanto, McAllister estaria aqui mais cedo ou mais tarde. Eu tinha conseguido uma vantagem e ele sabia disso. Ele não ficaria satisfeito até ter devolvido o favor. Esperava que ele tentasse. Podia aliviar um pouco o tédio que se estabeleceu em cima de mim nestes últimos dois meses, durante a minha aposentadoria.

Por alguns minutos, de qualquer maneira. Caras como Jake McAllister sempre pensavam que eram mais resistentes do que realmente eram.

Satisfeita que o elemental de Fogo não viria atirando por mim esta noite, deixei cair a minha mão do tijolo frio e fui embora. Andei três quarteirões na chuva miudinha, atravessei alguns becos duas vezes e voltei cinco vezes antes de estar certa que ninguém estava me seguindo. Claro, eu era uma assassina aposentada, mas isso não significava que não havia pessoas lá fora que me queriam morta.

Como a Aranha, eu tinha matado minha parcela de mulheres e homens poderosos ao longo dos anos, e não queria correr nenhum risco com a minha segurança - aposentada ou não.

Vinte minutos depois, peguei meu carro - um robusto Benz prata que eu tinha comprado recentemente - de um dos parques de estacionamento perto do restaurante e fui para a casa do Fletcher.

O tráfego era leve nas ruas do centro que cercavam o Pork Pit. Os banqueiros, empresários e outros tubarões corporativos há muito haviam fugido dos arranha-céus esguios da cidade para o conforto de suas casas chiques em Northtown.

Seus secretários e equipes júnior viviam nos subúrbios agrupados em torno do coração da cidade, enquanto faxineiros, empregadas domésticas e outros trabalhadores subalternos faziam suas casas nas ruas violentas de Southtown.

A cidade de Ashland se espalhava por três estados - Tennessee, Virgínia e Carolina do Norte. As fronteiras oficiais poderiam demonstrar que esta é uma cidade coesa, mas a área estava realmente dividida em duas seções distintas - Northtown e Southtown. Um resquício da época da Guerra Civil que simplesmente nunca desapareceu. Os extensos limites circulares do centro da cidade juntavam as duas metades da cidade, mas estas tinham poucas semelhanças entre si. Os pobres trabalhadores e o pessoal de colarinho azul povoavam Southtown, juntamente com prostitutas vampiras, gangues, viciados e todas as outras espécies de caipiras[14] e lixo branco. A maioria deles vivia em casas geminadas degradadas e moradias públicas semelhantes a abrigos. O Pork Pit estava perto da fronteira Southtown.

[14] Rednecks no original — termo utilizado nos EUA para nomear o estereótipo de um homem branco que mora no interior e tem uma baixa renda. Sua origem deve-se ao fato de que pelo trabalho constante dos trabalhadores rurais em exposição ao sol acabam ficando com seus pescoços avermelhados (red neck = pescoço vermelho). Esse termo costuma ser considerado uma ofensa, rotulando de maneira pejorativa aquele que está sendo chamado por ele.

Enquanto Southtown lembrava os sedimentos no fundo de uma xícara de café, Northtown era o merengue batido no topo de uma torta de chocolate. Você precisava ter dinheiro para viver em Northtown. Montes dele, para poder pagar uma das mansões estilo fazenda. Conexões e uma linhagem de sangue que remontava umas centenas de anos não machucariam tampouco. Mas mesmo com todo o seu requinte, o pessoal em Northtown não era melhor do que aqueles em Southtown. Eram todos perigosos. A única diferença é que o povo em Northtown servirá chá e sanduíches de pepino antes de ferrarem você.

Os encapuzados de Southtown são muito mais eficientes. Eles cortam a sua garganta, tomam a sua carteira e estão prontos para fazer isso novamente com outra pessoa antes mesmo de você cair no chão.

Levei cerca de vinte minutos a fazer o caminho do centro para os subúrbios, que ficava a noroeste da cidade. Eu passei por alguns condomínios fechados com nomes bonitinhos como Davis Square e Peachtree Acres e finalmente virei em uma estrada esburacada de cascalho que acabava em um dos cumes que cortava pela cidade.

Dirigi ao longo dos altos e baixos da estrada, já acostumada à sensação de dentes batendo. Fletcher Lane gostava da sua privacidade, razão pela qual sua casa ficava ao lado de um penhasco tão íngreme que uma cabra montanhesa não poderia escalá-lo.

Eu guiei o carro através dos trocos caídos das árvores que ladeavam o que passava por estrada. Trinta segundos depois, o Benz deixou os emaranhados ramos nus para trás. Alcancei o cume de uma colina e a casa surgiu.

Além de me deixar o Pork Pit em seu testamento, Fletcher Lane tinha também me deixado a sua casa - uma estrutura de três andares que tinha sido construída antes da Guerra Civil. Várias melhorias e adições foram feitas na casa ao longo dos anos, nenhuma das quais combinava. Pedra cinza, argila vermelha, tijolos marrons. Tudo isso e muito mais podia ser visto na casa, junto com um telhado de zinco, persianas pretas e calhas azuis. A coisa toda me lembrava uma almofada de alfinetes em que alguém tinha furado aleatoriamente uma variedade de implementos, sem pensar se eles realmente deveriam estar juntos ou não.

Estacionei o Benz e passei meus olhos sobre o que eu podia ver do quintal. Ele se estendia cem metros na frente da casa antes de desaparecer em uma série de falésias recortadas. Além do declive, as Montanhas Apalaches circundantes eram manchas de carvão em um céu noturno coberto com uma manta de estrelas de diamantes e a coroa brilhante de uma meia-lua. Um inferno de visão, especialmente à noite.

Saí do carro e me abaixei atrás do Benz, mantendo-o entre mim e a extensa casa.

Para um observador casual, provavelmente parecia que eu estava amarrando meu sapato. Você teria que olhar atentamente para ver o brilho de magia em meus olhos cinza ou perceber que eu tinha minhas mãos pressionadas contra o molhado cascalho frio da entrada de carros.

Os sons das árvores, do vento e dos pequenos animais correndo percorriam as pedras. Suaves murmúrios reconfortantes tão familiares para mim como uma canção de ninar. Nenhum visitante hoje. Eu não esperava nenhum, mas nunca fazia mal verificar novamente. Vivi todo esse tempo, apesar das incríveis probabilidades e riscos do trabalho da minha antiga profissão. Não ia ser morta agora porque tinha cometido um erro de iniciante, como não verificar o cascalho antes de pisar na casa de Fletcher.

Depois de me assegurar que tudo estava como deveria, peguei minha bolsa e fui para a casa. Mas antes de deslizar minha chave na fechadura da porta, eu passei meus dedos pela pedra que a emoldurava e compunha.

O profundo e rico granito preto era tão duro e sólido que até mesmo um gigante teria dificuldade se tentasse martelar por ele. Veias finas de silverstone brilhavam no granito, acrescentando a sua beleza escura. Mas o metal mágico servia a outro propósito além da mera decoração. Silverstone podia absorver qualquer tipo de magia elemental que viesse até ele - Pedra, Ar, Fogo, ou Gelo - assim como ramificações dos elementos. Em vez de serem verdadeiros elementais e poderem alcançar um dos quatro grandes, como eram chamados, algumas pessoas eram dotadas em outras áreas, como metal, água, eletricidade, ou até mesmo ácido.

Independentemente disso, o silverstone na porta iria absorver um pouco de poder se alguém decidisse usar a magia para forçar a sua entrada. Eu gastei uma fortuna para ter granito instalado aqui e em outros lugares estratégicos por toda a casa, mas valeu a pena. Assim eu podia me certificar de que era seguro.

Me ajudava a dormir melhor.

O cantarolar do granito era baixo e mudo, assim como o do cascalho na entrada da garagem. Ninguém tinha estado perto da porta o dia todo. Bom. Já tinha tido emoções suficientes.

Abri a porta e entrei. Dada a sua construção fora do comum, o interior da casa parecia um viveiro para coelhos. Cômodos pequenos, corredores curtos, espaços estranhos aqui e ali que dobravam de volta e se abriam para áreas completamente novas. Quando eu morava aqui em criança, tive que desenhar um mapa só para ir do meu quarto, que ficava no andar de cima, para a porta da frente. Joguei as minhas chaves numa taça junto à porta principal, arranquei minhas botas e fui em direção à parte de trás da casa, onde ficava a cozinha.

Fletcher Lane tinha vivido nesta casa por 77 anos. Nascera aqui e provavelmente teria morrido aqui, se ele não tivesse sido assassinado por uma elemental do Ar.

O velho tinha reunido um monte de coisas quando era vivo. Móveis, pratos, ferramentas, estranhos pedaços de metal, madeira, vidro. Não tive coração para limpar nada disso ainda. O ar calmo cheirava levemente a ele - como especiarias, açúcar e vinagre girando juntos.

Mas a cozinha, a cozinha era minha. Sempre tinha sido, desde o momento em que me mudei quando era uma adolescente sem-teto até quando ocupei novamente a residência várias semanas atrás após o funeral de Fletcher. Entrei e acendi a luz.

A cozinha era um dos maiores cômodos da casa, e uma ilha comprida e estreita a separava de uma pequena toca que continha uma televisão, pilhas de livros, um sofá e um par de poltronas reclináveis. Potes e panelas de cobre estavam pendurados num suporte de metal sobre a ilha. Um fogão novo de alta qualidade, uma geladeira e um freezer ladeavam metade da parede do fundo, enquanto uma série de janelas panorâmicas tomavam o outro lado. Vários blocos de açougueiro cheios de facas silverstone também preenchiam a cozinha. Na ilha. No balcão. Na prateleira de temperos. Atrás do microondas. Você nunca teria demasiadas facas se gostasse de cozinhar como eu - ou se fosse uma ex-assassina.

Me servi de um copo de limonada, então envolvi minha mão em torno do recipiente e me concentrei, alcançando o poder frio profundamente dentro de mim. Além de ser uma elemental de Pedra, também tinha o raro talento de ser capaz de manipular um outro elemento - Gelo. Minha magia de Gelo era muito mais fraca, no entanto. Tudo o que eu podia realmente fazer era formas pequenas, como cubos ou lascas. O ocasional grampo para abrir fechaduras. Uma faca, quando surgia a necessidade. Mas muitas vezes eram as pequenas coisas que te salvavam. Uma lição que eu aprendi quando lutei com Alexis James, há algumas semanas. A elemental do Ar teria me matado, teria me

esfolado viva com a sua magia se eu não tivesse formado um pingente de gelo irregular com meu poder e cortado sua garganta com ele.

Alcancei minha fria magia do Gelo, e um momento depois, pequenos cristais de Gelo em forma de flocos de neve se espalharam da minha palma e pontas dos dedos. Eles congelaram o lado do vidro, arquearam sobre a borda e correram para dentro da limonada. Então segurei minha palma da mão para cima e alcancei minha magia novamente.

Uma luz fria e prateada cintilava ali, centrada na cicatriz de runa de aranha embutida na minha palma. Depois de um momento, a luz se uniu para formar um par de cubos de Gelo, que eu deixei cair na bebida azeda.

Levei a minha limonada para a toca, sentei-me em uma das poltronas e coloquei meus pés em cima da marcada mesa de café. Como sempre, meus olhos foram para uma série de desenhos emoldurados que estavam sobre a lareira. Três desenhos a lápis que eu tinha feito para uma das minhas aulas da faculdade comunitária e um outro que tinha feito mais recentemente.

Os três primeiros desenhos mostravam uma série de runas - os símbolos da minha família morta. Um floco de neve, a runa da família Snow e o símbolo da minha mãe, Eira, representando a calma gelada. Uma hera[15] volúvel para a minha irmã mais velha, Annabella, representando a elegância. Uma delicada prímula[16] intrincada, para a minha irmã mais nova, Bria, simbolizando a beleza.

A quarta runa tinha a forma de um porco segurando um prato de comida. Uma cópia exata do letreiro de néon multicolorido que pairava sobre a entrada do Pork Pit. Não era uma runa, não realmente, mas eu a tinha desenhado em homenagem a Fletcher Lane. O Pork Pit tinha sido a minha casa durante os últimos 17 anos, desde o assassinato de minha mãe e irmã mais velha. O Pork Pit e o Fletcher eram um só.

Levantei minha limonada em um brinde silencioso para as runas, para a família que eu tinha perdido há muito tempo e para Fletcher, cuja morte ainda era uma dolorosa ferida crua em meu peito.

Mas os desenhos sobre a lareira não eram as únicas runas que podiam ser encontradas na casa. Eu também tinha uma runa. Duas, na verdade - embutidas na minha carne.

[15] http://comps.canstockphoto.com/can-stock-photo_csp6174600.jpg

[16] http://weblogs.dailypress.com/features/gardening/diggin-in/primrose_cc_preview.jpg

Abaixei a minha limonada, desenrolei as minhas palmas e olhei para as cicatrizes silverstone que decoravam a minha pele. Um pequeno círculo rodeado por oito raios finos, um em cada mão.

A minha runa, representada por uma aranha, o símbolo da paciência.

A runa havia sido um medalhão, um inocente amuleto amarrado em uma corrente silverstone - até a elemental de Fogo que tinha assassinado a minha família ter-me torturado ao prender a runa com fita adesiva entre minhas mãos e me fazer segurar o metal enquanto ela o superaquecia. O silverstone tinha finalmente derretido em minhas mãos, marcando-me para sempre com a runa. Para sempre me marcando como a Aranha em mais do que apenas uma maneira.

E eu não era a única que não poderia esquecer o passado.

Inclinei-me para a frente, peguei uma pasta grossa da mesa de café e tirei uma imagem do arquivo. Uma mulher olhava para mim. Uma criatura linda, com cabelos loiros, olhos azuis e pele rosada. Mas seus olhos eram frios e duros, a boca uma barra apertada em seu rosto que depreciava suas feições delicadas. Uma runa estava pendurada numa corrente ao redor do pescoço da mulher. Uma prímula. O símbolo da beleza.

Bria. Minha irmã mais nova.

Por dezessete anos, pensei que Bria tinha morrido naquela noite, junto com nossa mãe e irmã mais velha. Pensei que ela tinha sido esmagada até a morte pela queda das pedras da nossa casa em chamas. Que eu havia causado a sua morte usando minha magia de Pedra para desabar a casa a fim de tentar escapar dos meus torturadores e salvá-la.

Mas Fletcher Lane tinha me enviado um último presente do além - a foto de Bria. Prova de que ela ainda estava viva em algum lugar. A imagem era a única coisa boa na pasta. O resto tratava do assassinato da minha família. Relatórios policiais, fotos da autópsia e toda a especulação que havia seguido o brutal e inesperado assassinato da família Snow.

— Por que você fez isso, Fletcher? — Murmurei. — Por que deixar-me a informação sobre a minha família? Sobre seu assassinato? Por que o retrato de Bria? Onde ela está? Como você a encontrou? Quando você ia me contar sobre ela?

Silêncio.

Fletcher tinha ido para um lugar onde eu não poderia questioná-lo e ele nunca voltaria. Tudo o que eu tinha era essa pasta com informações horríveis e um único retrato de Bria - nenhum dos quais tinha me ajudado a localizar minha irmã mais nova.

Mas a foto de Bria não tinha sido a única surpresa na pasta. Também havia um pedaço de papel com um nome nele. *Mab Monroe*, escrito e sublinhado duas vezes com a caligrafia controlada e firme de Fletcher. Isso era tudo que estava escrito no papel. Ainda não sabia por que Fletcher tinha escrito o nome dela e colocado com o resto da informação. Mab Monroe era a elemental do Fogo que tinha matado a minha mãe e irmã mais velha? Em caso afirmativo, por quê? Por que ela tinha feito isso?

Mab Monroe poderia ser poderosa, mas ela havia feito um monte de inimigos ao longo dos anos. Quando eu ainda trabalhava como a assassina Aranha, Fletcher tinha conseguido vários pedidos de pessoas querendo que ela fosse eliminada.

Nós dois concordamos que era um trabalho impossível, que Mab tinha muitas pessoas ao seu redor, que ela era muito forte em sua magia para ser derrubada calmamente por uma única pessoa. Mas isso não impediu Fletcher de compilar todas as informações que podia sobre a elemental de Fogo, seus lacaios e sua organização. Sempre me pareceu que Fletcher Lane tinha algum interesse secreto em querer Mab Monroe morta. Um desejo que eu nunca tinha sido capaz de descobrir - a menos que tivesse algo a ver comigo e com o assassinato da minha família.

Tudo era um círculo enorme de especulações. Eu simplesmente não sabia as respostas e estava ficando louca ao tentar descobri-las. Frustrada e desgostosa novamente, joguei a pasta e a imagem de Bria em cima da mesa de café e me levantei.

Meus movimentos bruscos sacudiram os desenhos emoldurados sobre a lareira. O desenho de Fletcher - o do letreiro de porco sobre o Pork Pit - deslizou para baixo. Olhei para ele um momento.

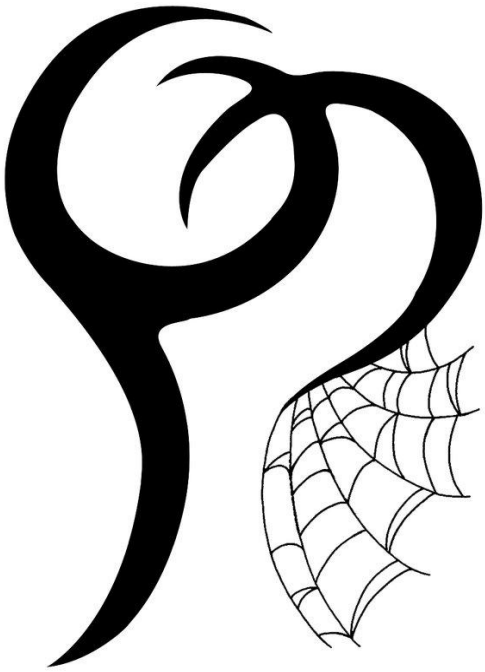
Então suspirei.

O velho tinha compilado as informações sobre o assassinato da minha família por uma razão. Ele simplesmente não tinha me dito qual era antes de ser assassinado. Não era sua culpa que eu não fosse inteligente o suficiente para descobrir isso - ou encontrar Bria. Algo que não tinha nem certeza de que queria

fazer. Levou-me anos para deixar o assassinato da minha família para trás. Nem sabia se eu queria desenterrar o passado de novo - ou como Bria reagiria quando me visse e soubesse o que eu estava fazendo todos estes anos.

Mas nada iria ser resolvido hoje à noite. Não esta noite, talvez nunca. Me preocupar com isso não iria ajudar a desvendar os mistérios que Fletcher Lane tinha deixado para trás.

Suspirando, examinei e corri os dedos sobre cada um dos quatro desenhos, colocando o quadro torto de Fletcher na posição correta. Então eu me virei e fui até ao banheiro para poder lavar a gordura, a sujeira e o sangue do dia.



Capítulo 4

— Vou matar essa pessoa, — eu disse numa voz fria. — Lentamente. Dolorosamente. Realmente farei isso doer. Farei com que ele *sinta* isso.

Coloquei a edição da manhã do *Ashland Trumpet* no espaço vazio ao lado da caixa registradora.

Lá estava, no topo da seção B. A história detalhando a tentativa de assalto no Pork Pit na noite passada, junto com uma foto do lado de fora do restaurante. O título dizia “Proprietária impede[17] roubo de restaurante" e o assunto se estendia através da maldita página em texto de ponto.

Eu respirei fundo, mas a gordura e as especiarias que aromatizavam o ar não me acalmaram da maneira que costumavam fazer. Encarei o jornal novamente, me perguntando como eu tinha sido tão desleixada a ponto de ter o Pork Pit estampado na frente dele.

Publicidade era uma coisa que eu não precisava. Era a *última coisa* que eu precisava. Não anunciava os meus serviços quando trabalhava como assassina e certamente não queria transmitir o meu paradeiro agora que estava aposentada. Não que alguém tivesse alguma razão para suspeitar que Gin Blanco, proprietária do restaurante e estudante universitária de meio expediente, era na verdade a renomada assassina Aranha. Mas eu ainda me preocupava.

[17] Cook thwart no original — cook é cozinhar, mas também frustrar, impedir algo (thwart), aí é um trocadilho por causa do restaurante.

Paranoia era bom. Tinha me mantido viva todo esse tempo. Nenhuma razão para abandoná-la agora.

— Vamos, Gin. Não é assim tão mau, — uma voz profunda e masculina interrompeu a minha meditação. — Pelo menos fez você ser a heroína ao invés da vilã. Quantas vezes isso acontece?

Olhei para Finnegan Lane, que estava sentado em um banquinho na minha frente bebendo uma xícara de café de chicória. Finnegan parecia exatamente com o banqueiro de investimento de fala mansa e caloteiro que ele era. Um terno cinza justo caía sobre sua estrutura sólida, junto com um casaco de lã que combinava. Sua engomada camisa sálvia que era feita sob medida iluminava seus olhos, que eram o verde liso de uma garrafa de refrigerante. Seu cabelo cor de noz se enrolava sobre o colarinho de seu casaco. Seus cabelos grossos tinham um visual amarrotado, elegante e sexy que tinha tomado de Finn pelo menos dez minutos, dois espelhos e vários esguichos de produto.

Além de ser o meu homem do dinheiro, Finnegan Lane era também o filho do meu mentor, Fletcher. Finn era como um irmão para mim e uma das poucas pessoas em quem eu confiava desde o assassinato do velho. Finn também era o meu apoio agora, por falta de uma palavra melhor. Ele não tinha gostado da minha decisão de me aposentar, já que isso tirou-lhe a sua taxa de manutenção lucrativa de quinze por cento, mas ele entendeu por que o tinha feito. Ele entendeu que eu estava honrando os desejos de Fletcher. Além disso, Finn tinha muitos outros esquemas menos-que-legais para mantê-lo ocupado - quando ele não estava fodendo qualquer coisa que usasse minissaia ou assistindo a alguma função da alta sociedade e socializando com seus clientes que eram ainda mais desonestos, desleais e perigosos do que ele.

— Além disso, — Finn continuou numa voz prosaica. — Você não pode matar o repórter. Ninguém quer vê-lo morto, ergo[18], não há ninguém para pagar a sua taxa bastante significativa. Lembre-se do que o Pai disse - nunca trabalhe de graça.

Finn tomou outro gole do seu café. Eu respirei fundo, deixando os vapores ricos da cafeína preencherem meus pulmões. Fletcher bebia o mesmo café de chicória quando ele era vivo, e o familiar cheiro torrado me confortou melhor do que um abraço caloroso. Finn tinha razão. Eu não poderia matar o repórter por fazer o seu trabalho. Independentemente de quantos problemas ele tinha acabado de me causar com a sua história.

[18] Latim — palavra que serva para concluir um argumento; logo, consequentemente, portanto.

— Tudo bem, então não vou matá-lo, — eu disse. — Que tal você arruinar o crédito dele em vez disso? Sacar sua hipoteca ou algo assim?

— Hipotecas, — Finn zombou. — Não têm valor nesta cidade, penny ante[19]. Não valem o problema.

Ele bebeu o resto do seu café e olhou para mim.

— E quanto à criança, o aspirante a ladrão? Você sabia que ele era filho de Jonah McAllister quando quebrou o seu pulso e o ameaçou?

— Aquilo não foi uma ameaça, foi uma promessa. — Dei de ombros. — E não. Não me importou quem seu pai era então, e não me importa agora.

Finn girou o seu banco e olhou para o resto do restaurante. Pouco antes do meio-dia de uma terça-feira. Apesar das nuvens cinzentas, do frio e do tempo chuvoso lá fora, eu deveria ter tido pelo menos vinte clientes por agora, com mais chegando a cada minuto, todos ansiosos para conseguir o seu churrasco. O telefone deveria estar tocando com pedidos de entrega. Em vez disso, uma mulher solitária estava encolhida numa das cabines que ficavam no fundo do restaurante, fora da vista das vitrines. Uma jovem que parecia ter dezoito, dezenove anos no máximo.

Ninguém estava sentado no balcão ou nas outras cabines.

Não havia nenhuma pessoa do lado de fora olhando pelas janelas e ninguém havia ligado para entregas. Nem mesmo meus clientes regulares de terça-feira. Inferno, ninguém além da menina tinha entrado no restaurante toda a manhã, nem mesmo o carteiro. Ele tinha apenas deslizado as contas do dia pela abertura do correio e corrido para a próxima parada como se esta fosse uma casa de leprosos.

— E você quer saber por que não tem quaisquer clientes, — Finn murmurou. — Jonah McAllister espalhou a notícia de que você é uma persona non grata[20]. E tenho certeza que a história no jornal não ajudou em nada. Ninguém quer comer em um lugar que pode muito bem ainda estar ensanguentado.

[19] Penny ante — um jogo de poker em que a maior aposta é limitada a uma moeda de um centavo ou outra pequena quantia.

[20] Latim — o significado literal é "pessoa não bem-vinda"; pessoa indesejável.

— O que McAllister pensa que vai fazer? — Eu perguntei. — Ele não pode manter as pessoas afastadas para sempre. A comida é muito boa. E mesmo que ele consiga, isso não me fará passar fome.

— Graças aos meus anos de sábia consultoria monetária e estelares habilidades de investimento, — Finn afirmou não tão humildemente.

Revirei os olhos. — Sim, graças as suas habilidades. Se Jonah McAllister pensa que um par de dias ruins no negócio vai me intimidar e me fará retirar as acusações contra seu filho perdedor, então ele precisa pensar um pouco mais.

— Jonah McAllister não sabe com quem está lidando, — respondeu Finn. — Se ele soubesse que você é a assassina Aranha, ele provavelmente iria apenas pegar emprestado um par de gigantes da Mab Monroe para tentar te matar antes que você possa testemunhar contra o filho.

— A ex-assassina, — eu corrigi. — E deixe Jonah McAllister enviar alguns dos capangas de Mab atrás de mim. Nós dois sabemos exatamente como isso acabaria.

Finn bufou. — Sim, com o sangue deles no chão do restaurante.

Sorri. — Vamos lá. Você tem que admitir que eu faço um bom trabalho.

— Um trabalho fatal, talvez. Você sabe como me sinto sobre a palavra *bom*. — Ele estremeceu.

Como eu, Finnegan Lane era firmemente entrincheirado ao lado sombrio da vida, com uma moral que dobrava mais fácil do que grama molhada. Regulamentação bancária, mulheres casadas, leis de atentado ao pudor. Finn fodia por aí com quem ele pudesse e esperava não ser pego. Mesmo quando era pego, ele sempre encontrava uma maneira de se esquivar de qualquer triângulo amoroso bagunçado em que ele se encontrava.

Finn era mais escorregadio do que gordura em uma frigideira quente. Ele preferia enfrentar os problemas de uma forma indireta, o que normalmente envolvia puxar as calças para cima enquanto fugia de qualquer marido armado que estivesse atrás dele.

Eu? Eu enfrentava os meus problemas de frente. Outra razão pela qual Fletcher Lane tinha me treinado a mim para ser a assassina e não a seu filho, mesmo Finn sendo dois anos mais velho que eu.

Finn ergueu a xicara vazia e soltou um assobio baixo por entre os dentes. Um momento depois, Sophia atravessava as portas duplas que levavam à parte de trás do restaurante.

A anã segurava uma cafeteira de prata espancada entre seus dedos grossos. A que ela sempre mantinha quente para Finn.

Para Fletcher também, quando ele era vivo. Mais uma vez, Sophia usava o seu habitual traje gótico - calças jeans pretas, uma camiseta preta e botas pretas. Hoje, delicados corações silverstone pendiam em seu colar de couro preto. Eles retiniam e colidiam como pratos quando ela caminhava.

— Sophia? Por favor? — Finn sorriu e estendeu seu copo vazio.

A anã gótica grunhiu, mas os cantos dos seus lábios, hoje carmesins, se contraíram para cima num sorriso minúsculo.

Finnegan Lane poderia encantar qualquer mulher que ele colocasse na cabeça, e ele gostava de praticar suas habilidades em cada fêmea dentro de um raio de seis metros. Jovens, velhas, bonitas, desdentadas.

Não importava muito para Finn. Ele gostava de fazer o papel do charmoso e antiquado cavalheiro Sulino para qualquer audiência que estivesse à mão. Até mesmo a áspera e dura Sophia Deveraux não era imune ao seu sorriso galanteador.

Então novamente, ele tivera trinta e dois anos para desgastá-la.

Finn bateu seus olhos verdes para Sophia enquanto bebia sua xícara de café fresco. Sophia deu-lhe outro sorriso minúsculo, então se moveu para a pia dupla, onde ela estava drenando um escorredor de macarrão elbow[21] para fazer alguma salada. Normalmente, durante a hora do rush do almoço, não haveria espaço para se mover ou se virar aqui atrás.

Garçonetes estariam empilhadas atrás do balcão, esperando Sophia e eu cozinharmos o seu último pedido. Mas eramos apenas nós duas hoje. Tinha mandado o resto do pessoal para casa com o pagamento depois de ter se tornado aparente que eu não iria precisar deles para comandar o Pork Pit.

— E quanto a Owen Grayson? — Finn perguntou entre goles de café fumegante. — Como você vai lucrar com esse favor?

[21] http://www.thefoodguys.com/images/macaroni.jpg

A visita de Grayson não tinha vindo no artigo do jornal, mas eu tinha mencionado isso para Finn quando lhe liguei a noite passada para contar sobre a tentativa de assalto no Pork Pit. Ele ficou mais animado ao saber que Owen Grayson me estava devendo um favor que o fato de Sophia e eu termos frustrado os aspirantes a ladrões.

— Eu não vou, — eu disse. — Teria feito exatamente a mesma coisa a Jake McAllister e a seu amigo se um par de caras sem-teto estivesse comendo aqui em vez de Eva Grayson. Salvá-la de ser morta não muda nada para mim.

Finn balançou a cabeça. — Gin, Gin, Gin. Você realmente precisa aprender a tirar proveito dessas oportunidades de ouro quando elas se apresentam para você.

— E que oportunidade de ouro seria essa?

Ele me deu um olhar calculista. — Já negociei com Owen Grayson antes. Ele é profundamente dedicado à sua irmã. Seus pais morreram jovens e ele mesmo a criou. Um verdadeiro homem de família. Imagino que você poderia pedir-lhe a lua agora, e ele encontraria uma maneira de entregá-la.

— Ainda bem que eu não quero a lua então.

— Mas… — Finn começou.

— Esqueça isso, — eu disse. — Não vou pedir nada a Owen Grayson. Tudo que eu quero fazer é cozinhar o molho de churrasco de Fletcher, conduzir o restaurante, manter minha cabeça baixa e me certificar que Jake McAllister terá o que ele merece.

— Mesmo com o seu testemunho e com o testemunho das garotas, ele nunca irá a julgamento, — apontou Finn. — Jonah McAllister irá certificar-se que seu filho não passará um dia na cadeia, não importa o que ele tenha de fazer para realizar esta façanha.

— E se eu tirar vantagem desse favor que Owen Grayson me deve? — Perguntei. — Você sabe, aproveitar essa *oportunidade de ouro* que eu tenho? Pedir-lhe para me ajudar a fazer as acusações?

Finn bufou. — Então você estaria desperdiçando o seu favor, e você sabe disso. Mesmo que você tenha Owen Grayson te cobrindo, Jake McAllister ainda não verá o interior de uma cela de prisão. Porque Jonah trabalha para Mab

Monroe. Mesmo alguém como Grayson pensaria duas vezes antes de desafiar Mab, especialmente porque ele tem uma irmã em que pensar. Imagino que Owen gostaria de estar por perto para ajudá-la a terminar de crescer e não morrer de uma morte preenchida de tortura nas mãos de Mab ou nas mãos de um de seus lacaios gigantes.

— Eu sei. Mas ainda assim é um belo pensamento. A ideia de Jake McAllister sendo a puta de alguém na prisão me dá sensações calorosas.

Finn bufou. — Você é profundamente perturbada.

Eu sorri. — E é por isso que você me ama.

Finn bufou de novo, então bateu seus olhos para Sophia e ela foi pegar outra recarga de seu café de chicória. Após a anã servi-lo, Finn enfiou o nariz na seção financeira do *Ashland Trumpet*. Coloquei os meus cotovelos sobre o balcão, fitei a foto do Pork Pit que estava no jornal, e meditei sobre a minha publicidade indesejada. Talvez o repórter pudesse ter um pequeno acidente. Algo doloroso, mas não totalmente letal…

Uma sombra caiu sobre mim, bloqueando minha luz. — Ahem. — Um pequeno som educado.

Olhei para cima. Minha única cliente do dia, a garota, estava parada diante de mim. Meus olhos foram imediatamente para os pratos sobre mesa, do jeito que sempre faziam. Gostava de saber se os meus clientes apreciavam suas refeições, e não havia melhor prova disso do que um prato vazio.

Mas a comida ainda cobria os pratos da garota. Ela mal tinha tocado o seu sanduíche de queijo grelhado, batatas fritas e milkshake de chocolate triplo. Uma pena, realmente. Porque com o pão fermentado de Sophia, eu fazia o melhor queijo grelhado em Ashland. E o milkshake? Paraíso para as suas papilas gustativas.

A garota limpou sua garganta novamente e estendeu o bilhete em que eu havia escrito o seu pedido.

— Havia algo de errado com a comida? — Eu perguntei. — Porque parece que você não comeu muito.

— Oh, ela estava boa. — Ela mudou o seu peso de um pé para o outro. — Acho que apenas não estava tão faminta como pensei que estava.

Eu fiz uma careta. Todo mundo ficava com fome no Pork Pit. Nenhum verdadeiro sulista poderia resistir à combinação de especiarias, gordura e óleo que pairava no ar. Mas a menina não poderia ser um Yankee. Não com aquele sotaque suave que fazia sua voz soar como conservas quentes. Mais provavelmente, ela achava que havia algo estranho com a comida, considerando que ninguém tinha sido corajoso o suficiente para entrar e prova-la hoje. Nunca conheci Jonah McAllister, mas eu já não gostava do homem.

Calculei o seu total. — Isso será 7,97$.

A menina cavou através de sua carteira e entregou-me um cartão de crédito. Eu levantei uma sobrancelha.

— Desculpe, — ela murmurou. — Não tenho nenhum dinheiro comigo.

Olhei o nome no cartão. *Violet Fox*. Passei o cartão na máquina e dei o papel do recibo para a garota assinar. Sua cursiva era um curvado redemoinho feminino.

Coloquei o recibo sob o canto da maltratada caixa registadora e deu-lhe o meu padrão sorriso vocês-todos-por-favor-voltem-sempre. — Tenha um bom dia.

Então eu voltei para o jornal.

Mas a menina não se moveu. Ela só ficou lá na frente da registradora, como se quisesse algo mais mas não soubesse como pedir. Decidi deixá-la contorcer-se por ignorar o meu sanduíche de queijo grelhado. Dez... vinte...

Eu contei os segundos na minha cabeça. Trinta... quarenta...

— Um, isso pode soar estranho, mas há um velho trabalhando aqui? — Perguntou ela. — Talvez na parte de trás ou algo assim?

Fletcher. Ela estava perguntando por Fletcher. Não era incomum.

O velho e o Pork Pit tinham sido uma instituição no centro de Ashland há mais de 50 anos. Fletcher Lane tinha falecido há já dois meses, e as pessoas ainda entravam e perguntavam sobre ele. Onde ele estava. Como ele estava indo.

Quando ele voltaria. Olhei para a cópia de *Where the Red Fern Grows* que adornava a parede ao lado da caixa registradora. Fletcher estava lendo o livro quando morreu, e o sangue do velho tinha tornado as páginas do livro de bolso um marrom enferrujado.

— Não, — eu disse em voz baixa. — O velho não está mais aqui.

— Você tem certeza? — Ela insistiu. — Ele pode... ele pode chamar a si mesmo algo. Homem de Lata, eu acho.

Homem de Lata. Isso chamou a minha atenção. O suficiente para me fazer espalmar uma das facas silverstone enfiadas na minha manga.

Todo assassino tem um apelido, um nome discreto que eles passam para oferecer os seus serviços e talvez dar aos clientes em potencial uma dica de como eles operam ou apagam suas vítimas. Homem de Lata havia sido o nome de Fletcher porque ele nunca deixou seu coração, suas emoções, ficarem no caminho de um trabalho. Mas uma vez que ele me tomou sob sua asa e começou a treinar-me para ser uma assassina, o velho havia reduzido seus próprios trabalhos e, eventualmente, aposentou-se do negócio por completo. Ninguém tinha perguntado pelo Homem de Lata em um longo, longo tempo.

Exceto essa garota.

Pela primeira vez, eu realmente olhei para ela. *Garota* provavelmente não era o termo certo para ela. De seios fartos e quadris largos, ela era uma mulher adulta. Ainda jovem, no entanto. Dezoito anos, talvez dezenove. Ela provavelmente pensava que tinha uns nove quilos a mais, mas o peso extra arredondava seu rosto e enchia seu peito.

Os óculos quadrados pretos davam-lhe um ar ligeiramente inteligente. Seu cabelo loiro areia era cortado curto, e a chuva lá fora tinha o tornado frisado. Seus olhos castanho escuros e pele cor de noz-pecã demonstravam que ela tinha alguma herança hispânica ou talvez até mesmo nativo americana. Os Cherokee ainda habitavam as montanhas ao redor de Ashland, e mais pessoas hispânicas chegavam à cidade a cada verão para pegar morangos, tomates, e outros cultivos. Uma vez que a estação da colheita acabava, muitos dos imigrantes ficavam e criavam raízes.

Continuei meu exame. Ela usava jeans desbotados - pelo uso, não design - e um pesado suéter preto de gola alta que fazia seus olhos parecem mais escuros do que eram.

Tênis gastos, uma jaqueta pesada e umas argolas de prata em suas orelhas. Nada nela custava mais de cinquenta dólares. O que não inspirava confiança sobre ela mesma ser capaz de pagar um assassino como o Homem de Lata.

As palavras *Homem de Lata* tinham também captado a atenção dos outros.

Finn examinou a menina por cima da seção financeira. Sophia levantou os olhos do aipo que esteve cortando para sua salada de macarrão.

— Homem de Lata? — Perguntei. — É um nome engraçado.

A garota, Violet, forçou um sorriso que murchou sob o meu frio olhar cinzento. — Sim, isso foi o que eu pensei também.

— Não há ninguém aqui com esse nome. Nenhum velho, também.

Não mais.

Longe da vista por baixo do balcão, meu polegar traçou o cabo da faca silverstone que eu espalmei. Violet Fox podia parecer tão perigosa quanto um gatinho molhado, mas isso não significava que ela não estava trabalhando para outra pessoa. Talvez alguém que queria contratar o misterioso Homem de Lata.

Alguém procurando vingança. Ou talvez até mesmo a polícia.

Não importava muito quem. Se a menina respirasse errado, ela morreria onde estava.

Violet mordeu o lábio inferior. Por um momento pensei que ela iria me perguntar sobre Fletcher novamente. Mas depois de um momento, seus ombros caíram em derrota.

— Não importa, — disse ela numa voz cansada. — Ele não poderia ter me ajudado de qualquer maneira. Desculpe incomodá-la.

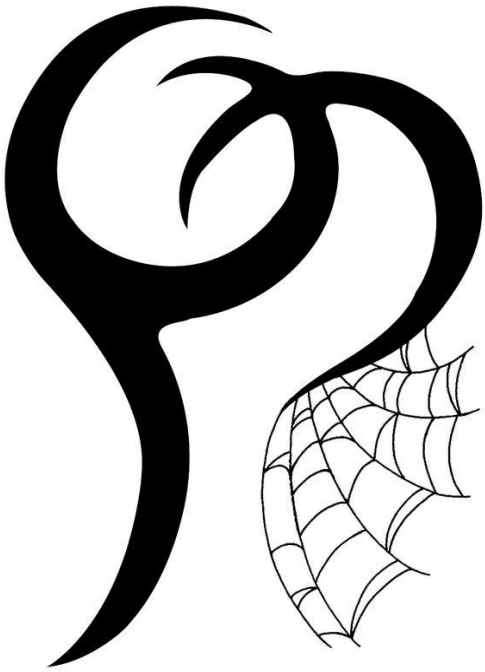
Ela se virou para ir embora. Olhei para Finn, que encolheu os ombros. Ele não sabia o que fazer tampouco. Sophia grunhiu e voltou ao seu aipo.

— Ele não poderia tê-la ajudado com o quê? — Eu chamei.

Curiosidade. Algo que o velho tinha instigado em mim ao longo dos anos. Fletcher Lane sempre quisera saber tudo sobre todos, e ele me ensinou a ser da mesma maneira. Agora era a única emoção que sempre parecia ter o melhor de mim, não importava quão duro eu tentava esmagá-la.

A menina, Violet, se virou para me olhar. — Oh, hum, bem, é uma espécie de assunto pessoal...

Isso foi tudo que ela conseguiu dizer antes de alguém começar a disparar contra nós.



Capítulo 5

Uma bala bateu numa das vitrines.

A repentina e afiada explosão de som chamou a atenção da garota.

Sua cabeça virou em direção à frente do restaurante.

— O que foi esse…

Isso foi tudo o que Violet pôs para fora antes de eu correr ao redor do balcão e me jogar em cima dela, forçando-a ao chão.

— Oof!

Nós atingimos o chão duro. Eu tirei o fôlego da garota, mas não me importei. Até que eu descobrisse o que ela queria com o Homem de Lata, Violet Fox precisava continuar respirando.

Eu não precisei me preocupar com Finn. Como eu, ele sabia exatamente o que era esse som em particular e ouvira-o muitas vezes antes para ignorá-lo agora. De alguma forma, ele já tinha rastejado para debaixo de uma das mesas, com várias cadeiras lhe servindo de escudo. Finnegan Lane tinha um excelente senso de autopreservação.

Sophia ficou junto à parte de trás do balcão e continuava cortando aipo. Ela nem sequer levantou a vista com o som dos disparos.

Balas não a preocupavam. Anões eram ainda mais resistentes que gigantes, e Sophia poderia levar um par de balas nas costas. Elas bateriam nos músculos duros em vez de acertar alguma coisa vital. Magia Elemental era praticamente a única coisa que poderia penetrar rapidamente a pele grossa de um anão. E a maior parte das vezes, isso só a deixaria com raiva em vez de fazer algum dano real.

Smack!

Smack! Smack!

Mais três balas atingiram a frente do restaurante.

Olhei para cima, tentando decidir de onde os tiros estavam vindo, mas o ângulo do assoalho estava todo errado.

Eu podia ver as vitrines, mas não quem ou o que estava além delas.

Meus olhos foram para os projéteis. Um grande calibre, provavelmente cinquenta, pela aparência deles. E quem estava atirando sabia o que estava fazendo. Apesar de seu tamanho, as balas formavam um pequeno grupo circular aproximadamente do tamanho do meu punho. Tiros para matar, todos eles.

Os quatro mísseis de metal tinham rachado o vidro da vitrine e ficado lá presos, o que impediu-os de perfurar o Pork Pit em si. Ainda assim, os fortes e repentinos impactos haviam arruinado as janelas. Padrões macabros corriam das balas de prata, como se um bando de aranhas estivesse amarrando suas teias delicadas através do vidro espesso.

Balancei uma de minhas mangas e uma faca escorregou para a minha outra mão, o punho apoiado sobre a cicatriz da minha mão. Esperava que o bastardo se cansasse de disparar através das janelas e decidisse entrar para terminar o trabalho. Ele encontraria uma surpresa desagradável. Uma da qual ele não se recuperaria.

Com cada respiração, eu esperava mais balas baterem nas janelas. Ou a porta ser escancarada e alguém entrar tempestuosamente. Jake McAllister, provavelmente, tentando cumprir sua ameaça de voltar para me matar.

Em vez disso - silêncio.

Contei os segundos na minha cabeça. Dez... vinte... trinta... quarenta e cinco...

A menina se mexeu, tentando sair de debaixo de mim. Ou pelo menos levantar o rosto do chão. Rolei de cima dela para que ela pudesse recuperar o fôlego, mas mantive uma mão nas suas costas, segurando-a no lugar.

— Fique quieta, — eu retruquei. — Ele pode estar esperando nós ficarmos de pé para disparar mais uma vez.

Violet assentiu e se deitou no chão, respirando profundamente através de sua boca aberta.

Depois que noventa segundos haviam passado sem outro tiro, coloquei-me de joelhos e olhei para fora. O vidro rachado distorcia minha visão, mas eu não vi ninguém parado na frente do restaurante com uma arma na mão. Sem carros estacionados no meio-fio. Ninguém correndo pela calçada.

Eu me levantei e examinei as balas. Calibre cinquenta por toda a parte, provavelmente disparadas de um rifle. Não era o que eu esperava de alguém como Jake McAllister. Ele me parecia mais o tipo de cara que usaria uma Uzi[22]. Algo vistoso, algo chamativo, algo que provaria o quão fodão ele era.

Eu também notei que as balas não tinham atingido o vidro num ângulo perfeito.

Elas atingiram a janela num ângulo para baixo, o que significava que haviam sido disparadas de algum lugar mais alto. Hmm. Eu me movi para uma seção de vidro que não tinha sido rachada pelas balas e olhei para fora.

Ali. Do outro lado da rua, cortinas batiam contra uma janela aberta no segundo andar de um prédio de apartamentos.

Não era uma visão incomum - no verão. Mas era novembro. Estavam dez graus lá fora, com uma garoa constante de chuva fria. Ninguém no seu perfeito juízo teria a sua janela aberta em um dia como este, a menos que tivesse uma boa razão. Como tentar me matar.

Fazia sentido. Eu não tinha ouvido um carro arrancar do meio-fio após os tiros serem disparados, e não vi quaisquer marcas novas de pneus do lado de fora

[22] Pistolas-metralhadoras compactas
http://4.bp.blogspot.com/_AHNkwA90ILo/TNCGh_DDB9I/AAAAAAAAAAo/dGeEJ-_PKB0/s1600/uzi.jpg

do restaurante, o que significava que não tinha sido um drive-by[23]. Jake McAllister estava parado quando colocou quatro balas na frente do meu restaurante.

Meus olhos se focaram na cortina que balançava. Hora de ver se o cuco deixou seu ninho ou não.

— Fique aqui, — disse a Finn.

— Onde você vai? — Finn perguntou de debaixo da mesa.

Segurei minhas facas um pouco mais forte. — Encontrar o bastardo que acabou de arruinar a minha vitrine.

Normalmente, eu não teria saído pela porta da frente do Pork Pit. Não depois de alguém ter acabado de atirar nas minhas janelas.

Isso era pedir por problemas, pedir para o atirador colocar uma bala em meu peito quando eu saísse para investigar.

Mas eu estava com raiva, e tinha minha magia elemental.

Então eu alcancei o meu poder de Pedra, puxando-o para minhas veias, deixando a magia fria se espalhar sobre a minha pele. Levou menos de um segundo para a magia endurecer meus dedos, torso, pés, e tudo mais, para transformar meu corpo em um escudo de rocha dura. Enquanto eu segurasse minha magia, me mantivesse concentrada nela, até meu cabelo pararia uma bala.

Então eu escancarei a porta e saí.

Fiquei junto à porta da frente por alguns segundos, meus olhos verificando o bloco novamente. Nada. Sem corredores, sem carros estacionados, sem flash de luz de um rifle na janela do outro lado da rua.

Após outros trinta segundos, quando mais nenhuma bala zuniu através do ar, as pessoas que estavam na rua quando o tiroteio começou levantaram lentamente suas cabeças.

Um por um, eles saíram de trás dos carros estacionados e caixas de correio de metal, ficaram de pé e se apressaram para fazer o que tinham que fazer.

[23] Tiroteio realizado por um membro de gangue quando ele atira pela janela de um carro em marcha lenta, e depois foge.

Uma vez que o atirador não aproveitou a oportunidade de tiro fácil que lhe ofereci, eu atravessei a rua para o prédio, uma antiga estrutura com pequenas janelas sujas e fachadas lascadas que não tinham sido consertadas ou renovadas desde que o prédio havia sido construído há quarenta anos atrás. Pressionei minha mão contra a pedra que emoldurava a entrada, ouvindo o murmúrio do tijolo frio e molhado embaixo dos meus dedos. Uma mistura de emoções me cumprimentou. Gritos infantis de crianças. Resmungos de pessoas mais velhas. Murmúrios afiados e preocupados. Uma tagarelice de Inglês e Espanhol. Tudo isso eram barulhos típicos de um prédio normal. Nada de anormal até agora.

Os edifícios mais antigos não dispunham de bons recursos de segurança, e este não era diferente. Não havia sequer um bloqueio na porta de vidro para manter fora os sem-teto. A porta levava a um pequeno corredor com escadas ramificando-se de ambos os lados, e um elevador situado no final. Fui subindo as escadas da esquerda, ficando nas sombras. O prédio tinha cheiro de água sanitária misturada com alho e urina.

Cheguei ao patamar do segundo andar e encontrei outro corredor vazio. Atravessar a rua e subir as escadas tinha esfriado a minha raiva. Minha pele poderia ser tão dura como pedra, mas bastava um momento, um vacilo. Se eu deixasse minha mágica deslizar nem que fosse por apenas um segundo, eu estaria morta. Fletcher Lane tinha perfurado isso em mim. Jake McAllister podia ser um arruaceiro, mas isso não significava que ele não poderia ter sorte e me matar. Eu não lhe daria essa chance, então parei para ouvir e avaliar.

Tudo calmo. A maioria dos inquilinos do edifício estavam trabalhando a esta hora do dia, tentando ganhar dinheiro suficiente para o aluguel do próximo mês. Meus dedos apertaram as facas em minhas mãos, e eu avancei. Como ele não tinha atirado em mim quando eu atravessava a rua, havia uma chance muito pequena que Jake McAllister ainda estivesse no apartamento. Mas eu continuei a me mover com cautela, silenciosamente.

Três apartamentos neste andar davam para a rua. Andei na ponta dos pés quando passei as duas primeiras portas e fui em direção à terceira - a que eu queria.

Parei na frente da porta pintada de bege, esperando e ouvindo. Mais silêncio. Coloquei minha mão sobre a pedra que emoldurava a porta, mas o seu murmúrio era baixo e mudo.

Ninguém morava aqui, a julgar pela falta de emoções e vibrações, que era provavelmente a razão pela qual Jake McAllister tinha escolhido este apartamento.

Fechei minha mão ao redor da maçaneta. O metal frio fez cócegas na cicatriz de runa de aranha que eu tinha na minha palma. A maçaneta girou e a porta se abriu.

Empurrei a porta para dentro com minha bota, tomando o cuidado de ficar em um dos lados da porta. Nem sequer rangeu quando ela se abria. Fiquei no corredor e esperei, contando os segundos na minha cabeça. Dez... vinte... trinta... Os ruídos dos outros apartamentos mais distantes vieram até mim. A televisão passando algum desenho animado. Outra sintonizada numa telenovela. Um casal discutindo sobre Ralph beber demais e ser demitido de seu último trabalho.

Eu fiquei no lado de fora por três minutos. Vazio. O apartamento estava vazio. Se Jake McAllister estivesse dentro e pudesse ver ou ouvir a porta abrir, ele já teria saído para investigar. A maioria das pessoas não era boa em esperar. Elas se moviam cedo demais, depressa demais, e então morriam.

Um minuto era suficiente para enervar a maioria das pessoas. Três, o suficiente para deixar praticamente o mais perfeito assassino profissional louco com adrenalina. Mesmo eu não gostava de esperar três minutos para alguma coisa acontecer. Mas havia uma razão para Fletcher ter me apelidado a Aranha - porque eu poderia ser infinitamente paciente. Porque eu tinha essa restrição interna. Porque eu podia esperar esses longos três minutos, se isso significasse chegar ao meu alvo - ou não me tornar um.

Deslizei para dentro do apartamento e fechei a porta atrás de mim.

Era um espaço pequeno, dividido em salas ainda menores que me lembravam um labirinto de ratos. Com as facas nas mãos, eu escorreguei de um quarto para o outro, verificando todos eles com extrema cautela e cuidado.

Vazio. O lugar estava totalmente vazio.

Sem móveis, sem aparelhos, nem mesmo um par de embalagens de fastfood amassadas e descartadas no chão de linóleo. Nem cheirava a qualquer coisa exceto as rajadas de chuva fria entrando pela janela aberta. Nem a água sanitária e nem a comida, nada. Fiz uma careta. Não era o que eu esperava. Jake McAllister não me parecia uma pessoa paciente - muito menos o tipo de recolher o lixo. Se o elemental de Fogo tivesse estado aqui por qualquer período de tempo, deveria haver alguma evidência disso. Latas de cerveja, cigarros, uma garrafa de

soda vazia, algumas embalagens de chocolates. Em vez disso, não havia nada. Nem sequer vi quaisquer armadilhas de baratas escondidas nos cantos.

Larguei a minha magia de Pedra e deixei minha pele voltar à sua textura normal. Então, me movi para o fundo do apartamento e para a janela aberta, onde o atirador tinha estado quando disparou contra o Pork Pit.

Mais uma vez, não havia nada. Nenhum copo, nenhuma embalagem, nenhuma evidência de que alguém esteve dentro do apartamento hoje ou mesmo recentemente. Olhei embaixo da janela.

Ele tinha até mesmo apanhado as cápsulas das balas que ele disparou. Novamente, não era algo que eu esperaria de um elemental de Fogo imprudente, inquieto e cabeça quente como Jake McAllister.

Tijolos expostos encardidos delineavam a janela, e eu pressionei minha mão contra eles. A pedra irregular mordeu minha palma, e eu fechei os olhos e alcancei minha magia novamente, deixando o poder frio fluir através de mim, sintonizando-me com as mais pequenas vibrações embutidas no tijolo.

Nada. Apenas calma. Me concentrei, indo cada vez mais fundo na pedra, até que a senti como uma parte de mim. Uma extensão natural de mim que eu poderia examinar e analisar do jeito que eu fazia com as minhas próprias unhas. Senti-me mais calma e… com a sensação de esperar alguém. Não particularmente aborrecida, mas também não animada. Apenas esperando… o momento certo surgir. Uma emoção, uma ação, que eu conhecia muito bem.

Minha careta se aprofundou. Abri os olhos, deixei cair minha mão, e me afastei do tijolo. Olhei para o quarto novamente com um olhar mais crítico, colocando todos os fatos juntos.

Não havia nada no apartamento, nenhum lixo, nenhuma cápsula, nenhuma emoção, porque Jake McAllister não tinha estado aqui. Ele não era inteligente o suficiente, não era calmo o suficiente para este tipo de ação. Este - este era o trabalho de um profissional.

Um assassino, assim como eu.

Meus olhos cinzentos se estreitaram. Então Jake, ou mais provavelmente Jonah McAllister, havia contratado um garotão para limpar a bagunça de seu filho.

Agora eu estava realmente irritada.

Mas ainda assim... não consegui afastar a sensação de que estava faltando alguma coisa. Algo importante. Vital. Óbvio.

Minha leitura, minha sensação, das vibrações da pedra estava correta. Eu sabia que estava. Mesmo na tenra idade, tinha sido capaz de ouvir a pedra murmurando para mim, e meu poder de compreende-la e interpretá-la tinha apenas aguçado e fortalecido com o passar do tempo. E continuaria a fazê-lo até eu morrer, esperançosamente com a idade madura de cento e cinquenta ou algo assim.

Das vibrações que eu peguei, o atirador estava esperando à quase uma hora. Talvez mais.

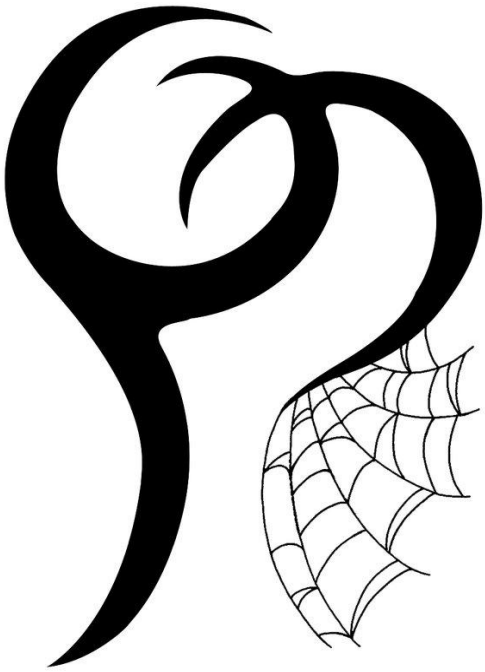
Sophia entrava cedo, geralmente às nove, para começar a assar o pão do dia. Eu geralmente aparecia por volta das dez, e o restaurante oficialmente abria para negócios às onze. Mas os tiros não foram disparados até quase ao meio-dia.

Por quê? Por que o assassino esperou tanto tempo? Estive me movendo ao redor do restaurante durante toda a manhã. Cozinhando, limpando, esfregando as mesas e cabines, invertendo o sinal da porta para Aberto. Ele poderia ter atirado em mim a qualquer momento durante a manhã. Então, por que ele não tinha dado um tiro antes do almoço? Por que naquela hora?

Repassei o tiroteio em minha mente. Eu estava em pé atrás do balcão quando os tiros foram disparados. Um tiro difícil de realizar, mesmo para um assassino profissional, não importa quão bom com uma arma ele era. Talvez ele quisesse uma audiência quando me matasse. Talvez esse fosse o porquê dele esperar. Finn tinha estado no restaurante, sentado à minha esquerda. A garota tinha estado lá também, mais ou menos na minha frente...

E eu percebi o que estava faltando. O atirador, o assassino, não estava atirando em mim.

Ele estava mirando a garota.



Capítulo 6

A garota, Violet. Ela havia sido o objetivo do atirador, não eu.

Essa era a única coisa que fazia sentido. O assassino poderia ter atirado em mim toda vez que eu me aproximei das janelas. Mas ele não o tinha feito. Em vez disso, ele sentou-se neste apartamento por quase uma hora, esperando por ela. Ela estava sentada em uma cabine na parte de trás do restaurante, longe das janelas, então ele teve que esperar que ela terminasse seu almoço. Quando ela pagou e se aproximou da porta da frente, foi quando ele tentou a sua sorte.

Minha mente processou a informação e avançou para a próxima pergunta. Por que atirar quando ela estava dentro do restaurante?

Por que não esperar que ela estivesse na rua? Por que simplesmente não a matar em algum beco?

A resposta veio a mim. O roubo. O assassino deve ter visto a história no jornal sobre o assalto mal sucedido no Pork Pit.

Talvez o assassino tenha percebido que se ele pegasse a menina no restaurante, havia uma boa chance de sua morte ser ligada a Jake McAllister e ao quase roubo da noite passada. Sem dúvida, os policiais teriam tido o mesmo pensamento que eu - que Jake ou quem quer que ele tivesse contratado - tinha tido a mim como objetivo, não à garota. Que eu havia sido o alvo. Que Jake me queria calar e fazer todas as acusações contra si mesmo simplesmente desaparecerem. Por tudo isto, a polícia não estaria inclinada a olhar demasiado

em outras direções, a considerar outras teorias. Como o fato da menina ter sido a vítima o tempo todo.

E se colocar a culpa em Jake McAllister não funcionasse, bem, havia outra opção. O Pork Pit não estava oficialmente localizado em Southtown, mas estava apenas a um par de ruas de distância, o que significava que toda a área tinha a sua cota de crimes. Tráfico de drogas, tiroteios, disputas domésticas. Um ou mais desses aconteciam todos os dias.

Dado o bairro violento, hoje a morte da menina podia ter sido considerada apenas como violência aleatória na área, se os policiais estivessem se sentindo particularmente preguiçosos. Algum tipo de tiroteio de gangues em que ela tinha tido o azar de ficar no meio. Um garoto de dez anos e sua irmã mais nova tinham ficado apanhados em um desses na semana passada, a menos de um quilômetro do restaurante.

De qualquer maneira, ninguém pensaria que tinha sido um golpe planejado. Os melhores assassinatos eram sempre os que pareciam outra coisa. Um plano organizado, bom e fácil.

Talvez o assassino estivesse seguindo a menina, procurando apenas uma oportunidade como essa. Talvez ele soubesse que ela viria ao Pork Pit hoje para almoçar e perguntar sobre alguém chamado Homem de Lata. De qualquer maneira, quando ela entrou no restaurante, ele decidiu se certificar que ela nunca mais sairia de novo. Teria sido fácil para ele entrar no prédio sem ser visto, encontrar um apartamento vazio, e destrancar a porta. Tudo o que ele teria de fazer depois disso era esperar o momento certo, o ângulo certo, e então puxar o gatilho.

Eu olhei para a vitrine quebrada do Pork Pit. Ele teria atingido a menina - quatro tiros mortais no peito.

Se o restaurante não tivesse janelas à prova de balas, a garota estaria morta

Não, isso não tinha nada a ver comigo e com Jake McAllister. A garota - isto era tudo sobre a garota. Alguém queria que ela morresse.

Enquanto eu estava ali pensando, a porta da frente do restaurante abriu. Violet veio para a rua e saiu correndo.

— Porra, — eu rosnei e saí correndo do apartamento.

***

O assassino já estava longe, então nem me incomodei em usar a minha magia de pedra para endurecer minha pele novamente. Além disso, ele não estava atrás de mim de qualquer maneira. Em vez disso, desci as escadas e saí do prédio. Virei à esquerda e corri na direção em que a garota tinha ido.

Ela devia estar a andar depressa porque já tinha um bloco inteiro de avanço. Ela ergueu o braço, e um táxi deslizou até parar na calçada em frente a ela.

— Ei, você! — Eu gritei. — Pare!

A menina não prestou atenção em mim. Eu estava muito longe para a minha voz ser ouvida por sobre o tráfego na rua. Mesmo se ela tivesse ouvido o meu grito, provavelmente não teria pensado que era dirigido a ela. 'Ei, você' não era a mais pessoal das saudações. Então aumentei o meu ritmo, passando a correr. Se a rua estivesse vazia, eu poderia a ter alcançado. Mas a cada cinco passos, eu tinha que me desviar para a direita ou esquerda para evitar bater em alguém que estava a falar em seu telefone celular.

Cheguei ao fim do bloco. Na esquina em frente a mim, a menina tinha entrado no táxi. Saí do passeio, meus olhos fixos no amarelo brilhante do veículo…

Beep! Beep!

E de repente dei um passo atrás quando uma buzina de carro soou muito alto. Um segundo depois, uma minivan passou por mim, avançando apesar do semáforo vermelho.

A motorista me lançou um olhar sujo.

— Vermelho é para parar, idiota! — Eu gritei.

Ela não me viu lhe mostrando o dedo. Muito ocupada falando em seu telefone celular para fazer algo seguro, como prestar atenção a pedestres e sinais de trânsito. E ela me custou qualquer chance que eu tinha de pegar a garota. À frente, o táxi já havia entrado no tráfego. Cinco segundos depois, ele virou à direita, desaparecendo de vista.

A menina tinha ido embora.

E eu não tinha ideia para onde ela foi ou mais importante, por que alguém tentou matá-la.

Fiquei ali um momento, amaldiçoando minha própria estupidez. Deveria ter sabido no segundo em que a menina perguntou sobre o Homem de Lata que algo estava seriamente errado. Que não era apenas um acaso, um acidente ou pura sorte. Que o problema tinha acabado de entrar no Pork Pit.

Problema esse que tinha-se afastado de mim.

— Porra, — eu rosnei novamente antes de virar e voltar para o restaurante.

***

Coloquei minhas facas dentro das mangas da camisola e lentamente, calmamente, tranquilamente caminhei o quarteirão e meio de volta para o Pork Pit.

Não havia necessidade de chamar mais atenção para mim hoje. Se eu continuasse com isso, alguém podia chamar a polícia e denunciar uma mulher louca. Não fazia muito tempo, eu passei vários dias no Asilo de Ashland em um dos meus trabalhos. Não tinha qualquer desejo de fazer uma segunda visita.

Um par de minutos mais tarde, entrei no Pork Pit.

Sophia estava adicionando um pouco de pimenta vermelha e páprica a sua salada de macarrão. Finn estava sentado no seu banco habitual, bebendo o seu café de chicória e lendo o resto da secção financeira.

— Problemas? — Ele brincou.

Eu dei-lhe um olhar torto.

— Só pergunto porque: a) você não está sorrindo e não está coberta com sangue de outra pessoa, e b) eu vi você correr do prédio do outro lado da rua como se houvesse um bando de vampiros famintos atrás de você, — Finn disse. — Suponho que Jake McAllister conseguiu aludir você?

Eu balancei minha cabeça. — Não foi o McAllister. O atirador não estava apontando para mim. Ele estava apontando para a garota.

Informei Finn e Sophia da minha teoria sobre o atirador ser um profissional e minha conclusão de que seu alvo havia sido a garota, não eu.

Finn deixou escapar um assobio baixo. — Alguém contratou um assassino para matar a menina? Ela deve ter chateado muito alguém.

— Mmm-hmm. — Atrás do balcão, Sophia grunhiu seu acordo.

— Não estou preocupada com quem ela chateou, — eu disse. — Só preciso encontrá-la antes que o assassino decida fazer outra tentativa.

— Por quê? — Finn perguntou. — É problema dela, não seu.

Eu olhei para ele. — Porque ela vem aqui perguntar sobre o Homem de Lata, perguntar sobre Fletcher, e um minuto depois, alguém dispara nela. Quero saber porquê. Por que ela veio aqui, qual é a sua conexão com Fletcher, tudo.

Principalmente, eu queria ter certeza de que não havia maneira de seu quase ou futuro assassino vir bater na minha porta, na de Finn ou na das irmãs Deveraux. Desviar a atenção de nós tinha sido uma das primeiras coisas que Fletcher Lane havia me ensinado.

— Agora, o que aconteceu depois que eu saí? Ela disse alguma coisa, fez alguma coisa?

Finn balançou a cabeça. — Não. Ela ficou sentada por um minuto recuperando o fôlego; então se levantou e saiu.

Meus olhos cinzentos se estreitaram. — E você não tentou impedi-la?

Finn encolheu os ombros. — Eu deduzi que como ela não estava gritando nem chamando a polícia, estava tudo bem. Nós dois achávamos que era Jake McAllister atirando em você, não alguém apontando para ela.

Eu engoli uma maldição. Finn tinha razão. Não era culpa dele. Não era culpa de ninguém. Ainda assim, eu precisava de algumas respostas e a menina era a única pessoa que poderia dar-mas. Mas ela já estava a quilômetros de distância. Então como eu poderia localizá-la? Eu pensei por um segundo, então fui até ao balcão.

— Uh-oh, — Finn murmurou. — Eu conheço esse olhar.

— Que olhar? — Eu perguntei, levantando a caixa registadora.

— Esse olhar. O que faz você se parecer com um urso em hibernação que acabou de ser cutucado por alguém com uma vara afiada. O olhar que diz que você não vai deixar isso para lá, mesmo que não seja o seu problema.

Eu coloquei uma mão sobre meu coração e bati meus cílios para ele. — Você me conhece demasiado bem.

— Mas como é que você vai encontrá-la? — Finn perguntou. — Ela não lhe deixou exatamente um dossiê pessoal.

Meus dedos sondaram o espaço escuro sob a caixa registradora.

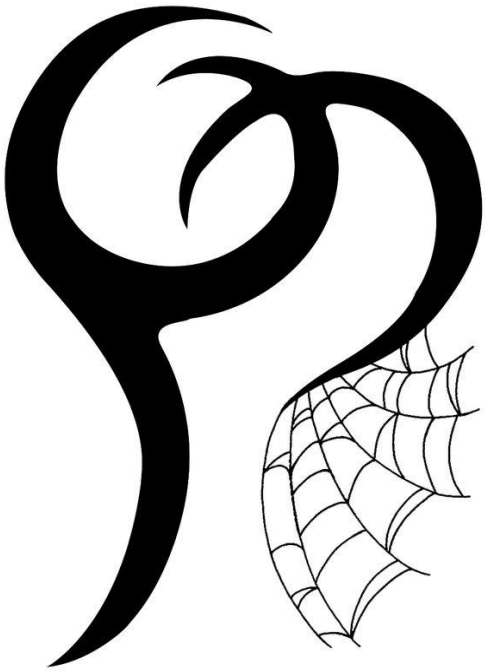
Lá estava ele. Peguei um pedaço de papel debaixo da caixa. O recibo de pagamento do almoço da garota com cartão de crédito. Aquele com o nome dela. *Violet Fox.* Não tão bom como um dossiê, mas era algo para começar.

— Oh, eu não vou encontrá-la, — eu disse com uma voz doce.

— Não diga isso, — ele pediu. — Por favor, não diga.

Segurei o pedaço de papel para ele. — Eu não vou encontrá-la porque você vai fazer isso por mim.

Finn apenas suspirou e tomou outro gole de seu café.



Capítulo 7

— Nada ainda?

Finn olhou para mim por cima dos ombros. — Só passaram duas horas, Gin. Se acalme.

Olhei de volta e mostrei minha língua para ele.

Ele sorriu ironicamente. — Não coloca para fora se não pretende usá-la.

Eu bufei. — Bem que você queria.

— Sempre.

Depois que eu disse a Finn para rastrear a menina da faculdade usando o recibo do seu cartão de crédito, ele tinha ido ao seu escritório pegar o notebook e alguns outros materiais e dizer ao homem do dinheiro que ele iria tirar o resto do dia de folga. Enquanto ele fazia isso, eu marcava uma hora com um vidraceiro para ele substituir as vitrines quebradas de manhã. Depois mandei Sophia para casa, fechei o restaurante, e dirigi para a casa de Fletcher. Isso tinha tomado uma hora.

Finn tinha chegado há trinta minutos. Agora ele relaxava no debotado sofá xadrez que estava na toca, enquanto eu ficava à toa na cozinha. Dada toda a emoção, não tinha tido a chance de almoçar no restaurante, e eu sentia que essa ia ser uma noite longa. Foi por isso que eu fiz sanduiches de salada de frango com um espesso pão de mel de trigo, assim como uma salada de frutas fresca.

Coloquei a comida numa bandeja, juntamente com pratos, talheres, guardanapos e uma jarra de limonada de framboesa. Então eu alcancei a minha magia de Gelo. A fria luz prata cintilou na palma da minha mão, centrada sobre a cicatriz de runa de aranha, e deixei cair vários cubos de gelo dentro dos dois copos que estavam na bandeja.

Levei tudo para a toca e coloquei sobre a mesa de café.

Sentei-me de pernas cruzadas em uma das poltronas e mastiguei um sanduíche. Aipo, maçãs, passas, raspas de limão e maionese azeda realçando o sabor da salada de frango.

Finn também se serviu de um sanduíche e algumas frutas, e nós comemos em silêncio. O notebook de Finn zunia suavemente enquanto pesquisava através de milhões de arquivos de dados, procurando informações sobre uma Violet Fox.

Depois de ter devorado o seu primeiro sanduíche, Finn pegou outro. Ele olhou para o lado mais distante de mesa de café, onde ele tinha colocado a pasta que Fletcher Lane tinha deixado para mim - a que continha informações sobre a minha família assassinada e Bria, minha irmã mais nova, que ainda estava viva. Finn tinha desviado a pasta para que ele pudesse colocar seu notebook na mesa velha.

— Alguma sorte com isso? — Finn perguntou.

— Não.

Logo após o funeral de Fletcher, eu tinha contado a Finn sobre o arquivo e os segredos que ele continha, inclusive meu verdadeiro nome - Genevieve Snow. Tinha-o deixado classificar a informação e tirar suas próprias conclusões sobre tudo. Inclusive o que tinha acontecido na noite que minha mãe, Eira, e minha irmã mais velha, Annabella, tinham sido assassinadas por um elemental de Fogo. Por um momento, chamas laranja preencheram minha visão.

A imagem de duas cascas de corpos queimados passou ante meus olhos, e o ar cheirava a carne queimada. Empurrei a lembrança para longe.

— Você deveria me deixar ajudar com isso, — Finn disse. — Tenho contatos que você não tem.

Balancei minha cabeça. — Não. Ainda não. Sigo sem saber como me sinto em relação a isso.

— Em relação a quê?

— Em relação ao velho saber quem eu realmente era todos esses anos e não me ter dito nada sobre isso. Dele ter coletado toda essa informação sobre minha família.

As cicatrizes de runa de aranha nas palmas das minhas mãos começaram a coçar, do jeito que elas sempre faziam quando eu pensava na minha família morta. Um pequeno círculo com oito pequenas linhas irradiando para fora. O símbolo da paciência. Primeiro esfreguei uma cicatriz com meus dedos, depois a outra, tentando diminuir a sensação de queimação.

Não ajudou. Nunca ajudava.

— Fletcher amava investigar os segredos das pessoas. Compilar informação, fazer dossiês sobre elas. Isso fazia dele um bom assassino e um manipulador ainda melhor, — eu disse. — Só nunca pensei que ele faria isso *comigo*.

— Você está com raiva dele.

— Infernos sim, eu estou com raiva, — vociferei. Meus pés fizeram pressão no chão e a cadeira balançou para trás. — Fletcher passou anos juntando essa pasta e depois deixa-a com Jo-Jo Deveraux ao invés de ma dar. Por quê? Qual é o objetivo?

Eu estava com raiva, claro, mas mais que isso, eu me sentia traída.

Era como se para Fletcher Lane eu não fosse nada mais que um alvo. Como se eu não tivesse sido a filha que ele alegava que eu era. Como se ele nunca tivesse realmente me amado como eu o amei. Ou pelo menos confiado em mim o suficiente para me dizer o que estava acontecendo.

E eu estava com raiva de mim também, por não ter nenhuma ideia do que o velho estava fazendo, por não saber que ele estivera obtendo informações minhas e da minha família assassinada.

Eu nunca teria sequer imaginado que Fletcher faria uma coisa dessas - ainda mais *comigo*. Ou talvez eu apenas não quis considerar essa possibilidade. De qualquer forma, tudo que me restava agora eram perguntas e mais perguntas.

— Talvez ele pretendesse dá-la a você, — Finn disse. — Antes de morrer.

Outra imagem passou diante dos meus olhos. Fletcher Lane, deitado numa poça do seu próprio sangue no Pork Pit, a pele esfolada e arrancada do seu corpo. Seu rosto, seu peito, seus braços e suas mãos em uma bagunça arruinada de carne viva e ossos.

Balancei a minha cabeça, tentando banir a lembrança. Não funcionou. Nunca funcionava.

— Eu só não entendo o que ele esperava que eu fizesse com essa informação. Ter minha vingança contra a elemental de Fogo? Já faz anos, e eu ainda não sei quem ela era ou por que ela matou minha família. Nem sequer *vi* a elemental antes que um de seus capangas me prendesse e me vendasse. Só a ouvi rir enquanto ela me torturava. Até onde sei, a vadia pode já estar morta.

— Ela era forte o suficiente para matar sua mãe e sua irmã, duas Elementais de Gelo poderosas por direito próprio, e derreter a runa silverstone de aranha nas palmas das suas mãos. Duvido que ela esteja morta. Pessoas assim não vão calmamente, — Finn disse. — Além disso, tudo aconteceu há apenas dezessete anos atrás. A maioria dos elementais vive bem mais que cem anos.

Um sorriso frio curvou meus lábios. — Não se pode culpar uma moça por sonhar, pode?

Olhei para a pasta e meu sorriso se transformou numa carranca. — Apenas não entendo *porque* Fletcher fez isso. Eu estava lá. Eu vivi isso. Nada naquela pasta me diz algo que eu já não saiba.

— Exceto que sua irmã ainda está viva, — Finn disse numa voz suave.

Bria. Cabelo loiro. Olhos grandes e azuis. O rosto de uma criança afável, doce e inocente. A runa delicada em forma de prímula pendurada no colar envolto em seu pescoço. Ela tinha oito anos a última vez que eu a vira, a noite que eu encontrei seu sangue no esconderijo onde a tinha deixado. A noite que eu pensei que ela tinha morrido.

— Me faz muito bem saber que ela está viva quando não posso encontra-la. Aquela foto pode ter sido tirada em qualquer lugar, e Fletcher não foi doce o suficiente para rabiscar a localização atrás dela. — A emoção apertou minha garganta, e eu tive que forçar a saída das minhas próximas palavras. — Eu não… Eu nem mesmo sei se quero encontrá-la.

— Por que não? — Finn perguntou. — Ela é sua irmã.

— Ela *era* minha irmã, — respondi numa voz rouca. — Não tenho ideia de como ela é agora. Se ela se lembra de mim, se ela ao menos quer me ver. Infernos, ela provavelmente acha que eu estou morta, assim como eu pensava que ela estava. Então tem o pequeno fato do que eu ando fazendo com a minha vida. Me chame de louca, mas eu duvido que qualquer pessoa queira uma assassina como irmã mais velha.

Finn ficou em silêncio por um tempo. Então ele ergueu a cabeça e olhou para mim com seus brilhantes olhos verdes - olhos que eram tão parecidos aos de Fletcher que fez meu coração quebrar. — Você poderia não ser filha biológica dele, mas papai te amava tanto quanto a mim. Você mesma disse. Ele amava saber os segredos das outras pessoas. Ele provavelmente começou a escavar apenas para ver quem você realmente era e se ele podia ou não confiar em você.

— E daí?

Finn suspirou. — E daí que você se tornou filha dele, sua protegida, e ele amava você. Talvez papai quisesse encontrar a Elemental de Fogo para você. Talvez ele tenha percebido que Bria não havia morrido aquela noite. Talvez ele quisesse compensar tudo que tinha sido feito para você e sua família.

Eu tinha me perguntado aquelas mesmas coisas. Porque esse era exatamente o tipo de homem que Fletcher Lane tinha sido. Viva e deixe viver, tinha sido seu lema. Afinal de contas, assassinos não tinham lá grande moral para atirar pedras e caluniar os outros. Mas se você ferrasse com alguém que Fletcher Lane se importava, você podia muito bem arrancar seu próprio coração com uma colher enferrujada - antes que ele fizesse isso por você. O velho tinha me ensinado a ser do mesmo jeito. Lealdade, amor, o que que você quisesse chamar isso, era a única coisa tão importante quanto a sobrevivência - e a única coisa pelo que realmente valia a pena morrer. Por isso que eu tinha caçado Alexis James, a vadia Elemental de Ar que tinha matava Fletcher e tinha torturado Finn, mesmo que eu quase tenha morrido no processo.

Eu passei a minha mão na testa. O metal Silverstone na minha pele parecia tão firme e frio quanto meu coração. — Não sei o que Fletcher queria que eu fizesse. Agora eu nunca vou saber.

— Você vai descobrir, — Finn disse. — E eu vou te ajudar.

Palavras de um verdadeiro irmão, de sangue ou não. Sorri para ele. — Eu sei que você vai…

Click-click. Click-click.

O notebook de Finn reproduziu um diferente tipo de som, como se o disco rígido tivesse encontrado alguma coisa. Eu ergui minhas sobrancelhas. Finn se inclinou e pressionou um botão.

Números surgiram no monitor, junto com o que parecia a foto de uma carteira de motorista. Cabelos loiros crespos. Olhos escuros. Pele morena. Óculos pretos.

— Encontrei-a, — Finn disse. — Violet Elizabeth Fox. Faturas do cartão de crédito, contas bancárias, histórico escolar. Leia tudo sobre ela.

Juntei-me a ele no sofá e li a informação que aparecia na tela. Violet Elizabeth Fox, dezenove anos, pais falecidos. Uma estudante nota A com bolsa integral, recebendo seu diploma de negócios da Faculdade Pública de Ashland.

Uns duzentos dólares no cartão de crédito, uns dois mil na sua conta poupança. Um pequeno cheque depositado a cada duas semanas na sua conta corrente de algum negócio chamado Country Daze. Provavelmente um trabalho de tempo parcial de algum tipo. Nada fora do normal e nada que indicasse por que ela tinha vindo ao Pork Pit procurar pelo Homem de Lata.

— Violet Fox dirige para a escola, — eu disse.

— Como você sabe disse? — Finn perguntou.

Bati levemente na tela com minha unha. — Por que ela adquiriu uma permissão AAC[24] de estacionamento e deslocação atribuída. E olhe para o seu endereço de casa.

— Ridgeline Hollow Road? — Finn perguntou. — É no alto das montanhas.

— Na região carbonífera, — eu acrescentei.

Pessoas tinham extraído carvão das Montanhas Apalaches por décadas. Extração de carvão era perigoso, sujo, um trabalho árduo que não era para claustrofóbicos ou fracos de coração. Mas pagava bem o bastante para gerações de homens e mulheres ariscarem a vida e integridade física para tirar o combustível fóssil da terra. Para alguns, mineração era o único trabalho que os membros da família conheciam. Para outros, as minas eram o lugar de descanso

[24] Autorização para Conduzir Ciclomotor.

final de seus pais, mães, irmãos, irmãs. Túmulos escuros e silenciosos que nenhuma luz jamais seria capaz de penetrar novamente.

Click-click. Click-click. O computador tocou mais uma vez, e uma nova janela foi aberta, mostrando a informação que nós estávamos procurando.

— O que é isso? — Eu perguntei.

Finn sorriu largamente. — Marquei o cartão de Violet Fox. Ela acabou de o usar para fazer uma compra numa livraria do campus.

— O que ela comprou?

Finn olhou para o monitor. — Dois chás gelados, duas barras de chocolate, e uma cópia de *The Hero with a Thousand Faces* de Joseph Campbell.

— Duas bebidas? Parece que ela tem um encontro de estudo com alguém. — Eu me levantei do sofá. — Vamos lá.

— Para a faculdade? — Finn perguntou. — E se ela for embora antes de chegarmos lá?

Apontei para o relógio na parede. — Não é nem quatro e meia ainda. A livraria fica dentro de um centro estudantil, e o prédio não fecha até às seis. Violet provavelmente vai ficar lá até fechar.

— Você é a perita quando se trata da universidade, — Finn disse. — Vendo como você gasta tanto do seu tempo livro lá lendo livros escritos por caras brancos que já morreram e ficando ocupada com os jovens estudantes nas suas aulas.

— É isso mesmo, — eu disse. — E seu ciúme é impróprio. Agora, tire esse seu traseiro preguiçoso do sofá. Está na hora de você me mostrar o quão rápido aquele seu Aston Martin pode ser.

***

— Isso é inútil, — Finn disse. — Ela não voltará aqui esta noite.

Nós tínhamos chegado à universidade logo após as cinco e havíamos andado através do centro estudantil, procurando por Violet Fox. Conhecia bem o

centro, assim como o resto do campus, já que eu frequentara aulas na Faculdade Pública de Ashland por anos. Decoração de bolos, yoga, desenho a carvão, pintura em aquarela. Tinha frequentado todas essas e algumas mais como parte do meu disfarce como uma eterna estudante universitária, cozinheira e garçonete no Pork Pit.

Esse semestre, me inscrevi num curso de literatura clássica, daí o fato de eu estar atualmente lendo *A Odisseia*.

Sempre gostei de aprender coisas novas e não via razão para parar de ter aulas só por que eu não estava mais matando pessoas. Além disso, nunca se sabe quando uma nova habilidade pode vir a calhar. Especialmente tendo em conta o meu passado.

E eu estava pensando em ter várias aulas no próximo semestre, por que, verdade seja dita, minha aposentadoria estava se tornando extremamente chata. Durante o dia, eu trabalhava no Pork Pit, claro, assim como sempre tinha feito. Mas à noite, eu não sabia bem o que fazer comigo mesma desde que eu não estava revendo arquivos, seguindo marcas, e traçando a melhor maneira de matar alguém. Eu podia apenas assistir o Food Network por várias horas. Na maior parte das vezes, acabava olhando fixamente para a televisão, me perguntando se oito horas era muito cedo para ir dormir. Pelo lado positivo, eu sempre estava extremamente bem descansada.

Nós não tínhamos encontrado Violet Fox durante nossa busca pelo centro estudantil. Tinha demasiados cubículos para os estudantes se esconderem e estudarem. Ou então Violet e com quem quer que ela estivesse tinham decidido estudar na livraria ou num laboratório de informática ou até no dormitório de alguém. Tantas possibilidades e nenhuma forma de as reduzir. Então nós fomos para o único lugar em que Violet Fox teria que aparecer mais cedo ou mais tarde - o estacionamento.

— Acredite em mim, — eu disse. — Ela vai voltar e pegar o carro. Ninguém em seu perfeito juízo deixaria o carro aqui durante a noite.

— Eu não consigo imaginar por que, — Finn murmurou e se moveu um pouco no seu assento.

Olhei pela janela. A Faculdade Comunitária de Ashland estava localizada no centro do distrito, um pequeno círculo de conhecimento escondido entre os edifícios de corporativas com vidros cromados que passavam por arranha-céus na cidade.

Embora a faculdade tomasse um par de blocos da cidade, as várias salas e prédios eram mais ou menos agrupados juntos e conectados por uma série de gramado. Mas o espaço era um prêmio no centro da cidade, e os lotes que cercavam a faculdade tinham sido desenvolvidos há muito tempo. Isso significava que não havia um estacionamento para os estudantes no campus. Como alternativa, aqueles que viajam diariamente tinham que deixar seus veículos numa variedade de lotes e garagens da periferia do centro da cidade, e depois caminhar ou ir de bicicleta para o campus.

O estacionamento em que nós estávamos era o mais distante do campus e estava localizado logo ao lado da fronteira Southtown. Uma única luz cintilava no alto, pintando os carros abaixo de um prateado fantasmagórico. Barras de concreto de um metro e trinta de altura cercava a maior parte da área, alertando os motoristas a ficaram longe de vários buracos no asfalto rachado. Runas de pichações de símbolos de gangues, incluindo punhos cerrados e delineações brutas de armas e facas, sujavam as superfícies das pedras.

Embalagens amassadas de refeições rápidas, pontas de cigarros esmagadas e preservativos usados cobriam o chão.

De acordo com as informações que Finn tinha conseguido, Violet Fox dirigia um velho Honda Accord preto. O carro que estava no meio do estacionamento, ofuscado de um lado por uma caminhonete monstruoso com rodas cobertas de tinta verde-exército. Uma bandeira confederada cobria parte da janela traseira da caminhonete, assim como uma cabine de armas. Estávamos a diversas fileiras de distância, estacionados perto de um Volkswagen Bug com um capô vermelho que não combinava com o resto branco.

— Mais alguma compra no cartão de crédito dela? — Eu perguntei.

Finn se virou para o banco traseiro e pressionou um botão do seu laptop. — Não desde a última vez que você perguntou, cinco minutos atrás. Quanto tempo você vai esperar? São quase seis e meia.

— Todos os prédios do campus, exceto a biblioteca, fecham às 6h, — eu disse. — Se ela não estiver no congestionamento da biblioteca, Violet Fox deve estar a caminho agora mesmo. Nós lhe daremos mais alguns minutos. Esse estacionamento fica a quase um quilómetro e meio de distância do campus. Leva uns bons vinte minutos para chegar aqui se você vier do centro estudantil, e isso se estiver andando depressa.

Finn assentiu e se acomodou um pouco melhor em seu assento. Abaixei a janela. Ainda estava chuviscando, e o brilho úmido da chuva fez a noite parecer

mais fria e mais sombria do que realmente era. Mesmo dentro do luxuoso Aston Martin, eu podia ouvir as vibrações das barras de concreto e do asfalto quebrado do estacionamento. Murmúrios fortes e preocupados que falavam de violência, sangue, medo. Esse era um lugar onde as pessoas eram espancadas, roubadas, e atacadas com uma frequência alarmante, mesmo para Ashland…

Uma figura passou através de uma lacuna nas barras de concreto.

Uma pequena mulher curvilínea com um tufo de cabelos loiros que tinha encaracolado para fora do GCT — Grande Cabelo Tennessee — em proporções graças à garoa. Violet Fox. Ela usava uma jaqueta pesada que não fazia o suficiente para protege-la da chuva.

Sua bolsa estava pendurada sobre seus ombros e peito. Ela deu um passo para baixo do feixe de luz, e um pequeno recipiente metálico brilhou em sua mão. Spray de pimenta, a não ser que eu tenha falhado meu palpite. Precações espertas e sensatas. Essa era uma garota que estava acostumada a andar por aqui à noite.

Mas ela não estava sozinha. Outra garota estava com ela. Cabelo preto, olhos claros, corpo esguio, jeans de grife. Eu também a reconheci.

— Aquela é Eva Grayson, — eu disse.

Os olhos verdes de Finn trancaram em Eva. Ele sorriu e endireitou-se em seu assento. — Sério? Owen Grayson nunca me disse quão gata a irmã dele é.

— Então ele te conhece bem o bastante para não o fazer, — eu respondi.

Enquanto eu observava, um homem por volta da minha idade seguiu as garotas dentro do estacionamento. Sua cabeça virava de um lado para outro, e ele ficou tão perto de Eva quanto sua própria sombra. Seu blusão volumoso tinha sido erguido, revelando uma pequena Glock[25] enfiada em suas costas. Parecia que Owen Grayson tinha conseguido um guarda-costas para sua irmã depois de tudo.

Violet e Eva pararam no meio do estacionamento e trocaram algumas palavras. Violet disse algo que fez Eva rir. Depois Violet acenou com a mão e começou a andar em direção ao seu Honda velho. Eva acenou de volta. O homem pegou seu cotovelo para escolta-la para fora do estacionamento, mas Eva deu-lhe

[25] http://images2.fanpop.com/image/photos/14500000/glock-17-guns-14515216-2560-1702.jpg

um olhar desagradável e livrou-se de sua mão. Os dois viraram, andaram de volta para a lacuna na barra de concreto, e desapareceram de vista.

Uma vez que nós já tínhamos desligado os faróis do carro, eu abri a porta do Aston Martin e coloquei minhas pernas para fora.

— Bem, ela está sozinha agora. — Finn alcançou sua própria porta, mas eu agarrei seu braço.

— Espere, — eu disse numa voz baixa. — Vamos ver quem mais está por perto.

— Você acha que o atirador está aqui? — Ele perguntou. — Nós já o teríamos visto.

Dei de ombros. — Talvez. Depende de quão bom ele é. Ele poderia ter deslizado pelo outro lado do estacionamento. O ponto é que ele a perdeu no Pork Pit e provavelmente não podia pegá-la no campus hoje. Muitas testemunhas, muitos seguranças. Essa é sua última oportunidade antes que ela vá para casa essa noite.

— E você acha que ele vai aproveitar essa oportunidade, — Finn disse.

— Eu aproveitaria.

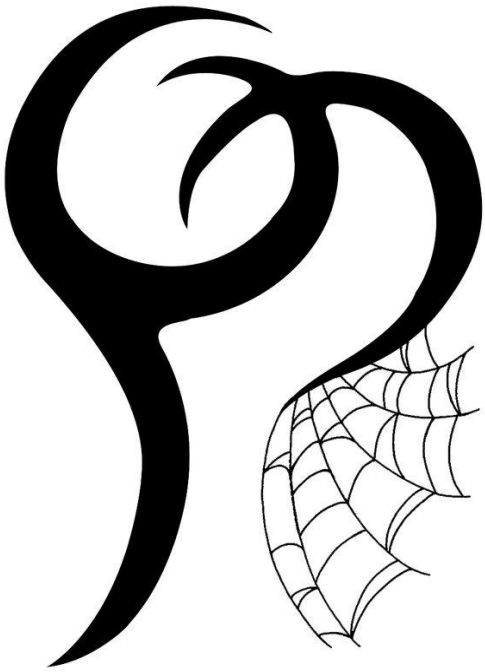
Então nós observamos. Violet Fox não era tola. Ela se aproximou do carro cuidadosamente. Ela olhou para a direita e depois para a esquerda, para frente e para trás. Ela também andou pelo meio do estacionamento, longe dos carros que estavam estacionados nos lados. Certificando-se de que ninguém estava aprontando com ela ou esperando embaixo de um dos veículos para pegar seu tornozelo e derrubá-la. Garota esperta.

Mas ela não era esperta o bastante. Violet Fox agarrou sua bolsa, e seus passos diminuíram enquanto ela tateava à procura das chaves. Ela não as encontrou imediatamente por que ela parou, abaixou a cabeça, e vasculhou dentro da bolsa.

E foi quando eu vi uma sombra escorregar da caminhonete monstruosa e ir na direção dela.

— Lá está ele, — Finn disse, lutando para abrir sua porta. — Ele estava escondido na caminhonete o tempo todo.

Eu não respondi. Já estava fora do carro, correndo em direção à garota.



Capítulo 8

Mesmo quando comecei a correr, eu vi a figura sombria se arrastar para mais perto de Violet e assumir a forma de um homem baixo e atarracado. Um anão. Eu estava a sessenta metros de distância. Não chegaria a tempo. Eu estaria muito atrasada.

De novo.

Abri minha boca para gritar, quando algo fez barulho ao deslizar pelo pavimento. O anão deve ter pisado em uma lata de refrigerante. Violet congelou ao ouvir o ruído, uma de suas mãos ainda em sua bolsa. Então ela saiu correndo.

Não olhou para trás, não verificou o que o barulho era.

Ela apenas correu.

Ela conseguiu dar uns vinte passos antes do homem agarrá-la pelos frisados cabelos loiros. Violet gritou de dor e virou-se para arranhá-lo, suas mãos arqueadas em garras. Ele deixou-a bater nele. Esse tipo de golpes não significariam nada para um anão. Magia e armas eram as únicas coisas que chamavam a sua atenção. Violet fez uma pausa de meio segundo para tomar outro fôlego para gritar. Foi quando o homem a socou no rosto - forte. Ouvi a trituração de ossos a trinta metros de distância.

Violet gemeu, e o homem bateu-lhe novamente. Sua cabeça estalou para um lado, e ela caiu de joelhos, nauseada.

O anão chutou-a no estômago, e a força levantou Violet do pavimento e jogou-a a três metros. Ela atingiu o capô de uma pickup enferrujada e deslizou para o chão. Ela não se moveu.

O anão estalou os dedos e avançou para ela novamente. Ele a pegou e colocou-a sobre o capô da pickup. O movimento tirou Violet de seu torpor, e ela gemeu de dor antes de olhar para o seu agressor. Uma das mãos do anão desceu para suas calças. Ele não estava usando uma arma desta vez. O anão ia bater em Violet até a morte - depois que ele a estuprasse.

Eu estava a quinze metros de distância e me aproximando rapidamente. Não tentava ser silenciosa, não mais, mas o anão estava demasiado decidido a abrir a braguilha para ouvir o chicotear dos meus tênis na calçada molhada.

Mas o ronco profundo e gutural de um veículo rugindo a vida em algum lugar atrás de mim o fez se virar. O anão me viu correndo para ele, fechou o zíper da calça, e recuou. Esperando. Apenas esperando. Violet estava no capô, com as mãos debaixo dela, tentando encontrar a força para empurrar-se para cima, para fugir. Sangue cobria a maior parte do que eu podia ver do seu rosto, e a parte inferior do rosto dela não estava mais alinhada com a parte superior. Seus óculos mal se agarravam a seu rosto.

Uma vez que o anão estava focado em mim, eu diminuí meus passos para uma caminhada. Quando estava a três metros de distância, eu parei para agarrar a faca escondida na manga esquerda, e estudei o homem diante de mim.

Sendo um anão, ele tinha menos de um metro e meio de altura, mas seus ombros eram mais largos que uma cadeira. Seus bíceps pareciam ter sido esculpidos em aço e anexados ao seu peito que parecia um barril. Ele usava calça jeans e uma camiseta preta. Uma tatuagem grande aparecia em seu bíceps esquerdo - um bastão de dinamite aceso. Uma runa. Uma que eu tinha visto em algum lugar antes, embora no momento não me pudesse recordar onde. Não importava muito. Poderia estudá-la mais detalhadamente quando ele estivesse morto.

— Esta não é a sua luta, senhora, — ele cuspiu. — Isso é entre a moça e eu. Vá embora antes que eu mate você também.

— Oh, mas é a minha luta, — eu respondi com uma voz fria. Movi a faca na minha mão esquerda, colocando-a na posição correta.

— Por quê?

— Porque você atirou no meu restaurante hoje.

Os olhos azuis do anão se estreitaram. — Então e se eu fiz? O que você vai fazer sobre isso?

— Para começar? Isso.

Eu joguei minha faca nele. O anão não vacilou quando a lâmina o pegou no peito e afundou em seu peitoral direito. Droga. Tinha perdido seu coração por pelo menos uma polegada. Provavelmente duas. Não me tinha aposentado há muito tempo, mas não estive exatamente treinando todos os dias também.

Parecia que alguma ferrugem já estava se reunindo. *Usar ou perder*[26], Gin. Como eu não queria perder nada, pois sabia que não podia me dar ao luxo, fiz uma nota mental para entrar em alguma prática de arremesso depois disso acabar.

O anão olhou para a faca em seu peito. Então ele sorriu, puxou a arma, e a deixou retinir no chão. Ele rolou os ombros e estalou os dedos novamente. O som ricocheteou como um tiro fora das barreiras de concreto ao nosso redor. — Vou apreciar fazer você pagar por isso, vadia.

— Sim, sim, — eu disse, espalmando a faca escondida na manga direita. — Vamos dançar.

O anão investiu em mim. Eu esperei até o último momento possível, então dei um passo para um lado. Meu pé esquerdo levantou, e eu dei uma rasteira nele. Mas ele estava esperando por isso. O anão se dobrou em uma bola, bateu no chão, e rolou de volta para cima. O bastardo era rápido. Articulado também.

— Legal.

Ele sorriu. — Eu faço yoga.

Eu sorri de volta. — Eu também.

Ele veio para mim novamente. E então fomos ao que interessa.

O anão girou seus punhos duros para mim. Me esquivei de seus golpes, não por covardia, mas por praticidade. De jeito nenhum eu ia deixar suas mãos de martelo se conectarem com o meu rosto. Já tive meu nariz e várias outras

[26] *Use it or lose it* — nesse caso, usar ou perder a prática.

partes do meu corpo quebrados muitas vezes. Não tinha vontade de repetir esta dor em particular essa noite.

O anão girou novamente, mas seu pé escorregou num pedaço de asfalto quebrado e ele estendeu demais o seu braço. Quebrei a sua defesa e o esfaqueei no peito com a minha faca silverstone. O cheiro de sangue acobreado encheu o ar da noite, se sobrepondo à chuva. Mas ele se moveu antes que eu pudesse enfiar a arma em seu coração. A lâmina deslizou através de suas costelas e pegou uma delas.

Eu grunhi, mas era como tentar cortar através de carne congelada. Os músculos do peito eram espessos e densos demais para eu fazer dano suficiente para derrubá-lo rápido.

O anão acertou a minha mão que agarrava a faca com a ponta de seu punho. Eu soltei a arma. Um golpe certeiro como esse iria quebrar meu pulso em pedaços tão pequenos como palitos. Ele girou para mim novamente. Me esquivei para trás e arranquei uma terceira faca da parte baixa das minhas costas.

— Facas? Isso é tudo que você tem, senhora? — Ele falou lentamente. — Você pode cortar-me a noite toda, e eu ficarei aqui mesmo sem nem sentir dor. Tudo que eu preciso é um bom soco e você é minha, vadia.

Ele estava certo. Nós mal começamos, e meu coração já estava martelando. Meus pulmões não tinham começado a queimar ainda, mas era apenas uma questão de tempo. Eu simplesmente não tinha a energia dele. Nunca teria. O anão não estava nem suando, e as feridas que infligi sobre ele eram nada mais do que cortes superficiais. Eu tinha que encontrar uma maneira de acabar com isso. Agora.

Com o canto do meu olho, eu vi uma forma grande e escura avançando pelo estacionamento. A forma parou. Esperando.

Eu golpeei o anão com minha faca, forçando-o na direção de um sedan a alguns metros de distância. Ele riu, recuou, e curvou seu dedo indicador para mim.

— Vamos lá, vadia, — disse ele. — Estou apenas me aquecendo.

Sorri para ele. — Eu também.

Apoiei minhas mãos no capô do carro e empurrei.

Ele não estava esperando eu mudar de tática, e isso fê-lo vacilar por um segundo. Era tudo que eu precisava. Meus pés atingiram o anão no peito com força suficiente para fazê-lo tropeçar para trás. Seu sapato ficou preso numa ruptura da calçada, e ele caiu de bunda no chão.

E foi quando Finn o atropelou com a caminhonete.

Enquanto eu estava lutando contra o anão, Finn fez-se útil. Ele arrombou e fez ligação direta na caminhonete monstruosa que tinha estado estacionada próxima ao Honda de Violet Fox. Então ele moveu o veículo para perto, esperando que eu notasse.

O anão ficou sob as sólidas rodas da caminhonete. Mas Finn não tinha terminado. Ele colocou a caminhonete em sentido inverso e voltou a passar sobre o anão. Ele fez a mesma coisa mais três vezes antes que eu levantasse minha mão, sinalizando para ele parar. Finn puxou a caminhonete para a frente.

Ele ficou no interior da cabine, esperando para ver se eu precisaria dele novamente. Peguei minhas facas caídas e atravessei a calçada até o anão.

As rodas tinham achatado o corpo forte, grosso e compacto do homem e agora ele parecia uma carnuda e sangrenta panqueca que havia sido pressionada no asfalto. Marcas de graxa preta cobriam seu tronco, e seus braços e pernas jaziam ao seu lado, esmagados e inúteis. Mas Finn não tinha atingido a cabeça, e o anão ainda estava vivo. Seus olhos azuis queimaram com dor e ódio enquanto me observava chegar mais perto.

— Quer me dizer para quem você está trabalhando antes de eu te matar? — Eu disse.

O anão cuspiu sangue na minha calça jeans.

— Vou tomar isso como um não.

Eu me inclinei e cortei sua garganta. Seus olhos se arregalaram, e ele gorgolejou uma, duas, três vezes antes de sua cabeça pender para o lado e a luz abandonar os seus olhos. Eu dei-lhe um minuto para sangrar, então coloquei meus dedos contra seu pescoço dilacerado para ter certeza. Sem pulso. Tão morto quanto um morto pode estar. Limpei a minha mão sangrenta no meu jeans e gesticulei para Finn.

Finn desligou o motor, saiu da caminhonete, e caminhou na minha direção. Seus olhos verdes foram para o corpo do anão. — Você ainda teve que cortar sua garganta? Sujeitinho resistente, não era?

— Ele é um anão, — respondi. — Eles geralmente são. Agora, me dê seu celular.

Finn colocou a mão no bolso da jaqueta e entregou-me um telefone fino prateado. Usei-o para tirar uma foto do rosto congelado do anão, juntamente com a tatuagem em seu bíceps, a que parecia um bastão de dinamite aceso. Tinha sido achatada pelos pneus da caminhonete, mas ainda havia carne suficiente lá para se ter uma ideia da forma original da runa. Entreguei o telefone a Finn, depois coloquei minha mão nos bolsos da frente do anão. Sem carteira, sem dinheiro, sem identificação. Provavelmente no bolso de trás, mas eu não ia levantá-lo do pavimento para verificar. Mais bagunça do que eu queria hoje à noite.

— Pegue o carro, — eu disse a Finn. — Precisamos levar a garota para Jo-Jo.

Finn assentiu e correu para ir buscar o seu Aston Martin.

Eu caminhei até Violet.

Em algum momento durante a minha luta com o anão, Violet Fox tinha escorregado do capô da pickup. Ela sentou-se encostada no pneu. Seus dedos estavam enfiados em sua bolsa, como se ela estivesse tentando pegar seu telefone celular para chamar a polícia. Abaixei-me até que estava ao nível dos olhos dela.

— Você está segura agora, — eu disse com uma voz suave. — Ele não vai mais te machucar.

O rosto de Violet Fox estava uma bagunça. Seu nariz tinha sido empurrado para dentro do seu rosto, enquanto sua mandíbula se estendia na outra direção. Sua pele parecia massa que havia sido esticada até o ponto de ruptura ao longo das suas feições distorcidas.

Sangue cobria a metade inferior do seu rosto arruinado, e gotas grossas dele deslizaram abaixo de seu pescoço, manchando o casaco. Seus óculos estavam partidos ao meio. Os óculos ainda estavam presos ao redor de suas orelhas, mas as duas metades pendiam como brincos contra as suas bochechas ensanguentadas.

Dor enchia seus olhos castanhos, e por um momento, eu achei que ela não tinha me ouvido. Mas Violet virou a cabeça e olhou-me. Ela estreitou os olhos e o reconhecimento piscou em seu olhar opaco.

— Você... — Ela murmurou.

— Não tente falar, querida, — eu disse. — Nós vamos consertar você, e então você pode nos dizer tudo sobre o porquê de alguém querer você morta e como você sabe sobre o Homem de Lata. Ok?

Violet Fox não me respondeu. Ela já tinha desmaiado.

***

Finn trouxe o carro, e nós colocamos Violet Fox no banco de trás. Tirei os óculos quebrados do seu rosto e dei-os a Finn para guardá-los. Então usei uma das minhas facas para cortar uma tira da parte inferior da minha T-shirt de manga comprida. Eu enrolei o algodão à volta do rosto da menina para absorver o sangue que escorria do seu nariz quebrado. Ela não se mexeu.

— Ela vai sangrar por todo o banco traseiro, — Finn murmurou. — Você sabe quanto eu paguei por este carro?

— Demasiado, — eu disse. — E não se preocupe com os seus preciosos bancos de couro. Tenho certeza que Sophia pode remover o sangue.

— Você vai chamá-la para se livrar do corpo do anão? — Finn perguntou.

— É claro. Não quero assustar as alunas deixando o Panqueca onde está, e também não quero ninguém dirigindo sobre ele de manhã.

Eu peguei o telefone celular de Finn novamente e apertei a tecla sete. Três toques mais tarde, ela atendeu.

— Hmph? — Sophia Deveraux soltou seu grunhido habitual de saudação. A anã não gostava de forçar suas cordas vocais com coisas como conversa.

— É Gin. Há algo que você pode achar interessante em um dos estacionamentos perto da Universidade Comunitária Ashland.

— Hmm. — Seu grunhido de interesse.

Esperei um momento para ver se ela diria alguma coisa.

— Número? — Sophia perguntou, referindo-se ao número de corpos que eu queria que ela viesse eliminar.

A voz da anã gótica saiu num som áspero, como se ela tivesse passado os últimos cinquenta anos fumando um cigarro atrás de outro e bebendo jarros de aguardente. Eu não sabia porque a voz de Sophia era do jeito que era, especialmente porque nunca tinha visto a anã acender ou beber qualquer coisa mais forte que chá gelado. Outro mistério que não tinha certeza se queria resolver. Porque eu tinha a sensação de que havia algo muito ruim no passado de Sophia. Algum tipo horrível de acidente, trauma, ou mesmo tortura. Essas eram as únicas coisas que eu poderia pensar que iriam arruinar tão completamente suas cordas vocais.

Também me perguntava por que Jo-Jo nunca tinha curado sua irmã.

Talvez ela quisesse e Sophia não deixou.

Talvez fosse demasiado tarde quando Jo-Jo a tinha alcançado. O que quer que fosse, o que quer que aconteceu com a anã gótica, eu sabia que não podia ser bom.

— Apenas um, mas você pode ter alguma dificuldade para raspá-lo do chão, — respondi. — Havia uma caminhonete muito grande envolvida. Acha que pode lidar com isso?

— Hmph. — O grunhido de Sophia era mais gutural dessa vez.

Eu a ofendi.

— Bem, tenho fé em você, — eu respondi em tom alegre. — Você está com Jo-Jo?

— Um-mmm. — Isso era um sim.

— Diga-lhe para ficar pronta. Finn e eu estamos levando alguém que precisa de sua ajuda. Muito. Estaremos aí em poucos minutos.

Sophia desligou sem dizer mais nada. Eu fiz o mesmo.

Finn acelerou para sair do estacionamento. Ele teve o cuidado de dirigir seu carro ao redor do corpo esmagado do anão.

— Você poderia apenas passar sobre ele, — eu disse. — Ele já está morto, e não é como se você não tivesse feito isso antes.

— Yeah, mas eu não quero pedaços sangrentos de anão presos em minhas rodas pelas próximas duas semanas. — Finn fungou. — Este é um Aston Martin, Gin. Você não passa sobre cadáveres com um Aston Martin.

— Diga isso ao James Bond.

Finn me lançou um olhar sujo enquanto saía para a rua.

***

Finn demorou cerca de vinte minutos para chegar à casa de Jo-Jo. Jolene "Jo-Jo" Deveraux era a irmã mais velha de Sophia - uma anã de duzentos e cinquenta e sete anos de idade e Elemental do Ar com bastante poder, riqueza, status e relações sociais significativas.

Por tudo isto, Jo-Jo construiu a sua casa em uma subdivisão luxuosa com o nome de Tara Heights. Dentro de algumas milhas, deixamos o cascalho e a sujeira pra trás e entramos numa área elegante de árvores cuidadosamente ajardinadas e casas espaçosas com calçadas de paralelepípedos e pátios grandes o suficiente para profissionais jogarem futebol.

Finn eventualmente guiou o carro para uma rua chamada Magnolia Lane, e alguns segundos depois, a casa de Jo-Jo apareceu - uma casa de três andares, estilo fazenda que parecia saída diretamente de *E O Vento Levou*. A extensa estrutura branca se situava no topo de uma colina gramada e apresentava uma série de altas colunas redondas que apoiavam o resto do edifício da maneira que uma cadeira de espaldar alta podia sustentar uma velha senhora.

Finn estacionou o carro e me ajudou a tirar a garota inconsciente do banco traseiro. Nós a carregamos pelos três degraus e ao longo da varanda, que ficava à volta da casa espaçosa. Espessas gavinhas pegajosas de hera e kudzu[27] cobriam uma grade anexada ao alpendre, junto com os espinhos nus de diversas roseiras.

[27] http://nationalffa.files.wordpress.com/2011/07/kudzu.jpg

Havia uma única lâmpada na varanda. No jardim inclinado, a garoa fria aumentou, fazendo o ar cheirar como metal, folhas mortas, e terra molhada.

Deixei Finn tomar todo o peso de Violet para que eu pudesse abrir a porta de tela que dava para uma mais pesada de madeira. Então eu peguei na aldraba e bati na porta de dentro.

A aldraba tinha a forma de uma nuvem espessa e fofa - a runa pessoal de elemental do Ar de Jo-Jo.

Eu mal coloquei a runa de nuvem de volta no sítio quando a porta se abriu, e uma mulher enfiou a cabeça para fora. Jo-Jo Deveraux parecia que tinha planejado ficar em casa esta noite. Um roupão rosa listrado de manga curta cobria sua figura musculosa e atarracada, enquanto o seu descolorido cabelo loiro platinado estava enrolado em bobs[28] rosas. Algum tipo de máscara de lama azul cobria seu rosto, e uma almofada de pedicure segurava seus dedos dos pés bem abertos. Ela devia ter acabado de pintar as unhas dos pés, porque o verniz rosa claro brilhava como se ainda estivesse molhado.

— Já era tempo de vocês aparecerem, — a anã de meia-idade disse. — Estive andando de um lado para o outro diante da porta por pelo menos cinco minutos.

— Por quê? Não havia nenhuma festa ou jantar no circuito da sociedade hoje à noite? — Eu perguntei, olhando o roupão e os bobs.

— Oh, havia uma festa ou duas, — Jo-Jo falou lentamente com uma voz que era mais doce que mel de trevo[29]. — Mas esses velhos ossos não são tão jovens quanto costumavam ser. Chuva fá-los doerem. Além disso, até eu preciso de uma noite de folga do circuito de besteira de vez em quando.

— Ahem.

Finn limpou a garganta, sua maneira de me dizer para ir direto ao assunto e que ele estava cansado de sustentar Violet Fox. O olhar pálido de Jo-Jo foi para a menina. Exceto pelos pontinhos negros no centro, os olhos da anã eram quase incolores, como dois pedaços nublados de quartzo.

[28] http://4.bp.blogspot.com/_qd7FPDWAZJk/THaPAYDuN1I/AAAAAAAAB7E/aVd7E57c7QY/s400/bob1.jpg

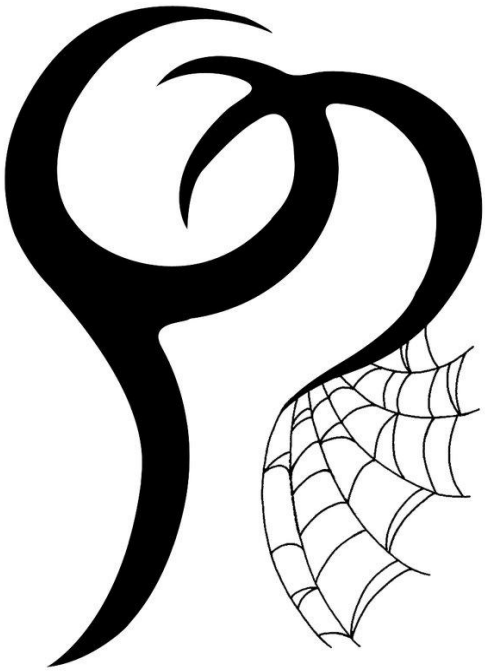
[29] clover honey — o mel produzido por abelhas que se alimentam principalmente de néctar das plantas de trevo

— Sinos do inferno e trilhas de pantera, — Jo-Jo disse em um tom suave. — O que aconteceu com ela?

— Ela ficou na extremidade errada do punho de um anão - duas vezes, — eu disse, assumindo parte do peso de Violet novamente. — Acha que pode consertá-la?

Jo-Jo estudou a menina por mais um momento, depois assentiu.

— Querida, eu posso consertar qualquer coisa aquém da morte. Mas isso não vai ser bonito.



Capítulo 9

Jo-Jo se afastou para que Finn e eu conseguíssemos arrastar a inconsciente Violet Fox para dentro de casa. O cheiro doce do perfume Chantilly de Jo-Jo invadiu meu nariz enquanto caminhávamos por um corredor estreito. Trinta metros depois, o corredor estreito se abriu em um enorme salão que ocupava metade da parte traseira da casa.

Cadeiras acolchoadas. Secadores de cabelo. Balcões repletos de lacas, esmaltes de unha, maquiagem, tesouras, rolos, ferros. Um espelho longo que descia por uma parede. Pilhas enormes de revistas de beleza. Fotos de penteados diferentes espalhadas por toda a parte. Tudo isso e muito mais podia ser encontrado no salão de beleza de Jo-Jo, o lugar onde a Elemental do Ar usava sua magia como uma autoproclamada *drama mama* — alguém que servia a vaidade infinita das mulheres do sul.

Debutantes, participantes de desfiles, esposas-troféu entediadas.

Jo-Jo servia todas elas de diversas maneiras. Permanentes, cortes, pintura de cabelos, depilação, manicure, pedicure. Se tivesse alguma coisa a ver com beleza ou com fazer o cabelo de uma mulher duas vezes o seu tamanho, Jo-Jo o fazia em seu salão.

E mais ainda. Magia elementar do Ar também era ótima para fixar linhas de expressão indesejadas ou colocar os peitos de alguém da maneira que estavam há dez anos atrás — pelo menos temporariamente.

Claro, melhorar a velhice não era a única coisa que Jo-Jo fazia com a sua magia do Ar. A anã era também um dos melhores curandeiros em Ashland. Inferno, de toda a zona Sul. Poucas pessoas sabiam sobre seus talentos nessa área em particular, mas Fletcher Lane tinha sido um dos mais antigos amigos de Jo-Jo, e eu herdei-a, junto com Sophia, quando tomei o seu negócio de assassino. Uma irmã para me curar, a outra para se livrar dos corpos que deixei para trás. Um arranjo agradável.

Apesar dos honorários elevados das irmãs.

— Coloque-a em uma das cadeiras, — Jo-Jo ordenou antes de ir até a pia para lavar as mãos.

Finn e eu transportámos Violet Fox para uma das cadeiras giratórias vermelho-cereja do salão. Depois Finn pegou uma garrafa de cola para unhas do balcão, tirou os óculos quebrados de Violet do bolso do seu paletó, e utilizou a cola para colocar os dois pedaços juntos novamente. Eu tirei a bolsa de Violet do seu pescoço, empoleirei-me num banco a uma pequena distância, e comecei a vasculhá-la. Carteira, chaves, balas para o hálito, moedas, gotas para os olhos, um espelho. Nada incomum ou excitante.

Um lamento suave soou no canto. Ergui o olhar para ver Rosco, o basset hound gordo e preguiçoso de Jo-Jo enrolado em sua cesta de vime ao lado da porta. O velho cão olhou para a bolsa em minhas mãos. Sua cauda bateu uma vez com esperança.

— Desculpe, cachorro, — eu disse. — Nada aqui para você.

Rosco bufou de indignação, em seguida, baixou sua cabeça marrom e preta em cima do seu estômago gorducho e voltou a dormir. Seu passatempo favorito, além de comer.

Jo-Jo puxou uma cadeira para perto de Violet, ligou uma luz, e delicadamente desenrolou as tiras da minha T-shirt de seu rosto. O dano parecia pior sob o brilho fluorescente. O inchaço já havia aparecido e o rosto de Violet estava até duas vezes maior que o normal. Estrias pretas, verdes e roxas escorriam do nariz distorcido e se espalhavam pelas suas bochechas — o que não estava coberto de sangue seco.

— Sinos do inferno, — a anã resmungou novamente. — Você disse que ele só lhe bateu duas vezes?

— Sim, — Finn disse, segurando os óculos quebrados até que a cola secasse. — Mas ele fez as duas vezes contarem.

Jo-Jo balançou a cabeça. — Bem, vamos esperar que a pobre menina permaneça inconsciente durante mais um pouco. Porque colocar o rosto dela como devia vai ser tão doloroso como o que ele lhe fez em primeiro lugar. Não há necessidade de a traumatizar mais do que ela já está.

Jo-Jo examinou o rosto de Violet um outro minuto antes de começar a trabalhar. Ela respirou fundo e colocou sua mão na frente das características arruinadas da menina. Sua palma ficou mesmo acima da pele de Violet. Um segundo depois, os olhos da anã começaram a brilhar num branco opaco, como se nuvens espessas passassem através de seu olhar brilhante. Um brilho de uma cor semelhante à manteiga revestiu a palma da sua mão aberta. Jo-Jo chamou ainda mais do seu poder, até que eu podia sentir estalos através do salão de beleza. Era como se fosse eletricidade estática, pronta para me dar um choque. Coloquei o meu banco longe da anã.

Dos quatro elementos, dois eram opostos e dois eram complementares. Fogo e Gelo não andam juntos, mas Fogo e Ar sim, assim como Pedra era a companheira natural do Gelo. Cada elemento também tinha várias ramificações, como o metal para Pedra, água para Gelo e eletricidade para o Ar, com os quais algumas pessoas podiam conectar-se. Jo-Jo Deveraux era uma elemental do Ar, o que significava que a sua magia era exatamente o oposto do meu poder de Pedra e Gelo. Estar na presença de alguém que usava tanto de um elemento oposto sempre me deixava desconfortável e instável. O poder de Jo-Jo parecia errado para mim, tal como qualquer magia elemental de Ar ou Fogo.

Assim como o meu poder de Pedra e Gelo parecia estranho para eles.

Mas a pior parte era as cicatrizes de runa de aranha em minhas palmas. À medida que Jo-Jo chamou mais do seu poder, o metal silverstone embutido na minha pele começou a coçar e a queimar. Silverstone era um metal muito raro, com a propriedade invulgar de ser capaz de absorver e armazenar todos os tipos de magias. Muitos elementais tinham runas feitas de silverstone e as usavam para armazenar pedaços de poder que eles poderiam usar quando necessário. Mais ou menos como uma bateria mágica. Minha mãe, Eira, tinha usado a sua runa de floco de neve dessa forma, embora isso não a tivesse salvado no final.

Mas silverstone não absorvia apenas a magia — ele ansiava por ela, como se o metal estivesse faminto e ansioso, de forma dolorosa, por poder elemental para preenchê-lo e torná-lo completo. Eu podia sentir o desejo do Silverstone por mais magia, por mais poder, mesmo que a pele em minhas mãos há muito

houvesse crescido em volta do metal que havia sido derretido em minhas mãos. Eu enrolei meus dedos em torno da bolsa de Violet, esperando que a imitação de couro protegesse as minhas mãos o suficiente para bloquear as sensações de queimação nas minhas palmas. Não funcionou. Nunca fazia. Então eu sentei e assisti Jo-Jo.

A anã passou lentamente a palma da mão sobre o rosto de Violet Fox. Elementais do Ar eram grandes curandeiros por causa de sua capacidade de explorar e utilizar todos os gases naturais no ar — inclusive oxigênio. Agora mesmo, Jo-Jo estava usando sua magia para forçar oxigênio no corpo de Violet, fazendo-o circular sob a pele do seu rosto, usando as moléculas de ar para curar o que tinha sido tão cruelmente quebrado.

Uma e outra vez, Jo-Jo passou a mão sobre o rosto de Violet. Toda a vez que ela fazia isso, o nariz da menina ficava um pouco mais reto, o queixo um pouco mais quadrado. O inchaço diminuiu, e as estrias de cores desagradáveis desbotaram do rosto de Violet.

Observar Jo-Jo trabalhar sempre me fazia lembrar de um livro que eu tinha quando criança. Um que mostrava um personagem de desenho animado. Se você olhasse para as páginas, uma de cada vez, o personagem não se mexia. Mas se passasse as folhas suficientemente rápido, ele andaria de um lado do papel para o outro.

Dez minutos depois, Jo-Jo baixou a mão. Seus olhos esmaeceram e perderam seu brilho leitoso e mágico. O mesmo aconteceu com a palma da mão. — Aí está, — a anã disse em voz baixa. — Está feito.

— Ele também a chutou uma vez, — eu disse. — No estômago.

Jo-Jo assentiu. — Ele machucou muito seus rins, mas eu também reparei isso.

A anã se levantou, molhou um pano na pia, e o usou para limpar o sangue do rosto de Violet. A moça não se mexeu. Ela não tinha emitido um som o tempo todo que Jo-Jo esteve trabalhando nela. Não é de estranhar. O corpo dela passou por um trauma grave. Ela provavelmente dormiria por pelo menos uma hora, talvez mais. Ser curado por magia sempre exigia muito de uma pessoa, enquanto o corpo tentava se ajustar a passar de ferido para estar bem de novo subitamente. E usando tanta magia como Jo-Jo tinha acabado de usar, desgastaria qualquer pessoa exceto os mais fortes elementais.

Essa era uma razão porque eu tentava não contar muito com a minha magia, tentava não usá-la para coisas grandes. Eu não gostava de ficar fraca e impotente depois, mesmo que eu tivesse me aposentado do negócio de assassina.

Jo-Jo terminou de limpar Violet e jogou o pano ensanguentado na lata de lixo. Finn colocou os óculos recém-colados no rosto de Violet. Então se inclinou para trás e deu-lhe um olhar apreciativo.

— Ela ficou bem, não é? — Ele disse em um tom de admiração.

— Ela está inconsciente, Finn. Pelo menos tenha a decência de babar quando ela estiver acordada, — eu disse.

Finn enlaçou as mãos atrás da cabeça e sorriu. — Vou fazer exatamente isso.

Jo-Jo lavou as mãos novamente na pia. Pegou um outro pano para secá-las e então se virou para mim. — Agora, — a anã disse. — Você quer me dizer quem é essa garota, e por que alguém estava batendo nela?

Informei Jo-Jo de tudo o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas, começando com Sophia e eu frustrando a tentativa de assalto de Jake McAllister no Pork Pit, a Violet Fox entrando e perguntando pelo Homem de Lata, o tiroteio, Finn e eu rastreando-a e a salvando do assassino anão.

— Então foi para aí que Sophia foi com tanta pressa, — Jo-Jo murmurou. — Achei estranho que ela quisesse sair antes do final.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Nós estávamos assistindo um filme de faroeste. *Três Homens em Conflito* com Clint Eastwood. Sophia dificilmente sai antes do grande confronto no final, — Jo-Jo explicou. — Sua parte favorita é quando Lee Van Cleef morre.

Sophia Deveraux, a garota anã gótica, também era bastante viciada em filmes. Faroeste, filmes de ação, filmes da máfia. Ela amava todos. Quanto mais violento, melhor.

— De qualquer forma, — eu disse, terminando a minha história. — Deixámos o corpo do anão para Sophia eliminar e trouxemos a menina aqui. Quando ela acordar, estou pensando em fazer-lhe algumas perguntas sérias sobre Fletcher e onde ela ouviu o nome *Homem de Lata*.

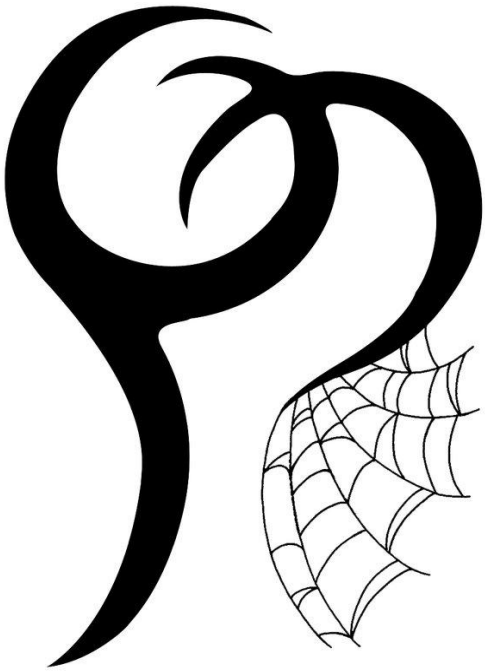
Jo-Jo olhou para a menina. A carranca fez a máscara de lama azul em seu rosto rachar. Ela ainda não a tinha limpado. — Ela parece... familiar. Qual você disse que era o nome dela?

— Violet Elizabeth Fox. — Eu tirei a carteira de motorista da menina de sua mala e passei-a para Jo-Jo.

A anã leu o cartão plastificado. Sua carranca se aprofundou, e pedaços de lama azul caíram das suas bochechas e se estabeleceram em seu roupão rosa. — Ela vive em Ridgeline Hollow Road.

— Você a conhece? — Finn perguntou.

Jo-Jo balançou a cabeça. — Não, mas eu tenho certeza que conheço o velho bastardo e excêntrico que é seu avô.



Capítulo 10

Finn e eu nos entreolhamos. — Avô? — Perguntamos ao mesmo tempo.

Jo-Jo assentiu. — Warren T. Fox, da Ridgeline Hollow Foxes. A garota é um pouco parecida com ele. Agora que o sangue se foi, posso ver isso.

— E quem é esse Warren T. Fox? — Perguntei.

— Ele costumava ser um amigo de Fletcher, — a anã disse. — Mas eles tiveram uma briga há uns anos atrás. Não se falaram desde então, pelo que sei.

Jo-Jo olhou para Violet, que ainda estava inconsciente na cadeira. Uma emoção relampejou nos olhos claros da anã. Arrependimento.

Perguntei-me por quê. Jo-Jo balançou sua cabeça. Mais máscara de lama caiu do seu rosto.

— Vamos lá, — a anã disse. — Vamos deixar a pobre garota confortável, e eu vos contarei o que sei.

***

Uma vez que Jo-Jo era mais forte que Finn e eu, ela pegou Violet, carregou a garota para a toca no andar de baixo, e a acomodou no seu sofá fofo. Eu tirei a jaqueta e os sapatos ensanguentados de Violet; depois Jo-Jo cobriu-a com um

lençol macio e quente. A anã foi até ao banheiro para lavar a lama azul do seu rosto. Caminhei em direção à porta que dava para a cozinha.

A maioria das pessoas ia direto para o salão de Jo-Jo quando elas visitavam a casa, mas minha divisão favorita sempre tinha sido a cozinha. Uma sala pequena com uma mesa retangular de açougueiro estava situada no meio e esta era rodeada por vários banquinhos.

Eletrodomésticos em vários tons pastel cercavam três paredes, enquanto a quarta dava para a toca onde Violet Fox tirava uma soneca. Nuvens semelhantes à runa de Jo-Jo podiam ser encontradas em todo o lado, nos individuais sobre a mesa, nos panos de louça ao lado da pia, e até no afresco que cobria o teto. Quando eu era mais nova, costumava deitar no chão da cozinha por horas e ficar olhando a pintura do teto, fingindo que as nuvens estavam realmente se movendo. Um dos poucos caprichos infantis que eu tinha me permitido depois da perda da minha mãe e da minha irmã mais velha.

Finn já estava na cozinha, se servindo de uma xícara de café de chicória. Jo-Jo sempre manteve um pote no caso de Fletcher aparecer. Agora que o velho tinha morrido, Finn bebia a sua parte. Eu respirei fundo, apreciando a fumaça quente e confortante que sempre me lembrava de Fletcher Lane. Depois fui à geladeira, abri a porta, e olhei o que tinha dentro.

— O que você está pensando? Sanduíches? — Finn perguntou numa voz esperançosa.

— Não. Estou a fim de algo doce.

Tirei a manteiga da geladeira, em seguida, vasculhei os armários. Farinha, aveia, damascos secos, passas, açúcar mascavo, baunilha. Tirei-os, juntamente com algumas taças de mistura, uma assadeira, uma espátula e uma tigela. Finn se sentou na mesa da cozinha e bebeu seu café enquanto eu trabalhava. Quando Jo-Jo voltou à cozinha, eu estava colocando a massa no forno.

— O que você está preparando? — A anã perguntou, se servindo de uma xícara de café.

— Barras de damasco, — respondi, limpando as minhas mãos num pano de louça coberto com nuvens. — Que eu vou transformar numa torta. Elas estarão prontas em alguns minutos, o que lhe dará tempo suficiente para nos contar sobre Fletcher e Warren T. Fox.

Jo-Jo assentiu. Ela pegou seu café da mesa e sentou-se perto de Finn. Eu encostei-me na geladeira para manter um olho no forno. Não queria que as barras de damasco dourassem demasiado.

— Fletcher e Warren cresceram juntos em Ridgeline Hollow, — Jo-Jo disse. — Eles eram melhores amigos. Mais como irmãos. Sempre juntos, do amanhecer ao anoitecer. Sophia e eu conhecíamos os pais deles. Os avós também.

Finn balançou a cabeça. — Papai nunca mencionou ninguém chamado Warren Fox. Nunca. Especialmente alguém que foi seu melhor amigo de infância. O que aconteceu entre eles?

— Uma garota, — Jo-Jo disse. — Ambos se apaixonaram pela mesma garota. Stella. Ela era uma coisinha bonita que vivia no vale. Stella sabia que Fletcher e Warren estavam ambos apaixonados por ela. Ela saia de cortejo primeiro com um, depois com outro. Ela gostava de coloca-los um contra o outro. Rapidamente, eles estavam lutando por ela.

— Então quem ela escolheu no final? — Eu perguntei.

Um sorriso torto curvou os lábios de Jo-Jo. — Nenhum. Ela fugiu com um garoto da cidade. Mas aí já era muito tarde para Fletcher e Warren reatarem a amizade. Fletcher se mudou para a cidade para abrir o Pork Pit. Warren permaneceu nas montanhas e assumiu a loja da sua família.

Eu olhei para Finn. Com seu cabelo cor noz, olhos verdes, e um sorriso suave, Finn era a cópia de Fletcher na sua idade — e ele era bonito até demais. Eu me perguntei como Warren T. Fox parecia na sua juventude, para ser competição para Fletcher Lane.

— A loja de Warren se chama Country Daze? — Finn tomou outro gole do seu café de chicória. — Por que é de lá que Violet Fox recebe seu salário a cada duas semanas.

Jo-Jo assentiu. — Tem estado na família há quatro gerações agora, contando com a garota ali.

Meus olhos cinza voaram para Violet Fox, que continuava a dormir no sofá. — Se Warren e Fletcher tiveram um desentendimento todos esses anos atrás, por que a neta de Warren viria procurar por Fletcher agora?

Jo-Jo deu de ombros. — Eu não sei. Mas se a garota ou Warren estão em perigo como você pensa que eles estão, pedir ajuda a Fletcher Lane seria a última

coisa que o Warren T. Fox que eu conheço faria. O orgulho é uma das coisas mais importantes para ele. Razão pela qual ele nunca se reconciliou com Fletcher. Stella humilhou os dois, e Fletcher fazia com que Warren lembrasse disso.

Peguei uma luva de forno com estampa de nuvens, abri a porta do forno, e tirei as barras de damasco. O cheiro da fruta quente, do açúcar, e da manteiga derretida preencheu a cozinha, junto com uma explosão de calor. Uma combinação que nunca me cansava, especialmente numa noite fria e cinzenta como essa. Eu peguei outra luva de forno, coloquei sobre a mesa, e pus a bandeja em cima. Os dedos de Finn rastejaram em direção à borda do recipiente, mas eu bati na mão dele.

— Eu ainda não acabei com elas, — Eu disse.

— Vamos lá, Gin, — ele choramingou. — Eu só quero provar.

— E você terá simplesmente que esperar, como o resto de nós.

Jo-Jo riu, divertindo-se com nossa briga. Eu fui até os armários e tirei quatro taças, algumas colheres, a um par de facas. Também peguei um balde de gelado de grão e baunilha do freezer. Depois que as barras de damasco tinham esfriado o bastante para não se quebrarem imediatamente, eu cortei grandes pedaços das barras, joguei-os em tigelas, e cobri todos eles com duas conchas de sorvete. Minha própria versão de uma rápida torta de frutas caseira.

Jo-Jo engoliu um bocado da confecção e suspirou. — Paraíso, puro e doce paraíso.

Finn não concordou com ela. Ele estava muito ocupado enchendo a cara para falar alguma coisa.

Eu dei uma mordida. O sorvete era um creme frio e suave que contrastava com a riqueza das pesadas barras de damasco quentes, e ambos derretiam juntos em minha boca numa sinfonia de sabores. Jo-Jo estava certa. Eu me superei novamente.

Estávamos raspando os restos da nossa sobremesa quando a porta da frente se abriu. Passos pesados e familiares ecoaram, e um momento depois, Sophia Deveraux entrou na cozinha. Suas roupas góticas pretas pareciam deslocadas entre os aparelhos em tom pastel, como se uma nuvem tivesse passando na frente do sol.

— Quer um pouco de sobremesa? — Eu perguntei, arranjando outra tigela de barras de damasco e sorvete para ela.

— Um-mmm. — Sophia grunhiu um *sim* e se sentou perto de Jo-Jo.

Finn esperou até que Sophia estivesse na metade do seu sorvete para lhe perguntar o inevitável. — Algum problema com o corpo?

Os olhos monótonos e pretos de Sophia encontraram os verdes dele. — Nuh-uh.

Era o *não* da anã gótica.

Eu olhei para as roupas de Sophia, mas não consegui ver nenhuma mancha de sangue na sua camiseta, jeans ou botas. Mesmo que o tecido fosse preto, eu era boa em perceber esse tipo de coisa.

Mas as roupas de Sophia estavam impecáveis como sempre. A verdade era que eu não sabia exatamente como Sophia Deveraux se livrava dos corpos que eu lhe deixava. Não sabia se ela os enterrava, queimava, espatifava, ou colocava-os num congelador. Infernos, eu nem mesmo sabia para onde ela levava os restos em primeiro lugar.

Mas anã gótica e rabugenta podia se livrar de evidência como se elas nunca tivessem existido. DNA, cabelos, fibras, sangue.

Nada restava depois que ela limpava a cena de um crime. Eu me perguntava frequentemente se Sophia tinha a mesma magia elemental do Ar que Jo-Jo, se ela a usava para ajudá-la a se livrar das evidências. Além de suavizar rugas, a magia do Ar também era boa para desintegrar coisas como carne ou sangue do chão. Mas eu nunca tinha visto Sophia usar nenhum tipo de magia, Ar ou qualquer outra, nunca senti nenhum tipo de poder crepitar dela. Outro mistério que eu nunca tinha sido capaz de desvendar, assim como por que a voz de Sophia era tão quebrada e rouca. Ela tinha apenas cento e treze anos, demasiado jovem para seu corpo já estar falhando. Anões podiam facilmente viver quinhentos anos ou mais. Sophia Deveraux não dava nenhuma resposta, mas eu ainda assim me perguntava.

Sophia terminou sua torta de frutas, colocou a tigela na mesa, e olhou para Jo-Jo. — Filme?

— Eu pausei, — Jo-Jo disse. — Ainda na TV da toca, se você quiser terminar.

Sophia assentiu, se levantou, e entrou na sala ao lado. Peguei sua tigela para lavá-la. Estendi a mão para abrir a torneira...

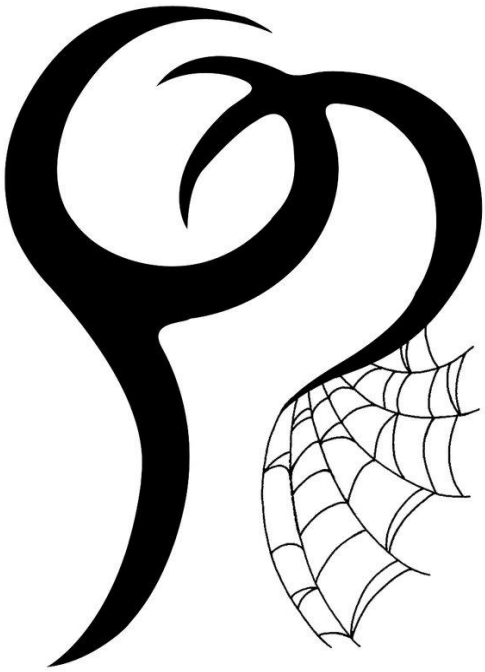
E alguém gritou.

Eu girei, uma das minhas facas Silverstone já deslizando para a minha mão direita. Outro grito ressoou, seguido por alguns sussurros frenéticos. Sophia suspirou e saiu da toca. Um momento depois, Violet Fox apareceu.

A única sugestão de que algo violento tinha sequer acontecido com ela era o sangue endurecido que cobria o seu suéter. E o fato de que seus óculos pretos estavam um pouquinho fora do centro do nariz. Finn não os tinha consertado direito. Ou talvez Jo-Jo tivesse endireitado o nariz da garota mais do que devia. Ocasionalmente, a anã fazia uma pequena rinoplastia enquanto trabalhava com sua magia de Ar.

Um bónus adicional, se você me perguntar.

Violet Fox olhou para nós quatro, surpresa e ainda mais assustada com a nossa presença. Os olhos da garota caíram sobre a faca que estava na mesa da cozinha. Ela avançou, pegou-a e deu a volta, apontando-a para nós. — Quem são vocês?



Capítulo 11

Eu coloquei minha faca Silverstone de volta na minha manga e enxaguei a tigela suja antes de me virar para encarar a garota da faculdade.

— Querida, — eu disse numa voz calma. — Isso é uma faca de manteiga. Você não conseguiria nem lixar suas unhas com ela. Pouse-a antes que eu a tome de você.

— Quem são essas pessoas? — Violet Foz perguntou com uma voz trêmula, ainda segurando a arma deplorável. Ela recuou até que seu corpo se pressionou contra a geladeira. Se a porta estivesse aberta, ela provavelmente teria se enfiado lá dentro, como uma Tartaruga de Caixa[30] recuando em sua concha. — Onde eu estou? O que você quer comigo?

Eu suspirei e olhei para Finn. Ele era muito melhor a se fazer de bonzinho. Ele deu um passo na direção da garota, suas mãos levantadas. Um sorriso encantador mostrava seus perfeitos dentes brancos.

— Você está num lugar seguro, — Finn disse em um tom que poderia ter acalmado um urso furioso. — Nós não vamos te machucar. Nós te salvamos daquele anão no estacionamento da comunidade universitária, lembra?

Sombras fizeram os olhos de Violet se tornarem ainda mais escuros, e ela torceu o seu nariz, tentando ver se ele ainda estava intacto.

[30] Espécie de tartaruga comum na América do Norte (Estados Unidos e México).

Ela lembrava, isso era bom. O conhecimento machucava suas feições tanto como os punhos do anão tinham feito. Jo-Jo poderia ter curado todos os danos físicos do ataque, mas Violet Fox não ia esquecer o trauma emocional tão cedo. Isso se ela algum dia esquecesse. Outra coisa com que eu estava muito familiarizada.

Violet Foz não se parecia em nada comigo, claro, mas por um momento, olhar para ela era como ver-me aos treze anos novamente, logo após a Elemental de Fogo ter assassinado a minha família. Eu tinha a mesma expressão assustada e ferida que a outra garota mostrava agora mesmo. Afugentei as memórias.

Finn avançou um pouco mais e mostrou a potência do seu sorriso. — Nós não queremos te magoar. Apenas queremos fazer algumas perguntas sobre seu avô. Seu nome é Warren, certo? Warren T. Fox?

A dúvida relampejou em seus assustados olhos escuros. — Por que você quer saber sobre o meu avô?

— Por que seu avô costumava ser um velho amigo do meu pai, — Finn manteve seu tom calmo. — Seu nome era Fletcher Lane. Você veio ao Pork Pit hoje perguntar por ele, perguntar pelo Homem de Lata, lembra?

Um pouco do medo de Violet diminuiu, e ela estudou Finn com muito mais interesse.

— Vamos lá, — Finn disse. — Se nós quiséssemos machucar você, já o teríamos feito. Só queremos conversar. Prometo.

Era a mesma voz suave que ele tinha usado para convencer muitas mulheres a tirarem suas calcinhas. Inclusive eu em meus anos mais novos e tolos. *Você vai ficar muito mais confortável se tirar essas roupas ensopadas. Deixe-me te ajudar a abrir o zíper do seu vestido. Ops, acabei de derramar café em seus jeans? Acho que você terá que tirá-los.*

E funcionava. Violet Fox nunca teria chance contra o absoluto charme avassalador e levemente bajulador de Finnegan Lane. Ela baixou a faca e nos estudou novamente, atentamente dessa vez, sem medo obscurecendo o seu olhar. Ela olhou um pouco mais para Finn.

— Você parece exatamente com o seu pai, — ela disse. — Ou pelo menos com a velha foto que meu avô tem dele. Mesmos olhos, mesmo cabelo, mesmo sorriso simpático.

Finn sorriu um pouco mais. Não havia nada que ele gostasse mais do que dizerem o quão gato ele era.

Violet acenou para Jo-Jo. — E eu te vi uma ou duas vezes na loja, não foi?

— Com certeza você viu, querida. Seu avô tem o melhor mel caseiro da cidade. Sempre paro e pego um pouco quando estou por perto, — Jo-Jo disse. — Agora, por que você não pousa essa faca e se serve de um pouco de sobremesa enquanto conversamos?

Depois de um momento, Violet assentiu, deu um passo em frente, e colocou a faca de volta na mesa. Finn gentilmente pegou seu braço, deu-lhe um outro sorriso, e sentou-a em um dos bancos. Eu preparei uma tigela de barras de damasco e sorvete para ela e lhe passei uma colher. Violet olhou para mim.

— E você, — ela murmurou. — Eu falei com você no restaurante hoje. E no estacionamento, depois, depois…

— Depois que eu matei o homem que te atacou, — eu disse.

Violet engoliu um bocado de ar. Jo-Jo estendeu o braço, deu um tapinha na mão da menina, e me fuzilou com o olhar. Suspirei. Eu era uma antiga assassina, não uma babá.

Não era meu trabalho suavizar o que tinha acontecido esta noite — ou ser vaga sobre o problema que a garota tinha. Mas eu era paciente o suficiente para deixar Violet Fox comer sua torta de frutas antes que começar a fazer perguntas.

Além disso, tinha bastantes barras de damasco. Uma pena, realmente, deixá-las irem para o lixo.

— Por que você veio ao Pork Pit hoje procurar pelo Homem Lata? — Perguntei. — Quem te falou esse nome?

Violet brincou com sua colher, depois pousou-a e colocou sua tigela vazia de lado. Ela respirou fundo. A garota sabia que era hora de falar. — Você vai pensar que é idiota. Infantil.

— Oh, eu duvido disso. — Falei pausadamente.

As sobrancelhas de Violet se juntaram em confusão ao ouvir o meu tom sarcástico. Jo-Jo deu mais um tapinha na sua mão, encorajando-a a continuar sua história. Violet balançou a cabeça e continuou.

— Quando eu era criança, meu avô costumava me contar histórias sobre o Homem de Lata. Ele dizia que o Homem de Lata ajudava pessoas que não podiam se ajudar. Que ele era dono de uma churrascaria chamada Pork Pit e que tudo o que você tinha que fazer era ir até lá chamar por ele, e ele faria todos os seus problemas desaparecerem. Eu achava que era uma história linda, um tipo de conto de fadas sulista.

Warren Fox pode ter-se afastado de Fletcher, mas ele ainda pensara no seu amigo de infância, o suficiente para contar à sua neta sobre o velho e o que ele fazia, de forma indireta. Embora eu não chamaria assassinar pessoas de verdadeira ajuda...

— Ah, sim. Fletcher ajudou muitas pessoas ao longo dos anos — Jo-Jo disse, interrompendo minhas reflexões. — Ele era um homem incrível.

Olhei para a anã, e depois para Sophia, a qual grunhiu seu acordo. Até Finn assentiu de um jeito conhecedor. Ao longo dos anos, eu fiz alguns trabalhos *pro bono* assim como Fletcher. Mas ajudar pessoas às escondidas? Como uma ação regular? Quando o velho fizera isso? E o mais importante, porquê?

— Então ele é real? — Violet perguntou. — O Homem de Lata?

— Claro que sim, querida, — Jo-Jo disse. — Seu nome era Fletcher Lane. Ele era o pai de Finn.

A expressão de Violet caiu. — Era?

Finn assentiu. — Ele morreu há alguns meses. Mas não se preocupe com isso agora. Conte-nos o resto da história.

Violet respirou fundo novamente. — De qualquer forma, eu não tinha realmente pensado sobre o Homem de Lata em anos – até essa manhã.

— O que aconteceu essa manhã? — Finn deu a Violet outro sorriso encorajador.

Violet abaixou a cabeça e sorriu de volta, como se ela não estivesse acostumada a receber tanta atenção masculina. Provavelmente não. Garota com óculos, e tudo isso.

— Eu sou Business Major[31] na Universidade Comunitária de Ashland. Eva Grayson é minha melhor amiga. Ela esteve no Pork Pit a noite passada. Tudo o que ela falava hoje era sobre o roubo e como a mulher atrás da caixa registradora tinha-o impedido.

Sophia bufou.

— Bem, eu tive um pouco de ajuda, — eu disse para acalmar a anã selvagem. — Então você falou com Eva e lembrou dessa história que seu avô lhe contou sobre o Homem de Lata. Ok, vou acreditar nisso. Mas por que você precisa da ajuda do Homem de Lata em primeiro lugar?

Violet roeu uma de suas unhas. — É uma longa história.

— Ainda bem que não temos nada para fazer agora.

Não mencionei que a garota não ia a lugar nenhum até que eu determinasse que ela não era uma ameaça para mim, para Finn, para as irmãs Deveraux, ou para o restaurante. Jake McAllister já me daria trabalho o suficiente. Não precisava de mais.

Violet assentiu. — Certo. Meu avô, Warren Fox, possui uma loja na Estrada Ridgeline Hollow chamada Country Daze. É uma loja antiga com garrafas de refrigerante de vidro, barris cheios de doces de um centavo, produtos locais; esse tipo de coisa. Está localizada logo depois de uma das maiores minas de carvão — Dawson Number Three. Começou como uma mina subterrânea com uma grande junta de carvão. Mas o carvão acabou há alguns anos, então a parte subterrânea está parada desde então. Agora é só uma mina inativa. O dono da mina, Tobias Dawson, anda atrás do meu avô para negociar a loja, o terreno, e os direitos minerais dele há anos. Com isso ele podia expandir a mina e procurar por mais carvão. Mas a loja e o terreno têm sido da nossa família há gerações. Vovô sempre recusou, dizendo que ele preferia morrer a ver qualquer outra montanha destruída.

Tobias Dawson. Eu conhecia esse nome. Dawson era um dos maiores operadores de minas de Ashland, um anão que tinha sido um mineiro antes de

[31] Cargo em que o aluno se comunica com desenvoltura e está apto para enfrentar situações difíceis envolvendo resolução de conflitos e tomada de decisão. Os contextos profissionais a serem trabalhados incluem: lidar diplomaticamente com conflitos de pessoas dentro da empresa, reclamações de clientes e reuniões de negociações.

ganhar dinheiro para abrir sua própria companhia. Ele não teve nada a não ser sucesso desde então. Um verdadeiro mineiro que estava sempre à procura da próxima grande junção de carvão nas montanhas. Se Tobias Dawson queria algo, ele geralmente conseguia — não importava quem morresse no processo. Dawson também era frequentador da cama de Mab Monroe. Lembrei-me de ver seu nome no arquivo que Fletcher havia compilado sobre a rainha Elemental de Fogo.

Ouvir o nome de Dawson também me fez lembrar onde eu tinha visto o símbolo que estava tatuado no braço do atacante de Violet Fox. A menos que eu estivesse errada, um bastão de dinamites aceso era o símbolo da companhia mineira de Tobias Dawson.

Violet continuou sua história. — Antes, Dawson se contentou em apenas esperar. Ele é um anão, afinal de contas, tem apenas um pouco mais de duzentos anos. Ele certamente viverá mais que meu avô, e mais que eu também. Mas ele não está mais recebendo um não como resposta. Ele tem mandado alguns dos seus homens para nos intimidar. Eles têm quebrado as janelas da loja, ameaçado os clientes, interferido nas nossas entregas. Escolham algo e eu vos direi que eles fizeram isso e muito mais nos últimos dois meses. Vovô tem sido capaz de lidar com os homens de Dawson até agora, mas estou preocupada com ele. Dawson praticamente disse a vovô que ele mataria nós dois se vovô não vendesse tudo para ele. Vovô disse não, lógico.

Eu não me incomodei em perguntar a Violet Fox se eles foram à polícia prestar queixa contra Tobias Dawson. O dono da mina dos anões tinha dinheiro suficiente para pagar aos tiras para olharem para o outro lado, e ele podia sempre usar sua conexão com Mab Monroe para conseguir que os policiais o deixassem seguir com as suas intimidações de negócios. A única pessoa que poderia ouvir os Fox era Donovan Caine. Mesmo assim, o detetive não poderia enfrentar alguém como Tobias Dawson sozinho.

Não se ele quisesse viver para contar isso.

— Então foi por isso que aquele anão te atacou esta noite, — eu murmurei. — Seu avô não estava cedendo, então Dawson decidiu lhe dar um incentivo para vender – seu cadáver.

Violet balançou sua cabeça. — Aquilo também não teria funcionado. Qualquer coisa, vovô teria pegado sua espingarda e ido à mina para acabar com Dawson.

— Onde Dawson podia tê-lo matado em legítima defesa na frente de qualquer número de testemunhas, — Finn assinalou. — De qualquer forma, Dawson teria conseguido o que ele queria – você e seu avô fora do caminho.

Violet tremeu e cruzou os braços em seu peito.

Ninguém disse nada por quase um minuto.

Então Jo-Jo olhou para mim com seus pálidos olhos incolores.

— Gin?

Gin. Meu nome adotivo. Uma palavra tão curta e simples.

Mas aquela sílaba estava impregnada com um mundo de significados.

Eu sabia o que Jo-Jo estava perguntando. Se eu ia ajudar Violet e seu avô, Warren T. Fox. Por que sem alguém como eu no outro lado, alguém simplesmente tão frio, implacável, e perigoso como Tobias Dawson, os Fox não durariam. Se eu não tivesse ficado curiosa e intervindo esta noite, Violet já estaria estuprada, morta, e fria naquele estacionamento.

Eu esfreguei minha cabeça. Não precisava disso agora. Eu devia estar aposentada, não enfiando meu nariz nos problemas dos outros. Especialmente não de *graça*. Então havia Jake McAllister e seu pai bem aparentado e advogado, Jonah. Eu não tinha dúvidas de que o jovem McAllister faria jus à sua promessa de se esforçar para me matar. E finalmente, tinha a pasta de informação que Fletcher Lane tinha me deixado — aquela sobre o assassinato da minha mãe e da minha irmã mais velha.

A foto de Bria que provava que ela estava viva, ainda em algum lugar lá fora.

Eu precisava descobrir o que fazer a respeito disso tudo. Como cuidar de Jake McAllister sem apontar o dedo para mim mesma novamente. O que fazer a respeito do pai dele. Como encontrar minha irmãzinha, Bria. Decidir se eu realmente queria fazer isso ou não. Fletcher tinha deixado todas essas perguntas para eu encontrar as respostas. Eu não precisava vagabundar nas Montanhas Apalache para ajudar um velhote e sua neta a enfrentar alguém tão perigoso e potencialmente letal quanto Tobias Dawson.

Mas minha decisão já tinha sido tomada. Eu tinha me decidido no momento que eu ficara curiosa o bastante para rastrear Violet Fox e ver em que

tipo de problema ela estava, ver por que ela queria falar com o Homem de Lata. Curiosidade. Definitivamente me levaria à morte um dia desses. Provavelmente muito, muito em breve.

— Sophia, — eu disse. — Vou precisar que você assuma o Pork Pit por alguns dias. Talvez me ajudar com algumas outras coisas também, se a necessidade surgir.

A anã gótica assentiu. Um sorriso minúsculo suavizou seu pálido rosto duro. Não tinha nada que Sophia gostasse mais do que lidar com as *outras coisas* que eu pedia.

— Finn, preciso de qualquer coisa que você possa conseguir sobre Tobias Dawson, sua operação mineira, e por que ele quer tanto o terreno dos Fox.

Finn assentiu.

— Jo-Jo, provavelmente precisarei de alguns suprimentos de cura.

A anã mais velha também assentiu.

Violet olhou entre nós quatro.

— Não entendo. Pensei que o pai de Finn, o Homem de Lata, estava morto. Como isso vai ajudar a mim e ao meu avô?

— Por que, querida, — eu disse. — Posso não ser o Homem de Lata, e eu definitivamente não sou uma heroína de conto de fadas, mas sou a coisa mais próxima disso que você vai encontrar.



Uma vez que a minha ajuda profissional estava assegurada, Violet Fox queria voltar imediatamente a casa para se certificar que seu avô estava bem.

— Esqueça, — eu disse. — Você não vai para casa esta noite. Você precisa ficar aqui e descansar. Você passou por um trauma sério. Apesar de ter sido magicamente curado, seu corpo ainda precisa de um tempo para se recuperar totalmente.

Agora mesmo, círculos roxos rodeavam seus olhos escuros, e ela se movia lentamente, como se cada movimento requeresse um esforço enorme.

Violet Fox estava prestes a desmaiar de exaustão.

Eu não mencionei que queria Violet aqui para que Jo-Jo e Sophia Deveraux tomassem conta dela. As anãs se certificariam de que Violet não fizesse nada estúpido, como contar ao seu avô sobre o ataque e fazer com que ele fosse atrás de Tobias Dawson para acertar contas.

— Mas e se Dawson mandar alguns homens atrás de vovô? — Violet perguntou.

— Ele não vai, — eu respondi. — Você mesma disse. Seu avô e sua espingarda podem lidar com os homens de Dawson. Foi por isso que o anão veio atrás de você ao invés de ir atrás dele. Ele não estava chegando a lugar nenhum ameaçando seu avô.

— Mas como você *sabe*? — Ela insistiu.

Eu dei-lhe um olhar plano. — Porque tive muita experiência com esse tipo de coisa. Dawson está provavelmente esperando um telefonema do assassino, um telefonema que indicará que você está morta. Quando ele perceber que algo deu errado, Dawson ficará muito ocupado a tentar encontrar o próprio homem e descobrir o que diabos lhe aconteceu para se preocupar com o seu avô. Pelo menos por uma noite. Acredite em mim. Temos tempo suficiente para você ter um pouco de sono de beleza.

Violet abriu a boca para argumentar comigo um pouco mais, mas eu interrompi-a.

— Você pode ligar para o seu avô e conferir. Ver como ele está, e dizer-lhe que você o verá amanhã. Mas se você quiser minha ajuda, vai ficar aqui esta noite. *Capisce*[32]*?*

Violet Fox podia ser uma estudante de gestão decidida, mas sua resistência murchou diante do meu olhar frio.

— Tudo bem, — ela murmurou. — Vou ligar para o meu avô.

— Bom, — eu respondi e coloquei mais uma tigela à sua frente. — Agora, coma mais um pouco de torta de frutas.

***

Violet Fox comia mais algumas barras de damasco com sorvete de baunilha enquanto o resto de nós conspirava. Jo-Jo e Sophia concordaram em manter um olho nela até que Finn e eu aparecêssemos mais tarde. Nós dois levaríamos Violet para casa, nos encontraríamos com Warren T. Fox, e discutiríamos o que fazer para conseguir que Tobias Dawson reconsiderasse.

Jo-Jo foi colocar Violet em um dos quartos do andar de cima, enquanto Finn tentava convencer Sophia a entrar na chuva para ver o que ela podia fazer com o sangue que Violet tinha espalhado por todo o assento traseiro do seu precioso Aston Martin. Depois que Jo-Jo terminou com Violet, a anã me levou para o salão, onde me deu um tubo de plástico. A runa em forma de nuvem da

[32] Expressão em italiano. Tradução: Entendeu?

anã decorava o topo do recipiente. Eu passei minha unha pela pálida pintura azul.

Além de cura com as mãos, Elementais de Ar como Jo-Jo também podiam infundir sua magia em vários produtos, como a pomada que ela acabara de me dar. A pomada não funcionaria tão bem como se fosse Jo-Jo me curando, mas me impediria de morrer até que pudesse chegar a ela. Jo-Jo também me deu dois outros recipientes mais pequenos, inclusive um que parecia maquiagem compacta e outro que se assemelhava a batom.

— Obrigada, — eu disse. — Tenho o pressentimento de que precisarei disso se pretendo me misturar com Tobias Dawson.

Os olhos brancos de Jo-Jo ficaram nebulosos. — Talvez. Embora eu não ache que vai ser de muita ajuda. Não dessa vez.

Sua voz era suave e distante, como se ela estivesse em algum lugar distante ao invés de na minha frente. Além dos seus poderes de cura, Jo-Jo também tinha um pouco de premonição. A maioria dos Elementais do Ar tinham. Eles podiam ler as vibrações e os sentimentos no vento assim como eu podia fazer com qualquer pedra próxima a mim.

Mas onde o meu elemento sussurrava para mim sobre o passado, o deles insinuava o futuro. Outra forma dos dois elementos serem opostos um ao outro.

Depois de um momento, os olhos de Jo-Jo clarearam, e ela olhou para mim. — Então, vamos falar sobre isso?

— Falar sobre o quê? — Perguntei, deslizando a maquiagem compacta e o batom dentro do bolso do meu jeans.

— Sobre aquela pasta que eu te dei. Aquela em que Fletcher passou tanto tempo trabalhando.

Eu fiz uma careta. Jo-Jo tinha sido aquela que tinha me dado a pasta sobre minha família assassinada, dois meses atrás, logo após o funeral de Fletcher. A anã havia me dito para vir conversar com ela quando estivesse pronta.

Outra coisa que eu ainda não tinha feito.

— O que há para falar? — Encolhi os ombros. — Por alguma razão, Fletcher Lane sabia quem eu realmente era o tempo todo, e ele nunca me disse uma palavra sobre isso. Ao invés disso, ele gastou seu tempo livre compilando

toda a informação que podia sobre minha família morta, como se eu fosse mais um de seus alvos. Algum golpe que estava tentando descobrir como dar. O velho deu a pasta a você, então foi assassinado antes que pudesse me contar sobre ela — ou o que diabos ele queria que eu fizesse com a informação. Não vejo o que nós temos para discutir.

Jo-Jo olhou para mim. — Sua irmã, para começar.

Eu bufei. — Ah, sim, minha irmãzinha, Bria, que eu descobri que está viva depois de pensar que ela morreu há dezessete anos.

— Posso entender por que você se sente magoada, por que você sente que Fletcher te traiu. Mas a família é tudo, Gin, — A anã disse numa voz suave. — Seja aquela na qual você nasceu ou aquela que você criou por si mesma. Bria é seu sangue, sua irmã, e ela está viva. Você não pode simplesmente ignorar isso.

— Fletcher deixou-me uma foto dela, mas ele não me disse como encontrá-la. Um pouco descuidado da parte dele omitir essa informação, não acha? — Eu rebati.

— Fletcher Lane nunca fez algo que ele não pretendia, — Jo-Jo disse. — Ele te deixou aquela foto por um motivo. Você entenderá o porquê um dia.

O tom de sua voz fez as rodas do meu cérebro rangerem juntas – assim como meus dentes estavam fazendo. Meus olhos cinza se fixaram nos olhos claros dela. — Você sabe, não é? Você sabe por que ele compilou aquela informação.

Jo-Jo inclinou sua cabeça. — Tenho algumas ideias.

— Se importa de compartilhar? — Perguntei num tom sarcástico.

A anã balançou a cabeça. — Não é meu assunto. Isso é entre você e Fletcher.

— Ele está *morto*.

— Não significa que ele não possa falar com você, — Jo-Jo disse. — Tudo que precisa fazer é querer ouvir.

Abri minha boca para lhe dizer para parar com a conversa enigmática, que era um pouco difícil ter uma conversa com alguém que estava enterrado sete

palmos abaixo da terra. Mas Finn escolheu esse momento para entrar no salão. Ele brincava com as chaves do seu carro.

— Pronta? — Finn perguntou.

Olhei para ele. — Sophia já limpou o sangue do banco traseiro do Aston? Como raio ela fez isso?

— Sabão, água, e um pouco de gordura do cotovelo dos anões, — Finn responder. — Aquela mulher é um gênio. O carro está exatamente como no dia em que o comprei.

Havia muitas coisas que você podia fazer com água e sabão. Eu não imaginei que tirar sangue de couro fosse uma delas. Olhei para Jo-Jo, que me deu um sorriso inocente — um que eu não achei que fosse tão inocente. Eu amava as duas irmãs anãs, mas quanto mais eu ficava ao redor de Jo-Jo e Sophia Deveraux, mais eu percebia que não sabia nada sobre elas. Não realmente. Não aquilo que parecia importar, como a verdade. Assim como eu não parecia saber a verdade sobre Fletcher Lane, também.

— Você está pronta? — Finn perguntou novamente.

Eu olhei para Jo-Jo um pouco mais, e então me virei para ele.

— Sim. Vamos sair daqui.

***

Finn me deixou na casa de Fletcher, disse que me encontraria amanhã no Pork Pit, e então voltou para o seu apartamento na cidade. Eu verifiquei o cascalho da calçada e o granito ao redor da porta da entrada, usando minha magia de Pedra para escutar distúrbios. Mas todas as pedras exalavam as silenciosas vibrações usuais. Nenhum visitante hoje.

Porém eu sempre verificava. Mesmo estando aposentada, eu não podia me dar o luxo de baixar a guarda, especialmente agora que tinha arranjado essa bagunça com Jake McAllister. Por que Jake tinha ficado realmente puto quando os policiais o carregaram para longe na outra noite. Não tinha dúvidas que ele estava a pensar no que poderia fazer para me machucar, para me fazer retirar as acusações. Afinal, ele tinha estado pronto para me fritar com sua mágica elementar de Fogo apenas pelo que estava na caixa registradora. Tortura e

assassinato não era um grande salto por aqui. Se Jake realmente viria atrás de mim ou não ainda estava no ar. Mas eu estaria preparada de qualquer forma.

Não era tão tarde, mas tive um dia infernal. Então eu tomei banho, coloquei uns pijamas, e fui para a cama. Adormeci quase imediatamente, e algum tempo depois, o sonho começou...

Eu estava no Pork Pit, cortando cebolas para acrescentar ao feijão cozido de amanhã. Apesar do aroma desagradável e ardente, meus olhos não lacrimejavam. Não mais. Não desde que minha família tinha sido assassinada. Mas isso não queria dizer que eu não conseguia me importar. Meus olhos foram para o relógio na parede: 10:05. Um minuto a mais desde a última vez que eu tinha olhado. O medo apertou meu estômago até que ele parecia tão duro quando o tijolo do restaurante ao meu redor.

— Ele está atrasado, — eu disse numa voz suave.

— Não seja uma desmancha-prazeres, Gin, — uma voz jovem zombou atrás de mim. — Ele sempre volta.

Eu parei o que estava fazendo e virei-me para olhar Finnegan Lane. Aos quinze anos, Finn era dois anos mais velho que eu, com um tufo de cabelos escuros e olhos que me lembravam grama molhada. Ele era alto, com um peito forte que já estava se preenchendo. Nada semelhante aos meus longos, desengonçados e finos braços e pernas.

Finn estava empoleirado sobre um banco na frente da caixa registradora e ele sugava os últimos vestígios do milk-shake de chocolate triplo que eu tinha preparado para ele. Finn não gostava muito de mim, me vendo como uma competição pelo tempo, atenção e afeição do seu pai viúvo.

Eu tinha esperado que um pequeno suborno fosse pelo menos fazê-lo tolerável enquanto nós esperávamos por Fletcher. Tinha funcionado. Finn tinha ficado muito ocupado engolindo a mistura rica e doce para zombar de mim.

Para variar.

Fazia três meses que Fletcher Lane tinha me adotado, e minha vida tinha se tornado tão normal quanto jamais foi. Durante o dia, eu frequentava a escola com o nome de Gin Blanco, recuperando a matéria que tinha perdido quando estive morando nas ruas e me escondendo da Elemental de Fogo que tinha assassinado a minha família. Depois da escola, eu vinha ao Pork Pit para ajudar Fletcher a cozinhar e a limpar. Era assim que eu ganhava o meu sustento. Ele podia estar

colocando um teto sobre minha cabeça, mas eu estava determinada a trabalhar por isso tanto quanto conseguisse. Não era uma vida glamorosa, e não se parecia em nada com o conforto suave e quente que eu tinha antes, mas me dava uma pequena ilusão de segurança. Algo que eu apreciava agora mais do que nunca.

Apenas uma coisa me chateava — os passeios noturnos de Fletcher. Uma vez por mês, ele desaparecia. Algumas vezes por horas, outras vezes por dias. Ele nunca disse onde ia ou o que fazia, e eu não perguntava. Mas eu sabia o que era sangue quando o via, e Fletcher estava frequentemente coberto com ele. Sangue fresco, viscoso e úmido. Espalhado por todas as suas roupas, como se ele tivesse acabado de matar alguém. Outra coisa que eu sabia, mesmo aos treze anos.

Meus olhos voltaram outra vez ao relógio: 10:07. Fletcher desaparecera assim que eu cheguei nessa tarde, dizendo que estaria de volta às sete, mais de três horas atrás. Ele nunca tinha se atrasado tanto. O que eu faria se ele não voltasse?

Para onde eu iria? Voltar às ruas era mais que provável, implorando por comida, roupas, e abrigo outra vez. Meu estômago se apertou um pouco mais…

A porta do restaurante abriu, fazendo o sino tocar. Meu coração se elevou. Um momento depois, uns grandes braços lançaram Fletcher Lane para dentro. Ele voou pelo ar, bateu numa mesa, deslizou sobre ela e caiu no chão. Fletcher grunhiu e tossiu. Seu sangue salpicou o chão impecável que eu tinha passado a tarde esfregando.

Outro homem entrou no Pork Pit, fechou a porta atrás dele, e deu a volta. Mesmo com um zumbido em meu ouvido, eu pude ouvir o clique da fechadura. Ele havia nos trancado lá dentro.

— Papai! — Finn gritou.

Finn começou a ir na direção do seu pai machucado, mas o homem ficou na frente do Fletcher e bateu em Finn. O adolescente voou através do restaurante. Ele também bateu na mesa, deslizou para o chão, e ficou imóvel. Eu permaneci atrás do balcão, olhos arregalados, sem acreditar no que estava realmente acontecendo.

Agora não. De novo não. Por favor, por favor, de novo não.

— Você devia ter aceitado o trabalho, Lane, — o homem estranho rosnou.

Ele era um gigante, quase sessenta centímetros mais alto que eu. Ele tinha um peito tão largo e forte que me lembrava um banco de ferro virado de lado. Seu

cabelo preto rodeava seu couro cabeludo como uma tigela invertida, enquanto um cavanhaque cobria seu queixo quadrado.

— Eu te disse... Douglas, — Fletcher respondeu asperamente. — Jamais... matarei... crianças.

— Você deveria ter feito uma exceção. Por que agora é você quem vai morrer.

Douglas pontapeou Fletcher.

Fletcher grunhiu e tossiu mais sangue. Eu arfei. Os olhos cor de avelã do gigante voaram para mim, estabelecendo-se no meu peito inexistente.

— Bem, bem. — Ele estalou seus lábios. — Olá, belezinha. Iremos nos divertir um pouco quando eu terminar aqui.

— Deixe-a em paz, — Fletcher disse. — Ela é só uma criança.

Fletcher tentou se levantar, mas Douglas se inclinou e socou-o no rosto. Eu ouvi sua mandíbula quebrar do outro lado do restaurante, e ele caiu de volta no chão com um grunhido agudo de dor.

Finn ainda estava onde havia caído. Eu apertei uma mão contra minha boca para me impedir de gritar.

— Sabe, — Douglas disse, arregaçando as mangas da camisa. — Eu vou gostar de te bater até a morte, Lane. Faz um tempo desde que tive minhas mãos ensanguentadas.

Meu estômago revirou, e por um momento, eu achei que iria vomitar. Minha mãe, minha irmã mais velha, Annabella, minha irmã mais nova, Bria. Nos últimos meses, eu tinha perdido todas as pessoas que eram importantes para mim. Eu não podia perder Fletcher também. Simplesmente não podia. Ele tinha sido a única pessoa que tinha me mostrado um pouco de bondade, um pouco de compaixão.

Ele era o único que restou que se importava se eu estava viva ou morta.

Mas o que eu podia fazer? Douglas não pararia até que Fletcher estivesse morto — ou ele estivesse. Ele tinha dito isso, e Fletcher não estava em condições para lutar. Não agora.

Naquele momento, eu soube o que tinha de fazer se quisesse salvar Fletcher, se quisesse salvar a mim e à pequena bolha frágil de vida, de normalidade, de segurança, que eu tinha construído no Pork Pit.

Meus olhos cinza foram para a faca que eu ainda segurava, aquela com que eu estive cortando as cebolas. Uma calma estranha pairou sobre mim, e meus dedos se apertaram em torno do punho até que o aço inoxidável ficou firmemente sobre a cicatriz em forma de aranha que estava embutida na minha palma.

— Deixe-o em paz, — eu *disse e virei a faca embaixo do balcão, fora do campo de visão do gigante.*

Douglas parou de arregaçar as mangas da sua camisa para me olhar. — O que você disse, menininha?

Respirei fundo. — Eu disse para deixa-lo em paz, seu bastardo gordo, feio e cara de vaca.

Os olhos de Douglas se estreitaram. — Bem, você é uma das briguentas? Uma pena que vá morrer tão jovem - e tão dolorosamente.

O gigante passou por cima Fletcher e começou a vir na minha direção.

Fletcher ergueu as mãos, tentando pará-lo, mas ele estava muito fraco e machucado para impedir o homem maior e mais forte. Permaneci atrás do balcão e movi meu braço direito para detrás da minha perna, escondendo a faca. Douglas rodeou o balcão e me alcançou.

Sua mão esquerda agarrou o meu ombro, me empurrando em direção a ele. Alguma coisa colidiu com o meu braço, e dor explodiu pelo meu corpo. Seu punho direito já estava recuando para me bater.

De alguma forma, eu empurrei a dor para longe, tomei fôlego, avancei, e bati a faca no peito dele o mais forte e fundo que eu consegui.

Minha pontaria devia ser melhor do que pensei, por que os olhos cor de avelã de Douglas se arregalaram em surpresa e dor. Mas ele não caiu. Ele cambaleou para trás. Eu mantive o meu aperto sobre a faca, e ela deslizou do peito dele. Sangue cobria meus dedos, era como se fosse gordura quente queimando minha mão. Eu queria derrubar minha arma. Oh, como eu queria derrubá-la. Eu teria, se Douglas não tivesse começado a rir.

— Vadia estúpida, — ele disse. — Você acha que uma pequena facada vai me parar? Vou gostar de te fazer pagar por isso.

Ele veio para mim novamente, mas eu não hesitei.

Antes que ele pudesse me bater, eu guinei para frente e apunhalei-o de novo. Senti a lâmina bater em algo em seu peito.

Uma costela, talvez, ou algum outro osso. A sensação me fez querer vomitar.

Douglas gritou novamente, mais alto dessa vez, e sua mão musculosa agarrou meu cabelo castanho, puxando minha cabeça para trás. Pensei que meu pescoço iria se quebrar. Com o canto do meu olho, eu vi o brilho de presas amareladas em sua boca. Um vampiro.

Ele era um gigante, e também um vampiro. Um que queria beber meu sangue para substituir aquele que ele perdeu.

O pânico me preencheu. Antes que ele pudesse afundar seus dentes em meu pescoço, eu tirei a faca do seu peito massivo e enfiei em seu corpo novamente.

E novamente.

E novamente.

Eu o esfaqueei uma e outra vez. Sangue, lágrimas e muco cobriam-me como uma segunda pele. Alguém estava gritando. Eu.

Douglas soltou meu cabelo e deslizou para o chão, mas eu não parei meu ataque. Ele chutou, pegando minha perna. Meu joelho se curvou, e eu tropecei para trás, agarrando a borda da caixa registradora para me apoiar. Meu ombro queimava, assim como as palmas das minhas mãos tinham feito quando a elemental de Fogo que havia assassinado minha família tinha me torturado ao fazer-me agarrar meu próprio medalhão de runa em forma de aranha. O vampiro gigante caiu sobre seu estômago e se arrastou ao redor do balcão. Uma pequena parte de mim percebeu que ele não ia mais lutar comigo, que ele estava na verdade tentando ficar longe de mim.

Mas eu ainda fui atrás dele.

Eu me atirei em suas costas e enfiei a faca entre as suas omoplatas. Com meu peso sobre ele, a arma afundou-se até ao cabo em sua carne. Dessa vez,

Douglas não gritou. Algo parecia ceder em seu corpo, e ele se acalmou. Eu ergui minha faca e apunhalei-o novamente…

Mãos ásperas se instalaram nos meus ombros. Eu me debati, mas elas eram mais fortes, prendendo meus braços nos meus lados.

Ele me colocou perto do seu peito, e o cheiro de chicória me lavou, penetrando o fedor de cobre de sangue fresco.

— Acabou, Gin, — Fletcher disse no meu ouvido. — Acabou. Ele está morto. Você pode parar de esfaqueá-lo.

Fletcher murmurou palavras doces em meu ouvido, ainda me embalando nos seus braços. A faca escorregou das minhas mãos trêmulas e tiniu no chão…

O som deveria ter sido apenas em meu sonho, mas o seu eco afiado me acordou. Então rapidamente, eu estava no meio do meu quarto com a cabeça na porta antes de perceber que era apenas um sonho, outra de minhas memórias desagradáveis se manifestando. Por um momento, eu senti uma raiva histérica queimando em mim, aquela necessidade profunda e primitiva de sobrevivência, não importando o preço ou as consequências.

O instinto que tinha ditado tanto da minha vida.

Eu suspirei e esfreguei as remelas dos cantos dos meus olhos. Meu professor de Psicologia da comunidade universitária teria dito que os sonhos, os vislumbres do passado, eram minhas formas psicológicas de lidar com o trauma. De me curar.

Charlatão. Para mim, os sonhos, as lembranças, eram ensaios cansativos, como o fantasma de Marley[33] chocalhando suas correntes pesadas para Scrooge[34]. Eu já tinha passado pelos acontecimentos uma vez. Não precisava da repetição cinematográfica à noite.

E eu certamente não precisava pensar neles agora.

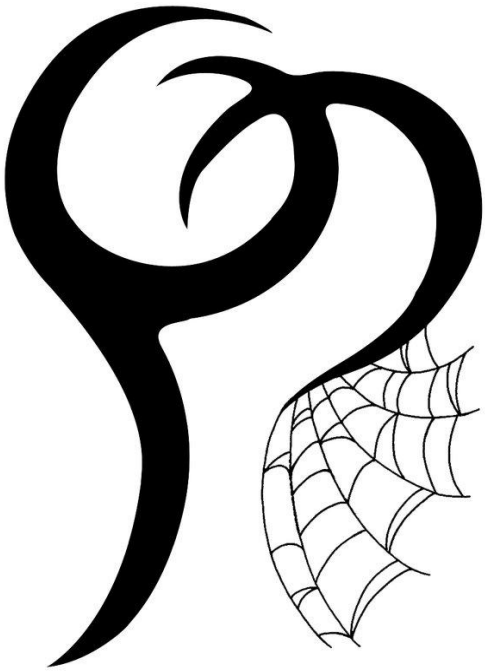
Então me arrastei até à cama, me aconcheguei de novo no lugar aquecido entre os lençóis de flanela, e me forcei a relaxar. Deixar meu corpo afundar no colchão. Destravei a minha mandíbula, desenrolei meus punhos, e esqueci sobre

[33] Jacob Marley é um personagem fítico que aparece no conto de Charles Dichens *A Christmas Carol.*

[34] Ebenezer Scrooge era o parceiro de negócios de Marley.

a noite em que eu assassinei um homem tão brutalmente dentro do Pork Pit. Um de muitos.

Mas apesar dos meus esforços, ainda levou muito, muito tempo para que eu caísse no sono mais uma vez.



Capítulo 13

— Isso está começando a se tornar irritante, — eu disse.

Pouco antes do meio-dia no dia seguinte, eu estava na frente do Pork Pit. Mais uma vez, o restaurante estava tão vazio quanto uma igreja na noite de sábado, com exceção de Sophia Deveraux, que estava na parte de trás do balcão misturando vinagre branco, açúcar, maionese e pimenta preta. Ela estava preparando o tempero para um lote de salada de repolho. Hoje a anã gótica havia iluminado seu guarda-roupa um pouco. Em vez de sua habitual camiseta preta, ela usava uma que era vermelho sangue — e decorada com recortes rendados de caixões brancos. O colar em seu pescoço parecia uma grossa cobra com pedaços de pedrinhas brilhantes.

Meus olhos pousaram nas cabines vazias, nas mesas abandonadas, nos bancos desertos. Normalmente, quarta-feira era um dia agitado, com pessoas chegando para pedir seu churrasco reparador do meio da semana. Mas não hoje. Eu sabia que Jonah McAllister era o guru número dois de Mab Monroe, que ele era um escorregadio, poderoso e corrupto advogado por direito próprio, mas ele devia ter mais influência do que eu imaginava, uma vez que conseguiu convencer as pessoas a ficarem longe do Pork Pit dois dias seguidos. Fiquei imaginando quanto tempo o advogado poderia manter a pressão — e o que eu poderia fazer sobre isso. Além de matar o bastardo. O que só me causaria mais problemas.

— Você já mandou todos para casa com o pagamento? — Perguntei. — É por isso que não há ninguém aqui exceto você?

— Um-mmm. — O grunhido de Sophia para sim.

A anã gótica começou a colocar o tempero num monte de repolho verde, repolho roxo e cenoura, mesmo não estando ninguém por perto para comer. Uma pena, realmente.

Finn não devia aparecer por mais alguns minutos, então decidi me servir de um prato de comida enquanto esperava. Ninguém mais iria estar clamando por churrasco hoje.

Um sanduíche de churrasco de carne bovina, feijoada, chá gelado de amora preta, e um pouco da salada de repolho da tina de metal da anã. Peguei na minha comida e sentei numa das mesas no meio do restaurante, assim eu poderia ver Finn descer a rua e ainda falar com Sophia.

Estava na metade da minha refeição quando o sino sobre a porta da frente soou. Olhei para cima, esperando ver Finn.

O homem vestia um terno impecável e sapatos sociais polidos, mas era aí que sua semelhança com Finnegan Lane terminava.

Seu cabelo cinza metálico se dividia no lado, com um grosso doo-wop[35] que enrolava para cima, para baixo, e ao redor da sua testa como uma colher de servir casquinha de baunilha. Tendo em conta o cabelo grisalho, eu teria colocado a sua idade em torno de sessenta. Mas ele tinha o rosto de um homem muito mais jovem — suave, bem barbeado, e curiosamente livre de rugas, mesmo nos cantos de seus olhos castanhos. Meu palpite? Os melhores tratamentos faciais que um elemental do Ar poderia oferecer.

Debutantes e esposas-troféu não eram as únicas pessoas fúteis em Ashland. Ele havia deixado seu cabelo ao natural, no entanto. Provavelmente pensando que a cor prata o fazia parecer mais distinto.

Ainda assim, por todo o seu vigor juvenil, o homem irradiava charme auto-consciente da maneira que um vendedor de óleo de cobra[36] fazia. Aperte-lhe a mão e você estará limpando a gordura dela pelos próximos dez minutos. E se perguntando onde sua carteira foi. Reconheci-o de suas muitas fotos no jornal e no arquivo grosso de Fletcher sobre Mab Monroe e seus lacaios.

[35] http://www.thecoachellavalleyartscene.com/wp-content/uploads/2010/08/for_past.jpg

[36] Vendedores de óleo de cobra falsamente afirmavam que as poções poderiam curar qualquer doença. Hoje em dia, refere-se a produtos falsificados.

Jonah McAllister, o mais esperto advogado de Ashland e conselheiro pessoal da própria Mab, tinha acabado de entrar no meu restaurante.

E ele não estava sozinho.

Jake McAllister desfilava atrás de seu velho. Jeans de estrela do rock, T-shirt vintage, botas pesadas, um casaco de couro preto que quase tocava o chão. Outro traje punk.

Dois guarda-costas gigantes também entraram no restaurante, ocupando todo o espaço disponível perto da porta da frente.

Os capangas eram provavelmente emprestados pela Mab Monroe, através de seu outro homem número dois, Elliot Slater, que também era um gigante. Se eu tivesse um cliente hoje, ele não teria sido capaz de entrar com os dois gigantes que bloqueavam a entrada.

Olhei para os gigantes, com seus grandes olhos de besouro e ternos pretos que provavelmente tinham necessitado todo um campo de algodão para serem faturados. Nenhuma saliência reveladora podia ser vista sob os seus braços. Pelo menos eu não teria que me preocupar com eles atirando em mim se as coisas corressem mal por aqui. Eles desfrutariam mais se me batessem até à morte, de qualquer maneira. Os gigantes que trabalhavam para Elliot Slater eram conhecidos por isso.

Mas em vez de olhar para mim ou até mesmo para Sophia, o olhar de McAllister deslizou sobre as cabines azuis e rosa, as trilhas de porco desbotadas no chão, as mesas limpas, a antiga caixa registradora. Seus olhos eram semelhantes ao do filho — planos, castanhos, duros — mas sem o brilho ardente da magia. Jake deve ter herdado o seu poder de Fogo de sua mãe. Ela morreu há vários anos, lembro-me de ter lido isso no arquivo de Fletcher.

Jonah McAllister não disse nada. Eu poderia muito bem não estar sequer no mesmo ambiente com o homem por toda a atenção que ele me deu. Sua arrogância me irritou.

Se esse era o jogo que ele queria jogar, eu estava mais do que feliz em participar. Eu polvilhei um pouco mais de pimenta preta em cima da minha salada de repolho, cavei meu garfo no monte colorido, e dei outra mordida. Doce e azedo. Sim, essa era a maneira como as coisas estavam indo hoje.

Finalmente, após dois minutos de leitura intensa, Jonah McAllister olhou para mim. Recebi o mesmo tratamento que ele tinha dado ao resto do

restaurante. Um olhar lento e pensativo que pesava, media e calculava o meu valor até o último centavo enferrujado.

— Suponho que você seja Gin Blanco, a proprietária deste belo estabelecimento, — disse McAllister, em uma rica, profunda e sonora voz de barítono, que explodiria como um trovão nos recintos fechados de um tribunal.

Eu mastiguei a salada de repolho e inclinei a cabeça.

— Sou. Não se preocupe em apresentar-se. Já sei quem você é, Sr. McAllister.

Jonah acenou para mim e apontou para a cadeira do lado oposto da mesa. — Posso ter a gentileza de tirar vantagem de sua hospitalidade?

Os meus lábios se contraíram. Oh meu, ele já estava abusando do seu charme, como manteiga suave em um biscoito quente. — Claro.

McAllister desabotoou o paletó e sentou-se.

Jake fez um movimento para se juntar a nós, mas seu pai virou um par de olhos frios na direção de seu filho. — Na cabine, Jake. Agora.

Jake se sacudiu como um cão que tinha sido chicoteado tantas vezes que tudo o que precisava para fazê-lo se esconder era o menor sussurro da voz do seu dono. Mas ele fez o que seu pai pediu e deslizou numa cabine perto da janela da frente — a mesma que Eva Grayson e sua amiga Cassidy tinham usado há duas noites atrás.

Os dois guardas gigantes permaneceram junto à porta principal. Mãos nos lados, peito estufado para fora, espinhas tão retas quanto os mastros das bandeiras no Quatro de Julho[37]. Eles poderiam ter sido estátuas por toda a emoção ou interesse que demonstraram, embora os seus pálidos olhos esbugalhados nunca me deixaram, nem mesmo por um instante. Ainda assim, era um desleixe da parte deles ficarem tão longe. Eu poderia facilmente agarrar uma das minhas facas silverstone e cortar a garganta de Jonah McAllister antes que os guardas pudessem dar dois passos.

Jonah McAllister voltou sua total atenção para mim. Um leve sorriso levantou seus lábios, embora seu rosto tinha sido tão tratado pela magia elemental do Ar que nenhuma linha apareceu em qualquer lugar. O pequeno

[37] Feriado em que se comemora o dia da Independência nos Estados Unidos da América.

sorriso fez pouco para disfarçar o frio brilho calculista em seus olhos. Ainda assim, ele tinha uma presença própria, uma espécie de comando no ar que provavelmente fazia as pessoas prometerem-lhe seu primogênito, se ele lhes desse um momento de seu tempo. O olhar duro deu-me vontade de rir. McAllister não era nada comparado com algumas das pessoas que eu enfrentei como a Aranha.

— Agora, Srta. Blanco, — disse ele numa voz suave. — Vamos conversar.

— Claro, — respondi. — Vamos papear.

— "Agora, eu sei sobre suas dificuldades com o meu filho na outra noite, mas você tem que perceber que ele não estava se sentindo como ele mesmo. Estava, Jake?

Jake McAllister olhou para o chão. — Não, — ele murmurou e chutou a parte inferior da cabine à sua frente.

Jonah balançou a cabeça com a resposta esperada, não importando quão mal-humorada, falsa, e relutante esta tenha sido. — Como você pode ver, meu filho se sente terrível sobre sua participação no incidente da noite de segunda-feira. Vim aqui hoje na esperança de podermos resolver esta situação sem qualquer outra interferência, da polícia ou do sistema judicial. O que você diz?

Por um momento, eu só olhei para ele. O homem tinha um conjunto de bolas de silverstone, eu lhe daria isso. Jonah McAllister tinha coragem de sobra. Ele tinha vinho ao meu local de trabalho e estava tentando fazer com que seu filho psicopata escapasse de uma longa pena na prisão. Ponderei jogar com ele, fingir ser a caipira fraca que ele tão obviamente pensava que eu era. Deixá-lo tentar me manipular da mesma maneira que ele fez com todos os júris, todos aqueles que tentaram enfrentar Mab Monroe. Seria um inferno de um show, se nada mais. Mas eu tinha outras coisas para fazer hoje, e outros problemas para cuidar, tal como descobrir por que Tobias Dawson queria Violet Fox morta. Eu não tinha tempo, ou mais importante ainda, a inclinação para joguinhos. Além disso, eu nunca tinha sido boa a interpretar a vítima.

— Sejamos claros, — repliquei. — Você está me pedindo para retirar as acusações contra seu filho, certo? Retratar o meu depoimento à polícia, me recusar a depor, et cetera, et cetera, et cetera. Isso é o que todo o contato visual, palavras oleosas, e charme falso querem dizer, sim?

Jonah McAllister franziu o cenho, surpreso pelo meu tom brusco. Seus olhos se estreitaram, e eu encontrei o seu olhar. Algo em meus olhos cinza deve

ter mexido com ele, porque o sorriso em seu rosto diminuiu. Hora de mudar de tática.

— Tudo bem, — disse Jonah McAllister. — Você quer ser compensada pelo seu problema. Eu certamente posso entender isso.

Ele enfiou a mão no terno e tirou um fino talão de cheques preto e uma caneta-tinteiro Mont Blanc que combinava.

— Quanto você quer?

Eu ri.

Os risos retumbaram da minha garganta como gases de escape da motocicleta. Baixo, espesso, preto. Mais uma vez, os lábios de McAllister se apertaram numa linha fina e dura, mesmo que o resto do seu rosto não conseguisse seguir o exemplo. O advogado não gostou de ser ridicularizado. Pena. Porque ele tinha acabado de fazer cócegas no meu osso engraçado com sua tentativa descarada de suborno, quer ele pretendesse ou não.

— Desculpe, — murmurei. — Na verdade, eu não estava à espera que você trouxesse seu talão de cheques, muito menos que o tirasse do bolso. Você certamente tem um estilo próprio, Sr. McAllister, tentando me subornar no meu próprio restaurante.

— Estou apenas tentando cuidar desta confusão, Srta Blanco, — McAllister respondeu num tom suave. — Não é a primeira vez que eu conserto as asneiras do meu filho, e tenho certeza que não será a última, não importa quantos reformatórios eu o tenha enviado ao longo dos anos. Então, por que você simplesmente não responde à minha pergunta para podermos acabar com essa pequena encenação.

Eu levantei uma sobrancelha. — E que encenação seria essa?

McAllister deu uma breve risada. Baixa, espessa, preta, como a minha tinha sido. — A ideia ridícula de que você vai testemunhar contra o meu filho em qualquer tribunal de justiça em Ashland ou em qualquer outro lugar. A noção absurda que eu alguma vez *permitiria* tal coisa acontecer.

— Não é uma encenação, Sr. McAllister, — eu disse. — Tenho a intenção de testemunhar contra o seu filho — e não há nada que você possa me oferecer para fazer-me mudar de ideia. Certamente não dinheiro.

Jonah McAllister se inclinou para frente. Seus olhos castanhos queimavam agora, embora não com magia elemental de Fogo. Em vez disso, o advogado pôs toda a força do seu charme em seu olhar. — Vamos lá, Srta. Blanco. Não há necessidade de brincar ao cidadão honrado comigo. Eu fiz uma pesquisa. Você é uma órfã, alguém sem objetivos, uma errante que teve sorte de conduzir este restaurante depois que o proprietário, um primo distante que a assumiu, foi assassinado há alguns meses. Inferno, você nem consegue decidir sobre um curso para que possa se formar na faculdade comunitária onde você tem tantas aulas.

Bom saber que a identidade falsa de Gin Blanco que eu tinha trabalhado tão arduamente para construir ao longo dos anos havia passado na inspeção minuciosa de alguém como Jonah McAllister.

Mas isso não parou a lâmina de dor que me cortou. Porque suas palavras eram mais verdadeiras do que ele percebeu. Eu tinha sido uma espécie de errante, alguém sem objetivos, até o assassinato de Fletcher.

Aquele evento brutal e suas consequências me fizeram olhar atentamente para a minha vida — e me fizeram começar a mudar.

Eu era ainda um trabalho em progresso, mas estaria condenada se Jonah McAllister fosse ameaçar tudo o que era meu.

McAllister deve ter achado que meu silêncio significava que eu estava considerando a sua proposta e decidiu aumentar as apostas. — Além disso, estou certo que há algo que eu tenha que você achará de valor ou interesse.

Eu balancei minha cabeça. — Você não tem nada que eu queira, McAllister. Absolutamente nada. Agora por que você não acaba com a encenação de pai preocupado que só está tentando fazer o melhor para pelo seu filho? Nós dois sabemos que o pequeno Jakie é uma completa vergonha. Ele lhe disse que ia matar duas garotas apenas por diversão?

— Cala a boca, vadia, — Jake rosnou de sua cabine. — Ou fritarei o seu traseiro.

Olhei para ele. — Você não me assusta, Jakie. Pensei que o nosso encontro na outra noite lhe tinha provado isso, mesmo você estando drogado com sua própria magia elemental de Fogo na altura.

Mais faíscas de ódio acenderam nos olhos de Jake, e a mágica ira ardente lentamente preencheu seu olhar. Jake abriu a boca, mas seu pai levantou uma mão bem cuidada. Assim como o rosto, a mão também era livre de rugas.

— Se você sabe quem eu sou, Srta. Blanco, então você sabe para quem trabalho, — Jonah disse com uma voz suave. Mudando sua tática novamente. Mostrando as armas grandes.

— Mab Monroe, — respondi. — Todo mundo sabe disso.

— Então você sabe as conexões que tenho, o poder, a influência. Posso fazer as coisas muito difíceis para você, se assim o desejar. Você verá que se levantar e fazer a suposta coisa certa é algo muito desgastante.

Meus olhos se estreitaram, mas eu não respondi.

— Você já se perguntou por que não teve quaisquer clientes nos últimos dois dias? — Jonah disse numa voz doce.

— Não, — respondi. — Percebi que era você, dizendo às pessoas para ficarem longe do Pork Pit. Quanto tempo acha que pode fazer isso?

— O tempo necessário para você perceber que não pode ganhar, — respondeu ele. — Manterei as pessoas afastadas até você sair do negócio, se for preciso. Tenho o dinheiro, o tempo, os recursos e a motivação para seguir com isso. Talvez você devesse pensar sobre isso antes de tão arrogantemente jogar fora a minha oferta generosa. Estou tentando ser civilizado sobre as coisas. Confie em mim quando lhe digo que você não gostaria da alternativa.

O bastardo estava mesmo tentando me intimidar. Tentando me esmagar do jeito que tinha feito com tantas outras pessoas ao longo dos anos. Isso poderia ter funcionado se eu ainda tivesse treze anos, morasse nas ruas, e lamentasse a perda de minha família.

Isso poderia ter funcionado se eu ainda fosse Genevieve Snow.

Mas não importa o quanto eu mudei, não importa o quanto eu tentei ser diferente e deixar a minha antiga profissão para trás, parte de mim sempre seria a Aranha, a assassina tão afiada como as facas silverstone que ela carregava. Eu não havia sido pequena, fraca, ou assustada por um longo tempo. E certamente não seria agora.

— Continue pelo tempo que gostar, — eu disse. — Faça o que quiser para manter as pessoas longe do Pork Pit. Ainda estarei aqui todos os dias, com as portas abertas, comida quente e pronta. Prefiro dar a minha comida para os ratos nas ruas do que fechar por uma fodida *hora* devido a alguém tão desprezível quanto você. Foi claro o suficiente?

O charme deixou os olhos de Jonah McAllister, como xarope derramando sobre uma panqueca. — Claro como cristal. Muito ruim, Srta. Blanco. Muito ruim para você.

— Eu disse que nós deveríamos simplesmente matar a vadia, — Jake estalou. — Vamos lá, Pai. Deixe-me matá-la, aqui, agora. Aquela vadia anã atrás do balcão também.

Ira fria se espalhou pelo meu corpo quando ouvi as suas palavras. Uma coisa era entrar no meu restaurante, no restaurante de Fletcher, e me ameaçar. Eu não esperava nada menos da dupla pai-e-filho. Sabia no que me estava a meter quando fiz Jake McAllister ser preso. Mas eu estaria condenada se deixasse o punk elemental de Fogo falar mal da minha família — ou ameaçá-los de qualquer maneira. E Sophia Deveraux era família. Assim como Jo-Jo e Finn.

Fletcher Lane havia sido assassinado a cinco metros de onde estávamos sentados. Ele tinha sido brutalmente torturado por uma sádica elemental do Ar. Nada disso jamais aconteceria com a minha família novamente. Não enquanto eu ainda respirasse. Especialmente não aqui.

Era hora de deixar Jake McAllister saber que eu não tinha medo dele e de suas ameaças insignificantes — e exatamente do que eu era capaz se a situação ficasse crítica.

— Você não foi homem o suficiente para cuidar de mim por si mesmo, Jakie, — eu disse. — E então? Agora você vai pedir ao Papai e a seus guardas para ajudá-lo? Patético.

Evidentemente, Jake McAllister não conseguia lidar com uma pequena crítica porque ele colocou-se de pé. Fogo brilhou em seus olhos, e chamas vermelho-alaranjadas jorraram de seus punhos cerrados. Ele investiu em mim.

Por um segundo, eu me sentei lá e considerei as minhas opções, algo que provavelmente deveria ter feito antes de abrir a minha boca e começar a antagonizar os McAllisters.

Mas alguém precisava tirar aquela expressão de desdém do rosto de Jake McAllister, e eu queria ser a pessoa a fazer isso. Eu tinha conseguido, porque agora, raiva enchia os olhos de Jake. Se o deixasse colocar as mãos em mim, eu ia levar uma dolorosa surra. Uma que não iria parar até que eu estivesse morta, especialmente com os guarda-costas gigantes de Jonah no restaurante. Só havia uma coisa a fazer agora. Reagir e fazer Jake pensar duas vezes antes de mexer comigo novamente. De qualquer maneira, essa era a única coisa que eu sabia fazer.

Um pouco antes de Jake me bater, eu levantei, peguei meu prato da mesa, dei um passo em frente, e bati a coisa toda em seu rosto o mais forte que consegui.

Comida respingou nos olhos de Jake, e o cominho, a pimenta vermelha e as outras especiarias no molho de churrasco o fizeram gritar. Ele tropeçou para trás, virou uma cadeira, e caiu de bunda no chão — duro. Jake amaldiçoou e tentou tirar a sujeita do seu rosto. Ele estava muito ocupado fazendo isso para segurar a sua magia, e as chamas que dançavam entre as suas mãos se apagaram.

Eu me virei para encarar Jonah McAllister e os dois guardas gigantes. E esperei.

Com o canto do meu olho, eu vi Sophia sair de trás do balcão. A anã segurava uma colher de metal em sua mão. Com sua força, isso poderia facilmente se transformar num taco de beisebol. Sophia me apoiaria da maneira que tinha feito na outra noite. Era isso que a família fazia.

Jonah McAllister a viu também e percebeu que as chances tinham caído de quatro para dois. Ele olhou através das janelas da frente. Pessoas se moviam de um lado para o outro na rua, algumas saindo para almoçar e outras voltando para o trabalho. Mais de uma olhou para o interior do Pork Pit enquanto passava. Algumas pessoas até desaceleraram o suficiente para conseguir uma boa visão do que estava a acontecer.

Eu podia ver as engrenagens girando na mente do advogado. Ele considerava os benefícios de ordenar que seus guarda-costas gigantes nos matassem agora contra a possibilidade do povo assistir a isso e lhe causar mais problemas. Sua chefe, Mab Monroe, podia dominar Ashland, mas com certeza ela gostava que seus lacaios cuidassem de seus próprios negócios.

Jake se livrou de um pedaço de salada de repolho e se pôs de pé. Mas antes que o elemental de Fogo pudesse investir em mim novamente, Jonah McAllister abanou a cabeça. Um dos gigantes avançou e colocou a mão no ombro de Jake,

segurando-o no lugar. Seu pescoço quase estalou pela parada abrupta. A pele ao redor dos olhos estava vermelha e irritada devido à comida picante, mas isso não se comparava às faíscas de magia quente que piscaram em seu olhar cheio de ódio.

— Vamos, Pai, — disse Jake, olhando por sobre o braço do gigante e suplicando a seu pai. — Vamos matar a vadia. Ela não vai colaborar com a gente.

Jonah McAllister olhou para o filho, depois para mim. Ele se pôs de pé e abotoou o seu paletó. — O que eu lhe disse sobre arruinar pessoas, Jake?

— É mais divertido fazê-lo lentamente, — Jake murmurou.

Jonah assentiu. — Isso mesmo. Vamos ver como a Srta. Blanco se sente daqui a alguns dias, depois dela ver que não conseguirá nenhum cliente, e tiver contas para pagar. Até então, Srta. Blanco.

Então Jonah McAllister tinha decidido se ater à sua especialidade — esmagar as pessoas por meios mais ou menos legais.

— Até então, Sr. McAllister. — Meus olhos foram para Jake. — Só porque você envolveu seu papai não exclui a minha ameaça. Você chega perto de mim ou do meu restaurante de novo, e quebrarei mais do que apenas o seu pulso. Você me entende?

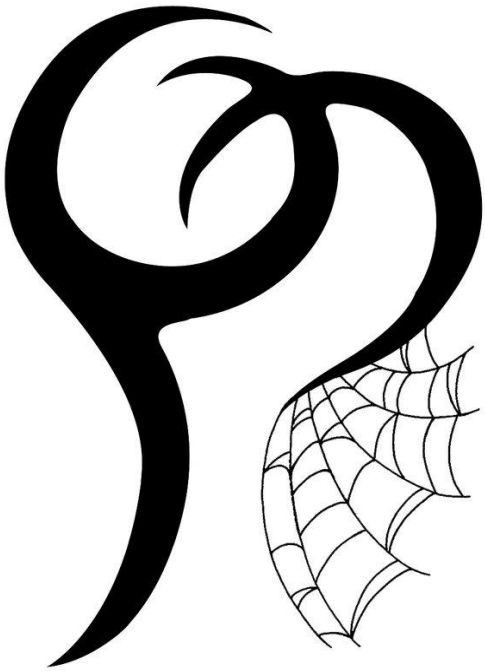
Jake lutou contra o gigante. — Você está morta, vadia! Morta! Você está me ouvindo? Você está me ouvindo? Morta!

Jonah deu a seu filho um olhar desgostoso e se dirigiu para o exterior do Pork Pit. Os gigantes flanquearam Jake, pegaram-no pelos braços e o arrastaram para fora.

Seus gritos roucos reverberaram através da rua — assim como as suas ameaças. Na outra noite, eu tinha apenas insultado Jake por ter saído vitoriosa. Agora, eu o humilhei na frente de seu pai. O elemental de Fogo não podia permitir esse deslize. Não se quisesse que o velho ao menos fingisse respeitá-lo.

Com ordens do papai ou não, Jake McAllister viria por mim, mais cedo ou mais tarde, com toda a sua raiva elemental de Fogo abastecida.

E quando ele viesse, eu ia destripar o bastardo — de uma vez por todas. Não importando quantos problemas isso poderia me causar.



Capítulo 14

Uma vez que os gritos de Jake McAllister desapareceram, eu lancei um olhar por sobre meus ombros para Sophia. — Foi bom pra você também?

— Hmph. — A anã me deu seu grunhido habitual e se dirigiu ao esfregão e ao balde no canto mais distante.

— Deixe a comida onde está, — eu disse. — É a minha bagunça. Limparei depois. Além disso, não vamos ter mais clientes hoje. Vá para casa, Sophia. Descanse um pouco. Você merece.

Os olhos pretos de Sophia encontraram os meus. Ela grunhiu novamente e pegou o esfregão mesmo assim. Eu suspirei. Um tijolo era mais tagarela e sensível que a anã gótica. Então eu me ajoelhei para pegar a louça quebrada e alguns pedaços esmagados de comida. Eu tinha acabado de jogar tudo fora e lavar minhas mãos na torneira quando o sino sobre a porta da frente badalou novamente. Eu me virei, uma faca Silverstone já deslizando em minha mão.

Mas dessa vez era apenas Finn.

Seus olhos verdes foram para Sophia e a bagunça que ela estava limpando. — Eu perdi alguma coisa?

— Sim, — eu respondi. — Jake McAllister acabou de passar por aqui — e o pai estava com ele.

Finn piscou. — Jonah McAllister veio ao restaurante? O que ele queria? O que ele disse?

Eu dei de ombros. — Que eu retirasse as acusações contra seu filho. Foi a descer a partir daí. Tentativa de suborno, ameaças de violência, a promessa do meu próprio assassinato. O especial de Ashland.

Finn suspirou. — E deixe-me adivinhar; você disse aos McAllister exatamente o que eles podiam fazer com suas ameaças.

Eu sorri. — Você me conhece.

Finn balançou sua cabeça. — Gin você realmente quer começar uma briga com a família McAllister? Achava que você quisesse curtir sua aposentadoria, viver uma vida legal, limpa e simples.

— Não, eu não quero dar início a uma guerra com os McAllister.

Finn arqueou suas sobrancelhas em desconfiança. — Vamos lá, Gin. Só admita. Você gosta de mexer o nariz para caras maus e mostrar a todo mundo exatamente quão forte e capaz você é. Você sempre gostou. Foi por isso que você pressionou tanto os McAllister hoje.

— Tudo bem, tudo bem, — eu murmurei. — Talvez a minha aposentadoria tenha sido um pouco mais entediante do que eu pensava que seria. Talvez tenha sido legal bater a porta no nariz de Jake quando ele cometeu o erro estúpido de tentar me roubar. Talvez tenha sido ainda melhor fazer o mesmo com o velho dele. Mas se eu tivesse deixado Jake ir naquela noite, eu teria uma dúzia de Jake McAllister aqui hoje, todos pensando que poderiam passar por cima de mim por um rápido chumaço de dinheiro. Você sabe disso. Ashland é toda sobre a sobrevivência dos mais fortes. Sempre foi. A notícia de que você é um alvo fraco ou fácil se espalha, e você está acabado, não importa em qual negócio esteja.

Finn deu de ombros para mostrar seu acordo.

— Além disso, se eu desistir dos McAllister agora, eles vão pensar que ganharam, vão pensar que realmente me *assustaram* hoje. Jake começaria a vir aqui o tempo todo, só para dar uma de senhor para cima de mim. Ele pensaria que o restaurante era seu próprio pequeno feudo pessoal, pegaria meu dinheiro, e aterrorizaria meus clientes. E eu simplesmente não suportaria isso. Não no restaurante de Fletcher. Não quando ele trabalhou duro por tanto tempo para não pagar dinheiro de proteção para ninguém. — Eu suspirei. — Por outro lado, é muito tarde para tudo isso agora, de qualquer forma. Deixei Jake McAllister puto

mais uma vez, o envergonhei na frente do pai. Ele não vai esquecer isso. Ele vai me matar – ou ao menos tentar. Ele tem que me matar, ou ele nunca terá o respeito do seu pai novamente. O pouco dele que havia.

— E então o que você vai fazer? — Finn perguntou. — Você mata Jake, e Jonah cairá sobre você como uma tonelada de tijolos. Infernos, ele pode até conseguir o apoio de Mab Monroe se isso acontecer.

Algumas semanas atrás, alguém tinha armado para eu ser morta como parte de um jogo de poder contra Mab Monroe, para tentar lhe roubar o controle de Ashland. Eu tinha sido pega no meio, o que significava que eu já estava mais envolvida com a Elemental de Fogo do que jamais quisera estar.

Eu pensei naquele pedaço de papel no arquivo que Fletcher tinha compilado sobre o assassinato da minha família, aquele com o nome de Mab nele. Talvez eu estivera sempre envolvida com a Elemental de Fogo – simplesmente não sabia disso. — Lidarei com Jake McAllister quando ele fizer seu movimento.

Finn abriu sua boca novamente, mas eu ergui minha mão para interrompê-lo.

— Chega de conversa, — eu disse. — Nós temos outra pessoa com quem lidar hoje, lembra? Warren T. Fox. Então vamos pegar Violet e ver o que o vovô tem a dizer em sua defesa.

Finn e eu deixamos Sophia limpar o resto da bagunça e fomos para casa de Jo-Jo pegar Violet Fox. Finn tinha ligado para dizer que estávamos a caminho, e as duas esperavam na varanda da frente por nós. Ambas estavam sentadas em cadeiras de balanço que rangiam com cada vai e vem. Jo-Jo tinha arrastado a cesta de Rosco para fora, e o basset hound gordo e preguiçoso estava sentado nos pés da anã, cochilando num fragmento de luz do sol que entrava pelas ripas da varanda.

Sophia devia ter emprestado algumas de suas roupas para Violet, por que a garota estava vestida com um par de calças pretas e uma camiseta correspondente com um enorme conjunto de lábios vermelhos nela. Apesar da figura cheia de Violet, as roupas pendiam da sua estrutura. Sophia Deveraux tinha um pouco mais de músculo do que Violet.

Jo-Jo vestia um de seus muitos vestidos rosa floridos e um cordão com pérolas tão grandes quando os dentes de um gigante.

Seu cabelo loiro platinado estava preso num coque cacheado, e uma maquiagem perfeita cobria seu rosto.

Como de costume, a anã estava descalça, apesar do ar frio de Novembro. Jo-Jo odiava usar meias. Dizia que elas faziam seus pés doerem.

Finn e eu andamos até à varanda. Violet se levantou, mas Jo-Jo permaneceu na sua cadeira de balanço.

— Dormiu bem? — Eu perguntei.

— Tão bem quanto seria de esperar, suponho. Mas Jo-Jo realmente me fez sentir em casa. — Violet deu a sua hospedeira um sorriso envergonhado.

— Jo-Jo é boa nisso. Nós deveríamos ir andando.

— Diga oi a Warren por mim, — Jo-Jo disse a Violet. — Diga-lhe que logo irei lá buscar mais um pouco de mel.

Violet assentiu. — Obrigada. Por tudo.

Jo-Jo sorriu para ela. — De nada. Volte e nós trabalharemos em seu cabelo, querida.

Violet franziu a testa, e sua mão subiu para seus cachos loiros encaracolados. — O que há de errado com o meu cabelo?

Jo-Jo lançou-lhe um olhar duro. — Nada que um tratamento de óleo quente e uma hidratação profunda não possa resolver.

A carranca confusa de Violet se aprofundou, mas eu peguei seu braço e a puxei para as escadas antes que ela pudesse pensar muito sobre suas pontas duplas. Finn nos seguiu, e nós caminhamos até ao carro. Uma vez que íamos para as montanhas, Finn decidiu que iria dirigir seu oh-tão-resistente Cadillac Escalade ao invés do seu Austin Martin.

Violet parou na frente do SUV e olhou para nós.

— E o meu carro? Vocês o levaram para algum lugar ontem a noite?

Finn e eu trocamos um olhar. Levar o carro de Violet Fox para um local mais seguro tinha sido a última coisa em minha mente.

— Tivemos que deixá-lo no estacionamento, — eu disse. — Nós estávamos mais preocupados com você do que com o seu carro.

O rosto de Violet empalideceu. — Você quer dizer – você quer dizer que o deixou lá no estacionamento de Southtown? A noite toda?

A preocupação dela era mais que justificável. Deixar um carro naquela vizinhança era simplesmente implorar por problemas. A essa altura, o veículo tinha provavelmente sido despojado de tudo menos o isqueiro. Infernos, alguém provavelmente tinha-o roubado também.

— Ele deve estar bem, — Finn responder num tom esperançoso. — É apenas um Honda. Muitos anos de idade. Não é como se eu deixasse meu Aston Martin lá.

Ele deu de ombros com o pensamento. Violet mordeu o lábio inferior.

— Você tem seguro, não tem? — Eu perguntei.

Violet assentiu.

— Então você pode se preocupar com seu carro depois. Agora nós precisamos ver seu avô. Você ainda quer que ajudemos vocês dois, certo?

Violet assentiu novamente. — Claro. Como eu disse, o Homem Lata era minha única esperança. Agora vocês são minha única esperança.

Única esperança? Quão *Star Wars*. Eu fiz uma careta. Mas não disse a Violet Fox quão deslocada sua esperança em mim era, quão desencaminhada, quão ridícula até. Que eu só trazia morte às pessoas, não esperança. Que eu estava fazendo essa boa ação rara e pro bono devido à minha maldita curiosidade insaciável.

— Venha, — eu disse, abrindo a porta do SUV. — Vamos embora.

***

Finn saiu da subdivisão de Jo-Jo e avançou em direção ao norte. Seguindo as instruções de Violet Fox, nós deixamos os subúrbios para trás e atravessamos o coração de Northtown, onde os ricos, os milionários, e os multimilionários viviam. As pessoas não tinham mansões em Northtown — elas tinham

propriedades. Se não fosse pelas rodovias, portões de ferro, e paredes de tijolos elegantes que podiam ser vistas das ruas, você pensaria que a área era deserta.

Por que ninguém com riqueza, magia, ou verdadeiro poder era deselegante o bastante para deixar suas casas serem vistas da estrada.

Nós seguimos em frente, ainda em direção ao norte. O terreno se tornou rochoso e mais acidentado, quando as colinas das planícies foram substituídas por cumes com protuberâncias e montanhas cobertas de pinheiros.

Casas começaram a aparecer no canto da estrada, embora fossem bem menos grandiosas do que as McMansões escondidas que ocupavam as propriedades de Northtown. A estrada diminuiu de quatro para duas pistas e torceu numa série de ziguezagues que daria náusea à maioria das pessoas.

Ao invés de sedans lustrosos e SUVs com vidro fumados, nós começamos a passar por depósitos de lixo — e caminhões de carvão na estrada.

Após cerca de trinta minutos dirigindo, Violet levantou o braço e apontou para algo. — É ali, logo depois do cruzamento.

Finn diminuiu a velocidade e estacionou. Olhei para a estrutura que estava ante nós. A construção em tábuas de dois andares devia ter sido uma casa ou talvez uma cabana de caça. Embora estivesse claramente velha, o edifício ostentava uma nova camada de tinta branca, com as persianas aparadas num verde pálido.

Havia um anexo menor ao lado, que se conectava à estrutura principal por uma pequena passagem coberta.

Escadas de madeira levavam a uma varanda que era ainda maior que a de Jo-Jo. A varanda se prolongava ao longo de três edifícios. Umas cadeiras de balanço podiam ser vistas ao lado da porta da frente, assim como barris cobertos com tabuleiros de damas. A placa de zinco que estava acima da entrada principal brilhava feito uma moeda nova no sol. Country Daze, estava lá escrito com tinta verde que combinava com as persianas. Os telhados dos três prédios também eram de zinco, do tipo que fazia uma chuva fina e regular soar como uma sonata clássica.

O estacionamento — se você quisesse chamá-lo assim e não apenas de cascalho solto, rodeava a loja como uma lua crescente. Um sinal de pare estava posicionado à direita, e a estrava se transformava num T, forçando-o a ir para a direita ou para a esquerda. Um dos sinais de trânsito indicava o caminho que

levava à interestadual. Outro sinal mostrava uma seta e as palavras Dawson Nº 3. Menos de um quilómetro e sessenta de distância. Interessante. Talvez eu tivesse que ir verificar a mina de carvão, depois de conhecer o ilustre Warren T. Fox.

Nós saímos do carro. Em baixo das minhas botas, o cascalho do estacionamento vibrava com o som do tráfego e dos pneus rolando continuamente através dele. Um resmungo baixo que me dizia que as pedras tinham visto muitas pessoas e muitos carros. Nada sinistro, apenas atividades da vida cotidiana.

Um sorriso iluminou o rosto de Violet e suavizou seus olhos, afastando algumas das sombras remanescentes da noite passada.

— Você realmente gosta desse lugar, não é? — Eu perguntei.

Ela assentiu. — Meus pais morreram quanto eu tinha dez anos. Meu avô acolheu-me e criou-me. Tenho o ajudado com a loja desde então. É como minha segunda casa, sabe?

Violet Fox e eu éramos mais parecidas do que ela se dava conta, por que eu realmente sabia. Me sentia da mesma forma em relação ao Pork Pit. Foi por isso que reagi tão mal, tão defensivamente, quando Jonah McAllister tinha vindo me ver hoje — por que ele não estava apenas ameaçando meu negócio, meu sustento, ele também estava ameaçando meu lar. Um pedaço do meu coração. O último pedaço de Fletcher Lane que eu tinha, uma vez que o velho estava morto e enterrado e tinha me deixado nada mais que enigmas para resolver.

Violet começou a caminhar em direção à loja, mas eu agarrei seu braço.

— Fique atrás me mim.

— Por que? — Ela perguntou.

— Apenas faça isso, está bem?

Finn me olhou por sobre o capô do SUV. — Você acha que vai ter problemas lá dentro, Gin?

Eu dei de ombros. — Não sei. Mas se esse lugar é tão popular, por que não há mais carros aqui? É hora do almoço. As pessoas deveriam estar aqui, pegando um sanduíche ou uma bebida gelada.

Os olhos verdes de Finn pincelaram o estacionamento de cascalho. Apenas outro carro estava estacionado nele, um sedan da marinha anônimo. Seus olhos foram para a estrada. Um fluxo constante de tráfego passava no cruzamento, mas nenhum dos motoristas olhava para a loja, muito menos se dirigia ao estacionamento. O rosto de Finn se contraiu.

— Tem estado quieto desde que Dawson começou a mandar seus homens para nos assediar, — Violet explicou. — As pessoas não gostam de parar num lugar que possa estar com problema. Algumas vezes, temos sorte de conseguirmos cinco clientes em oito horas. Provavelmente é só um dia fraco.

— Vamos lá, — eu disse. — Vamos descobrir.

Eu fui à frente, com Finn atrás de mim e Violet na retaguarda. Enquanto nós atravessávamos o estacionamento, eu agarrei uma das minhas facas silverstone. Se tivesse algum problema lá dentro, eu seria a primeira a ver — e queria estar preparada para lidar com isso.

Os degraus não rangeram com o meu peso. Eles eram demasiado suaves e gastos para fazerem isso. Eu subi-os, abri a porta da frente, e entrei.

Country Daze era exatamente o que eu esperava. Pisos de madeira velhos e com marcas. Exibição de camisas de turistas, chaveiros, e outras bugigangas. Uma variedade ímpar de ferramentas e equipamentos de ar livre. Barris cheios de balas, caramelos, e pralinas açucaradas envolvidas em celofane. Um par de refrigeradores cheios com garrafas antigas de vidro.

Mais alguns com sanduíches e outros lanches. Mesas cheias de mel, conservas de morango, e manteiga de maçã. Uma prateleira rotativa com óculos de sol baratos. Disposições agradáveis de colchas, cestas, e outros itens artesanais mais caros.

Um grande balcão cheio de joias de prata formava um quadrado sólido no meio da loja. Um homem velho estava atrás dele, uma mão descansando num revólver grande com um cabo de madeira marcado.

O pouco que restava do seu fino cabelo branco estava arrepiado, como se tivesse levado um choque com a minha aparição. Seus olhos eram escuros e brilhantes, como se dois caramelos de chocolate tivessem sido entupidos em seu rosto. Ele tinha mais ou menos a minha altura, agora que estava um pouco curvado pela idade. Sua pele era de um marrom escuro e reluzente, o que queria dizer que ele possivelmente era descendente dos Americanos Nativos, muito provavelmente dos Cherokee pelo lugar onde morava. Linhas profundas estavam

entalhadas em seu rosto ao redor de sua boca apertada, como se ele franzisse muito a testa.

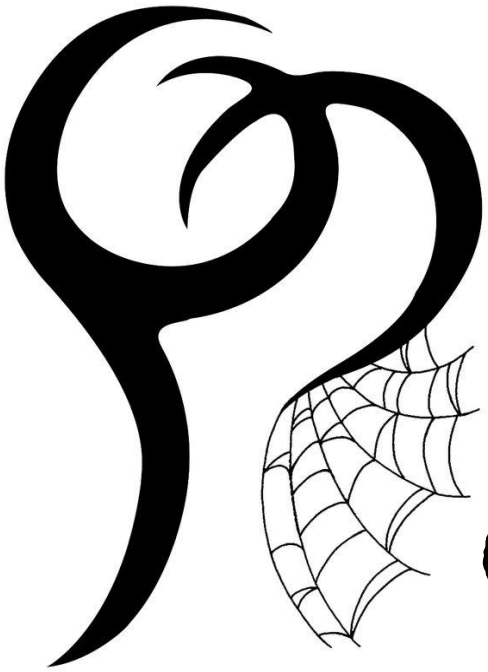
Mas talvez o mais preocupante fosse o fato de que ele usava uma camisa de trabalho azul que poderia ter saído diretamente do guarda-roupa de Fletcher. Seus olhos escuros mantinham a mesma determinação feroz que os de Fletcher sempre tinham tido, e eu podia dizer por sua postura orgulhosa que essa loja era sua vida, seu reino, e significava tanto para ele quanto o Pork Pit tinha significado para Fletcher. O homem diante de mim não parecia nada com meu mentor assassinado, mas em algumas formas, ele era a cópia de Fletcher. Isso me inquietou — e me fez sentir uma maciez que ele nada tinha feito para merecê-la.

Eu não precisava que Violet me dissesse que esse era seu avô, Warren T. Fox. Um excêntrico velho tolo que tinha provavelmente um maldizer tão logo olhasse para você. Eu conhecia o tipo. Eu tinha sido criada por alguém assim.

Mas Warren T. Fox não estava sozinho.

Havia outro homem com ele, alguém que também não precisava de apresentação. Alguém que eu já conhecia muito bem.

Detetive Donovan Caine.



Capítulo 15

Agora eu sabia a quem o sedan lá fora pertencia. Tinha *carro policial* escrito por todo ele. Eu só não sabia que pertencia ao *meu* policial.

Os dois homens se viraram ao ouvirem os meus passos no chão desgastado. Warren T. Fox franziu o cenho. Surpresa preencheu os olhos dourados de Donovan Caine.

— Gin? — Perguntou o detetive. — O que você está fazendo aqui?

— Você a conhece? — Warren Fox perguntou. Sua voz era alta, fina, esganiçada, como alguém assobiando através de uma flauta quebrada.

— Sim, — Caine disse em voz baixa. — Você pode dizer que eu a conheço.

Bem o suficiente para dormir comigo. Bem o suficiente para querer fazer o mesmo novamente. Apesar de eu ter matado o seu ex-parceiro.

Abri minha boca para responder quando Finn e Violet entraram na loja. A menina andou ao meu redor, foi direto para seu avô, se inclinou por sobre o balcão de madeira, e deu-lhe um abraço apertado.

O rosto do velho suavizou-se por um momento, e um brilho de umidade cobriu seus olhos. Então ele franziu a testa e se afastou da mulher mais jovem.

— Onde você esteve? — Ele estalou. — Estive preocupado com você.

Violet suspirou. — Eu liguei para você ontem à noite, vovô, lembra? Disse que estava com Eva.

Os olhos castanhos do velho se estreitaram. — Sim, ligou, e você soou peculiar. Mas eu não fiquei realmente preocupado até que Eva telefonou para cá esta manhã. Ela disse que vocês duas deveriam tomar café da manhã, e você não apareceu.

O rosto de Violet se contraiu em um olhar de oh-merda-eu-acabei-de-ser-pega.

— Eu tentei telefonar para o seu celular para esclarecer o assunto, — Warren continuou. — Sem resposta.

— A bateria morreu, — disse Violet, numa voz suave e desesperada.

Eu não sabia por que ela ainda estava tentando manter a sua história. A verdade ia surgir no minuto seguinte, dois no máximo. Eu supunha que Violet só queria poupar seu avô dos detalhes feios sobre o que lhe tinha sido feito na última noite. A maioria das pessoas tendia a bloquear coisas assim. Às vezes eu desejava poder fazer o mesmo, em vez de reviver o passado do jeito que eu sempre fazia.

— Eu liguei para o colégio, para Eva outra vez, e para todos os seus amigos que eu pude lembrar. Ninguém te viu desde a noite passada, — Warren respondeu num tom seco. — Você sabe o quão preocupado eu estava com você? Com tudo o que vem acontecendo? Então liguei a Donovan para informar seu desaparecimento.

Olhei para Caine. Então era isso que o detetive estava fazendo aqui. E para Warren usar o seu primeiro nome, era porque os dois se conheciam. O detetive me viu olhando e encolheu os ombros.

Violet se encolheu novamente, e Warren abriu a boca para atacar sua neta com mais algumas palavras.

Mas eu o cortei.

— Chega. Violet não voltou para casa na noite passada porque alguém tentou matá-la.

Isso o calou. A boca de Warren se abriu, e ele apenas olhou para mim. Assim como Donovan Caine. Violet mudou o seu peso de pé. Finn encostou-se num dos refrigeradores.

Diversão encheu seus brilhantes olhos verdes.

— Agora que eu tenho sua atenção, — eu disse. — Deixe-me contar exatamente o que aconteceu na noite passada.

***

Nós cinco acabamos na ampla varanda que ficava na frente da loja. Sentei-me no parapeito da varanda e me encostei numa das colunas que sustentava o inclinado telhado de zinco. Finn estava em uma posição semelhante à minha frente. Donovan Caine estava largado nos degraus entre nós, enquanto Warren T. Fox e Violet balançavam para trás e para frente em duas das cadeiras antiquadas.

— E aí está, — eu disse, encerrando o meu conto.

— Por isso Violet não voltou para casa ontem à noite. Porque ela estava um pouco ocupada tendo seu rosto remontado por uma elemental do Ar. O nome dela é Jo-Jo Deveraux. Você pode conhecê-la.

Warren me encarou, seus olhos escuros estreitados e pensativos. Seu olhar foi para Finn, em seguida, voltou para mim. Pensando em algo — ou melhor, em alguém. Fletcher Lane.

— Deixe-me ver se entendi, Gin, — disse Donovan Caine. — Violet foi ao seu restaurante à procura de um cara que se chamava o Homem de Lata. Aí alguém disparou no Pork Pit, mas você foi atrás do atirador e percebeu que ele estava mirando Violet. Então você usou seu recibo do cartão de crédito para invadir a sua informação pessoal e encontrá-la na Faculdade Comunitária de Ashland.

— Na verdade, eu fiz isso, detetive, — disse Finn. — A única coisa que Gin sabe invadir[38] são corpos quentes.

[38] Hack, no original – “invadir”, mas também pode significar “cortar”, “golpear”.

Atirei-lhe um olhar sujo. Eu não tinha dito a Warren e Violet o que costumava fazer, mas eu tinha certeza que o velho ranzinza havia adivinhado. Afinal, ele tinha conhecido Fletcher.

Donovan sacudiu a cabeça, ignorando o comentário de Finn. — Vocês foram para a faculdade e viram um anão atacar Violet. Gin interfere, e os dois a carregam para um curandeiro que vocês conhecem. Eu entendi direito?

— Mais ou menos, — respondeu Finn. — Embora você tenha deixado de fora a parte onde eu ajudei Gin a subjugar o assaltante.

— Você e uma caminhonete monstro, — ataquei. — Eu fiz todo o trabalho duro e sujo, se você lembra.

Finn sorriu para mim.

Ao ver isso, Warren Fox emitiu um som profundo da garganta, quase como uma tosse sufocada. Ele olhou para Finn.

— Você é a cara de seu pai quando sorri desse jeito.

Um pouco da alegria abandonou os olhos verdes de Finn.

— Isso é o que as pessoas me dizem. Ele está morto, você sabia? Há mais de dois meses.

Warren balançou-se para trás na cadeira e acenou com a cabeça. — Eu sei. Vi o óbito no jornal. — O velho olhou para Finn por mais um momento, então virou-se para mim. — E você é a menina de Fletcher, não é? A que ele tirou das ruas há muitos anos atrás?

Eu franzi a testa. — Sim, eu sou. Como você sabe sobre isso?

Warren encolheu os ombros curvados. — Fletcher e eu podemos ter tido uma briga, mas eu o observava.

Ninguém disse nada. Mas Donovan Caine olhou para mim, perguntas em seus olhos dourados. Apesar de termos dormido juntos, o detetive não sabia sobre o meu tempo vivendo nas ruas — ou que minha família havia sido brutalmente assassinada por uma elemental de Fogo quando eu tinha treze anos. Que eu tinha sido torturada pela vadia sádica e escapado por pouco com vida.

Eu não estava certa de que queria que ele soubesse. Pena era a última coisa que eu queria do detetive — ou de qualquer outra pessoa.

Violet se aproximou, colocou a mão jovem e lisa em cima da marrom e cheia de manchas de Warren e parou seu balanço. — Gin veio para nos ajudar, avô.

— Ela veio? — Warren murmurou.

Donovan franziu a testa. — Ajudá-lo com o que, Warren?

O velho retomou seu balanço. — Não é nada. Apenas o bastardo Tobias Dawson.

O cenho franzido do detetive se aprofundou. — Tobias Dawson? O anão proprietário da mina?

— Ele quer a terra onde a loja está, — explicou Violet em voz baixa. — Sempre quis, mas ele se tornou mais insistente nos últimos dois meses.

— Não é nada, — Warren murmurou novamente. — Apenas suas ameaças usuais e tumultos. Ele sabe que nunca vai conseguir a loja ou a terra até que eu esteja girando na minha sepultura.

— Ou até que o estupro e morte prematura de sua neta o coloquem lá, — apontou Finn. — O que quer que Tobias Dawson fez no passado, ele decidiu jogar para valer agora — começando com Violet.

Os dedos da colegial foram para seu rosto, e seu nariz se torceu, como se ela estivesse revivendo a dor que sofreu na noite passada. Ela estremeceu.

Donovan observou a reação de Violet. Um olhar triste e doente encheu seus olhos. Como um detetive, Donovan tinha visto a sua quota de vítimas. Ele sabia o quanto Violet tinha sido ferida, como um pedaço de sua inocência tinha sido arrancada e jamais seria recuperada. Raiva e impotência apertaram as feições ásperas de Donovan. Porque ele também sabia o quão difícil poderia ser obter justiça para as vítimas como Violet.

Especialmente em Ashland.

Warren notou o estremecimento de Violet também. Sua face enrugada se apertou, e raiva brilhou como um relâmpago negro em seus olhos.

Ele esticou o braço e acariciou a mão da neta.

— Não pense sobre isso, querida, — disse Warren. — Nunca mais pense no que aconteceu ontem à noite. Porque Tobias Dawson e seus homens nunca mais colocarão outra mão em você. Eu prometo. Não importa o que eu tenha que fazer para detê-los. — Ele murmurou as últimas palavras.

— Você deveria ter me dito, — Donovan Caine o cortou. — Eu poderia ajudá-lo com Dawson. Fazê-lo recuar.

Finn bufou de descrença. O detetive olhou-o fixamente.

— Por favor, — Finn zombou. — A maioria dos policiais de Ashland não conseguem fazer um filhote de cachorro desistir de um brinquedo de mastigar, muito menos controlar alguém como Tobias Dawson. Você sabe que ele é amigo de Mab Monroe, certo? Você dando a Dawson o olhar duro de policial não lhe vai causar indigestão, muito menos fazê-lo recuar.

— Então o que você sugere? — O detetive estalou.

— Bem, — eu falei lentamente. — Houve uma razão para eu dirigir até aqui hoje.

Donovan voltou seus olhos dourados para mim. Decepção brilhava no seu olhar. — Oferecer seus serviços para Warren, certo? Cuidar de Tobias Dawson em sua própria maneira especial?

— Algo assim.

Desgosto encheu o rosto áspero do detetive. — Uma vez um assassino, sempre um assassino.

Violet deixou escapar um suspiro suave.

Warren olhou para mim. — Então você faz o que Fletcher Lane, o que o Homem de Lata fazia.

— Eu costumava. Estou aposentada agora.

Warren me avaliou com seus brilhantes olhos castanhos. — E como ele te chamava?

Eu encontrei o seu olhar. — A Aranha. — As cicatrizes de runa na minha mão coçaram ao som do meu apelido antigo de assassina. Minha boca se torceu. — Talvez você já tenha ouvido falar de mim.

Warren deu um breve aceno de cabeça. — Sim, ouvi algumas coisas.

Ninguém disse nada. Um pouco de vento soprou do alto da montanha e levantou um pouco de poeira no estacionamento de cascalho. A brisa passou, e os redemoinhos minúsculos morreram.

— Eu quero te agradecer por salvar a vida da minha neta, — disse Warren. — Mas por que você realmente veio aqui? Por que você quer arriscar seu pescoço por duas pessoas que nem mesmo conhece? Por que você quer confusão com alguém como Tobias Dawson? Como seu amigo disse, ele não é alguém que você queira entrar no lado oposto.

— Sim, — Donovan interrompeu. — Pensei que você tinha se aposentado.

Olhei para o detetive. Nossos olhos se encontraram e prenderam, e o calor familiar aqueceu a boca do meu estômago. Como resposta, calor acendeu nos olhos de Donovan, embora ele tentou sufocá-lo com indiferença fria.

Eu segurei o olhar do detetive por mais um momento, então voltei minha atenção para Warren T. Fox, que tinha parado seu balanço. Sua face enrugada estava vazia e sem emoção, como se ele não se importasse nem um pouco com a minha resposta, mas seus dedos se cavaram nos braços da cadeira. Warren precisava de mim, e ele sabia disso — mesmo que Donovan Caine não soubesse.

— Você está certo, — eu disse em voz baixa. — Não conheço você e sua neta, não me importo com vocês. Por que estou aqui? Porque você há algum tempo atrás contou à sua neta uma história sobre o Homem de Lata, sobre como ele ajudava pessoas com problemas. Você e Fletcher Lane podem não ter-se falado por décadas, mas você ainda se importava o suficiente, pensava o suficiente nele para contar essa história a Violet. Então, eu estou aqui por causa de Fletcher. Porque vocês dois eram como irmãos no passado. Porque se Fletcher ainda estivesse vivo, ele estaria sentado bem aqui, quer você quisesse ou não.

Havia mais do que isso, é claro. Muito mais.

Como o fato de que eu senti esse parentesco peculiar com os Fox. Que de uma maneira estranha, ver Violet e Warren juntos era como olhar para uma doce e inocente versão de Fletcher Lane e eu mesma. O que poderia ter sido, se as circunstâncias tivessem sido diferentes. Talvez fosse louco, mas eu queria que os

Fox permanecessem do jeito que estavam. Continuando a amar e a lutar. Mantendo o que restava de sua inocência, especialmente Violet.

Minha boca torceu novamente. — Além disso, minha aposentadoria tem sido muito entediante. A última noite foi a mais excitante que eu tive em eras. E eu me encontro interessada no porquê alguém como Tobias Dawson quer tanto colocar as mãos em sua terra que estaria disposto a matar por isso. Eu não me importo muito com valentões assim.

— Uma curiosa, huh? — Warren perguntou.

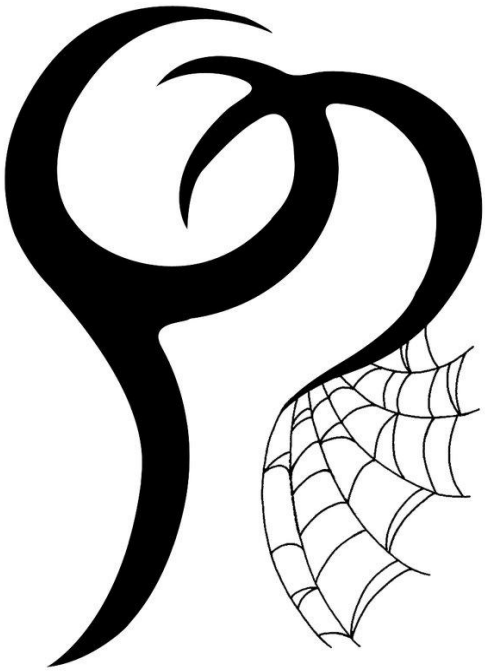
Eu sorri. — É um traço que recebi de Fletcher. Então o que você diz? Devo fuçar e ver o que posso descobrir? Ou Finn e eu deveríamos entrar no carro e voltar para o Pork Pit? A escolha é sua, Warren.

O velho olhou para mim, aquele olhar pensativo em seus olhos novamente. Como se soubesse alguma coisa sobre mim que nem mesmo eu sabia. Mas Warren não teve a chance de responder.

Na estrada, um SUV preto desacelerou. Em vez de passar direto como todos os outros carros e caminhões, ele entrou no estacionamento de cascalho. Por um momento, pensei que os Fox iam conseguir o seu primeiro cliente do dia. Então eu vi o banner branco na porta do carro. Aquele onde se lia Companhia de Mineração Dawson. O *"i"* em *Mineração* tinha sido alterado para se assemelhar a uma runa — um bastão de dinamites aceso. A mesma runa que o anão que havia atacado Violet tinha tatuado em seu bícep.

Finn notou a escrita e a runa também e olhou para mim. — Problemas, — disse ele em voz baixa.

— Você acha? — Eu perguntei, já alcançando uma das minhas facas.



Capítulo 16

O SUV parou, as portas se abriram e vários homens saíram de lá. Um após o outro, eles continuaram vindo. Era como se fossem palhaços amontoados num carro de circo e essa fosse a única chance deles escaparem. Cinco homens no total: dois gigantes, dois homens musculosos mais baixos, e um anão. Os gigantes e os homens musculosos vestiam roupas de trabalho — macacões sujos, botas robustas, luvas grossas. O anão usava algo melhor — jeans limpos, botas, uma camiseta escura, e um blazer preto apertado que faria o Hulk rasgar as mangas se ele respirasse demasiado forte.

O anão caminhou para a varanda e o resto dos homens o seguiram. Finn e eu trocamos um olhar rápido, e ele fez um movimento com a sua mão. Eu assenti e deslizei para a esquerda, me ocultando numa sombra que se agrupava na varanda. Finn se moveu para a direita. Donovan Caine permaneceu nos degraus da varanda, porém o detetive levantou-se. Warren e Violet Fox permaneceram sentados em suas cadeiras de balanço. O rosto de Violet empalideceu e ela colocou os braços sobre seu estômago, como se estivesse tentando não vomitar. Uma carranca aprofundou as linhas ao redor da boca de Warren.

O anão parou na base das escadas que levavam à varanda de madeira. Ele engatou seus polegares nas presilhas das calças jeans e colocou um pé num dos degraus.

Botas pretas de pele de cobra cobriam seus pés. Chamas vermelho-alaranjadas se espalhavam ao longo do topo, enquanto um pequeno pedaço de Silverstone pendia das extremidades pontiagudas. Um chapéu escuro descansava na cabeça do anão, fazendo-o parecer mais alto que seu metro e meio de altura, e

o laço da gravata ao redor de seu pescoço apresentava uma peça turquesa quase tão grande quanto meu punho.

Alguém gostava de brincar de cowboy.

O cabelo do anão era crespo, uma juba loira arenosa que caía por seus ombros. Seu nariz era um pedaço de carne bulbosa que se sobressaia de seu rosto como um furúnculo, e um bigode largo e selvagem pendia de sobre os seus lábios. Seus olhos eram de um pálido azul penetrante, e seu rosto bronzeado.

— Warren, — o anão resmungou.

— Tobias, — rebateu o homem velho.

Os dois homens se encararam da maneira que velhos inimigos fazem. Com olhos semicerrados, olhando fixamente, nenhum disposto a recuar, olhar para longe, ou mesmo piscar primeiro.

Enquanto Tobias Dawson e Warren T. Fox encaravam-se, meu olhar voou para os homens que estavam atrás do anão. Os dois homens menores eram humanos, embora provavelmente tinham um pouco de sangue de gigante neles, dada a aparência dos seus músculos e punhos poderosos. Seria fácil derrubá-los com as minhas facas. Os gigantes atrás deles seriam ou pouco mais desafiadores — especialmente considerando o fato de que cada um dos seus punhos era apenas um pouco menor do que a minha cabeça. Eu teria que rolar e balançar com eles, tal como tinha feito com o assassino anão na noite passada. Ainda assim, nada que eu não pudesse lidar.

Meus olhos cinzas pousaram mais uma vez em Tobias Dawson. Ele seria o verdadeiro problema, o verdadeiro teste. Principalmente porque eu senti um pouco de poder escorrendo dele, como um pedaço de lixa roçando contra a minha pele. Mágica. O anão loiro bigodudo tinha algum tipo de mágica Elemental.

Sendo eu mesma uma Elemental, eu podia sentir quando outros usavam suas magias. Mas existiam algumas pessoas como Dawson que, bem, *vazavam* magia, por falta de uma palavra melhor. Mesmo quando esses elementais não estão usando seus poderes, magia ainda escorre deles, como água pingando de uma torneira. *Ping, ping, ping*. O escoamento mágico é fácil de se sentir. Porém existem pessoas como eu, cuja mágica é completamente autossuficiente. Sem vazamentos, sem pings, sem escoamentos. Minha magia não pode ser sentida a menos que eu a use de uma maneira evidente ou por alguém que tenha um talento especial para farejar o poder Elemental.

A magia de Dawson era semelhante à minha, apesar de eu não poder dizer se o anão era Pedra ou Gelo. Se eu tivesse que adivinhar, eu diria Pedra. A sensação ondulante que emanava dele seria mais suave, mais fresca se ele fosse um Elemental de Gelo.

De qualquer maneira, eu sentia-o. Se as coisas corressem mal, eu atacaria o anão primeiro, e depois os seus capangas. Com sua magia, força e resistência inerente dos anões, Tobias Dawson era definitivamente a maior ameaça.

Meu polegar passou pelo cabo da faca Silverstone que eu tinha agarrado. Apesar de eu não ter praticado muito com as minhas facas ultimamente, a arma parecia fria e confortável em minha mão, como sempre tinha sido. Era como se fosse uma velha conhecida.

Donovan Caine clareou a garganta. Tobias tirou os seus olhos de Warren e encarou o detetive. O anão deu a Donovan uma olhada básica, catalogando-o como sem importância, e voltou sua atenção para Warren.

— Você já pensou um pouco mais sobre a minha última oferta? — Tobias Dawson perguntou numa voz que era puro fanhoso do interior.

Os olhos de Warren se estreitaram.

— Direi o mesmo que disse nos últimos dois meses. Não estou interessado em lhe vender um refrigerante, muito menos a minha loja. Você vindo aqui perguntar o mesmo todos os dias não me fará mudar de ideia. Não importa quanto dinheiro você me ofereça.

Tobias se inclinou para frente e cuspiu. Saliva suja de marrom feio devido ao tabaco manchou a tábua de madeira aos pés de Warren.

— Isso é uma pena, especialmente considerando a recente oferta mais-do-que-generosa que eu fiz. Porque você não faz a coisa certa e vende, velho?

— Porque essa loja, essa terra, tem estado na minha família por mais de trezentos anos. — Warren replicou numa voz irritada. — E não deixarei que alguém como você venha e a destrua como tem feito ao resto da montanha.

Tobias suspirou. Um longo suspiro que soou tão falso quanto o de Jonah McAllister tinha soado quando ele esteve no Pork Pit.

— Agora, você sabe que não é destruir, Warren. É chamado remoção do topo da montanha, e não há nada de ilegal nisso. Nós estamos apenas tirando o carvão da terra da maneira mais rápida que conhecemos.

— E deixando todo mundo com sua bagunça. — Warren estalou. — Como eu disse, não estou interessado em deixar você fazer isso à minha terra. Todo o meu quintal já se transformou num maldito ralo por causa da sua mineração.

O rosto de Tobias endureceu, e seu bigode eriçou pela raiva mal contida.

— Estou cansado de esperar, velho. Você pode vender agora, e conseguir um bom preço pela sua terra. Ou…

— Ou o quê? — Warren atirou, cortando a ameaça do anão. — Você vai mandar alguns dos seus garotos virem até aqui para me fazerem ver a razão? Você já tentou isso e não funcionou. Alguns tiros de espingarda em seus traseiros, e seus garotos voltaram correndo para as montanhas.

Tobias olhou por sobre os ombros, e seus homens olharam para o chão.

Eu olhei para Warren com um pouco mais de respeito. Violet tinha me dito que Warren lutou sozinho contra os capangas de Dawson, mas eu não tinha percebido que o velho pateta tinha colocado chumbo grosso em seus couros. Corajoso, porém estúpido da parte dele. Porque os tiros de Warren e sua imensa teimosia devem ter sido parte da razão pela qual o anão tinha decidido ir atrás de Violet.

Tobias se virou para nos encarar e cuspiu novamente na varanda.

— Tudo o que estou dizendo é que seria uma pena se alguma coisa acontecesse com você – ou com sua doce neta.

O anão sorriu para Violet, olhando para seus seios como se quisesse enterrar a cabeça entre eles. Atrás dele, os gigantes e os outros homens fizeram o mesmo. O rosto de Violet empalideceu ainda mais, mas ela cruzou os braços sobre o peito e levantou a cabeça. Ela, tal como o avô, não estava recuando.

— A propósito, Senhorita Violet. — Tobias falou lentamente com sua voz fanhosa. — Você não viu o meu irmão Trace por aí em algum lugar, viu? Cara baixo, parece-se um pouco comigo, tem um bastão de dinamite tatuado em seu braço. Dirige um grande caminhão velho.

Meus olhos cinzentos estreitaram. Dawson tinha um irmão chamado Trace? Com uma tatuagem de dinamite em seu braço? Esse devia ser o anão que Finn espalmou no estacionamento na noite passada. Aquele cujo corpo Sophia havia eliminado.

— Ele ia cuidar de alguns assuntos para mim em Southtown, bem perto da faculdade comunitária, — Tobias disse. — Mas ele não voltou para casa na noite passada. Pensei que você pudesse tê-lo visto, uma vez que tira todas aquelas aulas na faculdade.

Os olhos de Violet se arregalaram. Ela acabara de perceber que Trace era o anão que a tinha atacado, e não sabia como responder às insinuações, sugestões, e ameaças veladas de Tobias Dawson. Mas Finnegan Lane, como cavalheiro do Sul que ele era, deu um passo à frente e interveio.

— Southtown é uma vizinha perigosa. — Finn disse num tom suave. — Quem sabe o que pode ter-lhe acontecido em um lugar como aquele? Praticamente tudo, eu imagino. Multidão bruta, a que fica nessa parte de Ashland. Drogados, vampiras prostitutas, cafetões. Não é seguro um homem caminhar naquelas ruas sozinho.

Tobias se fixou em Finn com um olhar duro. — Eu não estava falando com você, filho. E o que você saberia sobre isso afinal?

Finn sorriu. — Eu cresci lá.

O anão olhou para Finn com hostilidade e suspeita. Os dois gigantes e os dois outros homens sentiram o desprazer de seu chefe. Eles deram alguns passos em frente. Tobias ficou tenso, pronto para dar a ordem. Eu peguei outra faca.

Isso não iria terminar bem.

Mas antes que o anão pudesse dizer a seus homens para cuidarem de Warren T. Fox de uma vez por todas, Donovan Caine desceu os degraus da varanda e abriu o seu casaco. O sol do meio-dia fez o crachá dourado no seu cinto brilhar ao lado da sombra escura de sua arma.

Tobias olhou para o distintivo e arma. Os olhos azuis pálidos do anão voaram para o sedan parado na frente da loja. Tal como eu, ele também reconhecia um carro policial quando o via.

— Quem é você?

— Detetive Donovan Caine. Sou um velho amigo da família Fox.

Finn deu outro sorriso e apontou seu dedo para o detetive. — Talvez você tenha ouvido falar dele. Foi ele quem matou Alexis James, aquela Elemental de Ar maluca que estava roubando das Indústrias Halo, sua própria companhia. Aconteceu à cerca de dois meses atrás. Apareceu em todos os noticiários. O prefeito até lhe deu uma medalha por seu brilhante trabalho de investigação.

Donovan fez uma careta pelo manhoso e zombeteiro elogio. O detetive sabia o que realmente acontecera. Que eu tinha sido aquela que matou Alexis James e seus lacaios no Penhasco de Ashland. Ele havia aceitado o crédito e as honras por algo que ele nem sequer fez.

Seus olhos brilharam com conhecimento. Tobias Dawson sabia quem o detetive era. Ótimo.

O estatuto de Caine como membro da força policial de Ashland fez o anão reconsiderar suas opções. Ashland podia ser uma cidade perigosa, e os policiais podiam ser tão tortos[39] quanto as estradas ao redor da montanha, mas as pessoas ainda paravam para pensar antes de enfrentarem um membro da polícia. Havia pagamentos a considerar, subornos, cadeias de comando. Sem mencionar o fato de que Donovan Caine era uma espécie de herói popular na cidade — um policial honesto no meio de um mar de policiais corruptos. A morte de Caine levantaria um monte de perguntas, mesmo para alguém tão bem conectado quanto Tobias Dawson.

Os olhos do anão foram para Donovan, então para Finn, e finalmente para Warren. Ele não olhou para mim ou para Violet. Evidentemente, nós simples mulheres, não eramos uma grande ameaça. Bastardo sexista.

Ainda assim, Tobias sabia contar tão bem quanto qualquer pessoa.

Cinco de nós, cinco deles. Uma probabilidade não muito grande, mesmo nós estando sobrecarregados com um homem velho e duas mulheres.

Mas o crachá de Donovan Caine era o algo que pesava — por agora.

Tobias olhou para Warren de novo. — Você tem três dias para pensar sobre minha última oferta. E é minha *última* oferta. Sugiro que pense realmente bem sobre tudo. Antes que eu tenha que voltar e pedir para você reconsiderar.

[39] Desonestos

O anão cuspiu mais uma vez, girou sobre seus calcanhares, e voltou para o SUV. Ele fez um gesto circular com suas mãos.

Um por um, seus quatro capangas se viraram e andaram atrás dele.

Donovan Caine ficou onde estava, seu rosto duro, os olhos castanhos frios e planos, até que o veículo saiu do estacionamento. O motorista virou à direita no cruzamento e saiu de vista. Depois que eles se foram, o detetive suspirou e passou as mãos pelos cabelos negros.

— Bem, isso certamente foi divertido. — Finn disse com uma voz alegre.

***

Nós cinco ficamos na varanda por mais alguns minutos, mas Dawson e seus homens não voltaram. Quando eu estava certa de que eles tinham ido, coloquei minhas facas Silverstone de volta em minhas mangas. Em seguida desci da varanda e andei até o local onde Tobias Dawson tinha estado para eu poder ter uma noção melhor de qual era a sua magia.

O cascalho debaixo dos meus pés cantarolava com tanta força que a minha pele começou a formigar e as cicatrizes de runa de aranha em minhas palmas coçaram. Então o anão era um Elemental de Pedra.

Alguém que poderia controlar e manipular o elemento.

Poderoso em sua magia, assim como eu.

Eu me perguntei se o anão tinha alguma outra mágica ou talento especial que eu precisasse saber — antes de matá-lo. De qualquer forma, Tobias Dawson tinha acabado de ir de uma morte desafiadora para uma excecionalmente difícil. Teria que matá-lo de forma rápida, antes que ele sequer percebesse o que estava acontecendo. Caso contrário, eu seria aquela que terminaria a sete palmos debaixo da terra.

— O que você está fazendo? — Donovan Caine perguntou, observando-me andar num círculo por cima do ponto onde o anão tinha estado.

— Nada.

O detetive sabia que eu tinha magia, que eu era uma Elemental do Gelo, mas eu nunca lhe tinha contado sobre o meu poder principal, Pedra. Minha magia não era algo que eu anunciava, e eu ainda não sabia com certeza que tipo de relacionamento eu tinha com Donovan Caine — ou o que eu teria.

Violet Fox abraçou-se com os braços. A cara valente que ela tinha colocado por causa de Tobias Dawson havia desaparecido, deixando seu rosto redondo pálido e suado, apesar do frio de outono. — Você não fez nada, Gin. Porque você não fez nada? Porque você não disse para o Dawson se afastar e nos deixar em paz?

— Porque não queria que ele me notasse. — Eu disse. — Não aqui, não agora. Isso faria com que me aproximar dele depois fosse mais difícil. O anão mal olhou na minha direção. Ele não se lembrará de mim depois, quando eu me aproximar dele novamente.

— Você quer dizer quando matá-lo. — Donovan Caine disse em uma voz fria e plana.

— Sim, — eu disse. — Quando matá-lo.

Donovan olhou para mim. Seus olhos brilhavam como ouro líquido em seu rosto forte. Depois de alguns segundos de análise, ele balançou a cabeça. — Você sabe que eu não posso deixá-la fazer isso. Não posso deixar você ir atrás de Tobias Dawson.

Eu suspirei. Apesar do fato de que o detetive e eu tínhamos trabalhado juntos antes, nós estávamos mais uma vez onde começamos. Com ele agarrado a seus oh-tão-altos ideais moralistas e ficando no meu caminho, impedindo-me de fazer o que é necessário.

— Não vejo como você pode impedir, detetive. — Finn cortou. — Porque Tobias Dawson não vai parar de assediar os Fox até que ele consiga essa terra. O que significa que ele não vai parar até que os dois estejam mortos. O bastardo enviou seu irmão para estuprar e assassinar Violet na noite passada. Uma garota de dezenove anos que provavelmente nunca fez mal a ninguém em toda a sua vida. E aqui está você tentando protegê-lo, quando deveria estar preocupado com uma jovem mulher e seu avô. O que há de errado nesse retrato?

Donovan olhou para Finn, que olhou de volta para o detetive. Ambos os homens tinham suas mãos fechadas. Eu suspirei novamente. Finn estava do meu lado, claro, assim como qualquer irmão estaria, e suas palavras e lógica eram precisas. Mas só havia uma maneira do detetive concordar com o assassinato de

Tobias Dawson — um pequeno passo de cada vez. O que significava que eu teria que ser aquela a se esforçar para levar Donovan Caine na direção que eu queria que ele fosse.

— Finn? — Eu pedi.

— Sim?

— Você trouxe o seu laptop?

Ele fungou. — Por acaso eu saio de casa sem ele?

Que pergunta idiota. Às vezes eu me perguntava como Finn se afastava do computador tempo suficiente para perseguir rabos de saia.

— Então pegue-o. Quero que você descubra tudo o que puder sobre Tobias Dawson. Hábitos, hobbies, interesses comerciais, qualquer coisa que possa ser útil.

Finn assentiu e se dirigiu ao SUV.

— E o que você vai fazer? — Donovan Caine perguntou numa voz baixa.

Eu dei-lhe um sorriso brilhante. — Não eu, detetive. *Nós*. Nós iremos verificar a mina de carvão do anão, e ver se podemos descobrir porque Tobias Dawson de repente tem tanto interesse pela terra de Warren. O que você diz, detetive? A fim de um arrombamento e invasão hoje a noite?

Donovan fez uma careta e olhou para longe.

— Isso quer dizer que você vai nos ajudar? — Violet perguntou.

Eu olhei para ela. — Já estou ajudando-vos há algum tempo, Violet. Mas sim, vou cuidar do Dawson para vocês.

— Porquê? — Warren Fox perguntou. — Sei quanto Fletcher Lane cobrava por seus serviços – e isso foi há anos atrás. Não posso pagar nada parecido a esse valor.

— Não se preocupe com o dinheiro. — Eu disse. — Apenas me dê alguns jarros de mel para levar para Jo-Jo, e estaremos quites.

— Você não vai cobrar? — Donovan Caine perguntou com suspeita. — Porquê? Assim você pode pegar na terra deles para si mesma?

Eu levantei uma sobrancelha. — E o que eu faria com uma loja no país do carvão? Já tenho uma churrascaria para gerir. Isso é suficiente para mim. Então não, eu não quero a terra deles. Acredite ou não, detective, eu ocasionalmente presto meus serviços gratuitamente. Pró-fodido-bono, quando a situação pede.

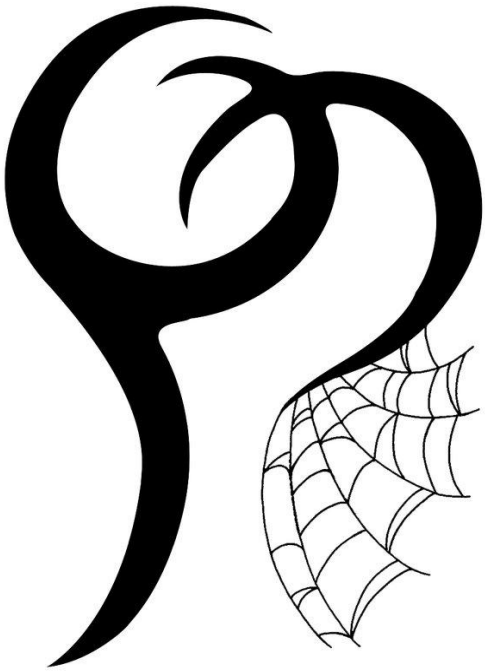
— Mas porquê? — Caine persistiu. — Porque você quer tanto matar Tobias Dawson?

Meu olhar voou para Violet. A imagem de seu rosto arruinado passou diante dos meus olhos, e os sons de seus soluços sufocados tocaram os meus ouvidos. Apesar de Jo-Jo Deveraux a ter curado, Violet tinha perdido uma parte da sua inocência na noite passada. Uma parte que ela nunca recuperaria. Assim como tinha acontecido comigo na noite em que a minha família tinha sido assassinada, quando tudo e todos que eu amava foram queimados até as cinzas.

Talvez eu quisesse ter certeza que Violet não terminaria como eu — dura, fria, distante de todos, exceto alguns poucos. Talvez eu quisesse obter vingança por ela, uma vez que eu estava tendo tantos problemas com a minha. Talvez eu só quisesse que ela fosse capaz de dormir um pouco melhor à noite, sabendo que Tobias Dawson estava alimentando vermes.

Eu não consegui decidir qual era a razão, e não poderia contar ao detetive todas elas. Não queria revelar aquela parte de mim. Além disso, ele não teria acreditado em mim de qualquer forma. Então decidi falar minha usual resposta inversa.

— Porque Tobias Dawson não é nada mais do que um valentão rico e mimado que quer ser um cowboy. — Eu disse — Porque eu estou entediada. Mas principalmente, porque irei gostar muito de tirar aquele jumento pomposo daquele chapéu ridículo e botas feias antes de cortar a sua garganta.



Capítulo 17

Não havia mais nenhuma questão à cerca dos meus serviços ou intenções sombrias, então começamos a trabalhar.

Finn pegou seu laptop do SUV e colocou-o num dos balcões do Country Daze. Violet procurou ao redor e encontrou uma extensão para que ele pudesse poupar sua bateria. Finn deu-lhe um piscar de olhos atrevido e um largo sorriso charmoso, trabalhando em sua mágica. Violet sorriu, abaixou a cabeça, e se inclinou para pegar outra coisa para ele.

Atrás de Violet, Warren T. Fox estreitou seus olhos escuros, cruzou seus braços, e lançou um olhar significativo para o revólver em cima do balcão. Finn limpou a garganta e voltou sua atenção para o laptop.

Ele podia ser capaz de encantar as mulheres, mas Finn sempre tinha muito menos sorte com seus familiares do sexo masculino. Especialmente aqueles tão protetores e desconfiados quanto Warren.

Donovan Caine andava de um lado para o outro nos corredores da loja, celular preso em sua orelha. O detetive relutantemente tinha se oferecido para ajudar Finn a conseguir informações sobre Tobias Dawson, embora tivesse deixado claro que não concordava com o plano de assassinar o anão.

Mesmo assim, era um pequeno passo na direção certa. Por que eu mataria o anão, Donovan Caine gostasse ou não.

Enquanto os outros trabalhavam, eu olhava pela janela da loja e mantinha um olho no cruzamento lá fora. Tobias Dawson podia ter dito que não voltaria por um par de dias, mas eu não ficaria surpresa se ele aparecesse mais cedo — com mais homens. Razão pela qual eu agarrei o meu celular e liguei para Sophia Deveraux no Pork Pit. O telefone só tocou duas vezes antes que ela atendesse. Apesar das minhas instruções adversas, a anã gótica ainda estava na churrascaria.

— Hmph? — Sophia atendeu com seu habitual grunhido monótono.

— É a Gin. Isso vai ser um pouco mais difícil do que eu primeiramente imaginei. Preciso que você feche o restaurante e venha até aqui. E enquanto você está aí, coloque uma placa na porta dizendo que estaremos fechados pelo resto da semana.

— Problemas? — Sophia perguntou asperamente.

Eu olhei para Violet, que estava dando uma garrafa gelada de Dr. Enuf[40] para Finn e Warren, que ainda estava de olho nele. — Não tanto um problema, mais uma preocupação. Preciso fazer trabalho de reconhecimento em Tobias Dawson, e não quero deixar Violet e seu avô sozinhos na loja enquanto isso. Não quero que Dawson e seus homens apareçam aí enquanto estou fora e façam algo estúpido, como queimar a loja com os Fox dentro. Então você ficaria de guarda-costas, junto com Finn. Acha que pode lidar com isso?

— Números?

— Ele trouxe dois gigantes com ele e dois outros caras que pareciam meios gigantes. Não sei exatamente quantos homens Dawson tem à sua disposição, mas imagino que ele possa ameaçar todos os seus empregados se assim o desejar.

Sophia ponderou por alguns segundos.

— Então, você vem? — Eu perguntei, embora já soubesse qual seria a resposta. Sophia gostava de um desafio tanto quanto eu.

— Um-mmm. — Sim, em não-tantas-palavras.

— Ótimo, — eu disse. — Estaremos esperando.

[40] Refrigerante

Nós deligamos, e eu coloquei o telefone de volta em meu bolso. O assoalho de madeira rangeu, e Warren T. Fox veio ficar ao meu lado. Ele também olhou pela janela da frente da loja. Dois carros passaram, apenas diminuindo o suficiente para poderem fazer a curva à esquerda antes de seguirem adiante na interestadual.

Nós não falamos. O silêncio era uma coisa que nunca tinha me incomodado. Não parecia incomodar Warren também.

Mas nós precisávamos fazer algumas coisas. Por que os Fox não podiam se esconder aqui na loja para sempre, e eu queria ter certeza de que eles estavam em algum lugar seguro quando eu fosse bisbilhotar a mina.

— Onde é a sua casa? — Eu perguntei. — Violet ainda mora com você?

Warren assentiu. — Ela mora. A casa fica na extremidade traseira do lote, atrás de um grupo de árvores, próxima a um pequeno riacho. Você não pode vê-lo da estrada.

Então Tobias Dawson não queria só a terra onde a loja de Warren estava, ele também queria a casa do velho.

No Sul, tomar a casa de alguém é ainda pior do que simplesmente querer a sua terra. Mais um motivo para eu matar o anão.

— Vou precisar ver a casa. Ter certeza que ela é realmente segura.

Não era um pouco de madeira, pregos, e uma porta que manteria um gigante fora, mas tudo ajudava. Mesmo alguns segundos de atraso poderiam fazer diferença. Poderia ser o que decidiria se os Fox escapavam ou não, sobreviviam ou morriam.

Warren assentiu, e ficamos em silêncio novamente.

— Acredito que deva te agradecer, — Warren finalmente disse numa voz áspera. — Por querer me ajudar.

— Você não precisa me agradecer. Só faça o que eu digo, e tudo ficará bem.

Warren olhou para mim. — Você é muito parecida com ele. Com Fletcher.

Eu não respondi. No passado, eu teria gostado da comparação. Agora, não tinha tanta certeza se queria ser como Fletcher Lane, com seus segredos e

agendas secretas. Eu ainda não conseguia acreditar que ele tinha sabido quem eu realmente era todos esses anos, que tinha compilado aquela pasta sobre o assassinato da minha família, que havia sabido que Bria estava viva e onde ela estava — e que não tinha me dito nada.

Por que Fletcher havia escondido isso de mim? Qual tinha sido o motivo para ele esconder isso de mim? Eu pensava que conhecia Fletcher melhor que qualquer outra pessoa. Eu era sua aprendiza, afinal de contas. Aquela para a qual ele havia ensinado todos os seus segredos. Agora eu me perguntava se tinha realmente sabido alguma coisa a respeito dele — além daquilo que ele queria que eu soubesse.

— Você é dura como ele era, — Warren continuou. — Capaz de colocar seus sentimentos de lado e fazer o que precisa ser feito, não importa o que. Sempre admirei isso nele. Fletcher sempre foi mais forte que eu. Mesmo quando Stella nos deixou, eu nunca o vi ir abaixo. Ele nunca vacilou, nem uma vez, nem mesmo por um segundo. Você nunca sabia dizer quando algo estava errado com ele.

Stella, a mulher que ambos amaram. Aquela que tinha arruinado a relação deles, e então fugido com outro homem.

Warren ficou em silêncio novamente, e seus olhos brilhantes se entorpeceram com velhas lembranças. Depois de um minuto, ele balançou sua cabeça e voltou a si. — De qualquer forma, sei que não mereço isso, mas eu aprecio a sua ajuda, especialmente por causa de Violet. Ela teria morrido na noite passada se não fosse por você.

Eu dei de ombros. — Eu teria feito o mesmo por qualquer outra pessoa.

Warren balançou a cabeça. — Não, eu acho que você não teria. Você sabe que há algumas pessoas que simplesmente merecem morrer. Uma coisa que Donovan ainda não percebeu. Uma coisa que ele jamais será capaz de admitir para si mesmo. Seu pai era do mesmo jeito. Ele tentou me ajudar com Dawson há alguns anos atrás, mas não conseguiu ir adiante.

— Então é por isso que você conhece Donovan. Você conhecia seu pai.

Warren assentiu. — Daniel Caine, um bom homem. Donovan também é. Mas ele não é o cara certo para você.

Ele era mais observador do que eu tinha imaginado. Ergui uma sobrancelha. — O que você quer dizer?

Warren olhou por sobre seu ombro, mas Donovan Caine ainda estava falando no seu celular, então ele se voltou para mim. — Eu quero dizer que você e Donovan Caine estão em lados opostos. Sempre estiveram, sempre estarão. Ele não vai mudar, e ele nunca aceitará o que você é, o que você fez. Não está na sua natureza, não importa o quanto ele deseje aceitar.

— E você está me dizendo isso por que...

— Por que Donovan é um bom homem, e você também é boa, à sua maneira. Pelo menos você deveria ser se Fletcher te criou direito. — Warren disse. — No mínimo, você é boa no que faz.

— A melhor. Eu era a melhor no que fazia, — Eu corrigi-o. — Mas estou aposentada agora.

Warren bufou. — Certo. Apenas recorde o que eu disse. Não se apegue muito a Donovan Caine. Por que isso não vai terminar do jeito que você quer.

Seus olhos não brilharam com poder, e eu não sentia qualquer magia gotejando dele, o que significava que Warren T. Fox não tinha o sentido da premonição de um elemental de Ar.

Quer Warren tivesse mágica ou não, ele ainda era observador o bastante para reconhecer que algo estava acontecendo entre mim e Donovan Caine.

Finn murmurou algo, o que fez Violet dar uma risadinha.

A cabeça de Warren girou com o som. Ele se arrastou para olhar ameaçadoramente para Finn e colocar um fim ao flerte do rapaz mais jovem com sua neta. Nesse momento, eu podia ter-lhe oferecido o conselho de não se incomodar. Além de atirar em Finn com a espingarda, não havia nada que Warren pudesse fazer. Flertar com o sexo oposto era tão natural e necessário para Finn quando respirar.

Eu olhei para onde Donovan Caine estava. O detetive me viu olhando para ele, franziu a testa e virou as costas. Ignorando-me mais uma vez.

Eu suspirei. Warren T. Fox era definitivamente mais esperto do que eu pensava. Ainda pior, eu tinha uma profunda suspeita que ele estava certo sobre mim e Donovan. O detetive não ia se esforçar para fazer as coisas funcionarem entre nós, não importando quão quente o sexo tinha sido, não importando quão

clara a atração ainda queimava. Meus olhos cinza passaram por sobre o corpo elegante do detetive.

Uma pena, realmente.

***

No momento que segui Warren até sua casa, tornei tudo tão seguro quanto pude, e voltei para a loja. Já tinham passado algumas horas desde que eu tinha chegado. Meu estômago roncou, me lembrando que a metade do sanduíche de churrasco que eu tinha comido no almoço já tinha ido há muito. Então examinei os refrigeradores que ficavam na parte da frente da loja. Eu peguei um sanduíche de mortadela e queijo suíço enrolado em papel celofane de um dos refrigeradores, junto com uma garrafa de limonada. Algumas batatas fritas e uma barra de chocolate dos expositores perto do balcão completaram minha refeição gourmet. Eu levei meus itens para a caixa registadora.

— Você não precisa pagar por isso, — Violet Fox protestou.

Eu coloquei uma nota de dez no balcão. — Claro que preciso. Fique com o troco.

Eu levei meu jantar para a varanda e me acomodei num banco de pedra. Havia um barril ao lado que era perfeito para servir de mesa. A limonada estava demasiado fraca e diluída para o meu gosto, e o pão estava ficando duro e bolorento, mas barrá-lo com maionese o tornou comestível. Não era a melhor refeição da minha vida, mas serviria. Odiaria ter o trabalho de invadir o escritório de Tobias Dawson apenas para que meu estômago roncasse e me entregasse a qualquer um dos guardas que poderiam estar por perto.

Eu tinha acabado de desembrulhar a minha barra de chocolate quando Donovan Caine veio para a varanda. O detetive hesitou, e então caminhou até mim.

— Posso me juntar a você? — Ele perguntou numa voz baixa.

— Claro. — Eu afundei meus dentes na barra de chocolate. Amêndoas crocantes e ligeiramente amargas revestidas de chocolate preto. Definitivamente a melhor parte da refeição.

O detetive olhou para o cruzamento. Um caminhão de carvão vazio retumbou, parou, e deu a volta para prosseguir até a mina.

— Eu consegui algumas informações sobre Tobias Dawson, — Donovan disse. — E não são boas. Ele é um verdadeiro problema. Ele controla quase toda a área de mineração, assim ele paga aos seus funcionários um salário abaixo do normal. Alguns deles tentaram formar uma união alguns meses atrás. Todos sofreram acidentes na mina logo depois. Colapsos de telhados, falhas nos equipamentos, até um desmoronamento.

— Você esperava outra coisa? Você viu Dawson ameaçando os Fox. Ele não é um cara legal.

Donovan passou a mão pelo seu cabelo preto. — Mas isso não significa que é certo você matá-lo.

— Também não é certo Dawson intimidar as pessoas para conseguir o que quer só porque tem dinheiro, — eu apontei. — Então o que é pior – eu matar Dawson por ameaçar os Fox ou ele mandar o irmão estuprar e matar Violet apenas para mandar uma mensagem para o avô dela?

Caine respirou fundo. — Eu não sei. Simplesmente não sei. Mas dois meses atrás, eu teria te prendido por planejar matar alguém. Colocaria minhas algemas em você e te levaria para a delegacia, sem perguntas.

— E agora?

Donovan olhou para a estrada, embora eu tivesse a impressão que ele não estava realmente olhando para ela.

— Agora, estou pensando em ajudar você a pegá-lo.

— Não soe tão despedaçado por isso, detetive. Livrar-se de Dawson é a coisa certa a fazer.

Ele balançou a cabeça. — Não, isso é que *você* quer fazer. Eu só estou indo junto.

— Por quê? — Eu perguntei. — Por que ir junto se isso aborrece tanto a sua consciência?

Donovan olhou para mim. Emoções cintilaram como chamas de velas em seus olhos. Culpa. Desejo. Necessidade. Cansaço. Resignação.

— Eu também não sei a resposta para essa pergunta.

Pneus rangeram ruidosamente no cascalho, e um conversível clássico entrou no estacionamento. O veículo era tão preto quanto o preto podia ser. Apesar de ser primitivo, de beleza reluzente, o conversível sempre me lembrava um carro fúnebre. O topo era alto, mas eu não precisava ver dentro para saber quem estava dirigindo. Sophia Deveraux tinha chegado. Eu levantei-me.

Donovan ficou tenso. — Problemas?

— Relaxe, detetive. Eu chamei uma amiga para vir ajudar a vigiar os Fox, enquanto você e eu damos uma olhada na mina de Dawson.

Sophia abriu a porta do motorista e saiu.

O detetive franziu o cenho. — Essa não é sua cozinheira do Pork Pit? Aquela que estava trabalhando quando Jake McAllister tentou te roubar?

— É, — eu respondi. — Ela tem outro emprego, assim como eu.

Mas Sophia não estava sozinha. A porta do lado do passageiro abriu, e cachos loiros platinados apareceram, cobertos parcialmente com um lenço rosa.

Sophia tinha trazido sua irmã mais velha, Jo-Jo, com ela.

Jo-Jo disse alguma coisa a Sophia que eu não pude ouvir, e a anã Gótica grunhiu de volta em resposta. Depois as duas mulheres fecharam as portas do carro e vieram na nossa direção.

Elas pararam na base da escada. Sophia deu uma olhada plana e desinteressada no Donovan, mas os olhos de Jo-Jo se iluminaram quando ela observou o detetive. Além de ser uma borboleta social, a anã também era terrível no flerte, assim como Finn.

— Bem, — Jo-Jo disse, seus olhos claros pousando em Donovan. — Quem é esse?

Eu permaneci de pé e fiz as apresentações. — Jo-Jo Deveraux, esse é o detetive Donovan Caine do Departamento de Polícia de Ashland. E vice-versa. A garota gótica é Sophia, irmã de Jo-Jo.

Jo-Jo estendeu a mão, como se quisesse que Donovan a beijasse. Desapontamento brilhou através do rosto da anã quando ele meramente a balançou, ao invés disso.

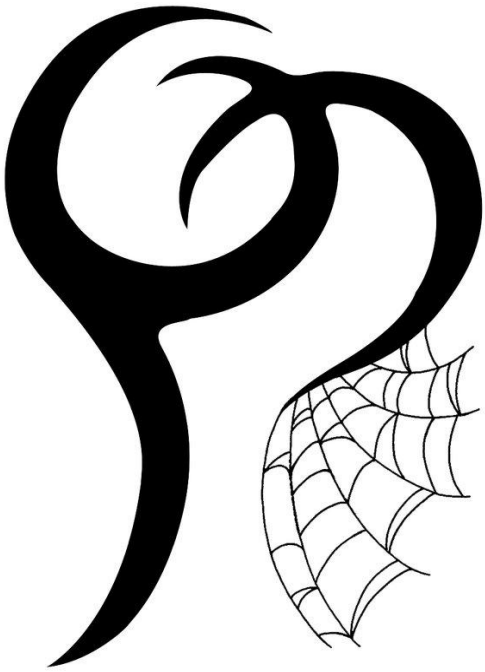
— Eu pedi a Sophia para olhar por Warren e Violet enquanto verificamos a mina de Dawson, — expliquei ao detetive.

— E eu estou aqui para apoio moral, — Jo-Jo interrompeu.

Donovan Caine olhou o vestido florido, as pérolas, as sandálias de salto alto, e as unhas da anã. Sem dúvida ele pensava que ela não seria muito boa numa briga. Mas Jo-Jo era quase tão forte quanto Sophia — e ela tinha sua magia elemental de Ar para complementar sua força natural.

Nem eu sabia se podia derrotar Jo-Jo numa briga.

— Vamos lá, — eu disse. — Vamos entrar.



Capítulo 18

Finn ainda estava procurando informações sobre Tobias Dawson, então eu deixei-o a ele e aos Fox nas mãos capazes de Sophia e Jo-Jo.

Violet estava feliz por ver a velha anã novamente e começou a bombardeá-la com perguntas sobre tratamentos de cabelos com óleos quentes.

Para minha surpresa, Warren também estava a falar alegremente com a anã. Jo-Jo devia conhecê-lo melhor do que ela alegou porque o homem velho puxou duas cadeiras de balanço, e ele e Jo-Jo começaram a fofocar sobre as pessoas que conheciam aqui em Ridgeline Hollow. Então novamente, Jo-Jo Deveraux tinha mais do que duzentos e cinquenta anos de idade. Eu não podia imaginar quantas pessoas ela conheceu em sua vida. Difícil se lembrar de todos, mas de alguma forma ela conseguia. Ela parecia especialmente faladora com Warren.

Isso deixou Sophia com a tarefa de guarda. Eu mostrei-lhe os vários pontos de acesso que davam para a loja e para a casa.

Assim que terminamos, a anã Gótica colocou uns fones nos ouvidos e se dirigiu à varanda para manter um olho em Tobias Dawson e seus homens.

Andei rapidamente através da loja e peguei alguns itens que pensei que poderiam ser úteis. Lanternas, cordas, luvas, binóculos. Deixei cem dólares no balcão para cobrir tudo. Então Donovan Caine e eu deixamos os outros na loja e entramos em seu sedan.

O detetive se afundou no banco do motorista, enquanto eu me sentava no assento do passageiro. Ao contrário da maioria dos carros de tiras em que eu estive, este era limpo. Sem embalagens de comidas, sem copos de refrigerantes vazios, sem lixo ou restos espalhados pelo chão e bancos. O carro ainda cheirava como Caine — limpo e levemente a sabão. Ou talvez fosse apenas o perfumador pendurado no espelho retrovisor. De qualquer maneira, eu respirei fundo, apreciando o aroma fresco. Mmmm.

Donovan ligou o carro e olhou para mim. — Para onde?

Olhei para as folhas que Finn havia me dado.

Finn não tinha encontrado muito sobre Tobias Dawson, mas ele tinha sido capaz de achar vários mapas da mina do anão — incluindo um do prédio onde ficava o seu escritório.

— Dirija até ao sinal e vire à esquerda, — eu disse. — Há uma estrada de acesso antiga que passa ao longo do topo da colina e esta tem vista para a mina. Podemos parar lá e ver o que está acontecendo antes de agirmos.

Donovan assentiu e saiu do estacionamento. Ele dirigiu até ao sinal, em seguida fez uma curva apropriada. Não conversamos enquanto o veículo subia a estrada sinuosa e torcida.

Como o sinal turístico no cruzamento indicava, esta era uma estrada pitoresca, com matas densas de ambos os lados. A queda das folhagens ali devia ser incrível. Mas a altitude era ligeiramente maior aqui do que no resto de Ashland, o que significava que os bordos[41], os carvalhos e os álamos[42] já tinham lançado a maioria de suas folhas coloridas. Ainda assim, achei os galhos das árvores encantadores à sua maneira, tiras de madeira enroladas juntas que criavam formas engenhosas.

Através das extremidades nuas, eu localizei o riacho que Warren Fox havia mencionado, aquele que passava ao redor de sua casa e perto do Country Daze. Eu não sabia se chamaria de pequeno riacho, no entanto. A água corrente atingia aproximadamente dez metros de largura em alguns lugares, encontrando incomuns formações de rochas. Acostamentos de cascalho em cada lado da estrada marcavam a pesca popular e alguns pontos rasos.

[41] http://4.bp.blogspot.com/_Y3XOioupao8/SO644OjnbCI/AAAAAAAABMA/2IsqbzHXotg/s400/IMG_0159.JPG

[42] http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/alamo/alamo-11.jpg

Olhei para o mapa novamente. — Pegue a próxima à direita.

Donovan assentiu e fez o que eu disse.

O concreto suave se transformou num pavimento quebrado quando o carro entrou mais na montanha. Cascalho substituiu o pavimento. O cascalho desapareceu e eles se viram dirigindo através de trilhos difíceis e cheios de sujeira. Apesar do terreno, Donovan seguiu em frente. Seguimos por mais dois quilómetros e terminamos em uma pequena clareira arborizada.

O detetive parou o carro e saímos.

O ar era ainda mais frio aqui do que fora no Country Daze, e tinha começado a chuviscar novamente. Subi a gola da minha jaqueta preta de lã, levantando o rolo de corda sobre meu ombro, e me certificando que tinha todos os meus outros suprimentos. Donovan foi até ao banco de trás e agarrou uma capa de chuva azul marinha gravada com as palavras *Departamento de Polícia de Ashland* nas costas. Ele ofereceu-ma, mas balancei a cabeça.

— Fique com ela, — eu disse. — Você quem trouxe, não eu.

O detetive deu de ombros. Coloquei os mapas que Finn me deu no bolso dos meus jeans para que não ficassem muito úmidos.

— Por aqui, — eu disse ao detetive.

Sai da clareira. A chuva miudinha já tinha molhado várias ervas e folhas caídas no chão, então caminhei com cuidado e devagar. Eu não precisava de um tornozelo torcido ou quebrado essa noite. Atrás de mim, Donovan fazia o mesmo.

Um sinal no final da clareira dizia *não invada — Companhia de Mineração Dawson*, mas ignorei-o. Invadir seria o menor dos meus crimes desta noite. Andamos em silêncio através de árvores úmidas por alguns minutos antes de chegarmos à borda da colina. Eu me agachei atrás de um pinheiro alto, Donovan se agachou ao meu lado. Apesar da chuva, o cheiro do detetive tomou conta de mim. Mmmm. Aquele cheiro me fez querer voltar para ele, pressionar meus lábios nos dele, e fazê-lo deitar no chão. Claro, as folhas e a terra estariam um pouco molhadas, mas eu não tinha dúvidas de que Donovan e eu podíamos nos aquecer depressa.

Infelizmente, eu não estava aqui para uma rapidinha com o detetive, não importa o quão prazeroso seria. Então, peguei nos binóculos que eu trouxe. A colina se inclinava para baixo e em seguida se nivelava, formando um grande U.

Parte da montanha tinha sido removida para formar a área aberta do U. Rampas de terra se torciam por ambas as pernas do U, oferecendo acesso às partes mais altas.

Eu podia ver várias máquinas na base. Retroescavadoras, tratores, e outras máquinas destinadas a mover terra — muita terra. Outras eram apenas grandes e pesadas. Bestas complexas de metal com muitas gruas. Algumas dessas máquinas eram maiores que casas pequenas, mas eu não tinha ideia quais eram seus nomes ou até mesmo o que faziam. Havia também caminhões de lixo, com alicerces e rodas ainda maiores do que as que Finn tinha usado para atropelar Trace Dawson.

Do outro lado ficava a outra parte da operação — a mina subterrânea. Um buraco quadrado preto na montanha, mantido aberto por vigas de apoio de concreto. Também havia algumas faixas de metal lá.

Supus que antes as faixas de metal eram usadas para ajudar na locomoção dos homens e equipamentos. Agora elas pareciam fracas e enferrujadas pela falta de uso. Eu podia ver lugares onde o metal tinha sido arrancado e não substituído. Lembrei-me que Violet Fox tinha dito que o carvão daquela mina subterrânea tinha acabado e ela estava fechada há já algum tempo. Era de se dizer que o foco tinha mudado para outra parte da montanha, arrancando uma parte de cada vez. Era por isso que todo o equipamento estava aqui — para transportar terra e sujidade, não para tirar carvão. Não mais.

Mais faixas de metal se curvavam ao redor da bacia e desapareciam de vista. De acordo com o mapa de Finn, elas levavam a uma área onde o carvão era armazenado e processado, entre outras coisas. Eu tinha muito conhecimento sobre muitos assuntos, graças a todas as aulas que eu frequentei na Universidade Comunitária de Ashland, mas mineração de carvão não estava entre eles.

Mas mesmo estando um bocado afastada, eu podia ouvir a pedra da montanha. Grunhindo, rosnando, xingando, resmungando. A pedra estava extremamente irritada com o dano cruel que lhe tinha sido infligido. Antes, este lugar devia ser encantador, com declives acentuados, árvores, e afloramentos rochosos até onde a vista alcançava. Mas agora não havia nada além de terra, pedra e maquinaria. As vibrações da terra me fizeram querer chamar a minha magia para fazer com que toda a mina, todo o resto da montanha, desmoronasse em cima dos homens e máquinas que tinham sido tão cruéis com ela. Mas eu não tinha esse tipo de poder, e isso não ajudaria Warren e Violet. Então, cerrei meus dentes e forcei o sentimento de lado.

Passava um pouco das seis e já estava escurecendo. Passei os binóculos para Donovan Caine, assim o detetive podia observar os trabalhadores descendo de suas máquinas e saindo da bacia. Continuei examinando a área, tentado memorizar tudo. Seria fácil perder seu senso de direção entre as máquinas enormes, especialmente com o crepúsculo chuvoso dando lugar à noite.

— Não vejo muita coisa. Apenas máquinas, — Donovan Caine disse.

— Olhe para baixo, à esquerda da borda da bacia. Lá em baixo. — Apontei para uma pequena construção branca que brilhava como uma lua opaca. — Ali é onde alguns dos escritórios ficam, inclusive o de Dawson, de acordo com a informação que Finn me deu.

— O que você espera encontrar lá? — Caine perguntou, olhando para a estrutura através dos binóculos. — Duvido que Tobias Dawson deixe provas incriminatórias espalhadas por aí.

Dei de ombros e levantei. Levei um momento para tirar as folhas mortas e úmidas dos meus jeans.

— Talvez, talvez não. Dawson é o grande chefão aqui, lembra? Esta é a sua montanha. Ele pode ser desleixado o suficiente para deixar coisas por aí.

— E se não for?

Dei de ombros novamente e amarrei uma extremidade da corda ao redor da base de um pinheiro. Depois de ter certeza que estava firmemente atada, joguei a outra extremidade para baixo. — Ao menos faremos nosso exercício da noite.

Enfiei a mão no bolso de trás do meu jeans e estendi um par de luvas para ele. Elas eram luvas de jardinagem, brancas com revestimentos marrons, mas serviriam para impedir a corda de queimar nossas mãos, ou deixarmos impressões digitais no escritório de Tobias Dawson.

— Agora, você vem ou não?

Donovan Caine soltou uma maldição. Porém o detetive pegou nas luvas e começou a colocá-las.

***

Por alguma razão, os mineiros ainda não tinham escavado este lado da montanha, o que significava que o cume ainda estava coberto com pedras e vegetação. Era uma ladeira íngreme e escorregadia, ainda mais pela garoa, e nós movimentamo-nos com cuidado, usando a corda para nos ajudar a descer até a base. Movemo-nos tão rápido quanto pudemos, mas ainda nos levou quase vinte minutos para chegar ao fundo.

Nos agachamos atrás de um afloramento de pedras e olhamos a área plana que se estendia diante de nós. O sentimento vazio da montanha lembrou-me da pedreira de Ashland não muito longe daqui. O lugar onde Alexis James tinha encontrado sua morte há dois meses atrás.

Donovan olhou novamente pelos binóculos. — Parece que todos já foram para casa, — ele murmurou. — Penso que não há guardas ao redor.

— Por que haveria? — Eu perguntei. — Ninguém seria burro o suficiente para roubar Tobias Dawson. Especialmente quando ele é tão amigo de Mab Monroe. Além disso, se alguém lhe roubasse algo, pareceria um pouco culpado dirigindo uma retroescavadora, não?

Caine bufou com a imagem, mas não discutiu com minha lógica.

— Vamos, — eu disse. — Vamos acabar logo com isso.

Saímos detrás das pedras e caminhamos em frente.

O equipamento de metal lançava todo o tipo de sombras escuras e retorcidas, que pareciam mais sombrias devido à garoa e às nuvens espessas. Algumas luzes que pareciam de estacionamento brilhavam como pequenas lanternas amarelas próximo à entrada da mina. As luzes ajudaram-nos a caminhar através do labirinto de equipamentos. A chuva não conseguia abafar o cheiro dos gases que pairava no ar como fumaça.

Os murmúrios das pedras ficaram mais altos quando eu entrei na bacia, até que as vibrações tocaram em meus ouvidos como um grito de morte interminável. Cerrei os dentes e bloqueei os barulhos. Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar a pedra. Simplesmente não tinha esse tipo de poder.

Só o tempo podia fazer isso — se a montanha pudesse realmente se recuperar de ser tão cruelmente brutalizada.

Levou-nos cerca de dez minutos de caminhada para podermos ver o escritório da mina, uma pequena construção feita de chapa de metal e fibras de

vidro, coberta com tábuas de madeira pintadas de branco. Algumas luzes de segurança brilhavam sobre a porta da frente. Olhei para a escuridão, mas não vi nenhum guarda patrulhando.

Se Tobias Dawson tivesse algum segurança noturno, ele provavelmente estaria patrulhando a parte frontal da mina. Não aqui atrás onde o acesso já era mais restrito.

Mesmo assim, agarrei uma das minhas facas Silverstone, apenas por precaução.

Agachamo-nos atrás de uma escavadora que estava próxima ao escritório de mineração. Nada se movia na noite escura. A garoa tinha aumentando e virado chuva constante. Alguns cachos úmidos tinham se libertado do meu rabo-de-cavalo. A chuva havia feito meus cabelos chocolates virarem marrom escuro, e usei a umidade fria para escorregá-los de volta no lugar.

— Vamos, — sussurrei para o detetive. — Vamos fazer isso.

Arrastei-me para frente. Depois de um momento ouvi as botas de Donovan esmagar uma poça atrás de mim. Eu sorri. Assim como nos velhos tempos. Se é que eu podia considerar dois meses atrás como velhos tempos.

Eu caminhei até à porta da frente do escritório de mineração. Havia uma placa com as palavras Companhia de Mineração Dawson. O i em *Mineração* tinha sido transformado na runa de Tobias Dawson — um bastão de dinamite aceso.

Eu usava o mesmo tipo de luvas de jardinagem que Donovan, então não tive nenhum tipo de receio ao alcançar a maçaneta. Trancada. Sem problemas. Tirei uma das luvas e alcancei minha magia de Gelo.

A luz prateada fria tremulou sobre minha palma, e alguns segundos depois, eu tinha duas longas e esbeltas agulhas de Gelo. Donovan me observou trabalhar com uma mistura de curiosidade e resignação.

Menos de um minuto depois, a tranca deslizou, e a porta abriu.

Joguei as agulhas na poça de água mais próxima para que eles derretessem, coloquei minha luva de volta, e entramos no prédio.

Donovan me seguiu e fechou a porta atrás dele. Fiquei parada por um momento, deixando meus olhos se ajustarem à falta de luz. Com a escuridão e as

nuvens lá fora, o interior da construção estava quase que totalmente escuro, como se já fosse meia-noite ao invés de sete horas.

Uma vez que tive certeza que nenhum guarda viria nos interromper, puxei uma pequena lanterna do bolso da minha jaqueta e liguei-a. Ao meu lado, Donovan fez o mesmo.

Estávamos em uma sala de espera. Algumas cadeiras, uma mesa, revistas fora do prazo. A mesa provavelmente pertencia à secretária. Atrás dela, um corredor levava à parte traseira do prédio. Foi por onde eu segui, com o detetive atrás de mim.

O corredor terminava numa porta fechada com uma placa de bronze que dizia *Tobias Dawson*. Justo o que eu estava procurando. Tentei a maçaneta. Fechada, então tive que formar mais duas agulhas de gelo para abri-la. Depois que consegui destrancá-la, girei a maçaneta e prendi a respiração, esperando. Mas nenhum alarme soou. Evidentemente, Dawson apenas trancou seu escritório como precaução — ou para impedir sua equipe de bisbilhotar enquanto estava fora. Entrei na sala. O detetive me seguiu.

Parei por alguns segundos, observando. O escritório de Tobias Dawson tinha tanta personalidade quanto o próprio anão, porque tudo tinha tema Ocidental.

A mesa era composta por vários barris de madeira antigos com uma folha de vidro estendido por cima deles.

A arte nas paredes eram cavalos e desenhos de Nativos Americanos, talvez Navajos[43], considerando suas aparências. Um dos abajures de Dawson estava moldado como uma miniatura de uma bota de cowboy. Outro parecia um laço enrolado. Olhei para cima. O anão tinha um boi de chifres compridos pendurado sobre a porta do escritório — cabeça e os chifres, pelo menos.

— Alguém realmente precisa se mudar para o Texas, — eu murmurei.

— Esqueça isso, — Donovan disse. — O que estamos procurando?

— Qualquer coisa que possa nos dizer por que Tobias Dawson quer tanto a terra dos Fox. — Movi-me para a direita. — Então veja o que você pode encontrar na mesa e armários.

[43] Os navajos são uma tribo indígena da América do Norte.

Donovan fez o que eu pedi. Mas antes de começar a puxar gavetas, o detetive olhou para mim. — E o que você vai fazer?

— Ver se ele tem algum cofre escondido por aqui.

Donovan sacudiu sua cabeça, mas sentou-se na enorme cadeira de Dawson e começou a trabalhar, abrindo metodicamente, olhando, e fechando todos os arquivos na mesa de vidro.

Andei pela sala e verifiquei atrás de todas as fotografias emolduradas, procurando um cofre na parede. Nada. Corri minhas mãos enluvadas sobre os painéis de madeira baratos, tocando vários lugares. Novamente, nada.

Enrolei e desenrolei minhas mãos, pensando.

Uma vez que Tobias Dawson era amigo e parceiro de negócios de Mab Monroe, imaginei que havia um bom número de documentos — legais e não legais — que ele não iria querer que seus subordinados vissem. Trancar seu escritório não seria seguro o suficiente. Ele precisava de um lugar para escondê-los. Tinha que haver algum tipo de cofre aqui. Um cubículo secreto, inferno, até mesmo um piso frouxo. E eu precisava encontrá-lo — rápido.

Já havia se passado um minuto. Eu queria ir embora antes que passassem cinco. Dawson podia não ter nenhum tipo de segurança evidente, mas era melhor não correr quaisquer riscos desnecessários, especialmente porque eu voltaria depois para matá-lo.

Sendo que eu já tinha procurado nas paredes, caí de joelhos e vasculhei o chão, procurando por linhas de corte nos tapetes espessos. Nada. Nem uma única fibra fora do lugar.

— Isso é estranho, — Donovan murmurou, apontando sua lanterna para várias folhas de papel.

— O quê? — Eu perguntei, ainda engatinhando pelo chão.

— Parece que Dawson contratou vários gemologistas[44] nas últimas semanas, — o detetive respondeu. — Há recibos aqui feitos para Jeweltones, Gems, Inc., Empresas Grayson, entre outros.

[44] Pessoa que se dedica ao estudo das gemas (pedras preciosas).

Franzi o cenho. — Para que Dawson precisa de um gemologista? Ele é da área do carvão, não de pedras preciosas.

— Eu não sei. — Donovan pegou no seu celular e fotografou os recibos para examinar depois.

A esta altura, eu já tinha engatinhado por todo o escritório, e ainda não havia encontrado nada de útil. Além da obsessão de Dawson pelo Velho Oeste, a única outra coisa interessante ou notável, pelo menos para mim, era a coleção de pedras do anão. Tais coleções não eram incomuns entre os elementais de Pedra. Até eu tinha uma quando criança, antes de minha família ser assassinada.

Uma grande e alta vitrine numa das paredes do escritório abrigava a coleção. Três prateleiras cheias de pedras empoleiradas sobre um grande bloco de granito preto cravejado com Silverstone. Algumas dessas pedras não tinham qualquer valor. Quartzo polido que você podia encontrar em qualquer lugar. Pedaços estranhos de ouro falso. Outras eram realmente valiosas. Uma safira quase tão grande quanto um ovo. Um rubi em forma de lágrima. Uma encantadora esmeralda de corte quadrado. Eu podia ouvir as pedras, é claro.

O murmúrio muito suave do quartzo. O sussurro dissimulado do ouro falso. A elegância chamativa das joias.

Meus olhos caíram para a prateleira de baixo, e me concentrei na laje de granito. Não era nada em comparação com as pedras preciosas, mas ainda assim, me perguntava por que Dawson sequer o teria em sua coleção para começar. As outras pedras variavam em valor, mas todas eram exclusivamente moldadas ou interessantes de alguma forma. O granito era apenas uma laje de granito. Preto e em formato de caixa. Ajoelhei-me e olhei para a pedra mais atentamente. Huum.

Havia uma tranca na vitrine, mas cuidei disso com uma agulha de gelo bem trabalhada. Atrás de mim, Donovan continuava a folhear papeis. Abri a porta da vitrine. Os murmúrios de várias pedras tomaram conta de mim, mas forcei as melodias de lado e me concentrei no granito. A vibração era baixa e suave em comparação às outras pedras, mas eu suspeitava que esse era o objetivo. Ainda assim, só levou um segundo para me sintonizar com a pedra. E percebi que suas vibrações soavam... ocas. Como se a pedra fosse apenas uma fina camada cobrindo algo mais — como um cofre secreto.

— Acho que encontrei o cofre de Dawson, por assim dizer. — Murmurei para Caine.

Ele tirou os olhos dos papéis. — Você pode abrir isso?

Abrir a fechadura da porta era uma coisa. Eu tinha dificuldades para entrar em um cofre de metal tradicional sem a ajuda de Finn — ou de alguns explosivos. Mas Tobias Dawson não tinha um cofre tradicional. Ele era feito de pedra — meu elemento, minha especialidade. Já estávamos ali há mais de três minutos. Sem tempo para ser sutil.

Então tirei minha luva, coloquei minha mão no granito, e escutei suas vibrações. Lento, firme, sólido, assim como a própria pedra. Havia também o sentimento de que estava guardando algo, protegendo algo importante, valioso.

Os segredos de Tobias Dawson, sejam eles quais forem.

Respirei fundo e foquei minha mágica no granito.

Olhando a pedra, na pedra. E percebi que a pedra tinha apenas alguns centímetros de profundidade. Nada mais espesso que isso, e Dawson não teria sido capaz de colocar muita coisa dentro. Além disso, o Silverstone que eu notara antes, formava um círculo amplo no meio do granito, marcando aproximadamente o tamanho do espaço oco no interior.

O anão provavelmente tinha o metal acionado para sua magia, de modo que ninguém poderia abri-lo senão ele. Mas sendo que Silverstone podia absorver mágica, qualquer um que tentasse forçar seu caminho provavelmente enfraqueceria por um bom tempo.

Mas eu era uma Elemental da Pedra como o anão. Eu não tinha que passar pelo Silverstone — apenas rodeá-lo. Segurei meu dedo indicador em frente ao granito e alcancei minha magia. Uma luz prateada faiscou na ponta do meu dedo como se fosse um pequeno maçarico. Inclinei-me para a frente e pressionei meu dedo contra o granito, forçando minha magia na pedra, mais e mais fundo até que quebrei a casca da pedra que rodeava o espaço oco. Uma fez que fiz a rotura inicial, tudo o que tinha que fazer era arrastar meu dedo ao redor do perímetro da pedra, formando um quadrado muito maior que o círculo de Silverstone no coração do granito.

Menos de um minuto mais tarde, fiz o último corte na pedra. A pedra estalou, e usei minha magia para formar uma pequena ranhura do lado para que eu pudesse colocar meu dedo dentro e puxá-lo para fora. O granito era mais pesado do que eu esperava, e levou um momento para puxá-lo para fora da vitrine e colocá-lo no chão.

Donovan olhou para cima ao ouvir os meus grunhidos. — Como diabos você fez isso?

Joguei-lhe um sorriso. — Tenho muitos talentos, detetive.

Virei de costas para ele e olhei dentro do cofre. Era um espaço ainda menor do que eu esperava, e estava curiosamente vazio, exceto por algumas folhas de papel.

— Aqui. — Tirei os papeis e dei-os a Donovan. — Fotografe-os.

O detetive espalhou os documentos sobre a mesa e usou seu celular para tirar mais algumas fotos. Alcancei novamente o cofre, me perguntando que outros segredos escondiam.

Meus dedos se fecharam ao redor de um pequeno frasco de plástico, que eu retirei. Joguei minha lanterna sobre o recipiente. Espuma preta enchia o interior do frasco, embalando um diamante.

A pedra preciosa era pequena, não muito maior do que uma das minhas unhas, e áspero ao redor das bordas, mas ainda faiscava com um fogo interior carmesim. Definitivamente uma pedra de alta qualidade. Uma que iria lapidar muito bem.

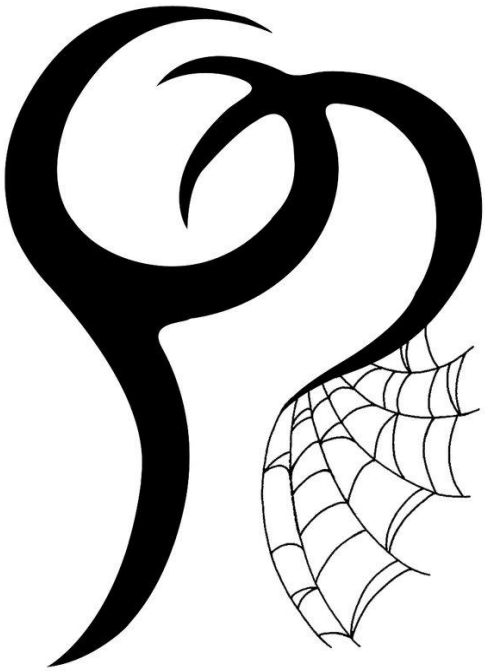
Mas seu som — oh, seu som. Isso foi o que prendeu minha atenção.

O diamante praticamente cantou com sua própria pureza.

A vibração inerente da pedra preciosa era linda, deslumbrante, encantadora até. Como uma composição de Bach[45] tocada pelo próprio mestre. Eu poderia sentar ouvindo a música pura e clara do diamante por horas.

Pena que um alarme gritante cortou sua melodia alegre.

[45] Johann Sebastian Bach foi um compositor, cantor, maestro, professor, organista, cravista, violista e violinista da Alemanha.



Capítulo 19

Por um momento eu congelei, agachada ali no chão, o frasco com o diamante na minha mão. O alarme continuou a soar como uma sirene de polícia gritando na minha cabeça. Donovan Caine continuava folheando os papéis, como se não pudesse ouvir os intermináveis gritos violentos. Ele teria que ser surdo para não ouvir.

Fiz uma careta e olhei para o cofre de granito. O murmúrio baixo da pedra tinha se transformado em um alarme gritante. Uma runa brilhou na parte da frente do cofre, sobre a laje que eu cortara do resto do bloco. Uma espiral apertada queimava em um tom de cinza frio no meio do granito preto, como um olho que tudo vê. Uma espiral — a runa para proteção.

Tobias Dawson usou sua magia de Pedra para proteger seu cofre com uma runa de proteção que iria avisá-lo se alguém mexesse no granito. Eu havia feito o mesmo em mais de uma ocasião. Até tinha usado a mesma runa que o anão.

Donovan Caine não era um elemental, não era Pedra, por isso ele não podia ouvir o alarme, não podia ver a runa. Mas eu podia, e eu sabia o que significava — problemas vindo na nossa direção.

— Porra, — Amaldiçoei alto desta vez. — Dê-me os papéis. Agora.

— O quê? Por quê? — Donovan perguntou num tom distraído. — Há algumas coisas interessantes aqui...

— Porque eu ativei algum tipo de alarme silencioso, — eu o interrompi. — Então me dê os papéis *agora*.

Para seu crédito, o detetive não fez nenhuma pergunta.

Em vez disso, ele deu-me os documentos. Coloquei-os de volta no espaço oco dentro do granito, limpei as minhas impressões digitais do lado de fora do frasco de diamante, em seguida, coloquei-o lá também. Embora quisesse, não peguei na pedra. Talvez o anão cowboy não nos perseguisse tanto se ainda tivesse o diamante. Um grande, grande talvez, mas era a única esperança que eu tinha.

Eu rapidamente limpei a laje de granito e o cofre com a manga da minha jaqueta, então ergui a laje de pedra que eu cortara e coloquei-a em seu lugar original. Não havia tempo para ser sutil, por isso eu selei a rocha no local com minha magia, fechando-a mais uma vez. Com sua magia de pedra, Dawson seria capaz de sentir o que eu tinha feito de imediato, mas ele não devia ser capaz de rastreá-lo de volta a mim ou, mais importante, os Fox.

Donovan estendeu a mão e ajudou-me a levantar.

— Temos de sair daqui, — eu disse. — Agora.

Corremos pelo corredor e pela parte frontal do edifício. Desliguei a lanterna e espiei pelas frestas finas das cortinas. Duas lanternas vinham na nossa direção. Gigantes, considerando que as luzes estavam à altura da minha cabeça. Ao meu lado, Donovan desligou a sua lanterna e sacou a arma.

— Guarde isso, — eu disse. — Abra a porta e vá direto para o fundo da bacia, onde descemos. Correr é a nossa melhor chance. Não nos envolvemos em um tiroteio.

— O que você vai fazer?

— Certificar-me que eles não nos seguem.

Donovan sacudiu a cabeça. — Não, Gin. Deixe-me ficar e ajudá-la…

— Isso não é uma maldita discussão, — eu disse. — Não vai importar muito se eles me capturarem, mas você? Vai arruiná-lo, detetive. Então vá. Agora. Sou uma menina grande. Posso cuidar de mim mesma. Faço isso há anos.

Donovan olhou para mim. Eu podia ver o brilho dourado de seus olhos mesmo na escuridão e as emoções brilhando em suas profundezas. Ansiedade.

Preocupação. Resignação. Após alguns segundos, o detetive relutantemente guardou sua arma no coldre. Foi para a porta e abriu-a.

No momento em que eu fui para fora atrás dele, Donovan já estava correndo pelo caminho por onde tínhamos vindo. Vinte passos depois, a chuva, a noite e as sombras engoliram-no, do jeito que eu sabia que fariam.

Agarrei minhas facas de Silverstone. Mas ao invés de correr atrás do detetive, eu deslizei ao redor do prédio e segui todo o caminho até a parte de trás, onde ficava o escritório de Tobias Dawson. Dez... Vinte... Trinta... Eu contei os segundos na minha cabeça.

Não tive que esperar muito tempo. Apesar da chuva e lama, seus passos reverberaram por toda a pedra sob meus pés. Sólidos, pesados. Gritos atravessaram a chuva.

— Você vê alguma coisa?

— Não. Você?

— Hey! A porta da frente está totalmente aberta!

Olhei ao redor da lateral do prédio a tempo de ver dois gigantes irem para o escritório frontal. Alguns segundos depois, as luzes se acenderam na sala da frente, depois se espalharam pelo corredor como um incêndio, antes de irromper no escritório de Tobias Dawson. Eu estava em um dos lados da janela e assisti. Eram os mesmos dois homens que Dawson havia levado para a loja *Country Daze* mais cedo esta tarde.

Os dois gigantes ainda usavam as roupas sujas de trabalho que ostentavam antes, e ambos carregavam lanternas longas e pesadas que poderiam facilmente ser usadas para quebrar ossos ou esmagar o crânio de alguém. Eles tinham de ser os dois principais executores do anão.

Vi-os varrer o escritório de Dawson. Eles não se preocuparam com nada em cima da mesa, foram diretos para a caixa de vidro que abrigava a coleção de rochas do anão.

— Alguém mexeu no bloqueio, — um dos gigantes retumbou, abrindo o cofre. — Mas parece que nada foi levado.

O segundo gigante foi ficar ao lado dele. — Nada óbvio de qualquer maneira. Mas alguém esteve mexendo no cofre, no diamante. Foi por isso que o alarme disparou dentro da guarita. Porque alguém que não Dawson abriu o cofre.

Bem, isso confirmou minha suspeita de que o anão tinha usado sua magia de Pedra para criar o alarme no seu cofre. Eu poderia fazer a mesma coisa, embora eu estivesse mais interessada em manter as pessoas fora de qualquer prédio em que eu estivesse dormindo em vez de prendê-los lá dentro. Isso é o que teria acontecido aqui. Se eu não fosse uma elemental de pedra, nem sequer teria ouvido o alarme. Donovan Caine e eu ainda estaríamos sentados no escritório de Dawson, quando os gigantes aparecessem. Muita dor, talvez até a morte, teria se seguido.

Anão matreiro, usando um alarme elementar assim.

Algo para eu manter em mente na próxima vez, quando fosse matá-lo.

— Mas não parece que o cofre foi aberto, — o primeiro gigante roncou. — Talvez seja apenas um falso alarme.

— De jeito nenhum, — o segundo cara respondeu. — A caixa foi aberta. Alguém tocou nesse cofre.

— Talvez. Mas você sabe o quão sensível é a runa de alarme que Dawson criou. Eu tive que vir aqui duas vezes na semana passada porque a equipe de limpeza a ativou enquanto limpava pó. Lembra-se?

— Lembro-me, — o segundo homem disse. — Mas você sabe como Dawson é obcecado com esse diamante e os outros que ele achou. É melhor chamá-lo, apenas para cobrir nossas bundas. E trazer Stan e Donny aqui também. Eles podem ajudar-nos a olhar ao redor.

O primeiro gigante suspirou e pegou o telefone da mesa do anão.

Eu permaneci lá fora, ainda processando o que tinha acabado de aprender.

Outros? Havia mais diamantes como o do cofre? Comecei a ter um mau pressentimento, um péssimo pressentimento as razões de Tobias Dawson querer tanto a terra de Warren T. Fox. Se minha suspeita estivesse correta, Dawson não pararia de assediar os Fox até que ele estivesse morto. O que significava que o pensamento de matar o anão acabava de passar de uma ideia agradável para uma necessidade. Quanto mais cedo melhor.

O primeiro gigante terminou seu telefonema e se voltou para seu amigo. — Estão a caminho. Mas eu ainda não vejo como alguém além de Dawson poderia abrir o cofre. Todo o silverstone nele está ligado à magia dele.

— Por uma pedra como aquela? Alguém acharia uma maneira, — o segundo cara respondeu.

Enquanto eles estavam ali conversando, eu me afastei da janela e corri pela noite escura e chuvosa.

***

Corri de volta para a extremidade da bacia. Não corri o máximo que podia, mas não me demorei muito. Mantive meu ritmo rápido o suficiente apenas para que eu ainda fosse capaz de ouvir os gigantes atrás de mim quando seus amigos chegassem e eles decidissem investigar a área fora do escritório. Mas eu não me preocupei com eles encontrando nada. A chuva miudinha lavaria qualquer evidência do rastro que o detetive ou eu poderíamos ter deixado para trás, incluindo nossas pegadas.

Cheguei à bacia onde tínhamos descido, dei a volta ao afloramento de rochas e encontrei-me de cara com a ponta da arma de Donovan Caine.

— É bom ver você também, — eu disse.

Donovan soltou um suspiro e baixou a arma.

— Desculpe. Ouvi passos.

— Não se preocupe. Essa não é a primeira arma que eu tenho apontada para mim. — Provavelmente não será a última também, mas eu não mencionei isso para o detetive.

Donovan guardou sua arma. Então ele saiu de trás da rocha e olhou para os escritórios da mina. Agora, mais luzes brilhavam lá, como vagalumes que haviam sido aterrados pela chuva. Gritos fracos voavam através do ar da noite.

— Você matou os guardas? — Donovan Caine perguntou em voz baixa.

— Não.

Surpresa e alívio passou por seus olhos dourados. — Por que não?

Dei de ombros. — Porque um possível assalto é uma coisa. Guardas mortos são outra. Eu não quero que Tobias Dawson perceba que estou atrás dele. Não até que seja tarde demais.

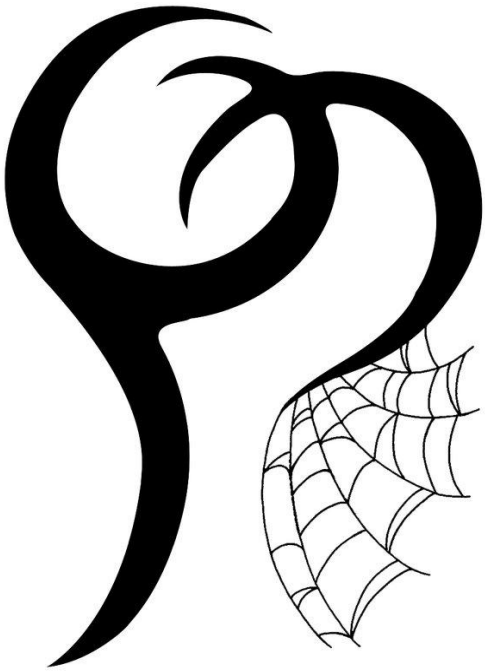
O alívio de Donovan se transformou em consternação teimosa, e eu meio que esperava que ele começasse a lecionar-me sobre a santidade da vida. Que me dissesse que era simplesmente errado planejar o assassinato de alguém, mesmo que fosse salvar duas pessoas inocentes no final. Donovan olhou para mim como se quisesse fazer isso mesmo, dar-me uma boa palestra. Em seguida, outra emoção penetrou em seu olhar dourado.

O detetive parecia quase... triste.

Por que ele estava triste? Não era como se eu fosse matá-lo ou até mesmo um de seus amigos. Eu não entendia a variação de humor repentina de Donovan, e eu não ia ficar aqui no escuro para tentar decifrá-la.

Não com os homens de Tobias Dawson à espreita.

— Vamos, — eu disse. — Vamos sair daqui antes que os guardas venham nesta direção.



Capítulo 20

Mesmo usando nossa corda e luvas, foi necessário o dobro do tempo para Donovan e eu escalarmos até ao topo. A garoa tornara tudo escorregadio, viscoso, desleixado. Quando alcançamos o cume, estávamos molhados até aos ossos e cobertos com lama, carrapichos, roseiras bravas, folhas mortas, entre outras coisas. Demoramos algum tempo para chegar ao sedan de Donovan, que foi o suficiente para o calor gerado pelo esforço da escalada se desgastar. A chuva tinha aumentado. Apesar da magia de Gelo em minhas veias, eu ainda tremia de frio. Além dos *squish-squish* de nossos passos, o único outro som era o *plop-plop-plop* da chuva caindo.

Donovan entrou no sedan e acendeu as luzes interiores para que pudéssemos ver o que estávamos fazendo. Em seguida, apertou outro botão, que abriu a mala. — Tenho algumas toalhas e roupas de reserva na parte de trás.

Eu assenti. Enquanto o detetive procurava no porta-malas, peguei meu celular e liguei para Finn. Ele atendeu no terceiro toque.

— Sim?

— Já saímos do escritório de Dawson, — eu disse.

Ouvi um som de sucção. Finn bebendo outra xícara de café. Às vezes eu me perguntava como seu cérebro não explodia com toda a cafeína. — Encontrou alguma coisa interessante?

— Acho que sim, — eu disse. — Falaremos sobre isso quando voltarmos. Pode demorar algum tempo, por causa da chuva. A estrada em que estamos não é exatamente a melhor do mundo.

— Estamos indo para a casa. Estaremos esperando por vocês lá, — disse Finn.

Nós desligamos.

Donovan fechou o porta-malas e caminhou na minha direção. Ele abriu a porta do lado do passageiro e jogou as roupas secas no interior para que elas não se molhassem enquanto nos trocávamos. Então ele me entregou uma toalha grossa. Levantei-a até meu rosto e inspirei. Cheirava como o detetive — limpo e a sabão. Mmm.

O detetive agarrou outra toalha da pilha de roupas. Ele usou-a para limpar o rosto e absorver parte da água de seu cabelo. Fiz o mesmo com a minha toalha, então abri a porta traseira do carro e atirei a toalha sobre o banco. Havia lama nas minhas botas. Em alguns lugares a lama chegava a ter três centímetros de espessura, então tirei as botas e coloquei-as no assoalho, junto com minhas meias arruinadas. Lama fria se espremeu por entre meus dedos, mas eu os limparia com a toalha depois. Em seguida, tirei meu casaco de lã e coloquei em cima das minhas botas. Minha camiseta de manga comprida veio a seguir. Suspirei enquanto olhava para o algodão. Tinha comprado a camiseta rosa coberta de limões verdes brilhantes quando fui a Key West após o funeral de Fletcher. Era uma das minhas preferidas. Tirei algumas folhas da parte inferior, dobrei-a, e coloquei-a em cima do meu casaco.

Eu estava prestes a desenganchar o sutiã quando percebi que o detetive estava me encarando. Os olhos de Donovan Caine ardiam como ouro líquido.

— O que… O que você está fazendo? — Ele perguntou com a voz rouca.

— Pensei que seria legal da minha parte se não colocasse meus sapatos enlameados e roupas molhadas em seu carro, — respondi. — Algum problema?

Donovan não me respondeu. Ele estava demasiado ocupado me devorando com os olhos. Pequenas gotas brilhantes desciam pelo meu peito, que estava praticamente nu. Eu tinha tirado a minha camisa a apenas alguns segundos atrás, mas a chuva já havia encharcado meu sutiã de renda cor-de-rosa pálido. O ar frio da noite há muito endurecera meus mamilos. Mas, em vez de cobrir-me, meus olhos traçaram a forma de Donovan. O detetive tinha tirado o paletó e a camisa engomada. Tudo o que ele usava da cintura para cima era uma camiseta

branca sem mangas. A chuva também a deixara transparente, e eu podia ver os músculos de seu peito através do tecido fino. Mmm.

Apesar da chuva forte chicoteando contra a minha pele, um calor constante se espalhou pelo meu estômago. Isto era o mais próximo que havia estado de Donovan Caine em dois meses, portanto decidi tirar proveito da situação.

— Vê algo que gosta, detetive? — Disse com uma voz suave. — Porque eu com certeza vejo.

O detetive levantou o olhar para meu rosto. Emoções piscavam em seus olhos dourados, como relâmpagos dançando pelo céu durante uma tempestade. Culpa. Calor. Desejo. Mas ele não caminhou na minha direção. Então decidi aumentar a aposta, por assim dizer.

Olhei para ele enquanto lentamente desabotoava minha calça jeans enlameada. Levei alguns segundos para deslizar o tecido pesado, duro, molhado pelas minhas pernas e pés. Não era o striptease mais gracioso, mas as faíscas de ouro nos olhos de Donovan me diziam que ele estava apreciando. Quando eu joguei meu jeans molhados no banco da frente, a chuva tornou minha calcinha rosa — também decorada com limões — tão transparente quanto o meu sutiã.

O olhar de Donovan estava ainda mais quente agora, e aquelas três emoções continuavam piscando em seus olhos, uma após a outra, mais e mais rápido, como se seu cérebro estivesse sobrecarregado pelos sentimentos. Culpa. Calor. Desejo. Culpa. Calor. Desejo.

Ficamos ali, a poucos metros de distância, congelados no momento, enquanto a chuva fria cascateava sobre nós...

Donovan soltou um rosnado baixo, moveu-se para frente, e puxou-me para ele. Seus lábios esmagaram os meus, ao mesmo tempo em que sua língua se dirigia para dentro da minha boca. Mmm. Exatamente o que eu queria. Emaranhei meus dedos em seu cabelo e o puxei para mais perto.

Rapidamente, o beijo se transformou em uma fúria de calor e necessidade crua. Nossos lábios, nossas línguas, lutavam entre si por castigo e prazer. Lama cobriu meus pés e rochas cavaram em meus calcanhares, mas não me importei. Calor, paixão, luxúria, desejo. Tudo me encheu até que não havia mais nada — e nada me impediria de saciar a minha necessidade. Tudo desapareceu, superado pelo fogo que rugia através do meu corpo. Um fogo que eu queria abraçar de novo e de novo e de novo.

A mão de Donovan foi para o fecho do meu sutiã. Quando este se abriu, ele recuou o suficiente para puxá-lo pelos meus braços e atirá-lo na lama. Ele me empurrou para trás, e algo frio bateu contra o meu quadril. O capô do sedan.

Isso serviria por enquanto. Eu me inclinei contra o metal e puxei o detetive para mim. O capô do carro parecia gelo nas minhas costas, mas eu não me importei porque estava queimando por dentro. Queimando por Donovan.

Nossas línguas colidiram novamente. As mãos de Donovan se fecharam sobre meus seios nus. Ele apertou os dois montes e então cavou seus polegares nos meus mamilos.

Eu gemi em sua boca. Pressão cresceu entre minhas coxas. Minhas calcinhas estavam encharcadas — e não tinha nada a ver com a chuva.

Donovan colocou a boca sobre um mamilo, depois sobre o outro. Lambendo-os, chupando-os, beliscando-os com os dentes até que estavam tão duros que doíam. O detetive recuou um pouco para recuperar o fôlego. Puxei sua camiseta por cima da sua cabeça e atirei-a para longe. Meus dedos se espalmaram no seu peito, e fiquei maravilhada com a força do seu corpo. Corri minhas unhas por seu peito, e minhas mãos foram até a virilha, esfregando sua ereção através do tecido escorregadio de suas calças. Donovan gemeu, então passou seus dentes no lóbulo da minha orelha. Ele se inclinou para a frente e chupou meu pescoço como um vampiro, enquanto seus dedos continuavam trabalhando nos meus seios. Eu mordi a ponta de sua mandíbula, mais do que pronta para ele.

Eu inspirei. Apesar da lama, ele ainda cheirava bem, como sabão e roupa limpa. Mmm. — Você cheira tão bem, — murmurei contra sua mandíbula.

— Não tão bem quanto você se sente sob mim, — ele rosnou de volta.

Nós nos beijamos novamente — longo e forte o suficiente para me fazer arfar por ar. Meus dedos encontraram seu cinto de couro, que eu afrouxei. Abri o zíper de suas calças um segundo depois.

— Tire-as, — eu murmurei. — Seus sapatos também. Quero sentir você. Tudo de você.

Donovan deu um passo atrás. Era a minha vez de assistir como ele tirava os sapatos, as meias e as calças. Ele usava um par de boxers pretas que faziam sua pele brilhar como bronze.

— Boxers também, — eu disse com uma voz rouca. — Tire-as.

Donovan deu um passo em frente. — Em um minuto.

Ele me colocou de volta contra o capô do carro e provocou meus mamilos com sua boca e mãos novamente antes de seus dedos mergulharem dentro da minha calcinha. Ele moveu os dedos para trás e para frente, antes de deslizar dois para dentro, esfregando-os mais rápido, mais forte, fazendo minha necessidade crescer. Minha vez de gemer.

Meus dedos deslizaram pela abertura de suas boxers. Tomei-o na minha mão, e Donovan se mexeu contra mim. Eu corri minhas unhas de leve em seu comprimento e por toda a ponta arredondada de seu pau duro. Ele estava tão pronto para mim quanto eu estava para ele. Donovan rosnou novamente, tirou os dedos de dentro de mim, e me puxou para cima.

— No banco de trás. Agora.

Fiquei mais do que feliz em obedecer. Ele me empurrou para a esquerda e depois para trás. Abaixei a minha cabeça e sentei no banco.

Donovan aproveitou a oportunidade para se livrar de suas boxers. Eu fiz o mesmo com a minha calcinha. Deslizei para dentro do carro. Esperando. Doendo. Um momento depois, Donovan entrou, um pacote de alumínio na mão, que ele colocou no piso. Eu tomava minhas pequenas pílulas brancas para estar prevenida e evitar quaisquer consequências indesejadas, mas ainda assim apreciei sua consideração.

Ele se inclinou e beijou-me outra vez antes de se mover pelo meu corpo úmido. Donovan baixou os lábios para os cachos entre minhas coxas. Separei minhas pernas, e ele deslizou sua língua dentro de mim, fazendo movimentos rápidos, depois círculos lentos e preguiçosos. Me provocando. Eu gemi e enterrei meus dedos em seu couro cabeludo, estimulando-o.

A língua Donovan passeou sobre mim novamente, e ele colocou um dedo profundamente.

— Tão doce, — ele sussurrou contra minha coxa. — Como mel quente.

Donovan continuou suas ministrações por mais alguns momentos.

Isso era tudo o que eu podia suportar. Eu o queria dentro de mim.

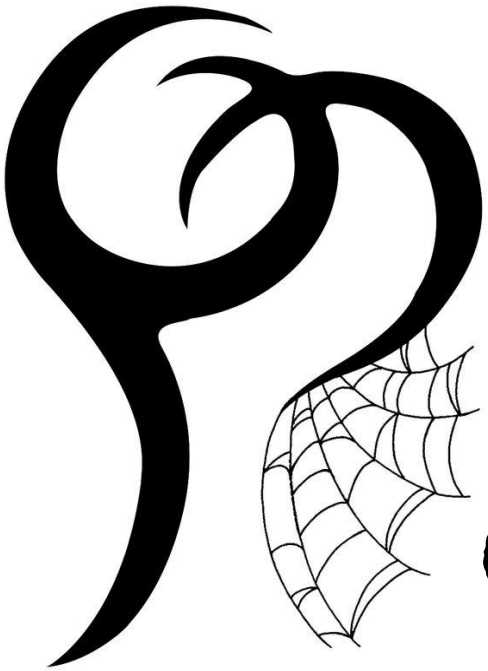
Agora.

Agarrei os ombros de Donovan, puxando-o para cima ao mesmo tempo em que me balançava de debaixo dele e o virava. Agora ele estava deitado no banco. Não havia muito espaço no carro, mas eu estava bastante determinada. Era a minha vez de provocar.

Desci minha língua pelo seu peito e coloquei minha boca nele, chupando e lambendo o seu eixo até que ele pulsava e tremia a cada toque da minha língua quente. Ele gemeu, e suas mãos se fecharam em meus braços, puxando-me para cima. Nossos lábios se encontraram novamente, sugando o ar e a vida de nós dois. De alguma forma, Donovan nos manobrou mais uma vez até que ele estava novamente por cima. Ele colocou o preservativo. Então eu abri minhas pernas, as tranquei em torno de sua cintura e ele me penetrou.

Eu vi seus lindos olhos dilatarem quando ele se afundou em mim, indo cada vez mais fundo. Um êxtase de ouro — para nós dois. Donovan recuou. Cavei meus dedos em suas costas e o puxei com força, para que toda a sua extensão me enchesse.

Retirar, avançar, retirar, avançar. Nós estalamos juntos como dois ímãs enlouquecendo pelas vibrações que o outro emitia. Mais e mais, Donovan bombeava em mim, até que nossos gritos roucos de prazer ressoaram no ritmo do balanço suave do sedan e o tamborilar da chuva no telhado de metal.



Capítulo 21

Depois que terminamos, Donovan e eu descansamos na parte de trás do sedan em um emaranhado solto de braços e pernas. A imitação de couro parecia pegajosa e dura contra a minha pele. As janelas estavam cobertas de vapor, e o cheiro de sexo impregnava o carro. Ao meu lado, sobre mim, perto de mim, as respirações do detetive vinham em sopros afiados e roucos. Os sons de um homem que tinha se esforçado a seu máximo e glorioso potencial. Mas Donovan não fez nenhum movimento para se afastar de mim ou colocar algumas roupas.

— Bem, isso não foi o que eu imaginei que ia acontecer, mas não me importo. — Eu brinquei. — Mesmo que doa como o inferno quando me levantar desse banco.

Donovan não disse nada, mas os cantos de sua boca levantaram em um meio sorriso. — Você não é a única. Tenho certeza que minhas costas estarão gritando comigo amanhã. Sem mencionar as queimaduras que tenho em meus joelhos.

— Valeu a pena?

Ele levantou uma sobrancelha preta. — Você tem mesmo que perguntar?

Não, eu não tinha. Porque havia gemido tão alto quanto ele.

Depois que recuperamos o fôlego, Donovan colocou-se em uma posição sentada. Eu fiz o mesmo. Ele esticou a mão até o banco da frente e me entregou

algumas roupas limpas — um par de calças cáqui que me ficavam largas e uma camiseta que ia até quase aos meus joelhos. O detetive era um pouco mais alto que eu. Donovan colocou um conjunto de roupas que combinava. Quando estávamos vestidos, nós nos viramos e nos encaramos.

— Então, aqui estamos nós de novo, — eu disse.

— Sim, — Donovan replicou. — Aqui estamos nós de novo.

Ele não parecia feliz com o pensamento. O detetive deixou escapar um longo suspiro e passou as mãos por seu cabelo negro — mãos tonificadas e fortes que tinham acabado de fazer coisas maravilhosas a meu corpo. Eu hesitei, então estiquei o braço, coloquei a minha mão em cima da sua, e dei um aperto suave com meus dedos. Eu não sabia ao certo o que motivou essa reação, com exceção do calor no peito que eu sentia pelo detetive. Talvez simplesmente não quisesse que as coisas terminassem como tinha acontecido da última vez que dormimos juntos.

Que tinha sido completamente mal.

Donovan se encolheu ao sentir o meu toque e tirou a mão de debaixo da minha. — Nós devemos voltar.

Eu olhei para suas feições robustas. Cabelo negro, pele bronzeada, olhos dourados. Mas o calor e o desejo já não brilhavam em seu olhar. Ao invés, o detetive parecia cansado, deprimido, exausto.

Como se todo o prazer que ele tinha acabado de experimentar viesse com um peso que era demasiado para suportar, mesmo para ele.

— Tudo bem, — eu disse com uma voz calma, sem querer pressiona-lo mais esta noite.

***

Passava um pouco das dez quando retornamos ao Country Daze. O tráfico do dia há muito tinha cessado, e o sinal de stop que estava no cruzamento parecia um maçante fantasma vermelho na chuva miudinha. Donovan não tinha um par de sapatos extra no porta-malas, então tive que colocar meus pés de volta em minhas botas enlameadas. Primeiro, porém, limpei o máximo de sujeira que pude com uma toalha.

Durante o tempo que estivemos fora, o conversível preto de Sophia tinha sido puxado para um dos lados da loja, então o carro clássico descansava na grama. Assim como o Cadillac de Finn.

A loja estava escura, as portas da frente fechadas e trancadas.

— Vamos lá, — eu disse. — Finn disse que eles estavam indo para a casa.

O detetive e eu andamos pelo espaço entre o conversível de Sophia e a loja. A casa de Warren T. Fox ficava a cerca de cento e cinquenta metros atrás da loja, na parte traseira de um pequeno bosque de árvores bordo e carvalhos. Um riacho ladeava um lado da casa. A chuva o tinha deixado mais cheio, como uma cobra que havia engolido mais do que poderia segurar confortavelmente. A torrente de água abafava o som da chuva batendo contra o telhado de zinco.

Havia estado ali mais cedo para verificar a estrutura, mas eu estava mais uma vez impressionada com o quanto a construção de tábuas se parecida com a casa de Fletcher Lane.

Ambas apresentavam as mesmas tábuas brancas, o mesmo tipo de persianas, o mesmo telhado de zinco inclinado. E não era apenas a casa que me lembrava Fletcher — era tudo a respeito de Warren T. Fox. As roupas azuis de trabalho que ele usava, sua natureza mal-humorada, a loja antiquada que ele geria. Era quase como se Fletcher e Warren fossem gêmeos idênticos separados à nascença. O tipo do qual você lê que cresceram separados, mas com vidas muito parecidas. Mais uma vez, eu senti algo mexer dentro de mim. Porque tudo sobre Warren me fazia lembrar de Fletcher e do amor que eu tinha por ele.

Luzes brilhavam em várias das janelas do primeiro andar. Eu fui até a varanda e bati na porta da frente.

— Hmph? — Sophia grunhiu através da madeira pesada.

— É a Gin.

Uma tranca soou, e a anã gótica abriu a porta.

Sophia segurava um taco de beisebol de alumínio em uma das mãos.

Seus olhos negros voaram para as minhas roupas enormes, e ela se desviou um pouco para nos deixar entrar. Sophia gesticulou, e nós a seguimos. Por um momento, eu senti que estava voltando a casa para Fletcher depois de um

longo dia no Pork Pit. Porque o interior da casa de Warren T. Fox era quase uma réplica exata da de Fletcher Lane. Mesmo tipo de móveis estofados bem-gastos, mesma confusão de bugigangas, mesmo pilha de miudezas que faziam de uma casa um lar. Eu pisquei, e a ilusão desapareceu.

Os outros estavam em uma sala grande. Violet encolhida no sofá, um livro pesado em seu colo, um caderno e uma caneta a seu lado. Estudando. Jo-Jo estava empoleirada na outra extremidade do sofá e folheava uma revista de beleza. Várias outras estavam empilhadas aos pés descalços dela. A anã tinha vindo preparada.

Warren balançava para frente e para trás em uma cadeira de tamanho grande que o fazia parecer mais velho e mais frágil do que ele realmente era. A televisão estava sintonizada com o Canal do Tempo.

Os olhos castanhos de Warren estavam focados atentamente nos gráficos de tempestade que apareciam na tela. Finn relaxava em uma cadeira similar, a qual ele tinha reclinado quase que totalmente. Seu laptop descansava em seu colo. Finn estava fazendo o mesmo. Roncos suaves derivavam de sua boca aberta.

Eu fui até lá, coloquei minha mão no ombro largo de Finn, e o sacudi.

— O quê? O quê? — Ele murmurou em uma voz sonolenta. — Eu não toquei nela, juro.

— Relaxa Casanova, — eu disse.

Finn piscou algumas vezes antes que seus olhos verdes focassem em mim. — Oh, Gin, é você. — Ele franziu a testa. — Porque você está usando uma camiseta que diz Departamento de Policia de Ashland?

Eu suspirei. — É uma longa história.

Uma vez que Finn estava mais ou menos acordado, eu contei aos outros o que Donovan Caine e eu tínhamos descoberto no escritório de Tobias Dawson. O detetive enviou para Finn um email com as fotos que ele tinha tirado. Finn baixou-as e começou a passar por elas.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntei a Sophia.

— Não, — ela disse asperamente.

— Algumas pessoas entraram à procura de refrigerantes e cigarros, mas só isso. — Jo-Jo concordou.

— Clientes habituais, — Warren cortou. — Mesmo Dawson não pode assustar as pessoas quando eles precisam de tabaco.

— Aqueles papéis que você encontrou dentro do cofre, — Jo-Jo disse. — O que eles diziam? Alguma coisa interessante?

Dei de ombros. — Pergunte a Donovan. Estava escuro. Eu realmente não os vi.

Todos os olhos se voltaram para o detetive, que também deu de ombros.

— Como a Gin disse, estava escuro. Nós só usamos lanternas. Eles em sua maioria pareciam esquemas para mim. Teremos que esperar e ver o que Finn diz.

— Vocês vão ter que me dar alguns minutos, — Finn disse, digitando em seu laptop. — Tenho que classificá-los e ler alguns. Não faz muito sentido para mim tampouco. Sem mencionar que a qualidade da foto não é a melhor que já vi.

— Desculpe, — Donovan alfinetou. — Eu estava um pouco mais preocupado sobre ser pego do que tirar fotos perfeitas para você.

Nós ficamos em silêncio enquanto esperávamos que Finn lesse e decifrasse os documentos. Mas eu tinha uma boa ideia do que eles diziam. Então, me encostei na parede e comecei a pensar sobre o que viria a seguir — chegar perto o suficiente de Tobias Dawson para matá-lo. Porque essa seria a única maneira dessa coisa terminar, se minhas suspeitas estivessem corretas.

Sophia estava ao meu lado e ela girava o taco de beisebol em sua mão como se fosse um cassetete de metal.

Depois de cerca de dez minutos de leitura e cliques, Finn franziu o cenho. — Isso é estranho. — Ele olhou para Warren. — Você sabia que Tobias Dawson recentemente começou a construção de um novo veio na mina que ele está trabalhando?

Warren assentiu. — Esse é o rumor que os mineiros estão jorrando. Também tem havido mais atividades na mina recentemente.

— Que tipo de atividade? — Donovan perguntou.

Warren deu de ombros. — Mais detonações, mais perfurações. Às vezes, podemos sentir os tremores aqui embaixo. Uma vez eles foram tão fortes, que derrubaram alguns refrigerantes na loja. Fez uma grande bagunça.

— Eles parecem mais ou menos como pequenos terremotos, — Violet adicionou. — Eles já vêm acontecendo há uns tempos.

— Bem, de acordo com isso, Dawson está investindo mais do seu dinheiro e mão de obra no novo veio da mina esses dias, — Finn disse.

— Porque ele faria isso? — Violet perguntou.

Finn leu um pouco mais. Sua carranca se aprofundou. — Isso não pode estar certo, — ele murmurou. — Não é possível.

— O quê? — Jo-Jo perguntou. — O que não é possível?

— O que Dawson está perfurando, — Finn disse. — De acordo com isso, parece que o novo veio não será para extrair carvão da montanha. Será para extrair…

— Diamantes, — eu disse em uma voz suave. — Ele encontrou diamantes na montanha.

Silêncio. Por um momento, todo mundo me olhou. Então todos eles começaram a falar ao mesmo tempo.

— Diamantes? — Sophia raspou de surpresa.

— Isso não é possível, — Violet Fox disse.

— Querida, qualquer coisa é possível, — Jo-Jo replicou.

— Então é por isso que Dawson quer tanto a terra. — Donovan balançou a cabeça.

— Eu me pergunto quão grande eles são, — Finn disse em um tom especulativo.

Warren T. Fox foi o único que não disse nada.

Ao invés, o velho me olhou, seus olhos escuros mostrando preocupação. Ele, tal como eu, sabia o que a descoberta dos diamantes significava. Desastre.

Para ele e para a montanha.

Se o diamante que eu tinha encontrado no cofre era qualquer indicação do tamanho e qualidade dos outros que Tobias Dawson tinha descoberto, o anão rasgaria toda a montanha ao meio para conseguir extrair cada pedra preciosa do chão.

E não terminaria aí. A notícia sobre a descoberta dos diamantes eventualmente vazaria, e então, bem, seria pior do que a Corrida do Ouro na Califórnia. Todo mundo demoliria e destruiria a área, esperando encontrar diamantes em suas próprias terras.

Eles destruiriam toda montanha em sua apressada ganância — e a casa e a loja de Warren T. Fox estavam no epicentro. Ele iria primeiro. O conhecimento passou por seus olhos, firme, determinado.

A menos que eu fizesse algo para parar isso.

Eu nunca me considerei uma ambientalista, mas essas montanhas eram tão parte de mim como eram de Warren Fox. Eu, tal como ele, tinha orgulho em sua beleza. Se a mina atual de Tobias Dawson era qualquer indicação do que estava por vir, seria um serviço público parar isso agora. E havia somente uma maneira de fazê-lo — matando Tobias Dawson.

Oh, eu não tinha nenhuma dúvida de que o anão tinha dito a alguns de seus homens de maior confiança o que ele tinha descoberto, como aqueles dois gigantes que tinham vindo ao escritório para investigar o roubo. Mas sem Dawson por perto, sem a sua experiência e conhecimento em mineração, seria muito mais difícil para os seus lacaios fazer qualquer coisa sobre os diamantes.

Mesmo que eles fizessem algo mais tarde, eu sempre poderia tirá-los do jogo também. Não, matar Dawson era a chave. Elimine o anão e o resto do monstro provavelmente morrerá com ele.

Além disso, a loja, a terra, a casa. Eram tudo o que Warren e Violet conheciam. Eles eram simplesmente o seu lar. Eu sabia que Fletcher Lane teria feito o que pudesse para ajudar seu amigo. O velho não estava aqui, mas eu estava. E eu ia proteger os Fox — não importava o quê.

Warren levantou seus olhos escuros para mim, fazendo uma pergunta silenciosa. Eu assenti. Pergunta feita e respondida. Jo-Jo Deveraux viu a troca.

Uma emoção cintilou em seu olhar pálido. Parecia como alívio — misturado com uma centelha de antecipação.

Com o quê, eu não poderia imaginar. Mas estava lá.

Depois de três minutos, o murmúrio de vozes cessou.

— Eu só não vejo como é possível, — Donovan Caine disse. — Diamantes? Aqui?

Eu assenti. — Eles os têm em Arkansas, porque não aqui em Ashland? Tobias Dawson encontrou muito carvão na montanha. É tudo o que um diamante realmente é — carvão colocado sob pressão longo e duro o suficiente para se transformar em outra coisa.

— Como você sabe disso? — O detetive perguntou.

— Sei um pouquinho sobre pedras, especialmente as preciosas. — Eu não mencionei o fato de que eu podia ouvir suas vibrações, tocá-las e conseguir que fizessem qualquer coisa que eu quisesse. Eu nunca ostentei minha magia, e não iria fazê-lo agora.

— Mas se Dawson já começou a escavar esse outro veio para conseguir os diamantes, porque ainda está nos ameaçando? — Violet perguntou, confusão piscando em seus olhos. — Porque sequer se incomodar? Porque não apenas extrair os diamantes às escondidas?

— Porque o anão não detém os direitos minerários para a terra, — Warren rugiu. — Eu tenho. Então legalmente, eles não são seus diamantes. Eles são nossos.

— E as pessoas podem perceber isso, se ele começar a extraí-los. — Jo-Jo terminou. — A palavra se espalharia. Sempre acontece. E então Warren poderia causar problemas para ele. Problemas legais.

Warren assentiu. — Ou tentar, pelo menos.

Nós todos caímos em silêncio. Dei aos outros alguns minutos para pensar, mas a minha decisão já tinha sido tomada.

— Finn? — Eu perguntei em voz baixa.

— Sim?

— O que mais você descobriu sobre Dawson hoje?

Ele olhou para mim com seus olhos verdes. — Toda a informação de costume. Finanças, interesses comerciais, passatempos, casas, conexões sociais.

— Alguma coisa que possamos usar?

Finn me olhou. Seu olhar foi para Warren. Ele viu a resolução no rosto do outro homem e percebeu que combinava com a minha. — Sim, há alguns ângulos. Nada muito fácil, claro, mas tenho certeza que podemos encontrar alguma coisa. Sempre há uma maneira.

Isso era o que Fletcher Lane costumava me dizer. Eu sorri.

O detetive me olhou, seus olhos dourados estavam escuros. — Certamente há outra maneira além de matar Dawson.

— E qual maneira seria essa, detetive? Entregar Tobias Dawson para os policias? Pelo quê, ameaças? Não resultaria em nada, e você sabe disso. Além do mais, a polícia geralmente exige incômodas coisinhas chamadas provas. E eu aposto que não há nenhuma. Dawson é muito esperto para isso. Estou certa? — Eu olhei para Warren.

Warren balançou a cabeça. — É simplesmente a minha palavra contra a dele. São os homens de Dawson quem têm assediado meus clientes, não ele. Seus homens nunca falariam contra ele. Ele os paga demasiado bem para isso.

— Mas você é o dono da terra, Warren, dos direitos minerários, — Donovan disse. — Dawson não pode fazer o que ele quer com a sua propriedade. Você poderia levá-lo a tribunal, fazê-lo parar. Nós temos os arquivos de seu escritório. Podemos provar o que ele está fazendo.

Finn bufou. — Sim, arquivos que você e Gin conseguiram ao invadir o escritório de Dawson. Nenhum juiz vai permiti-los em tribunal. E eu não acho que Dawson estaria ansioso para desembolsar qualquer informação. Além disso, olhe para isso do ponto de vista financeiro. Um processo judicial se arrastaria por anos, e os bolsos de Dawson são muito mais profundos do que os do Warren.

— Mesmo assim, — eu disse, — Dawson poderia provavelmente comprar o veredito que quisesse. E enquanto tudo estivesse sendo resolvido de forma errada no tribunal, Dawson poderia continuar seu reinado de terror. Tentar chegar a Violet outra vez. Encare isso, detetive, o anão não vai se afastar de uma

montanha cheia de diamantes. Ninguém o faria. Há apenas uma forma de fazê-lo parar. Meu jeito.

Nossos olhos se encontraram e eu segurei, dourado em cinza. Depois de um momento, Donovan Caine olhou para longe, mas não antes de eu pegar a cansada resignação em seus olhos, o afundamento em seus ombros, as linhas profundas de derrota em seu rosto. Ele sabia que o que eu disse era verdade. Ele não gostava disso, mas o detetive ia deixar-me fazê-lo. Ele sabia que eu ia atrás de Tobias Dawson, e ele não ia tentar me parar. Não mais. Eu não esperava que o detetive cedesse tão facilmente.

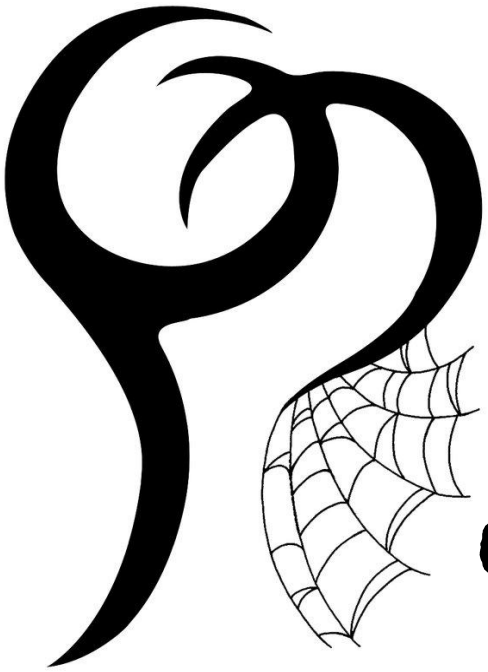
Eu me perguntei o que causou a rápida reviravolta. Sua amizade com Warren Fox? Eu? Outra coisa?

Mas não tive vontade de celebrar a minha vitória fazendo o detetive concordar com meu plano. Alguma coisa estava incomodando Donovan. Eu, muito provavelmente, e o que tinha acontecido entre nós no banco de trás do seu sedan. Mas a raiva do detetive quanto ao assassinato de Cliff Ingles, seu parceiro corrupto, parecia ter desaparecido, por algum motivo.

Donovan não tinha mencionado isso durante todo o dia. Então, o que eu tinha feito de tão terrível para além de lhe dar alguns orgasmos? Eu não poderia deixar de perguntar.

Mas agora não era hora de me focar em Donovan Caine e esse estranho calor que eu sentia por ele. As coisas precisavam ser feitas hoje a noite antes que eu fizesse qualquer tipo de movimento contra Tobias Dawson. Então empurrei os pensamentos sobre o detetive para longe e olhei para os outros.

— Aqui está o que vamos fazer, — eu disse.



Capítulo 22

— Em primeiro lugar, vocês dois, — apontei minha cabeça para os Fox, — precisam desaparecer pelos próximos dias. Tirem férias.

Warren balançou a cabeça. — Não. Eu não vou correr de Tobias Dawson. Nunca o fiz, e nunca farei.

— E quanto a Violet? — Eu perguntei. — Ela quase foi estuprada e morta na noite passada porque Dawson queria lhe enviar uma mensagem. Se ele sequer pensar que o arrombamento ao escritório de mineração está ligado a você, ele virá até aqui para matar vocês dois, e queimar tudo até o chão. É isso o que você quer?

— Claro que não, — Warren estalou. — Mas eu sou um Fox, dos Ridgeline Hollow Fox. Meus ancestrais viveram nessas montanhas por mais de trezentos anos. Os colonos não conseguiram expulsar o meu povo, e eu serei amaldiçoado se um anão ganancioso me fizer ir a qualquer lugar. Eu nunca corri de uma luta. Não começarei agora.

Um olhar obstinado se espalhou pelo rosto enrugado, e eu sabia que ele não ia ceder. Não nesse ponto. Warren poderia morrer, mas ele faria isso em sua própria loja — assim como tinha acontecido com Fletcher. Meu coração torceu, e o rosto arruinado do velho apareceu ante meus olhos. Eu empurrei a imagem para longe. Warren T. Fox não ia acabar como Fletcher Lane — não se eu pudesse evitar.

— Ótimo. Você pode ficar aqui em casa.

Warren sorriu.

— Com Sophia e Jo-Jo como proteção, — eu adicionei. — E você vai fechar a loja pelo resto da semana. Isso não é um pedido.

Seu sorriso desvaneceu. — Porquê?

— Porque Tobias Dawson estará observando. Se ele vir que a loja está fechada, ele pode pensar que você finalmente está amolecendo. Isso deve nos dar um pouco mais de tempo.

— E eu? — Violet perguntou. — Não posso exatamente partir tampouco. Tenho aulas e exames chegando.

Eu me virei para ela. — Você tem uma amiga com quem possa ficar pelos próximos dias?

Ela assentiu — Eu posso ficar com Eva Grayson.

Lembrei aquela noite no Pork Pit, quando Owen Grayson dissera à sua irmã mais nova que ela seria escoltada por um guarda-costas quisesse ou não. O cara que eu tinha visto com Eva na faculdade comunitária parecia capaz o suficiente. Assim como Owen. Ficar com os Grayson era provavelmente o melhor lugar para Violet até que essa coisa estivesse acabada. — Tudo bem. Ligue para Eva.

Violet piscou. — Agora?

Eu assenti. — Agora. Quero que tudo fique encaminhado essa noite. Dessa forma, posso me concentrar em pegar o Dawson.

Olhei para as duas anãs. — Você duas acham que podem ficar de guarda por alguns dias?

— Claro. — Jo-Jo disse. — Qualquer coisa que você precise, Gin. Você sabe disso.

— Um-mmm. — Sophia grunhiu seu acordo.

— E eu? — Finn perguntou.

Eu sorri para ele. — Fletcher se foi, assim você será meu informante. Quero tudo o que você conseguir sobre Tobias Dawson. Você sabe o que fazer com isso.

Finn assentiu.

E então havia algo. Eu olhei para o detetive, que ainda tinha um olhar aflito em seu rosto. — O que você vai fazer, Donovan?

Ele olhou para o carpete debaixo de seus sapatos enlameados.

O detetive sabia o que eu estava perguntando — se ele iria tentar me parar ou pior, avisar Tobias Dawson que eu estava indo por ele.

— Nada. Eu não vou fazer nada. Nem uma maldita coisa. —Donovan passou as mãos pelo seu cabelo preto e deixou escapar uma risada amarga. O detetive havia acabado de ficar ao lado de uma assassina, da Aranha. Ele tinha acabado de condenar outro homem à morte, e sabia disso.

— Bom, — eu disse. — Então vamos começar a trabalhar.

***

Uma hora depois estava tudo pronto. Enquanto Finn deslizava o laptop em sua maleta de couro, Violet dava a seu avô um abraço longo e apertado. Eva Grayson havia ficado entusiasmada por sua melhor amiga querer ficar em sua casa pelos próximos dias, e Violet já tinha feito a mala. Agora nós estávamos no hall de entrada da casa, nos despedindo.

— Você poderia vir comigo, — Violet disse a seu avô.

Warren colocou uma mão manchada na bochecha dela e balançou a cabeça. — Você sabe que não posso. Isso não sou eu. A única forma de eu deixar essa terra é quando me carregarem para fora em um caixão. Além do mais, Gin pode precisar de mim para alguma coisa. Quero estar por perto se ela precisar.

Violet assentiu e tentou sorrir. Lágrimas encheram seus olhos negros.

— Nós precisamos levar você para a casa de Eva, — eu disse em uma voz baixa.

Violet deu a seu avô um outro abraço e agarrou a sua mala. Finn segurou a porta para ela, e os dois saíram.

Eu fui até Sophia e Jo-Jo. — Se qualquer coisa acontecer, se Tobias Dawson ou seus homens voltarem, vocês matam primeiro e perguntam depois, entenderam?

A anã gótica grunhiu para mim. Jo-Jo assentiu.

— Nós sabemos, Gin, — Jo-Jo disse. — Essa não é a primeira vez que Sophia e eu fazemos esse tipo de coisa.

Eu fiz uma careta. — Não é?

A anã sorriu. — Não. Nós cuidamos de algumas pessoas para o Fletcher também.

De novo, havia a menção de Fletcher Lane ajudando outras pessoas. Aquela parte secreta dele que eu não tinha conhecido. Eu não sei porque o pensamento me perturbou, mas o fez. Ou talvez fosse só porque eu estava um pouco fora da minha área. Eu tinha passado dezessete anos da minha vida matando pessoas, e aqui estava eu tentando salvar um homem velho e sua neta de um minerador ganancioso — de graça. Eu não tinha certeza do que fazer com isso. Só tinha certeza de uma coisa. Era muitíssimo mais divertido que minha aposentadoria tinha sido até agora.

Deixei as anãs cuidando de Warren e saí. Violet esperava com Finn na varanda. Donovan Caine se apoiava no parapeito, ainda remoendo.

— Leve Violet direto para a casa de Eva Grayson, — eu disse a Finn. — Sem paradas.

Finn fez um beicinho. — Eu faria algo assim?

— Sim.

Ele esticou os lábios um pouco mais. Violet riu da sua expressão. Os olhos verdes de Finn passaram pelo corpo dela. Ele sorriu.

— Espingarda, Finn, — eu murmurei para ele. — Lembre de vovô Fox e sua espingarda.

Aquilo entorpeceu o sorriso de Finn, mas não o apagou completamente. Poucas coisas poderiam fazer isso. Finn tinha puxado seu Cadillac para a casa. Ele abriu a porta do passageiro para Violet, que lhe deu um outro sorriso tímido, então escorregou para dentro.

Depois de um momento, Finn desviou seu olhar para longe dela por tempo suficiente para olhar para mim. — Espero que você não se importe de sentar atrás, — ele disse em um tom muito sem remorso.

— Eu não me importo nem um pouco porque Donovan está me levando para casa, — eu anunciei.

Finn piscou. — Ele esta?

— Eu estou? — Donovan fez coro.

— Sim, — eu disse. — Você está.

O rosto de Donovan apertou um pouco mais na escuridão.

***

Finn e Violet voltaram para Ashland, e Donovan e eu fizemos o mesmo em seu sedan. Nós não nos falamos, exceto quando eu lhe dei as direções para a casa de Fletcher Lane.

Nós paramos cerca de trinta minutos depois. Donovan Caine olhou através do para-brisa para a estrutura desconexa e incompatível.

— Então é aqui que você vive agora? — Ele perguntou.

— Sim. Na verdade, a casa era de Fletcher, o velho que dirigia o Pork Pit.

— O pai de Finn, seu primeiro treinador. Aquele que foi torturado e assassinado por Alexis James.

Eu assenti. Donovan não disse nada.

Eu olhei para o detetive, meus olhos traçando pelas linhas ásperas de seu rosto. — Você poderia entrar. — Eu sugeri. — Passar a noite. Comigo.

Donovan virou seu olhar para o meu. Calor. Desejo. Culpa.

Tudo isso e mais brilhou em seus olhos, mas depois de um momento, ele balançou a cabeça. — Eu não acho que seria uma boa ideia, Gin.

— Porque não? Uma cama seria certamente mais confortável do que o banco de trás do seu sedan. — Eu olhei para a lama que tínhamos deixado por todo o lugar em nossa loucura. — Mais limpo, também.

Ele balançou a cabeça de novo. — Eu não vou entrar, Gin.

— Porque não? É por causa do que eu pretendo fazer a Tobias Dawson?

Donovan correu suas mãos por seu cabelo preto. — Em parte. Eu ainda não acredito que concordei com isso.

— E a outra parte?

Ele soltou um suspiro. — Você se lembra daquela noite no seu apartamento, antes de irmos para a pedreira resgatar Finn e Roslyn Phillips? Você se lembra do que eu disse a você sobre o meu parceiro, Cliff Ingles?

— Eu lembro. Você queria me matar por assassiná-lo.

Ele assentiu. — Principalmente, porém, eu queria saber *porque* você o matou. E uma vez que você não me contou, eu fiz algumas buscas por conta própria.

Eu fiquei tensa. Droga e droga ao quadrado pelo detetive e sua tenacidade.

— Muito mais pessoas estavam dispostas a fazer-me favores depois do incidente com Alexis James, — Donovan continuou. Ele olhou através do para-brisa ao invés de olhar para mim. — Um cara que trabalhava nas ruas foi particularmente útil. Ele me disse que eu deveria conversar com uma prostituta, uma das garotas de Roslyn Phillips, curiosamente.

Roslyn Phillips era a madame vampira que dirigia o Agressão do Norte, um luxuoso clube da moda que atendia as pessoas ricas de Ashland e servia a todas as suas necessidades e desejos distorcidos. Ela era também uma das amigas com benefícios de Finn. Eu tinha matado o cunhado abusivo de Roslyn vários meses atrás, depois de ele ter quase batido na irmã e sobrinha pequena dela até a morte. Roslyn, por sua vez, tinha dito a uma de suas garotas sobre os meus serviços. Línguas soltas conseguem pessoas mortas, e os sussurros furtivos de Roslyn tinham eventualmente levado ao assassinato de Fletcher Lane. Algo que eu não ia deixar a vampira esquecer — nunca.

Mas se Caine tinha conversado com a prostituta que eu tinha em mente, ele sabia exatamente porque eu tinha matado seu parceiro — e o que o bastado tinha feito para a filha de treze anos da mulher.

— Eu sei que Cliff estuprou e bateu naquela garota, — Donovan disse, confirmando minhas suspeitas. — Sei que foi por isso que você o matou, para que ele não voltasse a fazer o mesmo a outra garota.

Não adiantava negar agora. — Sim. Foi por isso que eu o matei. Por causa da garota. Quando você descobriu?

— Duas semanas atrás.

Dor aprofundou as rugas no rosto de Donovan. O detetive me fez lembrar de um personagem mitológico de um dos meus livros de literatura, de Atlas, carregando o fardo pesado das ações perversas e maldosas dos outros sobre seus ombros magros.

— Todo aquele tempo você me deixou culpar você pela morte de Cliff, — Donovan disse. — Todo aquele tempo você me deixou pensar que você era um monstro. E não era.

Dei de ombros. — Isso é discutível. Eu ainda o matei. E cortar as bolas de um cara não é exatamente coisa de uma pessoa normal.

Donovan soltou uma risada. — Você sabe o que é mais engraçado? Se eu soubesse sobre Cliff, sobre as prostitutas em que ele batia, sobre aquela garota que ele estuprou, eu mesmo o teria matado. Mas você chegou primeiro. — Sua voz caiu para um sussurro. — E de alguma forma eu me sinto em dívida com você, Gin. Agradecido, até. Porque você o matou, e eu não tive que o fazer.

— Então é disso que se trata. Eu matando Cliff Ingles. É por isso que você não quer entrar. É por isso que você não quer estar comigo. — Eu poderia ter matado o policial corrupto de novo e empurrar Donovan para longe de mim.

Donovan balançou a cabeça. — Não totalmente. É principalmente sobre mim. Descobrir sobre Cliff, isso me fez pensar. Sobre muitas coisas. E agora, essa bagunça com Warren e Violet... eu ajudarei Sophia e Jo-Jo a cuidar deles da melhor forma possível.

— Mas...

— Mas não vou ajudar você com Tobias Dawson. Não como fiz com Alexis James. Eu não posso, Gin. Simplesmente não posso. Não posso ser parte de algo como aquilo de novo. Eu mal posso viver com o fato de que eu sei o que você vai fazer para Dawson e o conhecimento de que não irei fazer nada para impedir você de matá-lo. — Sua voz caiu novamente. E eu não posso ficar com você. Não hoje a noite.

— Você não estava tão preocupado com Tobias Dawson e o que eu iria fazer com ele quando estava me fodendo no banco de trás algumas horas atrás. — Minha voz estava mais fria do que eu gostaria. — Ou você já se esqueceu disso?

Donovan se encolheu. — Não, eu não esqueci sobre isso, nada disso.

— Mas você não vai fazer isso de novo. Não vai dormir comigo de novo.

Suas mãos apertaram o volante até que o couro rangeu. — Não, eu não vou.

Ouvi a dura resolução em sua voz. Donovan Caine tinha feito uma promessa a si mesmo, e ele não ia quebrá-la. Oh, eu imaginei que poderia conseguir que ele esquecesse sobre sua moral, suas regras, seus votos. Tudo o que eu tinha que fazer era subir nele e começar a dar-lhe a dança erótica de sua vida. Uma variação do striptease que eu tinha realizado mais cedo essa noite.

Mas eu tinha feito o primeiro movimento duas vezes agora. Eu queria que o detetive *me* quisesse, Gin Blanco, a boa, a ruim, e a sangrenta. Não apenas sucumbir aos meus encantos no calor do momento, e então sentir-se culpado sobre isso depois.

— Parece que estamos em um impasse então, — eu disse em voz baixa.

— Eu acho que sim.

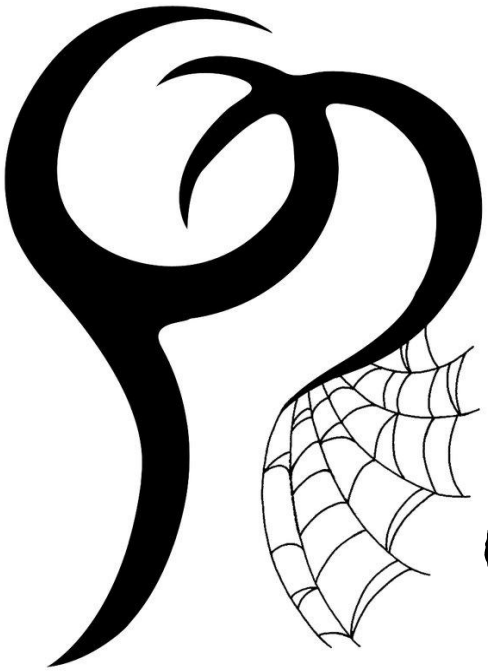
Donovan não olhou para mim. *Ele não é o certo para você*, a voz esganiçada de Warren T. Fox murmurou em minha cabeça. Eu não queria que suas palavras fossem verdade, mas parecia que eram — pelo menos por hoje a noite. Além do mais, eu tinha que cuidar de Tobias Dawson. Fletcher Lane tinha me treinado para colocar o trabalho em primeiro lugar, à frente de meus próprios desejos. Assassinos distraídos eram desleixados, e então eles eram mortos. Eu precisava me concentrar realmente dessa vez, já que tinha um par de pessoas inocentes para proteger. Um problema de cada vez. Eu lidaria com Donovan e seus sentimentos conflituosos mais tarde.

— Tudo bem, — eu disse. — Você cuida de Warren e Violet. Terei Finn para me ajudar com Tobias Dawson.

Donovan assentiu. — Acho que isso é o melhor.

Não havia mais nada para dizer. Não hoje à noite. Então eu saí do carro. O detetive não olhou para mim quando ele jogou o veículo no sentido inverso, se virou, e foi embora. Eu fiquei lá olhando para a neblina e a escuridão que o engoliu.

Por alguma razão, meu coração parecia tão gelado quanto a chuva fina ao meu redor.



Capítulo 23

Eu tinha acabado de tirar uma torta de amora-preta do forno por volta do meio-dia do dia seguinte, quando ouvi o som de pneus esmagando o cascalho do lado de fora. Andei de fininho até à sala da frente e espiei por uma fenda das cortinas. Um Ashton Martin prata parou na entrada.

Destranquei a porta da frente, depois voltei para a cozinha.

Um minuto depois, Finn enfiou a cabeça dentro do cômodo.

Como de costume, ele usava um terno impecável, desta vez em um escuro cinza carvão. Suas bochechas estavam coradas devido à garoa sempre presente, e gotas de água brilhavam em seus cabelos cor de noz. Ele carregava seu laptop em um estojo de couro preto à prova d'água.

— Já não era sem tempo. — Eu despejei uma bandeja de estanho cheia de bolinhos de airela[46] e laranja em um prato branco. — O café já está pronto.

Finn se serviu de uma caneca da quente bebida de chicória. Ele tomou alguns goles, então desviou um cesto de pãezinhos de massa fermentada para que ele pudesse colocar seu laptop na mesa da cozinha. — Parece que alguém não conseguiu nada noite passada.

Eu o encarei.

[46] Também conhecido como Mirtilo-Vermelho e Oxicoco.

Finn gesticulou para a cozinha. — Vamos lá. Vejo uma torta, bolinhos, pãezinhos e um bolo de chocolate, e o que eu suponho que sejam conservas de morango. Você sempre cozinha demais quando está chateada.

Ele havia me descoberto. A situação com Donovan Caine não tinha ficado resolvida como eu queria, e isso havia me afetado mais do que eu tinha percebido. Por que o detetive não poderia apenas me aceitar como eu era? Moralidades. Elas sempre estragavam tudo.

Eu me levantei cedo com nada além de tempo para matar até que Finn aparecesse. Então comecei a cozinhar. Mas misturar, mexer, e assar não tinha me relaxado o suficiente.

Talvez se eu fizesse outro bolo ou dois…

— Suponho que as coisas não acabaram com o bom detetive em sua cama na noite passada? — Finn perguntou em tom astuto.

Além de tratar-me como uma irmã, Finnegan Lane também tinha uma tendência irritante de analisar a minha vida sexual — juntamente com a de todos os outros.

— Não, — eu respondi. — O detetive não passou a noite, apesar de eu tê-lo convidado.

Finn balançou a cabeça. — Idiota. O homem é um idiota. Mas não se sinta mal. Eu também não tive sorte ontem à noite.

Levantei uma sobrancelha. — Você quer dizer que a noite não terminou com você num trio com Violet Fox e Eva Grayson?

— Touché.

Finn tomou outro gole de seu café. Ele examinou as várias iguarias que eu assei e pegou dois bolinhos de airela e laranja para começar.

— Espero que você tenha feito alguma coisa ontem à noite além de dar em cima dessas duas garotas, — eu disse, servindo uma generosa porção de torta de amora em uma tigela grande.

— Se você considerar peneirar resmas de informações sobre Tobias Dawson, então sim, eu fiz alguma coisa útil a noite passada, embora tenha sido

uma experiência completamente de deixar os olhos vidrados[47]. O homem não tem de perto vícios suficientes para fazer coisas interessantes. Tudo o que ele faz é minerar carvão e comprar equipamentos para minerar carvão e procurar mais lugares para minerar carvão. Mencionei que ele minera carvão?

— Uma ou duas vezes. — Meus lábios se contraíram. Não importava o quão mal eu me sentia, Finn conseguia sempre me fazer sorrir. Eu o amava por isso.

Eu usei minha magia de Gelo para congelar uma caneca e criar alguns cubos de Gelo pequenos, então me servi de um copo de leite e cavei a torta. Não me incomodei com sorvete desta vez. Eu só queria açúcar quente, um monte dele.

— Mas você estava certa sobre os diamantes, — disse Finn. — De acordo com as fotos de celular que o detetive tirou no escritório de Dawson, o anão está planejando uma grande expansão de sua atual operação mineira. E adivinhe para onde o novo veio principal leva?

Eu nem sequer tive que me esforçar. — A loja de Warren T. Fox.

Finn assentiu. — Na verdade, o nosso bom amigo Tobias Dawson já começou a escorar a mina, e ele até mesmo atravessou a terra de Warren.

— Explica todos os estrondos e mini terremotos que eles ouviram e sentiram. — Eu comi outro pedaço de torta. A cobertura de aveia proporcionava um contraste crocante à doçura melosa do recheio de amora. Mmm. Perfeito.

— Mas espere, há mais, — disse Finn. — Dawson pode estar minerando seus miolos, mas ele não está mais ganhando um monte de dinheiro fazendo isso.

— Por que não?

Finn encolheu os ombros. — As razões habituais. O equipamento está mais caro, o carvão está mais difícil de conseguir, e há cada vez menos dele, o que significa mais horas de trabalho e mais dinheiro investido para extraí-lo. Dawson também foi processado no ano passado. Houve um desmoronamento em uma de suas outras minas, na Virgínia. Matou quase uma dúzia de homens, feriu muitos mais. Apesar das tentativas do anão de manter isso quieto, o acidente conseguiu um monte de imprensa. Dawson tinha seguro, mas ainda teve que desembolsar quase trinta milhões para as famílias.

[47] No sentido de muito entediante.

Eu assobiei. — Isso faz danos na carteira de qualquer um.

Finn terminou de comer seus bolinhos e estendeu a mão para o cesto de pãezinhos. Passei-lhe um pouco de manteiga. — Causou mais danos na carteira de Dawson que na da maioria. Isso limpou a maior parte de sua fortuna pessoal. Ele mal tem dinheiro para o básico nestes dias e está hipotecado até o topo de seu chapéu de cowboy.

— Então, ele não só quer os diamantes, ele *precisa* deles.

— Como um bêbado precisa de vinho, — Finn concordou. — Mas espere, há mais. Adivinha quem é um de seus credores principais?

Outra adivinhação fácil. — Mab Monroe.

Finn fez beicinho. — Você estraga toda a minha diversão. Como você sabia?

Dei de ombros. — Lembro-me de ver o nome de Dawson no arquivo que Fletcher compilou sobre Mab. Mesmo se eu não tivesse, não seria muito difícil imaginar. A mulher tem as mãos em tudo nesta cidade. Incluindo nos bolsos de Dawson, eu imagino.

— E de que maneira, — disse Finn. — Mab esteve lhe dando dinheiro no últimos meses. Ela está dando isso como um risco de negócio especulativo.

Olhei para ele. — Risco especulativo? Assim que ela sabe sobre os diamantes então.

— Provavelmente, — disse Finn. — Dawson deve ter lhe contado sobre eles, talvez até mesmo lhe dado um par de amostras como gesto de boa fé.

— Então tudo que Dawson tem de fazer é se livrar dos Fox, e ele pode rasgar toda a montanha minerando diamantes.

— Saldar seus credores, tornar-se solvente de novo, e fazer para ele e Mab Monroe uma pilha de dinheiro, — acrescentou Finn. — Você estava certa, Gin. Tobias Dawson não vai parar até que a terra de Warren Fox seja sua. Ele não pode se dar a esse luxo. Não com Mab Monroe respirando em seu pescoço para surgir com algo de valor.

— Saber os segredos sujos do anão é bom, mas nós sabíamos que eu ia ter que matá-lo o tempo todo, — eu disse. — O que quero saber agora é como posso conseguir isso — e sair limpa depois.

Finn passou manteiga em outro pãozinho. — Estive trabalhando nisso também. Como disse antes, Dawson é todo sobre seu negócio. A mineração é a sua vida.

— Então eu o elimino em sua casa ou no escritório da mina. Não é grande coisa.

Finn balançou a cabeça. — Eu investiguei um pouco mais a noite passada. Não sugiro nenhuma dessas opções. Dawson tem uma forte configuração de segurança em casa. Muitos guardas gigantes, e a casa dele fica em uma área plana e remota. Eles veriam você chegando. E após o seu arrombamento da noite passada, imagino que ele tenha duplicado os guardas em seu escritório e mina. Entrar seria complicado, sair seria um problema sério. Especialmente se ele lutar antes de você o matar.

Eu confiava no julgamento de Finn tanto quanto confiei no de Fletcher. Se ele dizia que a casa e o escritório estavam fora, eles estavam fora. — Que tal a caminho do trabalho?

— Dawson tem um motorista que está com ele há anos. Leva o anão em todos os lugares. Ele dirige esse grande SUV que vimos no Country Daze. Vidro à prova de balas, airbags, estrutura reforçada, todos os usuais recursos de segurança.

— O que significa que atacá-lo através do vidro não iria funcionar, e o anão é provavelmente resistente o suficiente para sobreviver a um acidente de carro ou até a uma bomba sob o capô, — eu terminei.

— É isso aí.

— Então o que você sugere? — Perguntei. — Porque o relógio está correndo. Violet não pode ficar para sempre com Eva Grayson, e Sophia e Jo-Jo só podem cuidar de Warren por um tempo. Tobias Dawson voltará à loja para ameaçar os Fox novamente mais cedo e não mais tarde. O anão precisa ser morto, Finn. Depressa.

Finn sorriu. — Os seus desejos são ordens. Dawson não sai muito, mas está agendado para comparecer a uma festa — hoje à noite, aliás.

Curto espaço de tempo, mas eu poderia fazer com que resultasse. Tive prazos menores para realizar outros trabalhos. — Mas...

— Mas há apenas um problema. Não, isso não é verdade, — disse Finn. — Existem vários problemas. Mas o maior é esse. A festa? Adivinha onde vai ser?

— Eu não sei. O clube privado Five Oaks, talvez?

É onde um monte de tipos da camada superior realiza as suas reuniões.

— Nuh-uh, — Finn balançou a cabeça. — Esse baile vai ser realizado na casa de Mab Monroe — sua propriedade pessoal.

— Porra, — eu disse.

— Porra, de fato, — Finn concordou.

***

Eu sentei lá e comi minha torta de amora por vários minutos. A casa de Mab Monroe era o último lugar em que eu gostaria de realizar um golpe. A elemental de Fogo não ficaria feliz se eu matasse alguém dentro dos limites de sua própria casa. Sem mencionar o fato de que isso poderia prejudicar gravemente a sua própria segurança e posição no submundo de Ashland. Matar alguém na mansão de Mab era o tipo de coisa que as pessoas falariam durante *anos*. Mab faria tudo em seu poder para descobrir quem matou o anão em seu próprio território. Quem teve a audácia de ridicularizar[48] a elemental de Fogo assim.

Mas, se era aí que Tobias Dawson estaria, então era aí que teria de realizar o trabalho — quer eu gostasse ou não. Eu só esperava estar à altura.

— Diga-me o resto, — eu disse.

Finn cortou para ele um pedaço de bolo de chocolate. — Oficialmente, a festa é um misturador de negócios. Mab convidou todos os seus associados de negócios, e todos os outros com quem ela quer fazer negócios em Ashland e além. Muitos chefões devem comparecer. A segurança para entrar será muito, muito forte.

[48] 'Thumb nose at' - literalmente seria colocar o polegar no nariz - expressar escárnio por alguém, ridicularizar, como se colocando o polegar no nariz e balançar os dedos.

— Então? — Eu perguntei. — Entramos de penetra em muitas festas antes. Certamente Jo-Jo pode nos colocar lá dentro.

Finn balançou a cabeça. — Já lhe liguei a perguntar. Você sabe que ela não suporta Mab. Jo-Jo recusou o convite duas semanas atrás. Você não pode usar o seu convite para matar Tobias Dawson.

— Porque vai parecer muito suspeito e colocará Mab na direção de Jo-Jo, — eu terminei o seu pensamento. — Ok, então como faremos isso? Tem que haver alguma maneira de entrar na mansão de Mab para que eu possa chegar perto de Dawson.

Finn hesitou. — Bem, há uma maneira, mas você provavelmente não vai gostar.

— Desembucha.

Ele me encarou. — Primeiro de tudo, você tem que perceber que não é o suficiente apenas entrar na festa. Você não pode ir na mansão de Mab Monroe como você, Gin Blanco. Jonah McAllister está na lista de convidados. Ele iria te reconhecer em um minuto.

— Então, usarei um disfarce. Não é como se eu não tivesse feito isso antes.

Finn terminou de comer seu bolo e cortou outra fatia. — Verdade, e eu tenho uma ideia sobre isso. Como parte das festividades da noite, Mab providenciou uma variedade de... entretenimento para seus convidados.

Meus olhos cinzentos estreitaram. — Que tipo de *entretenimento*?

Finn limpou a garganta. — Prostitutas. Homens e mulheres. Humanos, gigantes, vampiros, anões. Seus convidados escolhem quem eles gostam, fazem o que eles querem, e ela paga pela coisa toda.

— Então você está dizendo que a melhor forma, *a única* forma, de entrar nesta festa é fingir ser uma prostituta, chamar a atenção de Tobias Dawson, conseguir que fiquemos sozinhos, e fazê-lo antes que ele me faça. Por assim dizer.

Finn se encolheu. — Mais ou menos. Desculpe, Gin. Sei que não é ideal apostar se ou não você pode atrair Dawson. Mas acho que esta é a nossa melhor chance contra ele.

Eu me servi de mais um pouco de torta de amora e pensei sobre as coisas. Como uma assassina, como a Aranha, eu interpretei uma variedade de papéis ao longo dos anos. Garçonetes, criadas de hotel, musicistas, até mesmo uma policial de vez em quanto. Vestida com perucas, maquiagem, roupas provocadoras, e muito mais, tudo em nome do trabalho. Então, não estava preocupada se ou não eu conseguiria ser uma prostituta. O que me preocupava era o fato de que deveria fazer isso, ninar Tobias Dawson, e sair mais tarde — tudo na casa de Mab Monroe. Ainda assim, Finn estava certo. Esta era provavelmente a minha melhor chance com Dawson, e o anão precisava morrer — o mais rapidamente possível.

— Tudo bem, — eu disse. — Então entrarei como uma prostituta.

Finn assentiu. — Isso é realmente onde fica um pouco mais fácil.

— Por quê?

Ele sorriu. — Porque acontece que eu sou muito bom amigo da pessoa que entregará o entretenimento da noite — Roslyn Phillips.

Primeiro, Donovan mencionara o nome dela na noite passada, e agora Finn. Eu não tinha pensado sobre a vampira nas últimas semanas, mas aqui estava ela, surgindo em todo o lugar, mesmo que ela não percebesse isso. Mesmo que eu não gostasse do fato de quão próximas tínhamos que estar.

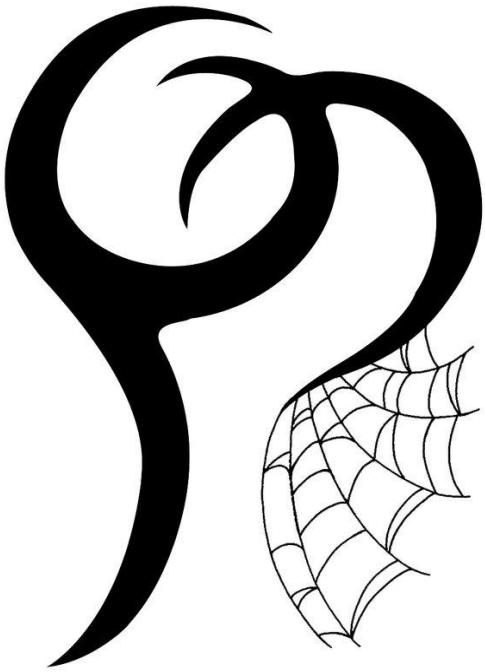
Não só Roslyn Phillips conduzia a Agressão do Norte, a casa noturna mais decadente de Ashland, a vampira costumava ser ela mesma uma prostituta. Ela havia trabalhado nas ruas de Southtown durante vários anos antes de guardar dinheiro suficiente para crescer financeiramente e abrir o seu próprio bar. Todos os vampiros precisavam de sangue para sobreviver, é claro, mas muitos deles também ganhavam poder através do sexo, razão pelo que muitos deles trabalhavam como prostitutos. Além disso, os vampiros podiam viver muito tempo, e a prostituição, bem, era uma habilidade que nunca saía de moda ou demanda. Vampiros precisam de dinheiro tal como o resto de nós.

Roslyn Phillips era a melhor dos melhores. Ela podia fazer coisas com homens e mulheres que eu nunca tinha sequer sonhado, e ela ensinava a seus funcionários a maioria de seus truques. Mas mais importante do que isso, a vampira me devia por matar seu abusivo cunhado e por não contar a Finn como sua língua solta tinha inadvertidamente levado à morte de Fletcher. Então, Roslyn ia ter que lidar comigo de novo, quer gostasse ou não.

Comi o último pedaço da minha torta, em seguida, afastei a minha tigela. — Bem, então acho que é hora de fazer a Roslyn uma visita amigável.

Finn sorriu. Ele e Roslyn tinham sido amigos especiais durante anos. Ou seja, eles muitas vezes se encontravam para jantar, beber, e ter uma noite de sexo quente e suado quando não estavam vendo outras pessoas. Às vezes, mesmo quando estavam.

— Oh, que delícia, — Finn falou lentamente. — Uma viagem de campo.



Capítulo 24

Passava um pouco da uma quando entramos no estacionamento da Agressão do Norte, que estava localizada em Northtown, como convinha a seu nome. Por volta das oito da noite, carros topos de gama de todas as marcas e modelos encheriam o lote, e uma longa fila de mulheres e homens ávidos estaria esperando para entrar e satisfazer seus desejos desesperados.

Mas nesta tarde fria de Novembro, a casa noturna parecia um armazém anônimo. Uma grande caixa de metal cinza que podia ser encontrada em qualquer um dos parques industriais de Ashland — exceto pela runa enorme sobre a porta. Uma luz néon em forma de coração com uma flecha o atravessando estava empoleirada em cima da entrada, marcando o sítio como algo fora do comum. O coração trespassado era a runa pessoal de Roslyn Phillips e o símbolo de seu clube. De visitas anteriores, eu sabia que o símbolo piscaria em vermelho, depois amarelo e depois laranja, quando ligado. Mas neste momento, era apenas um pedaço de metal e vidro pairando acima da porta.

— O lugar parece deserto. Você tem certeza que Roslyn está aqui? — Perguntei. — Pensava que ela ficasse em casa durante o dia e cuidasse da sua sobrinha, Catherine.

Finn encolheu os ombros. — Não hoje. Ela disse que estaria aqui examinando os livros já que o mês está terminando. Ela está nos esperando.

— Maravilhoso, — murmurei.

Saímos do carro e nos dirigimos à entrada.

A porta da frente estava trancada, então Finn bateu nela. Os nós dos dedos fizeram um som oco e vibrante na porta de aço reforçado. Alguns segundos depois, algo retiniu, como uma barra de segurança sendo jogada para trás, e a porta foi aberta. Xavier, o porteiro chefe da casa noturna, colocou a cabeça para fora. O gigante parecia ainda maior, mais largo e mais forte no fraco sol da tarde do que tinha parecido no Pork Pit, quando detivera Jake McAllister algumas noites atrás.

Seus olhos escuros foram para Finn, então para mim, em seguida, de volta para Finn.

Finn sabia exatamente o que era esperado. Ele sorriu e estendeu a mão. Xavier apertou-a e espalmou a oferecida nota de cem com graça surpreendente para alguém com mãos tão grandes quanto um melão.

O gigante sorriu. — Sempre um prazer vê-lo, Finn. Entre.

Finn e eu entramos, e Xavier fechou e trancou a porta atrás de nós.

— Já tinha visto você guardando a porta aqui, — eu disse. — Mas não sabia que também trabalhava para o departamento de polícia até você aparecer no Pork Pit para limpar aquela pequena bagunça na outra noite. Você não deveria estar lá fora prendendo infratores?

O sorriso de Xavier se alargou. — Ah, a coisa de policial é apenas uma atuação de meio período. Além disso, por que ir lá para fora, quando todos eles simplesmente aparecerão aqui mais tarde esta noite?

— Bom ponto.

Xavier agarrou um par de caixas de madeira que tinham sido deixadas junto à porta principal, e o *tink-tink* de vidro dentro chamou minha atenção. Parecia uma entrega de bebidas de algum tipo. O gigante ergueu o seu fardo e dirigiu-se mais profundamente no clube. Finn e eu o seguimos.

O exterior da Agressão do Norte podia ser uma concha sem rosto, mas o interior tinha uma personalidade própria, mesmo durante o meio do dia. As poucas luzes do teto que estavam ligadas destacavam as pesadas e amassadas cortinas de veludo vermelho que cobriam as paredes. O chão era de um maravilhoso bambu flexível que amortecia nossos pés, mas os nossos passos ainda ecoavam no vazio prédio oco.

Atravessamos a pista de dança, e Xavier se dirigiu para a direita, em direção a um longo bar feito inteiramente de gelo elementar.

A estrutura tinha quase trinta metros de comprimento e parecia mais uma escultura elaborada do que uma peça de mobiliário. Runas tinham sido esculpidas na superfície lisa, principalmente sóis e estrelas, os símbolos da vida e da alegria.

Os quais poderiam ser encontrados em abundância aqui tarde da noite, contando que você tivesse dinheiro suficiente para pagar pelos privilégios. O bar, é claro, tinha sido criado pelo elemental de Gelo que trabalhava como bartender no clube, e ele tinha usado magia suficiente para se certificar de que sua criação não derreteria antes de seu turno começar hoje à noite. Eu podia sentir a carícia fresca do poder no outro lado do clube. Minha própria magia de Gelo, fraca e lenta como era, agitou-se em resposta.

Xavier colocou suas caixas de bebidas no bar e gesticulou para Finn e eu seguirmos sem ele. — Tenho que descarregar estas. Roslyn está esperando por vocês em seu escritório. Você sabe o caminho, Finn.

Finn ajeitou a gravata. — De fato sei.

Ele se dirigiu para a parte de trás da casa noturna e abriu uma porta discretamente instalada no veludo amassado que cobria a parede. Esta abriu-se para um corredor que ia em qualquer direção antes de se ramificar nas extremidades. Finn virou à esquerda, e ziguezagueamos por uma série de corredores antes de ele parar em uma porta fechada. Finn bateu nela.

— Entre, — disse uma voz abafada.

Finn abriu a porta, e entramos num escritório.

Roslyn Phillips estava sentada atrás de uma mesa enorme que teria feito até mesmo Xavier parecer esbelto em comparação.

Uma variedade de papéis rosa e branco estavam espalhados sobre a superfície à sua frente, junto com o que parecia ser um livro de contabilidade antiquado. Um computador descansava ao seu lado, enquanto uma luz vermelha piscava em seu telefone. Este tinha forma de coração, e o fone parecia uma flecha. O telefone combinava com o relógio em forma de runa que estava pendurado na parede de trás.

Finn estendeu suas mãos amplamente. Um sorriso encantador se espalhou pelo seu rosto. — Roslyn, querida, tão simpático da sua parte me receber em tão pouco tempo.

Um sorriso de resposta curvou os lábios de Roslyn, mostrando suas perfeitas presas brancas como pérolas. — Que nada, Finn.

A vampira levantou-se. Dizer que Roslyn Phillips era uma mulher atraente seria como dizer que Sherman[49] apenas causou alguns incêndios em Atlanta — um eufemismo completo. Seus olhos e pele perfeita eram de um caramelo rico, e seu cabelo preto cortado em camadas destacava a borda de sua forte e quadrada mandíbula. Óculos de prata se empoleiravam na ponta do seu nariz e faziam seus olhos parecerem ainda maiores e mais expressivos. A vampira tinha o tipo de rosto que fazia você olhar uma segunda vez para descobrir se tal perfeição simétrica era possível. Nela, sim.

Uma vez que a casa noturna ainda não estava aberta para negócios, Roslyn usava um par de jeans skinny e uma camisa branca de botões. Mas a roupa simples ainda exibia todo o potencial do seu corpo. Seios amplos, quadris exuberantes, barriga lisa, coxas tonificadas, a quantidade certa de curva em seu traseiro. Roslyn era como uma versão feminina do David[50] — só que muito mais acessível pra foder. A vampira era um dos que usava o sexo para conseguir poder, juntamente com sangue, e ela passou anos, décadas até, aprendendo a trabalhar o que lhe tinha sido dado como vantagem.

Roslyn rodeou a mesa, e Finn deu um beijo casto na sua bochecha, mais uma vez fazendo o papel do cavalheiro sulino. A vampira recuou, seus olhos escuros pousando em mim.

— Você trouxe Gin com você, — disse ela num tom neutro.

— Olá, Roslyn, — eu respondi. — Adorável te ver também.

O sorriso de Roslyn se transformou em uma careta. Ela não tinha esquecido o nosso encontro no funeral de Fletcher Lane.

Aquele em que eu disse à vampira que sabia que ela tinha falado sobre Fletcher, Finn, e eu, sobre o que fazíamos. Que os seus bem-intencionados sussurros conduziram Alexis James a Fletcher e ao Pork Pit e que tinham sido a razão da morte do velho.

[49] Homem que mandou incendiar Atlanta em 1864

[50] David ou Davi é uma das esculturas mais famosas do artista renascentista Michelangelo.

— O que você precisa? — Ela perguntou em um tom tranquilo, ainda olhando para mim.

Precisa, não *quer*. Roslyn Phillips parecia estar levando a nossa conversa a sério. Concordei em não matar a vampira ou contar a Finn o que ela tinha feito — e disse-lhe sem rodeios que ela teria que dar a mim e a Finn qualquer coisa que precisássemos por tanto tempo quanto eu bem entendesse. Como eu não sou uma pessoa indulgente, isso seria um longo tempo. Começando agora mesmo.

— Ah, Roslyn, você me fere, — disse Finn. — O que faz você pensar que precisamos de alguma coisa? Talvez eu só quisesse passar e relaxar em sua beleza.

A vampira bufou. — Corta a besteira, Finn. Se você tivesse vindo sozinho, eu poderia ter fingido acreditar nisso. Mas você trouxe Gin. Duvido que ela esteja interessada em minha beleza.

— Desculpe, Roslyn, — eu disse. — Não balanço para esse lado.

A vampira deu de ombros e voltou seus olhos escuros para Finn. — Então farei a pergunta novamente — o que você precisa?

Finn abriu a boca, provavelmente para falar docemente com Roslyn um pouco mais, mas eu interrompi. Não podíamos perder tempo. Precisávamos conseguir que Roslyn nos ajudasse.

— Preciso entrar na festa de Mab Monroe esta noite, — disse.

Os olhos de Roslyn arregalaram-se por meio segundo antes de ela mascarar sua surpresa. — Você quer entrar na festa de Mab? Por quê?

Eu encarei a vampira, debatendo o que deveria lhe dizer. Quanto menos Roslyn soubesse, melhor. Mas depois de nossa última conversa, não tinha dúvidas que a vampira manteria a boca fechada dessa vez. Ela sabia o que eu lhe faria se ela não o fizesse.

— Preciso chegar perto de alguém.

Roslyn franziu a testa com compreensão. — Quem?

— Tobias Dawson.

A vampira empalideceu com desgosto, mas ela não perguntou por que eu estava interessada no anão. Prostituir-se em Southtown por algumas décadas era uma ótima maneira de diminuir a curiosidade. Nas sórdidas ruas de Southtown, você fazia as coisas sem perguntar os motivos ou pensar demais sobre eles. Além disso, Roslyn sabia que o *porquê* realmente não importava, já que a única razão que eu alguma vez chegaria perto de alguém como Dawson era para matá-lo.

Roslyn cruzou os braços sobre o peito. Seu pé virou para o lado e bateu no tapete espesso. Depois de alguns momentos de introspeção calma, compreensão cintilou em seus olhos escuros. — Você quer entrar como uma das minhas garotas. É por isso que você está aqui.

Eu assenti.

Roslyn me encarou, e deixei a frieza aparecer em meus olhos cinza. Eu respeitava a vampira pelo que ela tinha conseguido, por ser inteligente e habilidosa o suficiente para ir de uma prostituta de rua para uma empresária rica.

E eu admirava especialmente a devoção feroz de Roslyn a sua irmã e jovem sobrinha, sua determinação em proporcionar uma vida melhor para elas. Mas isso não queria dizer que ia deixar a vampira renegar o nosso acordo. Fletcher Lane foi morto, em parte por causa dela. Ela me devia até que eu dissesse o contrário.

— Tudo bem, — disse Roslyn em voz baixa. — Eu vou te ajudar, Gin.

— Obrigado. — Eu poderia estar torcendo o braço de Roslyn ao ponto de ruptura, mas não havia necessidade de ser ingrata sobre isso.

A vampira acenou com a cabeça. — Sigam-me.

***

Roslyn nos levou para fora de seu escritório. O labirinto de corredores serpenteava por todo o caminho ao redor do perímetro interior da Agressão do Norte, formando uma série de passagens, olhos mágicos e portas discretas que deixaram Roslyn, suas prostitutas, e os seguranças gigantes que cuidavam delas terem acesso à boate inteira sem terem que passar através da multidão que bebia, fumava, cheirava, e fodia na área principal.

Após uma série de torções e giros, Roslyn abriu uma porta onde se lia Suprimentos e entrou. Finn e eu a seguimos.

Finn parou subitamente, e um largo sorriso se espalhou pelo seu rosto. — Acho que morri e fui para o céu.

Eu bufei. — Sim, o céu prostituto.

A sala não estava cheia com o que eu consideraria *suprimentos*, mas então novamente, eu não estava no ramo da prostituição.

Prateleiras e prateleiras de roupa ocupavam uma boa parte da sala, juntamente com um par de fileiras de armários de metal e várias penteadeiras repletas de maquiagem, spray de cabelo, e dezenas de caixas de preservativos, lubrificantes femininos e óleos corporais de todos os tipos.

Roslyn removeu uma prancheta e uma caneta da parede ao lado de uma prateleira. Ela empoleirou seu quadril em uma das mesas de maquiagem e apunhalou a caneta para mim. — Tire a roupa, — ela ordenou.

— Por quê?

Roslyn perfurou-me com um olhar duro. — Porque se você vai se disfarçar como uma das minhas garotas, então irá com certeza parecer com uma. Não envio mercadoria de má qualidade, especialmente não a uma das festas de Mab Monroe.

Eu tinha que aplaudir a dedicação de Roslyn. Tirei as minhas botas e meias, tirei minha calça jeans, e o meu casaco de lã.

Tomei um pouco mais de cuidado com minha T-shirt de manga comprida, me certificando que Roslyn não visse as duas facas que eu tinha enfiadas em minhas mangas ou a que eu tinha escondido contra a parte baixa de minhas costas. Um minuto depois, eu estava lá apenas de calcinha e sutiã. O piso de concreto parecia gelo contra os meus pés descalços.

— Roupa íntima também, — Roslyn latiu. — Preciso ver tudo.

Olhei para Finn e fiz um círculo com o dedo, sugerindo que ele se virasse.

— Vamos lá, Gin. Não é como se eu não tivesse visto isso tudo antes, — protestou Finn.

Roslyn começou. — Não me diga que vocês dois…

— Sim, fizemos, — disse. — Quando éramos crianças. Antes que eu soubesse melhor. Agora vire-se, Finn.

Finn revirou os olhos, mas ele virou as costas e andou até às prateleiras de roupas, a maioria das quais eram ou mechas transparentes de renda e cetim ou peças de couro apertadas.

Roslyn pegou uma fita métrica de uma das mesas e a envolveu em torno de várias partes do meu corpo. Eu permaneci lá e deixei-a trabalhar. A vampira me considerou com todo o interesse que um açougueiro teria por uma vaca. Estar lá nua não era a coisa mais confortável que eu já tinha feito, mas sabia que Roslyn tinha visto corpos melhores que o meu em seu tempo. Inferno, ela mesma tinha um. Então decidi focar em assuntos mais importantes.

— De acordo com a informação que Finn encontrou, algumas de suas garotas tiveram negociações com Tobias Dawson antes, — disse. — Do que ele gosta?

— Por que você pergunta?

Dei de ombros. — Preciso atrair sua atenção hoje à noite. Não pode magoar se eu fizer com que as coisas estejam a meu favor.

Roslyn escreveu outra medida em sua prancheta.

— Você já viu Tobias Dawson?

— Uma vez.

— Então sabe sobre o seu fetiche cowboy, — disse Roslyn.

— Você quer dizer essas botas de pele de cobra bregas e o chapéu que é quase tão alto quanto ele?

A vampira assentiu. — Dawson não apenas se veste como um cowboy, mas ele age como um também — especialmente na cama. Ele gosta de rainhas da beleza do Texas. Cabelo louro grande, olhos azuis grandes, seios grandes, bundas firmes, muita maquiagem. Das quais a única coisa que você tem atualmente é a bunda firme.

— Obrigada, — eu disse em um tom irônico.

Roslyn ergueu as sobrancelhas. — Só apontando os fatos. Você veio aqui pela minha opinião profissional, depois de tudo.

Assenti. — Eu vim.

— Dawson gosta de assumir a liderança. De acordo com a persona cowboy, ele prefere uma mulher que chame sua atenção, e então faz seu melhor para amarrá-la[51].

— Literal ou figurativamente?

Roslyn olhou para mim. — Ambos. Uma das minhas garotas teve queimaduras de corda por uma semana depois de fazer-lhe uma visita.

Eu arquivei a informação. — O que mais?

— Ele também gosta de usar calças[52], chapéu de cowboy e suas botas quando fode.

— Soa como um bastardo bizarro para mim, — disse Finn.

A vampira se aproximou de uma prateleira de roupas diferentes das que Finn esteve vasculhando. — Infelizmente, não tão bizarro quanto alguns que eu tenho visto e feito.

Roslyn mexeu em algumas roupas por um momento antes de se voltar para mim. — Suponho que você vai querer algo um pouco maior. Algo onde você possa esconder certos... suprimentos?

Armas, em outras palavras. — Sim. Quanto maior a cobertura, melhor. Gosto de estar preparada.

Roslyn assentiu. — Alguma cor em particular?

— Preto.

— Chocante, — ela murmurou.

---

[51] hog-tie – literalmente é amarrar juntas as quatro patas de um animal; figurativamente é impedir ou atrapalhar um movimento ou ação

[52] chaps - http://www.moonrakerqh.com/tack/gfx/chaps-65-3275.jpg

Depois de alguns minutos, Roslyn tirou um sutiã preto push up e uma calcinha transparente que combinava da prateleira. Ela os entregou para mim. — Vista.

Eu fiz o que ela pediu. As roupas se encaixaram perfeitamente, e o sutiã empurrou meus seios pequenos até novas alturas. Finn soltou um assobio de apreciação. Eu passei o dedo na minha garganta, mostrando-lhe exatamente o que aconteceria se ele não calasse a boca. Finn apenas sorriu para mim.

Roslyn também tirou um vestido de cocktail preto da massa de roupas e o entregou para mim. Eu escorreguei no tecido. O vestido era de mangas compridas com um decote de coração e a parte de cima tipo corpete. Graças ao sutiã, meu decote inchou em ambos os lados do tecido. A saia era uma massa de crinolina preta com lantejoulas minúsculas costuradas nela. A roupa parava um pouco acima dos meus joelhos.

— Como parece? — Roslyn perguntou.

Eu me olhei no espelho que ficava sobre uma das penteadeiras. As mangas eram soltas o suficiente para eu carregar minhas facas, e eu poderia prender mais umas em minhas coxas, debaixo da saia esvoaçante. — Perfeito.

Roslyn assentiu, como se ela não tivesse esperado nada menos, e desfilou até uma das penteadeiras. Ela me entregou uma caixa que dizia Lentes de Contato - Azul Celeste, e uma longa e encaracolada peruca loira com franja. — Com a peruca, lentes de contato e maquiagem suficiente, você vai ser a garota dos sonhos de Dawson. Suponho que você pode fazer sua própria maquiagem.

— Acho que posso gerenciar.

Roslyn ignorou meu sarcasmo. Ela abriu uma gaveta, tirou um envelope e entregou-o para mim. Uma explosão solar feita em folha de ouro brilhava no papel de carta creme. A runa para o fogo — símbolo pessoal de Mab Monroe.

— Esse é um dos convites para esta noite, — disse Roslyn. — Você vai precisar disso também.

Ela foi outra vez até à gaveta e tirou uma gargantilha de veludo preto. Uma runa pendia do meio da faixa larga — um coração de prata com uma seta através dele. O símbolo da Agressão do Norte. A runa que me marcaria como uma das garotas de Roslyn Phillips e parte do entretenimento da noite.

Eu tomei a gargantilha dela e passei o polegar sobre a runa. O metal parecia frio sob meus dedos. — Obrigado, Roslyn, por sua ajuda.

Ela me encarou. — Nenhum obrigado é necessário, lembra? Eu te devo. Mas quando as outras garotas entrarem para se prepararem para esta noite, vamos relatar esse convite, colar, roupa e peruca como roubados. Xavier vai fazer o relato. Claro, ele vai estar ocupado trabalhando hoje à noite na porta, então não vai ligar para me dizer sobre isso ou até mesmo avisar os policiais por algumas horas. Isso deve lhe dar tempo de sobra para fazer o que quer que você esteja planejando fazer.

Eu assenti. Não poderia culpar a vampira por cobrir-se. Se as coisas dessem errado, e elas poderiam, Tobias Dawson e Mab Monroe provavelmente viriam bater à porta de Roslyn, exigindo saber por que eu estava usando um dos colares de runa da vampira e como eu tinha roubado um dos convites de prostitutas para a festa. Desta forma, Roslyn tinha uma saída.

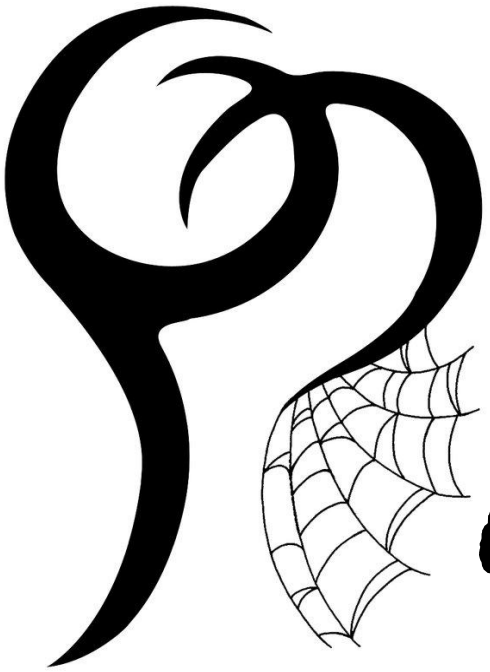
— E me faça outro favor, — disse a vampira, seus olhos escuros sérios por trás dos óculos prata.

— O quê?

— O que quer que você vá fazer para Dawson esta noite, não seja pega, — disse Roslyn. — Eu não quero ter de lidar com o bastardo honky-tonk[53] mais do que eu já tenho.

Eu dei-lhe um sorriso frio. — Não se preocupe. Se eu for pega, Tobias Dawson estará se divertindo demasiado comigo para sequer pensar em incomodá-la.

[53] Honky-tonk é um tipo de bar que oferece entretenimento musical (geralmente música country) aos seus clientes. Bares deste tipo são comuns no sul e sudoeste dos Estados Unidos.
O termo "honky-tonk" também tem sido aplicado a vários estilos musicais americanos do século XX.



Capítulo 25

Às oito horas da noite, meu táxi parou na longa e sinuosa calçada que levava à mansão de Mab Monroe.

Devido ao seu status como mais rica e mais mortal cidadã da cidade, Mab Monroe vivia na maior e mais impressionante casa de Ashland. A estrutura de pedra elevava-se quinze andares no ar, tornando-a mais alta do que alguns arranha-céus que ficavam no centro. A mansão de três alas de tamanhos iguais tinha a ampla forma de W invertido. Altas e finas janelas podiam ser vistas em todos os andares, juntamente com sacadas com ameias. Um muro de pedra de mais de quatro metros de altura cercava a mansão, que ficava a mais de dois quilômetros da estrada principal. Pela pesquisa que Fletcher Lane tinha feito ao longo dos anos, eu sabia que os expansivos e bem cuidados terrenos apresentavam vários jardins, três estufas, um aviário, um campo de golfe, bosques, e um pequeno lago. Junto com patrulhas de gigantes, cães de guarda, variados arames mágicos esticados ao nível do chão, e algumas outras surpresas desagradáveis.

Uma luz iluminava uma bandeira vermelha estendida sobre uma das varandas na ala central da mansão. O pedaço enorme de tecido pesado apresentava uma runa feita em ouro cintilante — um círculo redondo cercado por uma dúzia de curvados e ondulantes raios. Uma explosão solar. O símbolo para o fogo. A runa pessoal de Mab Monroe. A mesma que estava gravada no convite que eu tinha na bolsa.

O motorista caiu no fluxo de tráfego que atravessava os abertos portões de ferro forjado que marcavam a entrada da propriedade Mab Monroe. O táxi amarelo parecia deslocado entre todas as limusines que rastejavam pela estrada

curva como gordos besouros negros. Levou vinte minutos para o motorista chegar à entrada.

Meus olhos cinzentos foram para os seguranças. Cinco guardas gigantes perambulavam através da linha de limousines, abrindo portas, ajudando pessoas a sair de seus veículos, orientando o trânsito, e garantindo que os motoristas que aguardavam não estavam bebendo ou fumando às escondidas. Mais dois guardas gigantes estavam junto às portas duplas dianteiras que levavam para a mansão, ladeando um humano menor que segurava uma prancheta grande.

— São vinte dólares, — resmungou o motorista.

— Vinte dólares? Você só conduziu uns poucos quilómetros.

No início desta noite, eu tinha tomado a precaução de estacionar um carro na beira da estrada um pouco além da propriedade de Mab Monroe. Um velho veículo espancado com registro falso e placas falsas. Eu tinha colocado um saco de lixo branco na janela, deixado o capô levantado, e algumas ferramentas espalhadas na beira da estrada. Tudo projetado para fazer parecer que o carro tinha quebrado e alguém logo voltaria por ele. O carro era a minha apólice de seguro, no caso de precisar fazer uma fuga mais rápida do que a que eu tinha em mente. Depois de ter colocado o carro onde eu queria, caminhei até a loja de café mais próxima e chamei o táxi para me trazer aqui.

— Vinte dólares, — disse o motorista novamente.

Como não queria que ele se lembrasse de mim, eu parei de argumentar, paguei, saí e caminhei em direção à escada que levava até a entrada principal da mansão. Eu podia ouvi-la, é claro. Com quinze andares de pedra sólida empilhada ameaçadoramente acima de mim, eu teria que ser surda para não o fazer. A pedra sussurrava coisas de poder e dinheiro, do jeito que eu sempre pensei que iria. Mas havia outras vibrações também.

Fogo, calor, morte, destruição. Mas talvez o mais preocupante fosse o toque de loucura que vibrava como um grito de curiango[54] através da rocha sólida, como se a própria pedra, de alguma forma tivesse sido torturada até quebrar. Os murmúrios ficaram mais altos, mais severos, quanto mais me aproximava da mansão, até que tudo que eu conseguia ouvir eram os gritos de lamentação das pedras.

[54] http://2.bp.blogspot.com/-GNkcZN4wSFg/UGLk44RKiTI/AAAAAAAANiA/edLaNG6-_0c/s320/Ave+BACURAU+ou+CURIANGO+Caprimulgus+cayennensis.jpg

Eu cerrei os dentes e bloqueei o ruído de dor sem fim das pedras. Minha única preocupação era Tobias Dawson, me aproximar o suficiente para matá-lo, e fugir depois.

Não a insanidade que permeava a fundação da mansão de Mab Monroe — ou por que isso me fazia querer seriamente ferir a elemental de Fogo.

Subi as escadas e parei na frente das portas duplas.

— Convite? — O homem com a prancheta perguntou.

Apontei para a gargantilha de veludo preto ao redor de meu pescoço — aquela com a runa de coração-e-flecha sobre ela. — Acredito que isso é todo o convite que eu preciso, doce. Mas aqui está a cópia impressa também. — Dei-lhe um sorriso encantador e entreguei o convite que Roslyn Phillips tinha me dado.

O homem olhou para a runa de coração-e-flecha por um momento, então seus olhos passaram pelo meu corpo. Atrás dele, os dois gigantes também olhavam de esguelha para mim. Parecia que Tobias Dawson não era o único aqui hoje à noite com uma coisa por loiras peitudas.

O homem com a prancheta tirou os olhos dos meus seios e verificou o nome no convite.

— Suponho que você sabe as regras para esta noite, Candy?

Assenti. — Sim, doce, sei como me comportar. Eu sou uma profissional.

Antes de Finn e eu termos deixado a boate, Roslyn tinha me dado uma lista de regras que Mab Monroe lhe enviara para os caras e garotas da festa. Basicamente, as prostitutas de Roslyn deveriam se tornar disponíveis para qualquer um a qualquer momento durante o decorrer da noite e fazer qualquer coisa — *qualquer coisa* — que os convidados de Mab quisessem. Esses caras e garotas que fossem para casa com um dos convidados de Mab pela noite seriam generosamente compensados após o fato. Todas as contas pendentes, hospitalares e outras, seriam pagas integralmente por Mab.

O homem com a prancheta apontou o polegar por cima do ombro. — Vá em frente.

Um dos gigantes beliscou minha bunda enquanto eu passava.

Embora eu não quisesse nada mais do que agarrar uma das minhas facas silverstone e cortar sua garganta por colocar a mão em mim, eu aumentei meu sorriso.

— Ora, ora. — Eu balancei meu dedo para ele. — Estou aqui para os convidados, doce. Não para a ajuda contratada.

Seu rosto ficou vermelho devido ao meu insulto. O gigante avançou, mas o outro colocou uma mão em seu ombro.

— Ela está certa, — o segundo homem retumbou. — Mab ficará puta se você a tocar. Lembra o que ela fez para Stevenson da última vez? Você quer que seja você?

O gigante empalideceu. Evidentemente, o que quer que fosse que Mab Monroe tinha feito a Stevenson deixou uma impressão sobre o resto de seus guardas. O gigante me lançou um olhar azedo, mas recuou. Eu pisquei para ele e me dirigi para o interior da mansão.

O grito insano das pedras tomou conta de mim de novo, tão alto que as cicatrizes de runa de aranha em minhas mãos coçavam pelo som. Mas eu cerrei os dentes e empurrei o ruído para longe, enterrei-o tão profundamente que se tornou nada mais que um murmúrio em minha cabeça. Eu precisava me concentrar na minha missão, não saber o que Mab Monroe tinha feito em sua própria casa para fazê-la soar assim.

Um corredor que tinha pelo menos trinta metros de largura atravessava o centro da enorme mansão. Apesar de ser relativamente cedo, a festa estava a todo o vapor. O trinado das risadas e o murmúrio das conversas ressoavam pela casa, baixos e suaves, como cigarras escondidas arrulhando na grama alta no verão. Isso ajudou a abafar os gritos insanos das pedras.

Durante meus anos como uma assassina, eu tinha chegado perto de um monte de pessoas ricas, poderosas, influentes. Regra geral, quanto mais rica uma pessoa, mais avarenta era com o seu dinheiro.

Finnegan Lane concordava com minha observação. Ele sempre me deliciava com contos sobre seus clientes bilionários vampiros que compravam caixas de creme dental de marca inferior da mais próxima a Venda-Tudo para que pudessem salvar uns míseros cinco centavos.

Mas não Mab Monroe.

A elemental de Fogo não tinha economizado nada em sua mansão. Nem uma coisa. Mármore branco revestia os pisos como verniz brilhante, enquanto folhas de ouro e bronze brilhavam sobre os tetos de catedral ornamentados, trinta metros acima da minha cabeça.

Lâmpadas Tiffany genuínas se alinhavam no corredor como soldados, os bolbos ocultos emitiam raios de cores através de seus vitrais matizados. Algumas luzes brilhavam nas várias salas que se ramificavam do corredor, iluminando o delicado mobiliário antigo de diversas eras.

Tudo na casa era de bom gosto e caro, sussurrando com elegância casual que parecia sem esforço, apesar de ter custado um monte de dinheiro para adquirir. Eu poderia ter ficado momentaneamente deslumbrada, se os gritos da pedra da mansão não tivessem me dito exatamente como Mab tinha conseguido o dinheiro para pagar por todos esses adornos — e todas as coisas desagradáveis que ela tinha feito aqui desde então.

Eu fui em frente, passando por dezenas de pessoas. Seda, cetim, veludo esmagado. Todo mundo usava o seu melhor vestido de domingo à noite ou smoking. Nada menos serviria para uma das festas de Mab Monroe. Além da pedra da mansão, eu poderia também ouvir os sussurros das gemas preciosas que os homens e mulheres usavam em seus pescoços, pulsos, dedos e até mesmo pés. Beleza, elegância, fogo. Mas mesmo a vibração do maior diamante empalidecia em comparação à clareza cantante daquele que eu tinha visto no cofre de Tobias de Dawson.

Oh sim, o anão poderia ganhar uma fortuna minerando e vendendo os diamantes da terra de Warren Fox a esta multidão pomposa.

Reconheci mais do que alguns dos rostos presentes.

Eu tinha trabalhado para alguns. Para outros, eu tinha assassinado pais, irmãos, irmãs, ou parceiros de negócios por qualquer motivo. Alguns eram bajuladores de Mab, seus súditos leais.

Outros estariam felizes de cuspir sobre o cadáver dela, dançar a jiga em seu túmulo, e então começar a tentar tomar o lugar da elemental de Fogo como abelha rainha de Ashland.

Eu não falei com ninguém, mas homens e mulheres me encararam enquanto eu passava. Seus olhos travaram na runa prata em torno de minha garganta, então deslizaram pelo meu corpo, como se achando que eu era um pedaço de carne que queriam comprar do açougueiro. De acordo com Finn, eu

parecia um verdadeira boneca Barbie que estava acessível para foder. Tudo graças às roupas de Roslyn e peruca loira longa. Eu mal me reconheci quando olhei no espelho antes.

Mas não encontrei o olhar de ninguém e caminhei como se não tivesse percebido que havia qualquer outra pessoa na mansão. Eu não estava aqui para atrair a atenção deles. Tobias Dawson era o meu alvo, e eu não tinha intenção de ser desviada ou abordada por ninguém mais.

O corredor principal conduzia a um grande salão de baile. Embora *grande* realmente não fosse a palavra certa para o enorme espaço que servia de junção para as três alas da mansão. Ele apresentava um piso de madeira dourada, ladrilhado aqui e ali com mármore, granito e chapas de bronze martelado. Lustres pendiam do teto.

Alguns brilhavam com rubis e diamantes. Outros queimavam com topázios. Uma escadaria que tinha várias centenas de metros de largura ficava no extremo oposto do salão, o seu imaculado tapete escarlate se estendendo até o segundo andar e além.

Mais de trezentos dos mais próximos associados de negócios de Mab Monroe conversavam, riam e bebiam no piso de salão de baile, seus grupos e panelinhas nem mesmo chegando perto de encher o espaço enorme. Eles me lembravam de bonecos que poderiam povoar uma casa de brinquedo de criança.

Bonitos e polidos sorrisos falsos que se estendiam em seus pintados rostos de plástico até ao ponto de ruptura. Mas eu via além do verniz elegante das pessoas e dos móveis.

Apesar da rica sofisticação em exibição, notei outras coisas, coisas que não eram tão agradáveis como pareciam à primeira vista.

Como os gigantes circulando por todo o salão de baile.

Dadas as bandejas de caviar, champanhe e ovos de codorna que eles apoiavam em suas enormes mãos, você poderia pensar que não eram nada mais do que garçons. Mas eu sabia para que eles realmente estavam aqui — controle da multidão, no caso das pessoas ficarem estúpidas e bêbadas o suficiente para começarem a se virar umas contra as outras. Imaginei que Mab Monroe não iria concordar com um par de elementais tontos que decidissem encenar um duelo mágico em seu salão de bailes.

Que era como elementais geralmente lutavam, arremessando sua magia até que um sucumbia ao poder do outro. Quando dois elementais entravam em confronto, o inevitável perdedor poderia sofrer de tudo, desde pegar Fogo, ser envolto em Gelo, ter seu coração transformado em Pedra, ou até mesmo ser esfolado vivo pelo próprio Ar que respirava. Dependendo, é claro, do tipo de elemental que estava combatendo. Não incluindo todas as outras pessoas que tinham talento para coisas como metal, água, e eletricidade.

No geral, duelos de elementais eram uma maneira rápida, desagradável e dolorosa de morrer, razão pela qual eu nunca tinha me envolvido em um. Matar a outra pessoa primeiro era o que importava para mim. Não conceitos antiquados, desatualizados e desnecessários como honra e duelos. Códigos de conduta eram para tolos excessivamente confiantes.

Cinco, dez, vinte... eu contei quase trinta gigantes ao todo, mais do que suficiente para controlar até mesmo a multidão mais desordenada.

Nenhum deles carregava armas, mas, novamente, eles não precisavam. Um bom golpe de punho de um gigante quebraria quase tudo — especialmente mandíbulas e egos encharcados de álcool.

Eu entrei no meio da multidão rodopiante, deixando o mar de smokings e vestidos cintilantes me varrer de uma panelinha para a próxima. Um conjunto de portas de vidro do lado esquerdo do salão dava para um terraço. Uma orquestra maciça tinha sido erigida à direita, na frente de outro conjunto de portas de vidro. Eu estampei um sorriso em meu rosto e dei uma volta pelo salão de baile, voando de um nó de pessoas para o outro, até chegar a um silencioso espaço junto da parte inferior da escada ao lado de uma árvore bonsai de galhos retorcidos.

Tirei o celular da minha bolsa e liguei para Finn. Ele atendeu no terceiro toque.

— Estou aqui, — eu disse. — Onde você está?

— Estou vendo você, Gin. Você parece sensacional, mesmo para uma prostituta falsa.

— Finn, — eu rosnei.

— Para responder à sua pergunta, estou no segundo andar, debruçado sobre o parapeito e inspecionando a grandiosidade disposta a minha frente.

Meus olhos se moveram para cima. Certo o suficiente, Finn estava exatamente onde ele disse que estava. Encostado no corrimão de mármore, uísque escocês em uma mão, telefone celular na outra. Roslyn Phillips estava ao lado dele, usando um vestido de noite branco sem alças, que a fazia parecer uma deusa grega. Mab Monroe tinha convidado a prostituta para a festa, assim Roslyn poderia manter um olho em seus rapazes e garotas e se certificar de que eles estavam atendendo devidamente os convidados mais importantes. E, como parte do nosso plano, Roslyn trouxe Finn junto como seu encontro. Nada incomum sobre isso, desde que os dois eram frequentemente vistos juntos fora na cidade.

A grande escadaria marchava até o segundo andar, formando uma entrada larga antes de se dividir e serpentear em ambos os lados para os andares superiores da mansão.

Finn tinha escolhido bem. Sua posição lhe dava uma visão do salão inteiro.

— Vamos começar, — eu disse. — Antes que alguém decida me fazer uma abordagem. Onde está Dawson?

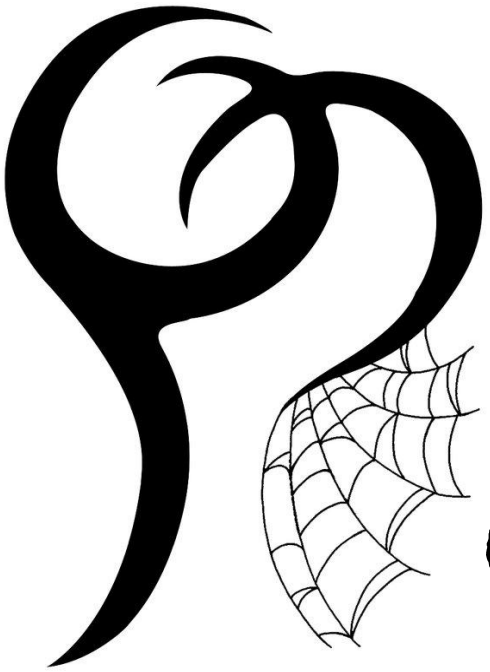
— Ele está no centro do salão, cerca de sessenta metros atrás de você à direita. Embora eu não sugiro que você se aproxime dele agora, dada a sua companhia atual.

— Companhia atual? O que significa isso?

— Você verá. Apenas continue olhando nessa direção. Dawson é fácil de encontrar. Ele é o único usando um chapéu de cowboy esta noite.

Examinei a multidão. Levei alguns segundos para detetar Dawson, e Finn estava certo. Ele era o único cowboy presente. Além do chapéu gigante na cabeça, o anão também usava botas de pele de cobra e outra gravata de laço com a parte superior turquesa. Tudo isso parecia ridículo com seu smoking. Mas o senso de moda de Tobias Dawson não foi o que me fez franzir a testa, e então amaldiçoar. Era a companhia em que ele estava.

Mab Monroe, Jonah McAllister, e Elliot Slater.



Capítulo 26

— Porra! — eu disse.

— Porra está certo, — ele respondeu. — Porque nenhuma prostituta em seu perfeito juízo iria tentar entrar no meio desse sanduíche.

Meus olhos passaram por Dawson e estudaram as três pessoas que estavam em pé com ele. É claro, eu conheci Jonah McAllister em pessoa ontem, quando ele veio ao Pork Pit para me ameaçar para tirar as acusações contra seu filho, Jake. O advogado de discurso esperto parecia distinto e bonito em seu smoking, e sua juba espessa de cabelo parecia prata que tinha de alguma forma sido enrolado ao redor de sua cabeça.

Eu não tinha tido qualquer contato com Elliot Slater, o mandante gigante que fazia funcionar os detalhes da segurança de Mab e que cuidava de qualquer problema que a Elemental do Fogo não se sentia a vontade para lidar. Slater era um dos maiores gigantes no lugar, se não o maior. Sua figura de dois metros pairava sobre a multidão. Ele não era tão largo quanto alto, mas sua estrutura era todo músculo sólido e compacto. Um corte com uma das minhas facas teria sido como uma picada de abelha para ele.

O aspecto de Slater era pálido, quase albino, e seus cabelos loiros duros despenteados desapareciam em seu largo crânio. Seus olhos eram castanhos claros, e a única cor verdadeira em seu rosto calcário. Um grande anel de diamante brilhava em seu dedo mindinho. Outro centímetro ou dois, e eu poderia ter usado isso como pulseira.

E então havia a própria Mab Monroe. A Elemental do Fogo era alguns centímetros mais baixa que eu, mas ela irradiava poder cru, até mais que Elliot Slater. Seu cabelo era tão vermelho quanto cobre polido e enrolado suavemente em seus ombros. Em contraste, seus olhos eram de um profundo e líquido preto. Tinta pareceria fraca e diluída ao lado de seu olhar.

Fogo e enxofre. Isso era o que Mab Monroe sempre me lembrava.

A Elemental do Fogo usava um vestido de noite até o chão feito de um verde esmeralda que fazia seu cabelo parecer ainda mais vermelho do que realmente era. Ela não usava joias exceto o colar de ouro plano que cercava sua garganta. Meus olhos focaram para o ponto central do design. Um rubi laranja circular um pouco menor que meu punho cercado por várias dezenas de raios ondulados. O complexo diamante sobre o ouro capturava a luz e fazia parecer que os raios estavam realmente cintilando. Um raio de sol. O símbolo para o fogo.

A runa pessoal de Mab, usada somente por ela. Por um momento, senti as vibrações do rubi. A pedra preciosa sussurrava um poder cru e ardente. O som encaixava perfeitamente com o grito agudo da pedra da mansão. Ambos faziam meu estômago apertar.

Enquanto olhava para Mab, eu não pude deixar de pensar sobre o arquivo que Fletcher Lane tinha me deixado sobre o assassinato de minha família – e o pedaço de papel que ele tinha enfiado dentro com o nome de Mab Monroe sobre ele. Novamente, eu me perguntei por que Fletcher tinha escrito o nome da Elemental do Fogo.

Fletcher tinha concluído que ela havia assassinado minha família?

Ele tinha simplesmente suspeitado? Ou ele tinha colocado o nome lá por outros motivos totalmente...

— Terra para Gin, — Finn murmurou em meu ouvido.

Concentrei-me no aqui e agora mais uma vez. — Quanto tempo eles têm estado lá conversando?

— Não muito, — Finn disse. — Eu diria que você tem mais cinco ou dez minutos antes que Mab e os outros divaguem.

— Tudo bem. Mantenha um olho neles.

— O que você vai fazer?

Olhei para a massa brilhante de pessoas. — Encontrar algum lugar calmo para cuidar de Tobias Dawson, uma vez que eu consiga a atenção dele.

***

Finn prometeu continuar observando Tobias Dawson, e ambos desligamos. Coloquei o celular de volta na bolsa que Roslyn tinha me dado. Era uma coisa pequena, mas eu consegui enfiar uma das minhas facas Silverstone dentro, junto com o tubo compacto de cura que Jo-Jo tinha fornecido alguns dias atrás. Eu não achava que Dawson cairia facilmente, e queria ter alguns suprimentos de cura na mão no caso do anão conseguir alguns golpes em mim antes de morrer. Eu não podia exatamente fugir da festa de Mab Monroe despercebida se estivesse machucada e sangrando da cabeça aos pés.

Peguei uma taça de champanhe de um dos enormes garçons e segui em direção a parte de trás do salão. A escadaria formava um T, e dois corredores corriam por debaixo de cada lado dela e conectava o salão a outras alas da mansão. Segui pelo corredor esquerdo, olhando as salas enquanto passava. Eu não poderia simplesmente matar Tobias Dawson no chão do banheiro, então eu precisava encontrar um local mais isolado que eu pudesse atrair o anão antes de esfaqueá-lo para a morte.

Mas o corredor não estava tão deserto quanto eu esperava. Passei vários casais que estavam em pé contra a parede ou dentro das salas, apenas fora da vista do salão. Alguns falavam em voz baixa. Outros olhavam uns para os outros e tragavam champanhe. Alguns acariciavam o pescoço. Mas pelo menos uma pessoa em cada casal usava uma runa de flecha e um coração que marcavam ele ou ela como uma prostituta da Agressão do Norte.

Um homem usando uma runa em um colar fez uma careta enquanto seu amante vampiro afundou suas presas profundamente em sua garganta exposta. Seus ansiosos sons de sucção me lembravam de um gainho miando. Outro homem, um anão, ficou em pé, sua cabeça enfiada embaixo do vestido e seu rosto enterrado na virilha de uma mulher enorme usando a runa como colar.

Eu não tinha que adivinhar o que ele estava fazendo com a língua.

A mulher tinha decididamente um olhar entediante em seu rosto. Ela balbuciou um falso incentivo para o anão, mesmo enquanto ela examinava as unhas como se debatendo se precisava ou não de uma manicure fresca. A gigante

me viu olhando. Seus olhos castanhos pousaram no colar de runa ao redor da minha garganta, e ela deu de ombros como se dizendo, *o que você pode fazer?* Devolvi o encolher de ombros e segui em frente.

Uma coisa que eu não tinha visto aqui eram os enormes guardas.

Mab Monroe provavelmente não queria que seus amorosos convidados se sentissem como se estivessem sendo observados. Tendo um gigante em cima de você proveria apenas a ansiedade do desempenho de alguém.

Eu vim para um corredor transversal e pausei. À minha esquerda, outro conjunto de portas levava para um terraço. Outro corredor se estendia a minha frente, enquanto outro virava para a direita, serpenteando escada abaixo. Virei a direita e andei mais profundamente na mansão. Os foliões não tinha ainda começado muito a sério suas ginásticas sexuais ainda, então esta área estava deserta. Passei por um par de quartos, nenhum escondido o suficiente para meu gosto. Não seria nada bom para mim matar Tobias Dawson e que alguém encontrasse seu corpo minutos depois. Eu precisaria mais do que isso para escapar da mansão depois de ter feito o trabalho.

Então, passei pelos quartos, tomando meu champanhe, e fingindo admirar o mobiliário de bom gosto de Mab Monroe enquanto procurava um lugar para o cadáver de Dawson.

Um coisa realmente pegou meu interesse – uma série de pinturas de runas, não muito diferente dos desenhos que eu tinha sustentado na cornija da cova de Fletcher Lane.

Meus olhos se agitaram sobre as runas opacas sobre a parede oposta na parte de trás da escadaria. Um raio de sol. Um fósforo aceso. Uma chama em forma de lágrima lambendo o papel que estava. Todas as peças emolduradas tinham a ver com fogo ou calor de alguma forma, e todas estavam feitas em cores marrom quentes, laranjas sangrentos e amarelo fogo. Parecia que Mab e eu compartilhávamos o mesmo gosto em algumas coisas além de matar pessoas. Estranho. E preocupante.

Enquanto eu olhava para as pinturas, um arrepio inquieto fez cócegas na minha espinha como um dedo frio. Algo sobre a obra de arte ressoou em um nível primitivo comigo. Aqui, algo velho e inteligente sussurrou no fundo da minha mente. *Aqui está seu inimigo.*

Não um pensamento incomum para uma Elemental da Pedra ter enquanto se estava na casa de uma do Fogo, ou vice versa. Elementos opostos simplesmente não se misturavam – e nenhum de seus possuidores humanos

também. Ar contra Gelo, Fogo contra Pedra. Uma história velha e previsível. Eu ouvi aquela voz, senti essa inquietação antes em outros lugares com outros elementais. Mas nunca tão intenso.

Novamente, me perguntei sobre o nome de Mab Monroe estar na pasta de Fletcher. Eu tinha estado com os olhos vendados para que eu não visse o rosto da cadela naquela época, então apenas ouvia seu riso cacarejando enquanto me torturava. Mas poderia ter sido Mab. Boatos colocavam sua idade atual em cerca de 45 anos. Ela teria tido poder suficiente, mesmo dezessete anos atrás, para fazer todas as coisas horríveis que aconteceram naquela noite. Mas por quê?

Por que ela tinha assassinado minha mãe, Eira, e minha irmã mais velha, Annabella? Por que ela queria me matar? Por que ela exigiu saber onde minha irmãzinha Bria estava com tanta urgência? Eu só não entendia por que...

Passos sussurraram no tapete à minha direita, e uma mão grande e musculosa abraçou minha bunda e apertou – forte.

— Olá doçura, — uma voz masculina disse. — Se a sua frente for tão apertada quanto sua bunda, estou dentro para muita diversão hoje a noite.

Ele colocou sua outra mão em meu ombro oposto e me virou. Eu o deixei e coloquei um sorriso em meu rosto, meus lábios prontos para formar uma desculpa para me livrar do olhar de cobiça do bastardo.

Encontrei-me olhando para Jake McAllister. O Elemental de Fogo tinha trocado seu jeans de rock-star e camiseta vintage por um smoking. Isso não melhorou sua aparência. Seu corpo ainda era demasiado musculoso, seu rosto ainda ofegante como o de um bebê gordo.

Ele parecia como uma criança desproporcional vestindo a roupa de seu pai. Mas a coisa mais importante era que ele estava aqui e me encarando.

De todas as pessoas que eu poderia ter encontrado aqui esta noite, a possibilidade de um deles ser Jake McAllister nunca passou por minha cabeça. Tantas coisas estavam acontecendo nos últimos dias que eu tinha deixado Jake e sua ameaça de me matar em banho-maria. Mas a sorte, aquela cadela caprichosa, tinha decidido me foder mais uma vez.

Jake franziu a testa, como se ele me conhecesse de algum lugar, mas simplesmente não podia me encaixar. Então, o reconhecimento floresceu em seu rosto robusto.

— Você, — ele gritou.

***

Jake McAllister me encarou. Um sorriso cruel se espalhou por seu rosto, fazendo suas bochechas inflarem mais. — Você não devia ter vindo aqui esta noite, cadela. Porque estamos do meu lado da cidade agora, e vou matar você. — Seus olhos castanhos pousaram sobre a runa de coração e flecha em meu pescoço. — Depois que eu foder você um par de vezes.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você me quer? Venha e me pegue, seu desgraçado.

Bati meu punho em sua traqueia. O rosto de Jake ficou vermelho beterraba, e ele lutou para respirar. Enquanto ele estava ofegante por respirar, dirigi meu outro punho em seu estômago.

Primeiro um, depois outro. Espancar-espancar. Como amassar uma massa de pão. Ele se inclinou, e corri para longe, movendo-me mais profundamente na mansão.

Meu desejo de encontrar uma área calma para matar alguém tinha acabado de se transformar em necessidade. Eu tinha que terminar com Jake McAllister agora. Ele estava certo. Esse era seu território, ou pelo menos o território de Mab Monroe, e eu não tinha dúvida que a Elemental do Fogo deixaria Jake fazer o que quisesse comigo – se eu não desse conta dele antes que ele soasse o alarme. Meus olhos varreram para trás e para frente sobre as portas abertas e salas que passei. Lá. Serviria.

Olhei sobre meu ombro. Jake McAllister tinha se esforçado para seus pés. Soprei-lhe um beijo. Seu rosto ficou vermelho, e ele se moveu devagar pelo corredor em minha direção. Entrei na sala, encontrei o lugar que eu queria, rocei uma das minhas facas Silverstone, e esperei. Dez...vinte...trinta... contei os segundos em minha cabeça.

Jake McAllister foi mais rápido do que eu tinha dado crédito – ou apenas estava mais chateado. Apenas quarenta e cinco segundos se passaram antes de ele invadir a sala.

— Onde você está, sua puta? — ele rosnou. — Eu vi você entrando aqui.

Eu não respondi. Deixei McAllister descobrir por si mesmo.

— Escondendo-se de mim, puta? — ele riu. — Eu sabia que você correria de medo de mim mais cedo ou mais tarde.

Rolei meus olhos para sua tola suposição, mas ainda assim esperei. Passos pesados soaram no chão de azulejos. A sombra de McAllister se rastejou para mais perto e mais perto do meu esconderijo.

Fiquei tensa, reunindo minha força. Se ele fugisse de mim, se ele gritasse, estava acabado. Eu tinha que matá-lo com o primeiro golpe.

Jake McAllister arremessou a cortina do chuveiro que me estava cobrindo para trás. O Elemental do Fogo tinha alcançado sua magia durante sua descida pelo corredor. O poder avermelhou seus olhos, e faíscas estalaram e sibilaram ao redor de seus dedos gordos. Seu olhar encontrou o meu, e ele sorriu.

— Aí está você, puta.

As últimas palavras que ele disse.

Com uma mão, agarrei o smoking de McAllister e o puxei para frente, de modo que seu tronco estivesse diretamente acima da banheira e eu estivesse dentro. Com minha outra mão, enfiei minha faca Silverstone até o cabo em seu peito.

A lâmina rasgou suas costelas antes de mergulhar em seu coração.

Não o melhor golpe que eu já tinha feito, mas suficientemente eficaz.

A magia de Jake McAllister apagou como uma vela em um furacão. As faíscas apagaram, e o brilho vermelho desapareceu de seus olhos. Seus braços caíram e se agitaram contra mim, conectando com meu peito. Eu grunhi para os golpes sólidos e pesados, mas não ousei alcançar minha magia de Pedra para endurecer minha própria pele. Qualquer Elemental nas proximidades sentiria o poder surgir. Pedra era o mais raro dos elementos, e qualquer usuário que sentisse esse tipo de poder ficaria curioso sobre quem estava usando e o porquê.

Jake abriu sua boca para gritar. Deixei a faca onde estava em seu coração, apertando minha mão sobre seus lábios gordos, e o puxei para frente de modo que o sangue jorrando de seu peito caísse na banheira e não respingasse no chão de azulejos. E assim ficamos ali, balançando para frente e para trás na banheira, Jake McAllister tentando se afastar, e me puxando para mais perto, minhas mãos cavando em seu rosto.

Após cerca de trinta segundos, as pernas de Jake oscilaram e cederam. Seus olhos vidraram, e sua boca afrouxou debaixo da minha mão. Tirei meus dedos de seus lábios.

Jake tossiu duas vezes. Sangue cuspiu de seus lábios e salpicou a frente do meu vestido. Nada que eu pudesse fazer sobre isso agora. Então coloquei as duas mãos sobre seu paletó e o puxei para frente. Ele era pesado, e tomou algum músculo para virar suas pernas para cima e para o lado da banheira e em seguida abaixar todo o seu corpo para o fundo sem deixar ele baquear. Quando terminei, Jake McAllister estava morto, e eu estava uma bagunça suada e ensanguentada.

As primeiras coisas primeiro. Fechei a porta do banheiro. Então, voltei para Jake McAllister. A banheira era de um tipo de mármore decorativo mais como uma pequena piscina do que uma banheira e ficava elevada sobre uns degraus. Um par de degraus levava para a beira, e vários mais a descer levavam para a piscina quadrada.

Desci até o fundo com Jake. A primeira coisa que fiz foi recuperar minha faca de seu peito e a coloquei na beira da banheira. Então eu o manobrei para que suas costas estivessem voltadas para o resto do quarto. Enrolei suas mãos sobre sua cabeça e estiquei suas pernas para fazer como se ele tivesse bebido demais e se arrastado para dentro da banheira para dormir. Pelo menos a primeira vista. Se alguém virasse Jake, veriam o sangue em sua camisa e no fundo da banheira. Mas esperançosamente, eu estaria muito longe no momento em que isso acontecesse.

Uma vez que estava feito, eu subi e avaliei os danos. A banheira também contava com vários chuveiros que estavam fixados nas paredes em vários ângulos, o que justificava a cortina que bloqueava a área do resto do banheiro.

A cortina do chuveiro era de um rico vinho salpicado com ouro – e agora com sangue. Mas, a menos que você olhasse atentamente para ela, você não perceberia que os respingos não faziam parte do padrão pretendido.

Algum sangue de Jake também tinha respingado sobre o azulejo de mármore em frente a banheira. Peguei uma toalha de rosto cor-vinho, molhei, e usei para esfregar todas as manchas perdidas e os pontinhos. Também limpei minha faca e a enfiei de volta na manga do meu vestido. O cheiro de cobre quente encheu meu nariz, mas eu bloqueei – junto com o murmúrio do mármore sob meus pés. Ao invés do tom escuro que eu esperava, a pedra praticamente cantou com distração – como se ter sangue fresco derramado sobre ela a fizesse feliz.

O barulho fez meu estômago torcer.

Trabalhei rapidamente, quietamente. Levou-me menos de dois minutos para matar Jake McAllister. Ninguém deve ter sentido falta dele ainda, mas eu não tomaria qualquer chance me movendo lentamente. Uma vez que eu tinha o sangue limpo do chão em frente a banheira, fechei a cortina escondendo o corpo de McAllister de vista.

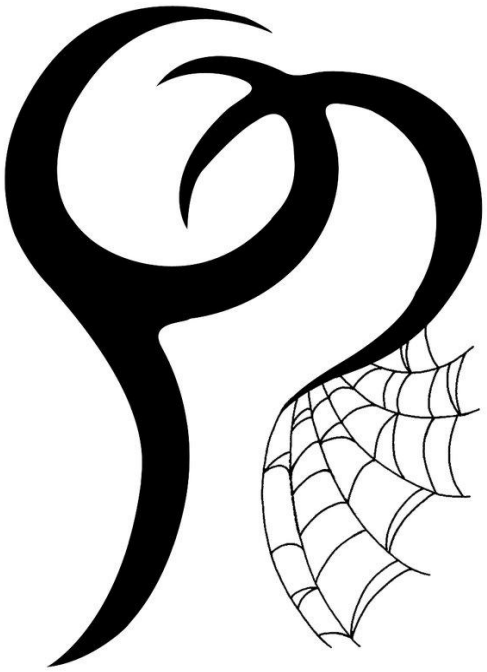
Além da banheira, o banheiro destacava dois vasos sanitários feitos do que parecia ouro real. Eles ficavam opostos a duas pias feitas em mármore vinho com listras brancas ao redor. Um espelho de borda dourada flanqueava a parede acima do balcão. Olhei para mim mesma no vidro, avaliando os danos que Jake McAllister tinha feito em mim com seus golpes enquanto morria. A tosse do bastardo tinha respingado sangue por todo o meu peito. Usei a toalha de rosto molhada para enxugar sangue sobre minha pele exposta, então torci, molhei-a novamente, e esfreguei o sangue restante em minha peruca. Foi difícil tirar os cuspes de sangue fora das tranças loiras falsas, mas consegui o suficiente.

Uma vez feito isso, trabalhei em meu vestido. Usei um pouco de sabão líquido de uma garrafa sobre o balcão e esfreguei nas manchas maiores de sangue. Uma vez que o tecido era negro, você não poderia dizer que mancha era, só que eu tinha derramado algo em mim. mas eu consegui tirar a maior parte de sangue.

Meus olhos varreram o banheiro novamente, mas não havia nenhum sinal visível fora do normal do que tinha acontecido aqui esta noite. Eu cuidadosamente dobrei a toalha de rosto vinho e a coloquei de volta em seu lugar original ao lado da banheira.

Enquanto eu esperava pelas manchas úmidas em meu vestido secarem, remexi em minha bolsa e tirei um pó compacto que eu trouxe junto com um pouco de batom. Eu tinha ficado suada durante minha luta com Jake McAllister, e retoquei minha maquiagem até voltar a sua máscara pesada mais uma vez.

Tinha acabado de abrir o batom para terminar o conserto em meu rosto quando a porta do banheiro abriu – e Mab Monroe entrou.



Capítulo 27

Por um momento, nós apenas olhamos uma para a outra, seus olhos negros nos meus falsos azuis. Minha mente correu enquanto eu tentava descobrir o que a Elemental de Fogo poderia estar fazendo aqui - e como eu poderia ficar longe dela.

Mas desde que Mab Monroe não gritou imediatamente por seus guardas gigantes ou pior, alcançou sua magia elemental de Fogo, eu presumi que ela não tivesse me ouvido matar Jake McAllister - ou limpar a bagunça. Apenas uma maneira de descobrir.

De alguma forma, eu esbocei um sorriso no meu rosto. — Oh, olá aí, — eu disse em um tom alegre. — Como você está?

Mab franziu o cenho. — Este é um dos meus banheiros privativos. Você não deveria estar aqui.

A voz da elemental de Fogo era suave, sussurrada, com apenas uma sugestão de uma voz rouca, como seda se esfregando. Mas havia muito mais poder e ameaça em seu tom leve do que na voz de qualquer outra pessoa que eu já ouvi. Ao som, eu senti surgir essa sensação estranha, primitiva através de mim novamente. *Inimigo*, aquela vozinha murmurou na parte de trás da minha cabeça. *Inimigo, inimigo, inimigo.*

Mas eu desliguei a voz, ampliei meus olhos, e coloquei o meu melhor rosto oh-não-eu-acabei-de-foder-tudo. E então eu engasguei. — Oh, me desculpe, doce.

Eu não sabia. Ninguém me disse, você vê, e esta é minha primeira vez aqui em uma de suas festas.

Mab me encarou, seus olhos escuros e pensativos. Seu olhar foi para o batom fúcsia na minha mão, então se mudou para baixo do meu corpo. Seus olhos permaneceram sobre as manchas úmidas na frente do meu vestido. — O que você está fazendo aqui?

— Oh, apenas me refrescando um pouco. Muita concorrência lá fora esta noite. Uma garota tem que estar o seu melhor em uma dessas coisas.

A elemental de Fogo pisou mais para dentro do banheiro.

Dei-lhe outro sorriso, me inclinei para a frente, e reapliquei meu batom. Mab apenas ficou ali, me olhando no espelho. Ela podia ser capaz de intimidar todos os outros em Ashland, com seu olhar duro, mas não a mim. Mas isso não significava que eu ia fazer algo estúpido, como insultar a elemental de Fogo diretamente no seu próprio banheiro - com o corpo de Jake McAllister esfriando a uns 3 metros à minha direita.

Antagonizar Jonah McAllister no meu próprio restaurante era uma coisa. Tal como matar seu filho depois que ele ameaçou me estuprar e assassinar. Mas Mab - Mab era diferente. Se apenas pelo simples fato de que eu não sabia qual de nós iria sair por cima em uma luta. Mas uma de nós iria morrer, e eu não queria que fosse eu. Eu tinha promessas a cumprir para os Foxes, promessas que não seria capaz de cumprir se eu estivesse em uma batalha com Mab.

Então, eu mantive meus olhos em meu próprio rosto e não no dela. Mas, na minha visão periférica, eu podia ver a magia brilhando em seus olhos. Ao contrário de Jake McAllister, os olhos de Mab não ficavam vermelhos quando ela alcançava a magia de Fogo. Se qualquer coisa, eles ficavam mais escuros, mais negros, até que pareciam sugar para a luz do quarto. Mab era também um dos elementais que vazavam poder. Bem, mais como irradiavam em seu caso. Eu podia sentir a sua magia de Fogo derramando dela. Ela picava a minha pele como mil agulhas quentes, minúsculas.

— O que é isso no seu vestido? — Mab perguntou. — Essas manchas?

Eu tampei meu batom e o deslizei de volta para minha bolsa.

Meus dedos escovaram o punho de minha faca silverstone, mas eu não a peguei. Matar um punk como Jake McAllister era uma coisa. Ele era imprudente, estúpido, desleixado. Mas Mab Monroe era a mulher mais perigosa em Ashland.

Eu não tinha dúvida de que ela podia me fritar viva com a sua magia antes mesmo de eu ter a arma fora da minha bolsa.

Então eu fechei a bolsinha, virei para encará-la, e ampliei meu sorriso. — Bem, você vê, é por isso que eu vim aqui em primeiro lugar. O cavalheiro com quem eu estava ficou um pouco... excitado demais com as coisas. Um verdadeiro madrugador[55], se você sabe o que quero dizer.

Deixei escapar uma risada. Mab não se juntou.

— De qualquer forma, eu vim aqui para limpar parte do dano, antes de fazer a ronda para ver se quaisquer outros cavalheiros estavam interessados em meus serviços esta noite.

Os olhos negros de Mab nunca deixaram os meus. — E quem seria este cavalheiro? Este... madrugador?

Eu forcei outra risada. — Oh, doce, eu não perguntei o nome dele. Isso estava no topo de sua lista de regras.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, pensando na minha resposta. — E o que seria o seu nome?

— Candy, é claro, porque eu sou superdoce.

Desgosto brilhou no rosto de Mab. Evidentemente, ela não gostava de prostitutas com nomes bregas. Mas a reação dela me deu uma ideia de como eu poderia escapar desta inquisição.

Lambi meus lábios e dei um passo à frente. Por um momento, eu brinquei com a runa coração-e-flecha na minha gargantilha de veludo, chamando a atenção de Mab a ela. Seus olhos sacudiram para a runa, então de volta para os meus. Eu dei um passo à frente e peguei um pedaço de seu cabelo que tinha caído para a frente por cima do ombro.

Eu imediatamente lamentei o movimento, porque segurar o cabelo de Mab parecia como esfregar um fósforo aceso entre os dedos. Eu meio que esperava que a minha pele começasse a formar bolhas pela sensação.

Ainda assim, eu não dei nenhum sinal que podia sentir a sua magia elemental.

[55] Early bird – pessoa da manhã, pessoa que acorda cedo, com um duplo sentido aí.

Em vez disso, esfreguei sua mecha de cabelo, enrolando-a ao redor do meu dedo, e empurrei por cima do ombro. Eu deixei meus dedos demorarem em seu ombro um momento mais do que seria considerado educado, então puxei meu braço de volta. Meus dedos, minha mão inteira, sentiram como se estivessem em chamas. De alguma forma, eu consegui não olhar para eles.

— Você sabe, eu estou aqui esta noite para servir os clientes da forma que eles gostarem, — eu disse em um tom sussurrante. — E desde que esta é a sua festa, eu ficaria mais que feliz em me tornar disponível para você, Miz Monroe. Por quanto tempo gostar. De qualquer forma que gostar.

Pela primeira vez, algo como diversão acendeu nos olhos de Mab. — Você é muito ousada, não é?

Dei a ela um encolher de ombros delicado e um sorriso lascivo, certificando-me de molhar meus lábios com a minha língua de novo. — Você tem que ser, neste ramo de trabalho.

O olhar negro de Mab moveu-se para baixo do meu corpo novamente, desta vez com mais interesse lascivo. Ela deu uma sacudida arrependida de sua cabeça. — Por mais tentadora que sua oferta seja, Candy, eu temo não me satisfazer assim em minhas próprias funções. Eu sempre mantenho meus negócios e prazer à parte.

Coloquei meu lábio inferior para fora e fiz beicinho. — Muito ruim. Bem, se você mudar de ideia, eu vou estar ao redor. Toda a noite.

Eu bati meus olhos para ela. Mab levantou uma sobrancelha, mas os cantos de seus lábios apareceram no que eu assumi que era um sorriso. Eu não poderia dizer se eu a divertia ou se ela estava apenas zombando de mim, mas não me importei de ficar por perto e descobrir.

— Bem, se você me der licença, eu realmente preciso voltar ao trabalho, — eu disse. — Misturar e conviver e tudo isso.

— É claro, — murmurou Mab.

Eu fiz um movimento para pisar ao seu redor. Mas Mab Monroe se deslocou levemente, de modo que meu corpo roçou contra o dela no meu caminho para a porta. Mais uma vez, a sua magia tomou conta de mim, tão quente que parecia que meu vestido tinha explodido em chamas. Mas evidentemente Mab gostou do que sentiu, porque seu sorriso se alargou. Dei a ela outra piscadela lasciva e segui em frente, apesar de meu estômago ter se fechado ao sentir sua

magia picando minha pele, ainda mais duro e mais quente neste momento, como se eu a tivesse estimulado.

Eu tinha apenas alcançado a porta quando Mab me chamou novamente.

— Já nos encontramos antes, Candy? — Perguntou ela. — Por alguma razão, você parece familiar.

Eu me virei e balancei a cabeça. — Eu não penso assim, e eu certamente teria lembrado de conhecê-la, Miz Monroe. Você é uma lenda na cidade.

Dei a ela outro sorriso antes de escapar para o corredor.

***

De alguma forma, eu me forcei a passear de volta do jeito eu tinha vindo ao invés de correr como realmente queria. Eu não sabia o que me incomodou mais. O fato que Mab Monroe havia considerado me apanhar na minha falsa oferta para fodê-la ou o fato de que eu tinha deixado a elemental de Fogo em seu próprio banheiro com um corpo morto na banheira. De qualquer maneira, as coisas estavam começando a sair de controle. Eu precisava ter Tobias Dawson sozinho - agora - ou sair. Salvar minha própria pele esta noite - e de Finn e de Roslyn – vinha primeiro. Mesmo antes do trabalho que eu havia prometido fazer para Warren Fox.

Eu tinha acabado de dobrar a esquina que levava de volta ao corredor principal quando alguém se moveu nas sombras à minha esquerda. Eu empalmei uma das minhas facas.

— Foi uma boa performance a que você teve lá no banheiro, — murmurou uma voz masculina. — Muito interessante.

Owen Grayson saiu das sombras. Como qualquer outro homem no local, ele usava um smoking. Mais uma vez, fiquei impressionada por quão compacta, robusta, e forte sua estrutura era. Quase anão, exceto pela sua altura de 1 metro e 85.

Seus olhos violeta brilhavam à luz fraca, mesmo quando seu cabelo preto azulado desaparecia nas sombras. O corte branco de uma cicatriz sob seus lábios

compensava o seu nariz torto, acrescentando muito mais personalidade às suas feições esculpidas.

Primeiro Jake McAllister, então Mab Monroe, e agora Owen Grayson. Fantástico.

— Eu não sei o que você quer dizer. — Apertei mais forte a minha faca.

Ao invés de me responder, os olhos de Owen Grayson trilharam para baixo em meu corpo, uma lenta polegada de cada vez. Seios, barriga, coxas, pernas. Ele absorveu tudo. Um sorriso se espalhou em seu rosto.

— Você sabe, *Srta. Blanco*, — disse ele, propositalmente usando o meu nome. — O vestido é lindo, mas acho que eu gosto mais do avental e jeans. Parece mais o seu verdadeiro eu.

Porra. Apesar da peruca loira, Owen Grayson tinha me reconhecido. Pior ainda, de alguma forma ele ouviu minha proposta a Mab Monroe no banheiro. Eu me perguntei se ele tinha me visto com Jake McAllister, também - e percebido que o outro homem nunca tinha saído da sala.

— E o que você sabe sobre o meu verdadeiro eu? — Eu perguntei em um tom suave.

O sorriso de Owen se aprofundou. — Eu sei que você tem uma faca silverstone em sua mão direita agora.

Não havia jeito que ele poderia ter me visto espalmar a faca. Então, como ele sabia que eu até tinha uma? Olhei para ele mais de perto e percebi que a razão pela qual seus olhos violetas eram tão luminosos era porque eles estavam brilhando - com magia. Um traço leve, quase imperceptível, mas o senti. Uma carícia fria, não muito diferente da minha magia própria de Pedra. Isso só podia significar uma coisa.

— Você tem um talento elementar para metal.

— Culpado das acusações, eu temo, — disse Owen. — É uma pequena habilidade.

Meus olhos se estreitaram. Porque com cada palavra que ele dizia, eu estava pensando mais e mais sobre esfaquear Owen Grayson e ter a chance que eu pudesse sair da mansão antes que alguém encontrasse seu corpo. Mas decidi jogar com calma - por enquanto.

— O que você quer?

— Eu só quero conversar. — Owen estendeu o braço para mim. — Podemos?

Eu olhei para o braço, pensando em como seria fácil afastá-lo e enterrar a faca em seu coração. Ele sabia o que eu estava pensando. O conhecimento passou por seus olhos violeta, mas seu braço nunca vacilou, nunca baixou. Seu olhar nunca deixou o meu. Por qualquer motivo, Owen Grayson não tinha medo de mim. O que despertou minha curiosidade. Pelo menos o suficiente para eu deslizar a faca de volta na manga do meu vestido.

Fodida curiosidade. Vai me matar uma noite.

Talvez até hoje à noite.

Eu tomei o seu braço. — Então, fale.

Owen me aninhou perto dele, e o calor do seu corpo tomou conta de mim. Ele cheirava rico e de terra, quase como... metal, se metal tivesse algum cheiro real. Seu braço parecia aço, mesmo através do tecido do seu casaco do smoking. Pela primeira vez, eu estava ciente dele como um homem, como alguém do sexo oposto. Owen Grayson era decididamente atraente, com seu corpo forte e características cinzeladas. Mas o que realmente o diferenciava era o fato de que ele irradiava confiança da forma que Mab Monroe irradiava magia. Essa sugestão de poder, essa confiança, fazia Grayson interessante. E alguém que definitivamente valia a pena assistir.

Especialmente desde que eu ainda estava considerando matá-lo.

Caminhamos pelo corredor de volta para o salão de baile.

No início, eu pensei que iríamos direto para lá, mas Owen Grayson parou e abriu uma das portas que conduziam para fora. Nós saímos para o terraço de pedra que ladeava este lado da mansão, e Grayson fechou a porta atrás de nós.

O ar da noite estava frio, especialmente porque o meu vestido ainda estava úmido de onde eu tinha lavado o sangue de Jake McAllister. Lâmpadas de ferro de rua que pareciam antigas alinhavam o terraço, proporcionando iluminação suave e nebulosa, enquanto degraus de pedra largos levavam até um jardim além. Baixos gemidos e sons de sucção subiam até nós, e várias formas escuras se contorciam juntas em vários gazebos no jardim. Outros casais se apoiavam contra árvores ou usavam algumas das estátuas de pedra como alavancas. A

festa deve ter animado um pouco, se o povo já tinha vindo para fora para foder em cima das rosas premiadas de Mab Monroe.

Owen Grayson serpenteou para baixo do terraço, comigo ao seu lado.

— Eu tenho que confessar que fiquei bastante surpreso quando você caminhou no salão essa noite, — Grayson começou. — Eu não esperava te ver aqui, especialmente não usando essa peruca loira barata.

— Não se importa com loiras, não é? — Eu atirei.

— Morenas audaciosas são mais meu estilo. — Ele sorriu.

Eu não respondi.

— Na verdade, eu tenho uma pequena confissão a fazer. Estive pensando muito sobre você nos últimos dias, Srta. Blanco. Tanto que eu tinha um amigo coletando algumas informações sobre você.

Então Owen Grayson tinha alguém cavando o meu passado. Sem preocupações. Minha ID falsa como Gin Blanco era rocha sólida. Tinha resistido ao exame minucioso de Jonah McAllister, e eu não tinha dúvida de que tinha passado na inspeção de Grayson também. Mas eu não entendi sua curiosidade. Claro, eu tinha salvo sua irmã, Eva, de ser queimada até a morte por Jake McAllister naquela noite no Pork Pit. Mas a maioria dos homens da riqueza, atitude e posição de Grayson teria esquecido tudo sobre mim agora.

— Você me verificou? Por quê?

— Você salvou a minha irmã, você salvou Eva, — disse Owen. — Ela é a coisa mais importante do mundo para mim. Eu gosto de liquidar minhas dívidas. Eu queria encontrar uma forma de recompensá-la. Eu queria encontrar algo que você gostasse, algo que você quisesse ou precisasse, e dar a você. Sem amarras.

— Eu te disse que não queria seu dinheiro.

Owen acenou com a mão. — Sim, você disse. Mas depois cheguei perto de você, apertei sua mão aquela noite no Pork Pit. E eu me perguntei por que alguém que administra uma churrascaria, mesmo uma à beira de Southtown, carregaria cinco facas silverstone em sua pessoa. Parecia um exagero para mim.

Se ele apenas soubesse. Eu tive que me esforçar muito para não alcançar a minha faca novamente. Então não só Owen Grayson poderia sentir uma arma de metal em minha mão, ele também poderia dizer exatamente quantas eu tinha em

mim. As cinco usuais, no momento. Duas acima de minhas mangas, mais duas amarradas as minhas coxas, e uma na minha bolsa.

— Você sabe sobre o meu interesse em metal, — continuou Grayson. — Eu tenho um em armas também. Tornando-as uma espécie de hobby meu. Então você pode entender a minha curiosidade sobre umas tão finamente trabalhadas como as suas. Silverstone não é fácil de moldar ou adquirir.

— O Pork Pit está em um bairro violento, — Eu disse inexpressivamente. — As facas me fazem sentir segura.

Owen riu. Uma sugestão de sarcasmo coloriu sua voz gutural. — Vou apostar que fazem. Mas havia mais uma coisa que me intrigou sobre você, Srta. Blanco.

— E o que seria isso?

Owen parou e desprendeu minha mão de seu braço.

Antes que eu percebesse o que ele estava fazendo, ele virou a minha mão e segurou a minha palma para cima. — Isso.

Ficamos embaixo de um dos postes de luz antigos. O brilho dourado nebuloso cobria a palma da minha mão - e fazia a cicatriz de runa de aranha embutida na minha carne brilhar em um prata fraco.

— Um pequeno círculo rodeado por oito raios finos, — Owen Grayson murmurou. — Uma runa de aranha. O símbolo de paciência. Fiquei imaginando o que o símbolo era.

Por um momento, eu estava atordoada. Simplesmente atordoada. Não só porque Grayson sabia sobre as minhas cicatrizes, ou pelo menos esta, mas também porque eu nunca mostrei as marcas para qualquer um. Só Finn e as irmãs Deveraux sabiam o que elas realmente pareciam além de mim, e eu mesma não era louca de as ficar encarando, por razões óbvias.

Oh, às vezes alguém no restaurante iria dar uma olhada rápida e acidental para elas enquanto eu estava trabalhando. Mas as cicatrizes tinham desaparecido ao longo do tempo, e era difícil dizer que elas eram realmente runas sem estudá-las de perto – ou que eu tinha uma em cada palma. Mesmo assim, eu apenas as fazia passar como queimaduras que eu tinha ganhado trabalhando no Pork Pit ao longo dos anos.

Ainda assim, apesar da minha surpresa, eu joguei com calma, como se Grayson ver a cicatriz não importasse para mim. Dei de ombros. — Então, eu tenho uma cicatriz. Muitas pessoas têm. Dificilmente vale a pena mencionar.

Ele balançou a cabeça. — Não apenas qualquer cicatriz. É silverstone. O metal está na sua pele. Quando apertei sua mão, naquela noite, eu o senti. E agora, — Grayson inclinou a cabeça para um lado. — Eu posso ouvi-lo.

Eu o encarei. Ele devia ter mais do que um pequeno talento para metal, se ele poderia fazer tudo isso. Mais uma vez, o pensamento me ocorreu que Owen Grayson era alguém que valia a pena assistir, alguém para ser muito cuidadosa ao redor. Talvez até mesmo alguém para se livrar. Mas minha curiosidade não iria desaparecer o suficiente para eu dar esse passo final. Ainda não. Não até que eu soubesse exatamente o que ele queria.

— E como o metal em minhas mãos soa?

Ele me deu um pequeno sorriso. — Soa triste. Doloroso. Solitário.

Eu mantive meu rosto em branco, mesmo enquanto as emoções e as memórias se enfureciam dentro de mim. A sensação do medalhão de runa de aranha queimando em minha pele, o cheiro da minha própria carne derretendo enchendo meu nariz, meus gritos roucos ecoando em meus ouvidos, a gargalhada da elemental de Fogo abafando todo o resto. De alguma forma, eu empurrei as memórias para trás e foquei no rosto de Owen Grayson, em seus olhos violeta, que ainda estavam brilhando muito levemente.

Naquele momento, eu considerei seriamente ferir Owen Grayson. Mesmo matá-lo. Porque de algum modo, Grayson tinha arrancado parte de minhas defesas, parte de meu anonimato.

Ele sabia muito sobre mim, sabia tantas coisas que era tão cuidadosa em esconder. Ele poderia ser uma ameaça. Para mim, para Finn, para as irmãs Deveraux. Eu não gostava de ameaças.

Então eu decidi ir direto ao assunto.

— Minha cicatriz soa triste, dolorosa, solitária? Isso soa como um manco venha-para-mim, — Eu zombei. — Certamente, você pode fazer melhor do que isso, Sr. Grayson.

Owen riu - um riso alto e sincero. Eu o diverti. Ele estava rindo na cara de sua própria possível morte. Apesar da estupidez de sua ação, eu tinha de admirar

a sua bravata. Isso, e essa pequena centelha de interesse, de curiosidade que eu tinha sobre ele, era tudo o que estava mantendo Grayson vivo.

— Então o que você realmente quer? — Eu perguntei uma vez que a risada de Grayson tinha diminuído.

— De você? Eu não decidi totalmente. Mas as possibilidades são interessantes. — Seus olhos vagaram pelo meu corpo novamente de um jeito franco, avaliador que me disse que ele gostou do que viu. Seu olhar se estabeleceu na runa coração-e-flecha que pendia da minha gargantilha de veludo preto. — Apesar de eu nunca tê-la tomado como uma das meninas de Roslyn Phillips.

Um sorriso duro curvou meus lábios. — Eu sou uma mulher de muitas habilidades.

— Eu aposto que você é, — ele murmurou.

— Vamos direto ao assunto, — eu disse. — Porque eu tenho outras coisas para fazer esta noite além de ficar aqui no escuro com você.

Como matar Tobias Dawson. Cinco minutos tinham se passado desde que eu tinha deixado Mab Monroe em seu próprio banheiro com Jake McAllister. Desde que eu não tinha ouvido quaisquer gritos ou correrias de atividade, ela não tinha encontrado o seu corpo na banheira. O que significava que eu ainda tinha uma pequena janela de tempo para encontrar, atrair e matar Dawson.

Owen Grayson assentiu. — Muito bem. Como eu estava dizendo, eu estava muito surpreso de ver você aqui esta noite. Mas uma vez que te vi, eu decidi me aproximar de você.

— Por quê?

Ele encolheu os ombros. — Eu pensei que você gostaria de dançar.

O encarei. Ele parecia sincero. Owen Grayson atraído por mim? Meus olhos se estreitaram. Ou talvez ele tivesse acabado de ver a runa no meu pescoço e percebeu o que significava - que eu deveria supostamente foder com qualquer um aqui esta noite de graça. De qualquer forma, eu supus que coisas mais estranhas já tinham acontecido.

— Mas eu não fui rápido o suficiente para pegá-la antes que você deixasse o salão de baile, — continuou Grayson. — E então eu ouvi você falando com Mab no banheiro. O que me interessou muito mais Gin. Posso chamá-la de Gin?

— Claro. Não precisa ficar em cerimônia neste momento. Quanto ao que você ouviu no banheiro, não posso imaginar por que duas meninas falando sobre sexo seria de interesse para um cara como você. — Sarcasmo pingava da minha voz como molho quente fora de um biscoito[56].

Seus olhos violeta brilharam na penumbra, e ele sorriu. — Claro que não.

— Assim você quer me foder, então, — eu disse em tom brusco. — É sobre isso que toda esta pequena conversa é. O falar sobre minhas facas, o passeio no terraço, o dar as mãos e venha-pra-mim sobre como minha cicatriz soa. Técnica interessante. Diga-me, qual era a sua próxima jogada? Me manobrar contra a parede aqui? Ou eu cair acidentalmente no seu pau?

Grayson riu de novo. — Claro que eu quero te foder, Gin.

Ele olhou para mim. Eu vi o desejo em seu olhar violeta, mas não era tão devasso ou lascivo como os outros olhares que eu estava recebendo esta noite. Oh, Owen Grayson parecia ser tão sexual e amante da forma feminina como qualquer homem.

Mas interesse genuíno também brilhava nos olhos do empresário, como se estivesse apreciando nossa conversa-disputa tanto quanto ele iria apreciar levantar minha saia.

— Mas vamos devagar, podemos? — Grayson disse. — Como eu disse antes, eu sempre tive uma coisa por morenas audaciosas. Decidi que gosto de você, Gin. Você me interessa. E ninguém fez isso em um tempo muito longo.

— Então o que você está propondo - exatamente? Que nós dois vamos para algum lugar tranquilo para conversar antes de você fazer a sua jogada? — Eu zombei.

— Dificilmente. — Owen ridicularizou. — Ao contrário de alguns outros convidados de Mab, eu não preciso depender da generosidade dela para minha satisfação. Eu pensei que você gostaria de sair um dia. Jantar, talvez um filme, dança. O que você quiser.

Minhas sobrancelhas levantaram. — Você quer sair comigo? Mesmo que eu esteja usando isso? — Eu apontei para o colar de runa coração-e-flecha. —

[56] http://blogs.greenville.edu/students/files/2010/07/gravy-biscuit.12674209.jpg

Mesmo que eu seja uma prostituta? Mesmo que você poderia me ter de graça esta noite?

Ele encolheu os ombros novamente. — Me chame de louco, mas eu pensei que poderia ser divertido.

Divertido? Eu não sabia sobre isso. Mas havia certamente mais para Owen Grayson que os olhos viam. Ele pensava que eu estava trabalhando a noite como uma das meninas de Roslyn Phillips, e ele ainda estava me pedindo para sair com ele.

Ser vista em público com ele. O que significava que ele estava ou genuinamente interessado em mim ou trabalhando em algum ângulo que eu não conseguia decifrar. De qualquer maneira, eu não tinha tempo para isso hoje à noite.

Mas havia algo em que Owen Grayson poderia me ajudar. E eu estava pronta para usar esse favor que ele me devia.

— Digamos que eu acredito que você realmente quer me conhecer e não apenas os meus seios, — eu disse. — Faça-me um favor, e eu vou considerar a sua proposta.

Grayson assentiu. — Tudo bem. Que tipo de favor?

— Leve-me para dentro e me apresente a Tobias Dawson. Tenho certeza que você o conhece, desde que vocês dois estão tão pesadamente envolvidos no negócio de mineração em Ashland.

Seus olhos se estreitaram. — Eu o conheço. Mas por que você quer conhecer Dawson? Ele não me parece o seu tipo.

Eu dei-lhe um sorriso duro. — Porque eu estou aqui esta noite para servir aos clientes de Mab, e ouvi que ele dá gorjetas realmente grandes. E isso é definitivamente o meu tipo.

Owen me estudou na luz nebulosa. Decepção acendeu em seus olhos. Sua conquista grátis e fácil estava se afastando.

— Você mesmo disse. Me deve por salvar Eva, por salvar a sua irmã, — eu lembrei a ele em um tom suave. — Bem, é assim que eu quero cobrar. Agora, você vai me apresentar? Ou vou ter que cuidar disso sozinha?

Fingir ser uma prostituta. Fazer propostas a Mab Monroe em seu próprio banheiro. Insinuar que eu estava indo foder outro homem pela simples promessa de dinheiro. Owen Grayson tinha me visto e ouvido fazer todas essas coisas no espaço de cinco minutos. Me resignei ao escárnio desgostoso que estava vindo na minha direção e as palavras duras que certamente se seguiriam. Nenhum homem gostava de ser traído.

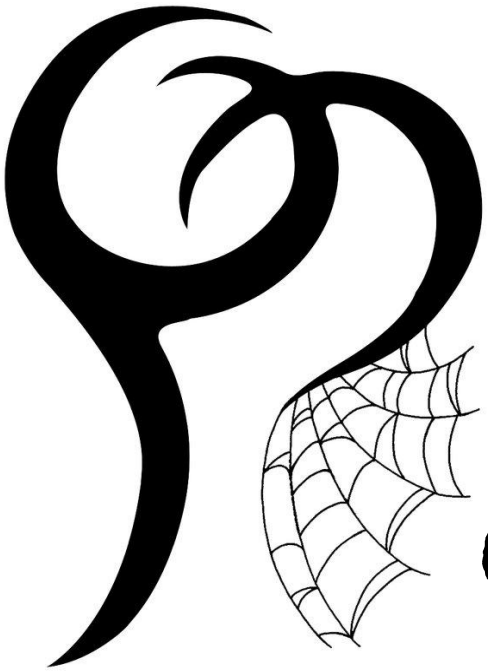
Mas para minha surpresa, Owen Grayson apenas sorriu. Uma emoção familiar brilhou em seus olhos, uma que tinha me metido em apuros em mais de uma ocasião. Curiosidade.

Ela queimou ainda mais brilhante do que o seu desejo tinha um momento atrás.

— Oh, eu vou apresentá-la a Dawson, só para ver o que você está tramando. — Diversão coloriu a voz de Grayson, e ele estendeu seu braço para mim pela segunda vez. — Podemos, Gin?

A curiosidade de Owen Grayson podia me causar problemas mais tarde, mas esta era uma oportunidade boa demais para deixar passar.

Então, eu coloquei minha mão em seu braço. — Vamos.



Capítulo 28

Owen Grayson me levou de volta para o salão. Ficámos na porta do terraço, procurando Dawson. Finalmente, vi o anão cowboy, de pé perto do bar muito lotado. Tobias Dawson bebeu uma dose do que parecia ser uísque, seguida de uma caneca de cerveja, arrotou e limpou a boca com as costas da mão. Que classe.

— Tem certeza que deseja fazer isso? — Grayson murmurou.

Fiz uma pausa. Grayson provavelmente pensava que eu estava reconsiderando me aproximar de Dawson, dado o óbvio desrespeito do anão por guardanapos. Mas na verdade, eu estava me lembrando de Violet Fox e de como Trace Dawson tinha batido em seu rosto.

De como Tobias Dawson tinha cuspido nas tábuas do assoalho da loja country. De como o diamante em seu cofre do escritório tinha praticamente cantado. De como os ombros de Warren Fox tinham caído quando eu lhe disse o que Dawson realmente queria da sua terra.

— Sim, eu tenho certeza.

Owen me acompanhou no meio da multidão. Passámos Mab Monroe, que agora estava falando com um vampiro idoso asiático. A elemental do fogo me viu no braço de Grayson e levantou a taça de champanhe num brinde silencioso. Devo a ter impressionado mais do que percebi.

Não era bom, mas eu sorri e inclinei a cabeça para reconhecê-la. Mais importante, o brinde de Mab também me disse que ela não havia encontrado o corpo de Jake McAllister na banheira.

O que significava que eu ainda tinha tempo suficiente para matar Dawson.

Também passámos por Finn e Roslyn. Os brilhantes olhos verdes de Finn voaram de Grayson para mim, e ele levantou a sobrancelha em uma pergunta silenciosa. Eu balancei a cabeça um pouquinho, dizendo-lhe que estava bem. Ainda assim, os olhos de Finn ficaram em nós dois, ao mesmo tempo que ele e Roslyn conversavam com uma gigante hispânica com pernas que pareciam continuar para sempre.

Demorou cerca de dois minutos para manobrarmos o nosso caminho até o bar. Owen arranjou as coisas para que eu estivesse entre ele e Tobias Dawson, que estava de costas para mim. Grayson ordenou um uísque.

— E para a senhora? — O barman perguntou.

— Gin, — eu disse. — Com um toque de limão.

A boca de Owen se contraiu com diversão, mas ele não disse nada sobre a minha escolha de bebida. O garçom entregou-nos os nossos pedidos. Eu tomei um gole de gin. O líquido frio queimou minha garganta, antes de espalhar um calor agradável através do meu estômago. Depois de provarmos nossas bebidas, Grayson se esticou sobre mim para tocar em Tobias no ombro. O anão se virou. Assegurei-me que a primeira coisa que viu foram os meus peitos, levantados a novas alturas graças ao poderoso sutiã de Roslyn.

Dawson piscou.

— Olá, Tobias, — disse Grayson. — Como você está esta noite?

O anão olhou em volta de mim para o outro homem. — Oh, olá, Owen. Eu estou bem. E você?

— Maravilhoso, — Owen respondeu em um tom superficial. — Permita-me apresentar minha companhia. Esta é...

— Candy, — eu disse em um tom sedutor. — Porque eu sou tão doce.

Os olhos do anão agarraram-se a meus seios, em seguida, foram para o meu cabelo loiro, maquiagem espessa e lentes azuis.

Ele deve ter gostado do que viu, porque sorriu. Seus dentes amarelos combinavam com a cor de areia suja de seu cabelo e bigode. O anão tirou o enorme chapéu de cowboy para mim. — O prazer é meu, minha senhora.

Dado o que Roslyn Phillips tinha me falado sobre o fetiche de cowboy de Tobias Dawson, eu decidi fazer o papel de uma prostituta com um coração de ouro. — Ah, você não é apenas o perfeito cavalheiro. — Baixei e pisquei minhas pestanas. — Bonito também.

O sorriso de Dawson cresceu um pouco mais, mas seus olhos azuis claros assumiram um forte olhar predatório. Eu interessei o anão. Tempo para atraí-lo para outro lugar ou pelo menos deixá-lo fingir era ele o único a atrair-me.

Eu me virei para Owen e coloquei um grande sorriso falso em meus lábios.

— Então quando é que vamos dançar? Você me prometeu uma dança.

Novamente, os lábios de Grayson se contraíram com diversão.

— Desculpe... Candy, mas eu não sou muito bom dançarino.

— Talvez eu poderia dançar com a senhora, — Tobias Dawson ofereceu. — Se você não tiver quaisquer objecções, Owen.

Grayson acenou com a mão. — Claro que não. Eu já tive meu divertimento com Candy esta noite. Ela é toda sua, Tobias.

Os olhos violetas de Owen encontraram os meus cinzentos estreitados. Mais diversão dançou em seu olhar luminoso. Ele estava gostando dessa pequena charada.

O anão cowboy ofereceu seu braço, curto e grosso para mim. — Vamos lá, Candy?

Funguei para Owen, virei de costas para ele, e sorri para o anão. — Obrigado, Sr. Dawson. Pelo menos alguém aqui ainda sabe como tratar uma mulher.

O padrão clichê me fez querer amordaçar, mas eu disse pior para chegar perto de alvos antes. Eu poderia me humilhar mais um pouco se isso significasse eliminar Tobias Dawson.

Meus dedos deslizaram para baixo do braço do anão antes de pousarem em sua mão, nua e marrom. Por alguma razão, Dawson franziu a testa para o contato. Algo cintilou em seus olhos, mas se foi antes que eu pudesse interpretar

o que era. Mas de repente ele olhou para mim com muito mais interesse. Talvez eu lhe tenha dado um choque de eletricidade estática ou algo assim, mas se tivesse, eu deveria ter sentido isso também.

Mas eu afastei a minha inquietação e deixei o anão me levar para a pista de dança. Dawson tinha cerca de um metro e meio de altura, o que significava que seus olhos estavam ao nível dos meus seios. Mas seu chapéu de cowboy enorme chegava até à minha peruca.

A orquestra começou uma valsa clássica, e Tobias Dawson me puxou para perto. A única coisa que o impedia de enterrar a cabeça entre meus seios era a crinolina na minha saia. Era muito duro e grosso para ele manobrar da forma que queria. Eu tinha que me lembrar de agradecer a Roslyn Phillips por esse pequeno favor.

Nós dançamos em silêncio por alguns momentos. Eu mantive o meu sorriso constante à medida que girava ao redor. A mão de Dawson apertou a minha. Sua palma estava curiosamente quente contra a minha, algo que eu esperaria de um elemental do fogo, mas não de um de pedra, como o anão.

— Você sabe Candy, você é uma mulher muito atraente, — Tobias Dawson disse. — Então, novamente, eu sempre fui parcial a loiras.

Deixei escapar uma risadinha. — Você não é a coisa mais doce? Você é um verdadeiro encantador, deixe-me dizer, Sr. Dawson. Vou ter que avisar as outras meninas aqui esta noite para terem cuidado com você.

O anão sorriu, mas seus olhos eram frios e distantes em seu rosto. Mais uma vez, fiquei com a sensação que eu tinha feito algo errado, mas eu não podia imaginar o que poderia ser. Não havia nenhuma maneira de Dawson saber quem eu era, que eu costumava ser uma assassina chamada Aranha, que eu estava trabalhando para os Fox, que eu viria aqui esta noite para matá-lo. Não havia como ele saber tudo isso, pois não? O anão tinha sido inteligente o suficiente para encontrar uma montanha cheia de diamantes e usar uma laje de granito como cofre. Não havia como dizer o quão inteligente ele era.

Nós ficámos em silêncio novamente. O anão olhou para mim.

Então seus olhos foram para o colar da runa em torno de minha garganta. A dança acabou, e nós dois aplaudimos educadamente.

A orquestra começou uma outra canção, algo com um pouco mais de jazz.

Eu segurei minha mão para Dawson. — Eu poderia interessá-lo em outra dança?

— Talvez você gostaria de ir para algum lugar mais privado, — Dawson sugeriu. — Eu ouvi dizer que os jardins da Mab são adoráveis ao luar.

Pensei nos gazebos isolados, copas de árvores e moitas de roseiras que eu tinha visto lá fora. Eu poderia facilmente deixar o corpo de Dawson no jardim. Com alguma sorte, ninguém iria tropeçar nele até de manhã. Era a minha melhor opção neste momento, a menos que eu pudesse de alguma forma levar o anão de volta para o banheiro, onde eu tinha matado Jake McAllister. Dada a forma como Dawson estava olhando para meus seios, eu duvidava que ele ia esperar tanto tempo antes que ele abusasse de mim.

Eu sorri para ele novamente. — Eu adoraria ir para os jardins.

***

Coloquei minha mão no braço de Tobias Dawson, e deixámos a pista de dança. Do outro lado da sala, vi Finnegan Lane olhando para mim. Ele ainda estava ao lado de Roslyn, mas eu vi o alívio em seu olhar verde. Finn sabia que quanto mais tempo eu ficasse, maior era o risco de alguém me fazer uma proposta verdadeira - e mais pequenas minhas chances eram de cuidar de Dawson.

Finn não era o único a olhar para mim. Também havia Owen Grayson. Ele acenou com a cabeça para mim quando passámos. Eu sorri para ele em troca.

Tobias Dawson abriu uma das portas duplas para mim, e saímos. O ar da noite havia ficado ainda mais frio desde que eu tinha estado aqui com Owen Grayson, e eu estremeci.

— Com frio? — O anão perguntou, fechando a porta atrás de nós.

— Um pouco.

Ele sorriu para mim. — Não se preocupe. O que eu tenho em mente irá aquecê-la rapidamente.

Dawson estava dizendo todas as coisas certas, mas, novamente, seu sorriso não alcançou os olhos pálidos. Mas eu afastei o meu desconforto.

Tudo o que eu tinha que fazer era levá-lo para longe das portas, e o trabalho seria feito. Dawson me ofereceu seu braço novamente, e eu peguei. Com a mão livre, eu peguei com a palma da mão uma das minhas facas de Silverstone.

Descemos os degraus do terraço e seguimos por um caminho de pedra que serpenteava nos jardins escuros. Uma mulher gritou suavemente em um mirante à nossa esquerda. Um momento depois, uma outra mulher se juntou ao coro gutural.

Dawson as ignorou e seguiu em frente. Eu o deixei me levar mais para as sombras que cortavam o jardim como facas pretas.

O anão não parou até chegar a um mirante escondido debaixo dos ramos de uma árvore salgueiro-chorão.

Olhei por cima do meu ombro. Estávamos a duzentos metros de distância do terraço, bem longe da vista de quem olhasse através das portas de vidro. Eu apertei com mais força minha faca e fiquei atenta. Dawson levou-me para um banco comprido de madeira dentro do gazebo. Sentei-me, mas o anão não se juntou a mim. Em vez disso, ele ficou diante de mim e balançou para trás nos saltos de suas botas de cowboy.

— Você se parece com uma menina inteligente, Candy, — o anão resmungou. — Então eu acho que é bastante seguro dizer que você sabe quem eu sou e o que faço para viver.

Eu não sabia para onde ele estava indo com isso, mas sorri. — Claro que eu ouvi falar de você, Sr. Dawson. Você é um dos maiores mineiros de carvão de Ashland. Um empresário muito respeitável. Muito inteligente. Muito forte. — Um pouco exagerado, mas lisonja nunca fez mal.

Ele balançou a cabeça. — Eu sou muito forte e muito inteligente. Eu também sou um elemental de Pedra, você sabia?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Receio não dar muita atenção para a magia.

Dawson assentiu com a cabeça novamente. — É justo. Como você disse, eu sou muito poderoso. Mas o que poucas pessoas sabem é que eu tenho um outro talento elementar. Algo pequeno, mas muito útil às vezes.

Eu continuava a sorrir, embora por agora, minhas bochechas começassem a doer do esforço. O anão precisava dar um passo mais perto para que eu

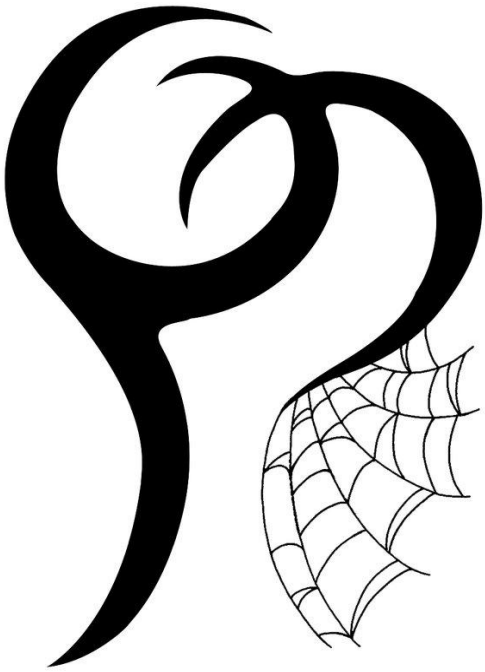
pudesse sair do banco e esfaqueá-lo, não continuar a falar até me deixar em um coma de olhos vidrados. — E o que seria isso? Um talento para o metal, talvez?

Dawson balançou a cabeça. — Ah, não, nada tão grande. Mas eu tenho a capacidade de sentir a magia dos outros e saber exatamente qual é o seu poder, apenas tocando a sua pele. Quase como uma impressão digital mágica, se quiser. — Seu rosto endureceu. — E as palmas das suas mãos pegajosas estavam por todo o cofre em meu escritório, cadela.

Uh-oh.

Tobias Dawson tinha sentido minha magia - e pior, ele sabia que tinha sido eu a quebrar seu cofre no escritório de mineração.

Eu imediatamente saí do banco, já levantando minha mão, pronta para conduzir a minha faca silverstone profundamente dentro do peito do anão. Mas Dawson foi mais rápido. Seu punho bateu no meu rosto e o mundo ficou escuro.



Capítulo 29

— Você tem certeza que era ela, Tobias?

A voz feminina soou em algum lugar acima da minha cabeça, embora parecesse muito longe. Eu não poderia dizer exatamente de onde estava vindo. As batidas na minha cabeça abafavam praticamente tudo o resto, embora eu sentisse grama coberta de orvalho debaixo de minhas costas, e o beijo frio do vento da noite no meu rosto. Por que eu estava deitada? Eu não conseguia me lembrar de nada através da dor no meu crânio.

— Estou seguro, — um homem murmurou. — Esta é a vadia que invadiu meu escritório. Ela tem o cheiro dessa magia de Pedra todo sobre ela. E então há essas.

Alguma coisa farfalhou. Eu queria abrir meus olhos para ver o que era, mas por alguma razão, as minhas pálpebras apenas não levantariam.

— Isso é silverstone? — A mulher perguntou novamente.

Uma pequena parte da minha mente franziu a testa em pensamento. Eu conhecia aquela voz, aquela voz suave e sussurrada que ressoava com tanto poder cru. Eu simplesmente não conseguia me lembrar a quem ela pertencia.

— Yeah, — respondeu o homem. — Ela tinha cinco delas com ela.

— E você realmente acha que ela atraiu você aqui para fora para matar você? — A mulher perguntou. — Talvez ela estivesse apenas transportando-as por proteção. Prostitutas tendem a fazer isso, você sabe.

— Eu sei que era ela. Eu a vi antes. Ela estava na loja do Fox, ontem, junto com um policial. Ela deve estar trabalhando para o velho.

Silêncio. Mais uma vez, tentei abrir meus olhos para ver o que estava acontecendo. Mais uma vez eu falhei. As batidas na minha cabeça se intensificaram, como se outro tambor tivesse sido acrescentado à banda.

— Que pena, — disse a mulher em tom zombeteiro. — Ela tinha um potencial tão grande.

Senti alguém se agachando ao meu lado, e um cheiro doce, levemente nocivo encheu o meu nariz - como jasmim misturado com fumo. Um dedo trilhou para baixo ao lado da minha bochecha.

Agulhas quentes de dor perfuraram minha pele, mas eu não podia nem gritar. Nenhuma parte de mim parecia estar funcionando. O dedo ardente contornou meu decote, antes de deslizar para o meu estômago.

Uma risada suave ecoou acima da minha cabeça. O som me fez pensar em fogo, fumaça, cinzas. Mãos ásperas me segurando. A runa de aranha esquentando entre minhas palmas.

Perguntas. Tantas perguntas sobre Bria. O silverstone queimando minha pele, derretendo em minha carne. A elemental de Fogo rindo enquanto a runa me queimava. Rindo.

A elemental de Fogo. *Mab...*

— Muito bem, — disse a mulher. — Faça o que você quiser com ela - lá fora.

Sua voz deu curto-circuito na minha linha de pensamento. Tentei agarrar as gavinhas ralas de memórias, mas elas se retiraram de volta para a escuridão - uma escuridão que estava lentamente me engolindo mais uma vez.

— Lá fora? Por quê? Eu quero cuidar da vadia agora. — O homem soou chorão e petulante.

— Porque, caso você não tenha notado, Tobias, eu estou hospedando uma festa para várias centenas de pessoas. Um cadáver no jardim iria colocar um amortecedor na noite, você não acha? Além disso, você afirma que ela veio aqui para matar você. Então você pode cuidar disso. Eu não tenho desejo de sujar minhas mãos ou qualquer outra parte da minha pessoa esta noite. Além disso, ela está inconsciente. Nenhuma diversão para ter aí.

— Bem, o que você quer que eu faça com ela? — O homem perguntou novamente.

— Eu não me importo, porra, — a mulher estalou. — Basta tirá-la do meu gramado. Agora.

Mãos ásperas fecharam em torno de meus braços e me puxaram para cima, mas por esse ponto, eu tinha afundado na escuridão mais uma vez.

***

A primeira coisa que eu fiquei ciente era o solo macio sob minha bochecha, intercalado aqui e ali com pequenos seixos. Minúsculas pedrinhas que pareciam ervilhas lisas murmurando contra a minha pele. Concentrei-me naquele som, aquele fraco murmurar, deixando-o me puxar para fora da escuridão em que eu estava flutuando. Depois de alguns momentos, percebi que estava deitada de bruços, mas não tentei me mover. Minha cabeça doía demais para isso, as batidas anteriores agora uma dor quente e latejante atrás do meu olho esquerdo.

Mas eu me concentrei e, lentamente, a noite voltou para mim. Me disfarçar e entrar de penetra na festa de Mab Monroe. Matar Jake McAllister. Encontrar a própria elemental de Fogo, em seguida, Owen Grayson. Também me lembrei de sair para o jardim com Tobias Dawson, e o otário anão me socando. E agora, bem, quem sabia onde diabos eu estava. Mas eu ainda estava viva, o que significava que eu ainda tinha uma chance. Para correr, para lutar, para me esconder em um buraco apertado escuro até os bandidos irem embora. O que fosse preciso para sobreviver. A vontade de fazê-lo, não importa o quê - a primeira real lição que Fletcher Lane tinha me ensinado. Algo que eu sabia antes mesmo que ele articulasse para mim.

Então, eu me concentrei no meu corpo, avaliando o dano que tinha sido feito. Meu rosto parecia que tinha sido atingido com uma marreta. Dada a rigidez e o pulsar constante, eu estava bem certa de que meu maxilar estava quebrado, talvez a minha bochecha esquerda também. Um par de dentes pareciam soltos, e o sabor forte de cobre do meu próprio sangue enchia minha boca. Eu abri meus olhos em fendas. Um pouco de luz escorreu em minha visão.

Bem, pelo menos ele não tinha rompido o meu nervo óptico.

Depois eu sacudi os dedos das mãos e pés. Meus braços estavam doloridos, como se eu tivesse sido maltratada, o que eu provavelmente fui. Meus joelhos estavam arranhados e esfolados. Assim como as minhas mãos.

Pequenos aborrecimentos. Mas para minha surpresa, eu não parecia ter quaisquer outros ferimentos. Sem ossos quebrados, sem membros ausentes, sem trauma entre as minhas coxas. O que só podia significar uma coisa. Tobias Dawson queria me interrogar antes de me matar - ou o anão só me queria acordada enquanto ele me torturasse. Nenhuma opção era prazerosa, mas eu as tinha enfrentado antes e saído mais ou menos em uma parte. Eu sobreviveria a essa também.

— Eu acho que a vadia está acordada, — disse uma voz.

O barítono, baixo e profundo de um gigante. Mas a coisa mais curiosa era que a voz ecoava como um órgão, saltando fora das paredes de pedra que nos rodeavam. Escutei de novo, desta vez mais atentamente, não apenas os seixos de tamanho de ervilha em torno de mim, mas também à pedra debaixo do meu corpo. E percebi que me rodeava. O chão era macio, mas o teto e as paredes eram especialmente mais duros, rochosos, e tudo feito de pedra. Dado o que eu sabia de Tobias Dawson, havia apenas um lugar em que eu poderia estar - no interior da mina de carvão do anão. Dawson Número Três. Um lugar onde ninguém me ouviria gritar - ou nunca encontraria o meu corpo quebrado.

Passos roçaram o chão atrás de mim, e eu comecei a balançar para trás e para frente e gemer. Nenhuma necessidade de deixar os bastardos saberem que eu tinha o meu juízo sobre mim ainda. Eu também abri meus olhos e comecei a piscar para longe as manchas brancas que nadavam dentro e fora da minha visão como um peixe-gato preguiçoso.

Lentamente, eu me empurrei até minhas mãos e joelhos, em seguida, me inclinei para trás em meus calcanhares. Minha cabeça e rosto martelavam, mas eu bloqueei a dor, mesmo enquanto eu me encolhia lá com minha cabeça entre as mãos.

Um par de botas apareceu diante de mim. Botas de cowboy.

De pele de cobra preta com chamas vermelhas e pontas finas[57] de silverstone. Olhei para cima para encontrar Tobias Dawson pairando sobre mim.

Tanto quanto um anão de um metro e meio de altura poderia pairar.

[57] http://www.westernexpressinc.com/assets/Image/Product/detailsbig/WX-16.jpg

— Já era hora de você acordar, vadia, — disse ele e me bateu novamente.

***

Eu não tinha tempo para alcançar minha magia de Pedra para endurecer minha pele em uma concha rochosa. Além disso, esse era um cartão que eu não queria jogar ainda. Tobias Dawson podia ter sentido minha magia, podia ter sido capaz de me apontar como aquela que invadiu seu cofre, mas ele provavelmente não sabia o quão forte eu era. Caso contrário, ele teria feito a coisa certa e me matado, enquanto eu estava inconsciente no jardim de Mab Monroe.

Mas todo esse conhecimento, todo esse planejamento, não me ajudou com o punho assobiando em direção ao meu corpo à velocidade da luz.

Eu consegui me inclinar para trás e girar meu corpo o suficiente para que seu punho atingisse meu ombro esquerdo, em vez de bater em meu rosto. O duro golpe me fez rolar sobre o meu lado, e eu o senti reverberar por todo o meu corpo. Uma onda de choque elétrico de dor. Um baixo gemido escapou entre meus lábios apertados, mas eu me forcei a enrijecer, para tentar me defender de outro forte golpe. Mas o anão não veio atrás de mim novamente. Em vez disso, ele deu um passo para trás e me considerou com seus frios olhos azuis. Desde que Tobias Dawson não ia imediatamente me bater até a morte, o meu olhar sacudiu em torno da área.

Eu estava certa - eu estava profundamente na mina de carvão de Dawson.

Rocha cinza e marrom me rodeava por todos os lados, e veios de carvão corriam como fitas pretas através das várias camadas de pedra. A passagem era mais ampla do que eu esperava.

Mais alta também. Vigas de concreto escoravam o telhado e uma variedade de equipamentos velhos e quebrados estavam espalhados no chão.

O ar cheirava a pedras, poeira, metal.

À minha volta, a pedra murmurava. Afiados e irritados sons que contavam de explosões maciças e equipamentos pesados escavando no coração da montanha. A pedra não gostava do que fora feito a ela mais do que eu. Eu escutei essa raiva, deixando-a clarear a minha cabeça dolorida.

Sentir pena de mim mesma não seria de nenhuma ajuda nesta situação.

Mas a raiva - raiva era outra história. Claro, raiva poderia fazer você irresponsável, desleixado, mas também poderia te fazer forte. Determinado. Ambas as quais eram coisas que eu iria precisar se eu tivesse alguma esperança de sair daqui viva.

— Levantem-na, — ordenou o anão. — Eu quero que a vadia veja exatamente pelo que ela está morrendo.

Dois gigantes saíram das sombras e se arrastaram para mim. Eu os reconheci como dois dos homens de Dawson, os dois que tinham ido com ele para Country Daze para ameaçar Warren e Violet Fox. Os gigantes me puxaram para os meus pés. Mais dor floresceu no meu ombro e queixo, e eu deixei sair outro gemido baixo. Mas não ofereci qualquer resistência aos gigantes. Ainda não.

Eu já estava ferida, o que significava que precisava de um plano melhor do que o meu método usual de golpear e cortar meu caminho fora do problema. Eu não sabia quanto tempo estive inconsciente, mas Finn tinha certamente percebido que as coisas tinham ido para o inferno na festa de Mab. Ele estava provavelmente trabalhando suas conexões, tentando descobrir onde Tobias Dawson tinha me levado. Finn podia até estar no seu caminho para a mina agora, com Sophia e Jo-Jo Deveraux no reboque.

Mas eu não poderia contar com eles para me salvar. Eu não iria.

No final, a única coisa, a única pessoa, que você poderia sempre contar era você mesma. Outra lição que Fletcher Lane tinha me ensinado. Outra coisa que eu já tinha descoberto por mim mesma, muito antes que conhecesse o velho.

Os gigantes me seguraram entre eles e me carregaram mais fundo na mina. Eles me içaram tão alto que meus pés nem tocavam o chão. Enquanto eles me carregavam, eu esfreguei minhas coxas juntas. Mas as frestas na minha cinta-liga estavam vazias. Eles tomaram as facas silverstone que tinham sido amarradas as minhas coxas. As em minhas mangas tinham ido também. Algo colidiu contra o meu quadril, e eu olhei para baixo. Dawson ou um de seus capangas tinha sido gentil o suficiente para prender minha bolsa em torno do meu pescoço. O topo oscilou aberto, e eu podia ver o espaço vazio onde minha última faca esteve. Os bastardos tinham sido meticulosos, se nada mais. Muito ruim para mim.

Dawson liderou o caminho, carregando uma lanterna. Os dois gigantes também carregavam uma em cada mão livre. Eu olhei para as lanternas. Não tão pesadas quanto um taco de beisebol, mas uma fenda através da garganta com

uma dessas seria uma boa maneira de começar a cortar meus captores para baixo do tamanho[58]. Supondo que eu tivesse a força ou a astúcia para arrancar uma lanterna longe de um dos três homens.

Descemos, descemos, descemos para dentro da terra. O túnel ficou mais estreito, mais apertado. Os pedaços e peças de equipamentos no chão desapareceram. Assim fizeram as sólidas vigas de apoio. Lentamente, os murmúrios violentos da pedra deram lugar às vibrações antigas, mais calmas. Andávamos através de um túnel natural agora, em vez de um buraco feito pelo homem no chão.

Eu notei uma luz à frente. Um brilho branco e suave, como um feixe de luz do sol inclinado através de uma nuvem. Algum tipo de holofote industrial que tinha sido improvisado de modo que o pessoal podia ver o que estava fazendo no ventre da montanha.

Tobias Dawson dobrou a esquina e desapareceu de vista. Um momento depois, os gigantes me arrastaram em torno dela também.

E minha respiração ficou presa na minha garganta.

Porque o túnel estreito se abria em uma câmara circular que tinha mais de 60 metros de largura. O teto era tão alto quanto, com estalactites grossas que pendiam como elegantes pingentes de pedra. Era bonita o suficiente por si só.

Mas os diamantes a tornavam verdadeiramente de tirar o fôlego.

As gemas estavam incorporadas nas paredes de rocha. Elas eram brutas, é claro, sem cortes e completamente intocadas pelo homem. Elas não tinham a aparência polida de uma pedra aperfeiçoada, mas minha magia de Pedra me deixava ver o fogo puro dentro delas, o potencial belo que possuíam. Mais veios de carvão corriam em torno dos diamantes, fazendo as gemas parecerem como se estivessem descansando em uma bandeja de veludo. Eu podia também ouvir os diamantes. Eles ressoavam com o mesmo tipo de esplendor que a pedra no cofre de Tobias Dawson tinha. Frequentemente, quanto mais intensa a vibração de uma gema, mais bela e valiosa ela era. Se a música pulando na minha cabeça era qualquer indicação, havia vários milhões de dólares em diamantes brutos aninhados no coração da montanha - apenas esperando alguém vir e reclamá-los.

[58] Cut down to size – criticar alguém que você acha que está muito confiante, a fim de fazê-lo se sentir menos confiante ou menos orgulhoso, menor.

Tobias Dawson foi para o centro da caverna. Os gigantes me arrastando seguiram atrás dele. O anão estalou os dedos, e os dois brutamontes me jogaram para baixo.

Eu estendi as mãos para amenizar a queda, mas a pedra ainda cavou minhas palmas e raspou meus joelhos já esfolados e sangrentos. Mesmo ser uma Elemental de Pedra não poderia me proteger de ser ferida pelo meu próprio elemento assim. Encolhi-me no chão, mais uma vez examinando a área por qualquer coisa que eu poderia usar. Qualquer tipo de arma. Inferno, eu até tomaria um esconderijo neste momento. Pessoas que diziam que você era um covarde se fugisse de uma luta normalmente não viviam muito tempo elas mesmas. Eu não me importaria se fosse chamada de covarde, contanto que eu ainda estivesse respirando no final.

O topo da caverna era úmido, e mofo fosforescente cobria a maior parte das estalactites denteadas, um estranho contraste verde pálido para o resto da rocha cinza, marrom, e preta. Uma gota de água caiu de uma das pedras e respingou na minha bochecha virada para cima. Olhei para cima, recuei da queda, e percebi que um fluxo constante de água corria para uma das paredes da caverna. Ainda mais água escorria de outras estalactites sobre a minha cabeça. Hmm.

Isso podia ser útil.

Tobias Dawson andou em um círculo solto à minha volta.

Botas de cowboy de pele de cobra batiam na pedra áspera.

— Você sabe onde está?

Eu coloquei minhas mãos no chão e me empurrei até meus pés. Pontos nadaram na frente dos meus olhos novamente, mas eu os pisquei para longe. — Eu tenho uma ideia muito boa.

Era difícil falar com minha mandíbula quebrada e latejante, e as minhas palavras saíram sem consistência e murmuradas. Do jeito que meu rosto sentia.

O anão olhou para mim. — Você invadiu meu escritório, meu cofre. — Seu bigode desleixado se eriçou com raiva.

Dei de ombros. Nenhum uso em negar isso agora. Se o talento elemental de Tobias Dawson para detectar e identificar a magia dos outros era tão boa como ele alegou, nenhuma mentira minha iria convencê-lo de outra forma. Além disso, eu já estava no gancho aqui. Se eu jogasse minhas cartas direito, talvez as coisas iriam parar e acabar comigo. Eu não queria que Dawson começasse a pensar

sobre quem mais poderia estar envolvido comigo - e eu não queria que ele fosse atrás de Finn, as irmãs Deveraux, os Foxes, ou mesmo Donovan Caine.

— Yeah, eu invadi seu escritório.

— Por quê? — O anão estalou. — O que você estava procurando? Para quem você trabalha? Warren Fox contratou você para me matar?

Olhei para o anão e mantive meus olhos frios, meu rosto inexpressivo. Eu poderia estar no ônibus expresso para a morte, mas eu não ia delatar os Foxes e levá-los comigo. — Eu não conheço nenhum Warren Fox.

— Besteira, — rosnou Tobias. — Eu vi você em sua loja no outro dia.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você quer dizer essa cabana ao lado da encruzilhada? Yeah, eu estava lá. E daí?

— Por quê? — Dawson exigiu.

— Eu tinha que urinar, — disse com sarcasmo. — E eu não senti vontade de ter um arbusto com espinhos na minha bunda, indo na floresta.

O anão olhou para mim, considerando minhas palavras. — Eu não acredito em você.

— Não me importa muito se você acredita em mim ou não.

Tobias cuspiu um jato de fumo mascado fora de sua boca.

Ele respingou contra minha perna ralada e nua. O anão ia pagar por isso. Eu poderia morrer aqui, mas antes de ir, eu ia conseguir pelo menos um bom golpe. Só por isso.

— Para quem você trabalha? O que você quer? — Dawson perguntou novamente. — Eu tenho maneiras de fazer você falar, sabe.

Minha mandíbula se contraiu com a dor, o que me impediu de rolar meus olhos. Yeah, eu descobri que o anão me poderia ferir da primeira vez que ele deu um soco no meu rosto. A memória ainda estava fresca na minha mente, mesmo que aparentemente tinha escorregado da dele.

— Tenho certeza de que você tem. Quanto ao que eu quero, bem, é mais sobre o que o meu empregador quer. Talvez possamos fazer algum tipo de acordo.

O anão parou seu círculo para ficar na minha frente.

Seus olhos azuis se estreitaram. — Estou ouvindo.

— Você me deixa ir, e eu direi quem quer você morto. Como é que isso soa?

O anão concordou. — Tudo bem. Você tem um acordo.

Bastardo mentiroso. Ele não ia me deixar ir, e nós dois sabíamos disso. Mas era assim que o jogo era jogado quando você era desleixado o suficiente para ser capturado. Arrastando as coisas até o amargo fim. Eu tinha apenas uma chance para tentar eliminar Dawson. Eu sabia o que ia fazer, mas se eu tinha a força para isso era outra questão. Ainda assim, era melhor mantê-lo falando tanto tempo quanto possível.

Eu recuei alguns passos do anão de modo que eu estava livre das estalactites e da água escorrendo do teto. Ele não me seguiu. Seu primeiro erro. — Então você descobriu que eu sou, o que eu faço.

— Você é uma assassina, — disse Dawson. — Essa é a única explicação para todas aquelas facas silverstone que você tinha e o jeito como você se jogou para mim na festa.

Bem, pelo menos ele não era estúpido o suficiente para pensar que eu realmente estava atraída por ele. Isso teria sido um pouco triste de sua parte. Dei a ele um leve sorriso. — Na verdade, eu estava desfrutando de minha aposentadoria, se você pode acreditar nisso. Mas então, como a velha história vai, eu tive uma última oferta de trabalho, e o dinheiro, bem, era bom demais para deixar passar.

Outro assassino, Brutus, havia dito aquelas palavras para mim uma vez - pouco antes de eu matá-lo. Claro, elas eram uma completa invenção da minha parte agora. Mas era justamente o tipo de conto de fadas que Tobias Dawson queria ouvir, a história que ele já se vendera. Eu podia ver a suspeita em seus olhos. Tudo o que eu tinha que fazer era preencher o nome para ele. E mesmo se eu não conseguisse sair daqui com vida, ainda planejava causar tantos problemas quanto eu poderia para um certo indivíduo.

— Quem te contratou? Por quê? Me diga agora, ou eu vou deixar meus meninos se divertirem um pouco com você. — Dawson apontou o polegar por cima do ombro para seus dois homens.

Atrás dele, um dos gigantes esfregou sua virilha e balançou os quadris para a frente. Seu camarada riu dele e me deu uma piscada lenta. Sua zombaria casual fez a minha raiva se ajustar de um cozinhar lento para ferver. Esses bastardos não iam colocar outra mão em mim.

Mas eu ainda tinha um papel para representar para Tobias Dawson, então dei mais um passo para trás das estalactites irregulares e fiz um largo gesto com as mãos. — Não é óbvio para quem eu estou trabalhando? Quem mais sabe sobre essa pequena mina de diamantes em que você tropeçou? Para quem mais você disse sobre isso? Por que não pensa nisso por alguns segundos e me diz as suas conclusões.

O anão franziu a testa e cuspiu outro jato de fumo mascado. Seus olhos azuis se viraram para o interior enquanto ele analisava a lista de pessoas com quem compartilhou sua descoberta subterrânea. Eu estava disposta a apostar que era uma lista realmente curta - com o nome de apenas uma mulher nela.

— Mab, — ele murmurou. — Mab Monroe. É para quem você está trabalhando?

Eu atirei o meu polegar e indicador para ele. — Dê ao homem um prêmio.

Dawson franziu o cenho. — Mas por que ela contrataria uma assassina para me matar?

Apesar da minha mandíbula quebrada, consegui dar uma risada. Uma risada alta e zombeteira que ecoou pelas paredes. — Porque, seu idiota, ela quer tudo isso para si mesma. Todos esses encantadores, encantadores diamantes, e o dinheiro que virá junto com eles.

— De jeito nenhum. — Dawson balançou a cabeça. — Não há uma fodida maneira de você estar trabalhando para Mab. Ela não iria se voltar contra mim assim.

Eu bufei. — Tire sua cabeça para fora da sua bunda. É claro que Mab se voltaria para você assim. É o que ela faz. Ela fez uma carreira com isso, como um amigo meu diria. Você é apenas a mais recente vítima em seu império sempre em expansão.

Dawson marchou de um lado para o outro na minha frente enquanto pensava sobre isso. Dei mais um pequeno passo para trás. Três metros agora me separavam do anão. Não tanto quanto eu gostaria, mas ia ter que servir. Após alguns segundos, o anão parou de marchar. A dúvida em seus olhos desapareceu, substituída por faíscas de raiva. Eu lhe vendi a mentira. Mesmo se eu não conseguisse sair dessa caverna com vida, Dawson poderia fazer algo estúpido e ir atrás de Mab Monroe ele mesmo. Ela provavelmente o mataria, mas pelo menos ele sentiria a sua ira antes de morrer. E ele poderia incomodá-la ligeiramente. De qualquer maneira, era o melhor que eu podia fazer, dada a minha situação atual.

— Embora eu esteja curiosa sobre uma coisa, — eu disse.

— O quê? — Dawson perguntou.

— O velho na loja. Por que você o ameaçou assim? Por que você precisa tanto de sua terra? Estamos nesta caverna agora com todas essas pedras deslumbrantes. Eu sei que você não possui os direitos minerários para os diamantes, mas por que você apenas não os tira discretamente das paredes você mesmo e acaba logo com isso?

Dawson balançou a cabeça. — Toda essa magia de Pedra que você tem e realmente não sabe nada sobre seu próprio elemento, não é?

Dei de ombros. — Geologia não é meu forte.

O anão apontou para o teto, onde a água pingava fora de uma das estalactites. — Toda esta caverna está diretamente debaixo de um riacho que atravessa a propriedade de Fox. O teto é forte o suficiente como é, mas se eu começar a cavar diamantes para fora daqui, há uma boa chance que a coisa toda entrará em colapso, deixando um buraco[59] gigante justo no meio do seu quintal - ainda maior do que aquele que está lá agora.

Ele não estava me dizendo qualquer coisa que eu já não tivesse adivinhado, mas era bom ter alguma confirmação.

— E você não podia arriscar isso, — eu disse com uma voz suave. — Você não podia arriscar ele descobrir sobre os diamantes que estão na sua própria terra.

— Esperta e bonita. Uma vergonha que você vai morrer tão jovem, — Dawson zombou.

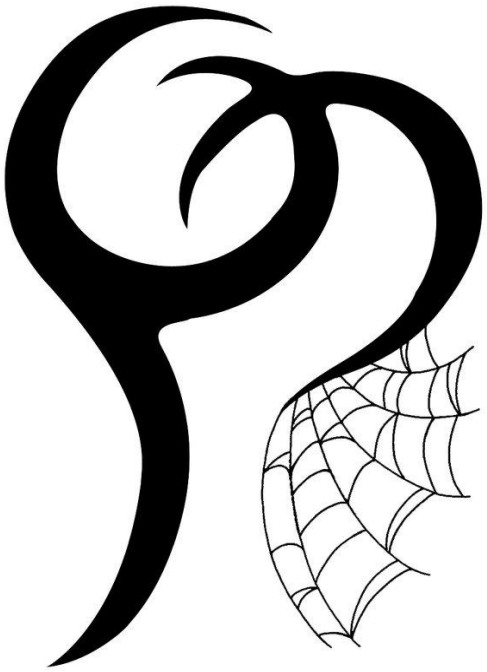
— Pensei que tínhamos um acordo, — eu disse, embora não houvesse nenhum protesto real na minha voz. Eu já esperava isso.

O anão riu. — Ah, a tolice da juventude. Mas eu sou um homem esportivo. Vou te dar uma chance de sair daqui.

— Sério? E como eu faria isso?

[59] sinkhole http://images.nationalgeographic.com/wpf/media-live/photos/000/212/cache/sinkholes-holes-ground-mining_21289_600x450.jpg

Dawson olhou para mim. — Tudo o que você tem que fazer é me bater - em um duelo elementar.



Capítulo 30

— Um duelo? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Um duelo. É assim que eu cuido dos meus problemas. Não perdi um ainda em mais de duzentos anos. — Ele olhou sobre seu ombro. — Vocês rapazes podem querer sair do caminho para isso.

Os gigantes se afastaram para os lados da caverna, deixando Dawson em pé sozinho no meio.

Os dois homens pareciam entediados, como se tivessem visto seu chefe fazer isso uma dúzia de vezes antes. Eles provavelmente tinham.

O anão ficou de pé relaxado com os joelhos ligeiramente flexionados.

Ele inclinou o chapéu de cowboy para trás na cabeça para se dar uma visão minha mais clara, e suas mãos penduraram dos seus lados, com os dedos dobrando e desdobrando. Ele me lembrava de algum pistoleiro do Velho Oeste que havia acabado de chamar o xerife da cidade para a rua poeirenta para um confronto ao meio-dia.

Yeah, eu podia ver como o duelo elemental combinaria perfeitamente com o fetiche cowboy de Dawson. Muito ruim que ia ser a morte dele.

— Um duelo, huh? — Eu perguntei de novo.

— Um duelo, — ele repetiu. — Você e eu. Aqui mesmo, agora mesmo. Pense nisso, quão forte a sua magia é. Você poderia me derrotar.

Mas Dawson não soou muito preocupado com a possibilidade.

O bastardo estava tentando me incitar a dar o primeiro passo. A fazer algo desleixado. Oh, eu ia fazer algo certamente, mas não ia ser o que ele esperava.

Ainda assim, eu tinha que passar por isso até a sua inevitável conclusão, então eu alcancei o poder frio profundamente dentro de mim. Reunindo-o, deixando-o encher cada parte do meu ser. Embora não pudesse vê-los, eu sabia que meus olhos estavam brilhando de um prata luminoso com o meu poder elemental. Ao meu redor, os murmúrios das pedras se intensificaram, sentindo meu comando sobre elas.

Mas o anão não estava preocupado. Se qualquer coisa, eu alcançando a minha magia o divertia. Tobias Dawson agarrou a sua própria magia de Pedra. Poder derramou fora dele como a água descendo a parede da caverna, e seus olhos brilhavam de um azul ardósia, maçante. O anão era forte, e sua magia parecia velha e surrada, como um cavalo que ele tinha quebrado ao longo dos anos. Nenhuma maravilha que ele quisesse duelar. Uma explosão de magia dele seria suficiente para derrubar a maioria dos elementais.

Talvez até a mim.

O anão deixou escapar uma risada baixa. — Você tem poder, vadia, vou te dar isso. Um monte de poder bruto. Isso vai ser divertido.

— Então, por que me dar essa chance, se sou tão forte? Se eu posso te derrotar?

— Porque eu gosto de desafios. — Dawson sorriu e cuspiu um outro fluxo de fumo mascado. A mistura marrom suja pousou aos meus pés.

— Você sabe o que eu gosto, Tobias? — Perguntei.

— O quê?

— Jogar sujo.

Sorri para ele e joguei minha magia para o teto da caverna.

***

Não havia tempo para fineza, contenção, ou até mesmo paciência. Um tiro era tudo que eu tinha, e eu peguei. Eu joguei tudo o que tinha no teto da caverna. Toda a minha magia de Pedra e todo o meu poder de Gelo, embora fosse fraco. A água que esteve pingando das estruturas e despejando na parede da caverna imediatamente congelou. As gotículas de cristal resultantes brilhavam como os diamantes embutidos nas paredes. O aumento súbito de Gelo fez pedaços e peças da caverna racharem e se separarem do resto das paredes e teto.

Poeira e sujeira subiram no ar.

Jo-Jo Deveraux sempre me dizia que eu tinha mais magia de Pedra do que qualquer um que ela já tinha visto antes. Eu esperava que significasse que Tobias Dawson também. Mas eu tinha sido enfraquecida pelos socos de Dawson, e não estava com força total. Mesmo se estivesse, eu ainda estava martelando pedra que esteve ao redor por um longo tempo antes de eu ter nascido - e estaria ao redor por um longo tempo depois de eu ter ido. Camadas e camadas e camadas dela. Mas eu usei minha magia, meu poder de Pedra, como um martelo, batendo em tudo que eu podia sentir com força bruta, crua.

À minha frente, Tobias Dawson franziu a testa, não certo do que diabos eu estava fazendo, porque eu não estava atacando-o. Eu tinha talvez outros dois ou três segundos antes de ele descobrir e me atingir com tudo o que tinha.

Chamei uma respiração e joguei outra explosão de magia de Pedra para o teto, mesmo enquanto alcancei meu poder de Gelo, fazendo as gotículas congeladas e o fluxo de água expandirem o tamanho. Forcei o Gelo na pedra como um cinzel. Gelo, pedra.

Cinzel, martelo.

Minha visão tornou-se um campo de prata. Suor escorria em meus olhos, meus joelhos tremiam, e todo o meu corpo se sentia fraco. Parecia que eu estava labutando por anos, décadas, apesar de apenas um segundo, dois no máximo, terem passado. Eu queria soltar minha magia, queria descansar. Cada parte do meu corpo dolorido gritava para que eu apenas soltasse e caísse na escuridão que estava ameaçando me oprimir.

Mas se eu fizesse isso, se desse a Dawson um segundo de oportunidade, ele jogaria sua própria magia em mim, e eu não tinha a força para desviá-lo. Não agora. Então eu cerrei os dentes, empurrei a dor, e continuei martelando a pedra. Trazer o teto abaixo podia ser a última coisa que eu faria alguma vez, mas o filho da puta ia cair.

Crack! Crack-crack!

Começou a funcionar. Uma grande estalactite quebrou do teto. Ela despencou como uma faca e espetou um dos gigantes em seu ombro. Ele uivou de dor e caiu no chão da caverna. Sangue carmesim espirrou por toda parte, e a pedra sob meus pés assumiu uma vibração mais sombria.

A cabeça de Dawson estalou ao redor ao ouvir os gritos do gigante. Desleixado, desleixado dele ficar distraído assim.

Eu continuei trabalhando. Gelo, pedra. Cinzel, martelo.

Outro segundo passou. Outra peça da cobertura rompeu, desta vez sobre a cabeça de Dawson. Sua magia de Pedra deu a ele bastante aviso para saltar à frente e sair de seu caminho. O anão atingiu o chão duro.

Isso nem sequer o atordoou.

— Mate-a! — Dawson gritou para o outro gigante mesmo enquanto ficava de pé. — Mate-a antes que ela desmorone todo o teto...

Tarde demais.

Eu senti uma fraqueza na pedra, uma pequena lasca de vulnerabilidade causada por anos de água se infiltrando nela. Juntei minha força uma última vez e forcei toda a magia que me restava nessa bolsa de ar. Não era tão grande quanto uma agulha, mas era grande o suficiente.

CRACK!

O interior do teto da caverna estourou com um rugido enorme, como se um balde cheio de granadas tivesse acabado de explodir próximo a ele. Os filetes de água se tornaram uma torrente rápida que caía em cascata por toda parte, e tremores violentos sacudiram o chão sob meus pés. Poeira e sujeira e rocha zuniram pelo ar como estilhaços. Mergulhei para o chão e rolei para trás, para trás, para trás - longe de Dawson, os dois gigantes, e as estalactites que cercavam o teto sobre suas cabeças. Meus olhos travaram sobre uma cavidade na parede da caverna, e eu escalei desordenadamente para dentro dela. O espaço mal era grande o suficiente para proteger meu corpo, mas a rocha aqui era mais dura do que aquela acima, que havia sido enfraquecida pela água.

As estalactites que estiveram penduradas em cima caíram no chão como lâminas de guilhotina pontiagudas. A primeira onda espetou o gigante que fora ferido antes, até que ele se assemelhava a algum tipo de boneco vodu tamanho grande com uma massa de alfinetes rochosos enfiados nele. O segundo homem conseguiu meia dúzia de passos para trás em direção à entrada da mina antes de

uma das lanças de rocha dividir sua cabeça aberta. Eu vi sangue atingir a parede mesmo através do spray de água, pó e pedra caindo.

Tobias Dawson era mais esperto que seus lacaios. Mais resistente também. Como eu, ele mergulhou para a frente, evitando a maioria das estalactites mortais. O anão saltou para cima de seus pés.

Ele me viu encolhida na cavidade, e seus olhos azuis se estreitaram em ódio.

— Eu vou te matar por isso, vadia! — Seu rugido ecoou pela caverna até mesmo acima dos assobios de água e trovoadas das pedras fragmentadas.

O anão correu em minha direção, ainda esquivando-se das rochas caindo e cascatas de água. Seus olhos azuis queimaram com magia. Ele estendeu suas mãos, pronto para atirar seu poder em mim ou me arrastar para fora da cavidade e para os escombros caindo. Provavelmente ambos. O anão poderia sobreviver ao castigo do teto desabando, mas eu não iria.

Meu corpo não era tão resistente e forte quanto o seu. Eu não tinha minhas facas, então havia uma única coisa restando que eu poderia fazer para combatê-lo.

Desta vez, eu joguei a minha magia nele.

Minha magia de Gelo. Era tudo o que tinha restado. Eu tinha esgotado a Pedra para desabar o teto. Então me concentrei nas gotas de água esvoaçando pelo ar na frente do anão carregando, congelando e arremessando-as em Dawson. Eu já estava enfraquecida do esforço de recorrer a tanta mágica, então ao invés das facas que tinha imaginado, as gotas se transformaram em cacos de Gelo que fizeram pouco mais do que picar a pele grossa do anão. Isso não o atrasou. Outros poucos metros, e ele seria capaz de me alcançar. E então eu estaria morta.

Determinação cresceu dentro de mim - fria, dura, inabalável.

Eu alcancei minha magia de Gelo novamente. Foi mais difícil desta vez, tão fodidamente difícil, como tentar recolher água com os dedos largos. Cada vez que juntava poder suficiente, ele escorregava. Então alcancei por ele novamente, apertando minhas mãos ao redor do filete de magia dentro de mim. Ele tentou escorregar, mas eu segurei firme e puxei, arrancando-o para mim, dobrando-o à minha vontade.

E algo dentro de mim se distendeu.

Por um momento, me senti como um ovo cru que havia caído no chão - quebrado, bagunçado, se esvaindo. Mas, então, magia me preencheu. Mais magia de Gelo do que eu jamais tinha sentido antes.

Eu não parei para pensar sobre de onde tinha vindo, ou se tudo isso era algum tipo de alucinação de leito de morte da minha parte. Eu usei a magia para congelar mais da água correndo pelo ar e atirei-a em Dawson.

Desta vez, as gotas formaram longos, finos pingentes de gelo que zuniram pelo ar poeirento como adagas. O anão os viu chegando. Ele parou no meio do caminho cerca de um metro e meio de mim e trouxe a sua própria magia de Pedra para suportar, tentando bloquear o meu ataque, tentando usar seu poder elemental para endurecer sua pele contra as armas rudimentares, como eu tinha feito tantas vezes antes.

Mas não funcionou.

Talvez ele estivesse distraído demais pelo caos ao seu redor.

Talvez eu tivesse destruído sua concentração com o meu ataque furtivo inicial. Talvez eu tivesse perturbado a ordem de seu duelo perfeitamente organizado, e ele simplesmente não soubesse como se recuperar da injustiça disso tudo.

Qualquer que fosse a razão, meus pingentes de gelo bateram no peito de Dawson, com toda a força de uma das minhas facas silverstone. O brilho azul de mágica apagou dos olhos esbugalhados do anão, e ele abriu a boca para gritar. O resto do teto começou a desabar, abafando seus gritos roucos.

Deveria estar escuro na caverna, que estava sufocada por poeira, escombros, lama, e água. Mas não estava.

Havia uma luz acesa - eu. Baixei o olhar para minhas mãos.

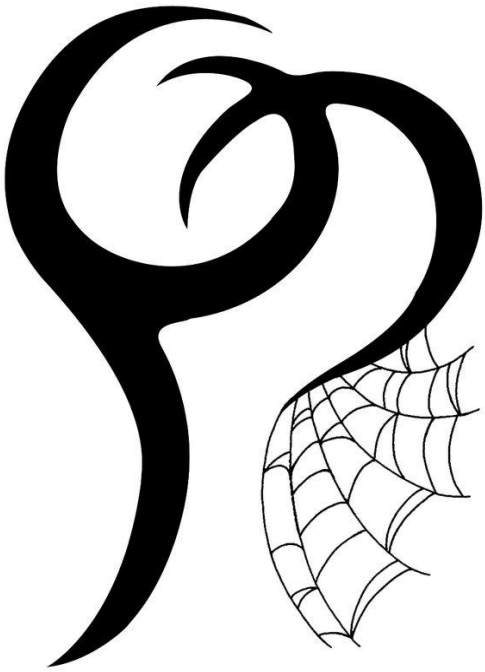
As cicatrizes de runa de aranha em minhas palmas, as que foram causadas pelo metal silverstone queimando em minha carne todos esses anos atrás, estavam pegando fogo - com chamas de gelo.

E eu senti o poder surgir através de mim novamente, maior do que antes. Magia de Gelo que parecia quase tão forte quanto o meu poder de Pedra.

Nada bom.

Por um momento, meus olhos encontraram os do anão. Pânico, medo, dor e reverência brilharam no olhar de Tobias Dawson. E então ele se foi, tragado pela pedra caindo, água corrente, e poeira sufocante. Eu me enrolei em uma bola apertada e me encolhi na cavidade da parede enquanto a terra e pedra sacudiram a minha volta. As vibrações das pedras rugiram um grito violento e interminável dentro da minha cabeça. Eu tinha destruído o teto da caverna com a minha magia, causado tanta dor quanto Dawson e seu equipamento de mineração jamais tinham. O som fez meu estômago apertar. Mas tinha sido a pedra ou eu, e eu me escolheria todas as vezes.

Então eu fechei os olhos e ouvi o lamento de pedra enquanto a caverna desmoronava em cima de mim.



Capítulo 31

Eu estava encolhida em meu esconderijo habitual, uma pequena *rachadura na parede do beco atrás do Pork Pit. O espaço fechado sempre me fez sentir segura, protegida. Talvez fosse porque eu sabia que ninguém poderia se espremer aqui além de mim, especialmente alguém tão grande como o gigante que eu acabei de matar.*

Meia hora havia se passado desde que Douglas tinha forçado o seu caminho para o restaurante e atacado Fletcher e Finn. Minhas lágrimas se foram, mas o sangue ainda revestia minhas mãos onde eu tinha matado o gigante. Passei a unha na minha pele, deixando uma marca branca nas manchas marrom-enferrujado. Eu fiz isso de novo, matei novamente. Assim como na noite que a Elemental de Fogo tinha matado a minha família e eu tinha desabado minha casa em cima de todos eles, incluindo Bria, minha irmãzinha. Meu estômago revirou. De alguma forma, eu forcei a bílis quente que subiu na minha garganta a descer.

A porta traseira do Pork Pit abriu e Fletcher Lane caminhou em direção ao beco. O homem de meia idade não disse uma única palavra quando se sentou de pernas cruzadas a poucos metros de mim.

Seus olhos verdes eram tão brilhantes quanto os de um gato, embora seu rosto aparentasse cansaço e dor onde o gigante o havia acertado.

Eu fiquei no meu buraco, meu pequeno refugio, me perguntando se era nessa hora que Fletcher me diria para ir embora e nunca mais voltar. Ele viu o que eu havia feito ao gigante, o que eu era capaz de fazer. Quem iria querer alguém assim por aí?

— Você já está aqui há um tempo, — Fletcher falou calmamente. — Você é um garota esperta Gin. Tenho certeza que você notou algumas coisas. Como quando eu saio por um tempo.

E volta coberto de sangue, pensei.

Eu não sabia onde Fletcher queria chegar, mas pelo menos ele não estava me mandando embora, ainda. — Sim, eu notei.

Ele assentiu. — Tenho certeza que você já se perguntou para onde eu vou, o que eu faço durante as minhas viagens. — Fletcher voltou seu olhar para mim, para que eu desta forma pudesse sentir toda a força de seus olhos verdes. — Está na hora de você saber a verdade, especialmente após hoje à noite. Eu sou um assassino, Gin. Tenho sido por anos.

Talvez eu devesse ter ficado surpresa ou chocada ou mesmo horrorizada. Mas eu não estava. Depois do assassinato de minha família e a dura realidade da vida nas ruas, não havia mais nada que me chocasse. Minha infância e minha inocência se foram, substituídas pelo conhecimento que as pessoas eram más, frias, loucas, perigosas.

Então, eu só assenti, como se sua revelação fizesse perfeito sentido de um modo distorcido para mim.

— Você sabe o que ser um assassino significa? — Fletcher perguntou.

Eu encolhi os ombros. — Você mata pessoas por dinheiro.

Ele sorriu. — Na maior parte do tempo. Algumas vezes eu não aceito alguns trabalhos oferecidos, às vezes essas pessoas que eu recusei se irritam, e de vez em quando elas me acham e vem atrás de mim.

— Como Douglas?

— Exatamente como o Douglas.

Apesar da estranha conversa, encontrei-me curiosa para saber mais sobre essa outra vida do Fletcher. — Quem é que Douglas queria que você matasse?

Uma sombra passou pela face do Fletcher. — Algumas meninas.

— Então, por que não fazê-lo?

Fletcher me encarou. — Por que existem regras, Gin. Coisas que mesmo assassinos não devem fazer. Matar crianças inocentes é uma delas.

Pensei na Elemental de Fogo e todas as perguntas que ela me fez sobre Bria, minha irmãzinha. Eu não tinha respondido à elemental, nem mesmo quando ela me queimou com a minha própria runa de aranha. Porque eu sabia o que iria acontecer. Eu iria morrer, e então Bria também.

— O que acontece quando alguém quebra as regras? — Perguntei num sussurro rouco.

Fletcher olhou para mim. — Eu tento fazer com que eles não possam machucar mais ninguém.

Eu sabia que isso queria dizer que ele os matava. Pensei em Douglas e na forma como o gigante tinha olhado para mim. No que ele teria feito comigo se eu não tivesse feito isso com ele primeiro. Estremeci. — Isso deve ser bom. Ser capaz de cuidar de outras pessoas assim. Ser tão forte. — A última palavra saiu como um sussurro rouco.

Fletcher olhou para mim, um olhar estranho em seu rosto enrugado, como se ele estivesse pensando em algo importante. Como me dizer para desaparecer. Decidi facilitar as coisas para ele. Eu lhe devia muito, apenas pelas últimas semanas de segurança que ele me deu.

— Você quer que eu vá embora?

Fletcher franziu a testa. — É claro que não. Por que você pensou nisso?

Eu encarei o sangue em minhas mãos e não falei uma única palavra.

— Oh, Gin, — ele falou em uma suave voz. — Você não faz idéia do que fez esta noite, sabe? Você me salvou. E a Finn também. Douglas teria matado nos três se você não o tivesse esfaqueado. Não se sinta culpada por ter esfaqueado aquele bastardo doente. Você fez o que tinha que fazer, nada mais.

O nó em meu estomago afrouxou. Talvez eu não seja um monstro no fim das contas, ou talvez eu apenas não me importe mais.

— Eu quero que você fique Gin, — Fletcher disse. — Pelo tempo que quiser, e se você me permitir e quiser eu gostaria de treiná-la.

O encarei confusa. — Treinar-me em que? Você já esta me ensinando a cozinhar.

Ele hesitou. — A ser como eu, fazer o que eu faço. Ser um assassino.

Talvez eu devesse ficar surpresa, chocada, horrorizada.

Mas eu não estava. Em vez disso, pensei em Douglas, o gigante. Como ele veio para mim e como eu me defendi. Eu sabia que esfaqueá-lo tinha sido mais sorte do que qualquer outra coisa.

Mas minha família se foi e eu estava sozinha, além disso, estava cansada de viver nas ruas e ser fraca, pequena e indefesa.

Cansada de me esconder de todos e de tudo, eu olhei para Fletcher. Não era apenas o fato que ele era um adulto, mais velho que eu, mais alto, mais musculoso. Fletcher Lane tinha uma força interior que o distinguia de outras pessoas. De repente, percebi que era uma força que eu queria. A força que eu precisava para sobreviver.

— Mas e o Finn? — Eu perguntei. — Ele é seu filho, você não deveria treiná-lo ao invés de mim?

Fletcher sorriu. — Ele é meu filho e eu o amo, mas ele não tem o temperamento certo, é muito imprudente, muito chamativo. Você é diferente, calma, pensa nas coisas antes de fazê-las.

Eu não tinha certeza sobre isso, mas decidi aceitar o que Fletcher estava me oferecendo, agarrar isto com as duas mãos e nunca olhar para trás. Genevieve Snow estava morta, sua família estava morta, mas Gin Blanco ainda estava viva e eu queria permanecer desse jeito.

— Ok, — eu disse. — Você pode me treinar.

Fletcher acenou com a cabeça. — Muito bem então, começaremos hoje a noite. Venha vamos voltar ao restaurante.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim. Olhei para ela por um minuto. Eu ia ser uma assassina. Poderia muito bem começar a agir como uma. Que, para mim, significava me levantar sozinha. Foi o que eu fiz.

Os olhos verdes de Fletcher se iluminaram enquanto ele sorria…

Eu engasguei em meu fôlego, enquanto saia dessa memória de sonho.

Levei um momento para lembrar onde eu estava, e o que havia acontecido – além do fato que eu provavelmente estava enterrada viva.

Pânico tomou conta de mim, ameaçando sair. Mas eu empurrei para baixo a emoção preocupante, sufocando-a com a lógica fria. Eu ainda estava viva,

respirando. O que significava que eu ainda tinha uma chance, por menor que fosse.

Não sabia quanto tempo havia passado enquanto a terra tremia debaixo do meu corpo e a caverna entrava em colapso acima de mim. Minutos se passaram, talvez horas por tudo que eu sabia. Mas estava tranquilo agora. A terra tinha parado de tremer, e as pedras pararam de cair, o que significava que era hora de voltar.

Eu abri meus olhos para a escuridão. Mais uma vez, o pânico me encheu, e mais uma vez, forcei-o para baixo. Eu não tinha medo do escuro desde que era uma criança. Além disso, Tobias Dawson e seus gigantes estavam mortos. Eles não podiam mais me ferir.

Não havia mais nada aqui além de mim, as rochas e água. Nada que eu não pudesse lidar.

Então eu comecei a piscar, forçando meus olhos a entrarem em foco. Lentamente, a escuridão diminuiu para um cinza meia-noite, e o mundo voltou ao foco. O que eu poderia ver disso, de qualquer maneira. O que alias não passava de um monte de pedras que bloqueavam a entrada do pequeno buraco que eu havia usado como abrigo durante o deslizamento. Eu parei um minuto para avaliar meu corpo. Mexi os dedos dos pés e das mãos e continuei por toda a rotina que fiz da primeira vez que acordei em uma caverna. Dolorida, arranhada, meus ossos cansados. O mesmo de sempre, mas tudo funcionando mais ou menos em ordem.

Eu me abaixei, procurando minha bolsa e a cura que Jo-Jo Deveraux tinha me dado. Mas a bolsa há muito se fora, assim como a minha peruca loira, e eu já não podia sentir as lentes azuis nos meus olhos. Elas se perderam em algum lugar ao longo do caminho. A única coisa que me restava era meu vestido preto e os sapatos de salto alto, que não me ajudavam em nada. Então, eu soltei um suspiro, e me arrastei para frente, colocando minhas mãos na pedra, cavando.

Para minha surpresa, as rochas se moveram. Pedaços e pedaços rompendo como cascas de ovo onde eu tocava, e comecei a trabalhar. Não sei quanto tempo fiquei agachada lá, escavando as rochas do meu caminho para que eu pudesse me mexer e me levantar. Lentamente, devido as minhas dores, mas eventualmente eu limpei um espaço grande o suficiente para enxergar meu caminho. Levantei-me de joelhos primeiro, e depois caí para frente, usando as pernas para empurrar-me para cima e para fora do buraco. As rochas rasgaram o tecido fino do meu vestido e arranham meu estômago, mas eu não liguei.

Lentamente, fiquei em pé. Quase não havia luz, mas talvez eu pudesse corrigir isso. Abri as palmas das minhas mãos sujas. Mesmo que eu não pudesse vê-las, sabia que as cicatrizes da runa de aranha ainda estavam em minhas mãos. Eu sempre fui capaz de criar um pouco de luz com a minha magia, especialmente com o meu poder de gelo. A prateada luz familiar cintilava sobre a palma da minha mão em qualquer momento que eu fizesse um simples cubo ou faca de gelo.

Mas antes, quando eu tinha feito o alcance final e desesperado por minha magia de gelo para parar Tobias Dawson, as cicatrizes da runa de aranha em minhas mãos tinham queimado com frias chamas prateadas de magia de gelo. Algo que nunca havia acontecido antes.

Fiquei imaginando o que as cicatrizes de silverstone fariam agora que o perigo não era tão iminente. Era hora de descobrir.

Peguei minha magia de gelo. Cautelosamente, desta vez, recorrendo a uma pequena gota de energia. Mas, novamente, ela veio a mim muito mais facilmente do que antes. Apenas foi preciso um momento de concentração para fazer as cicatrizes em minhas palmas queimarem com o frio fogo prateado. Melhor do que a porra de uma lanterna.

— Bem isso é algo novo e diferente. — Eu murmurei.

Estendi minhas mãos brilhantes. A luz de prata tremulava sobre o que restava da caverna, e eu examinei o dano que tinha forjado com a minha magia de Pedra e de Gelo. Além do meu buraco, pedra e terra subiam e desciam em ondas irregulares, e a poeira sufocava no ar como nuvens de tempestade de partículas. A caverna, que tinha sido tão bonita e elegante, era agora nada mais do que uma pilha de escombros incompatíveis, como uma casa que tinha caído em si mesma.

Toneladas e toneladas de terra, pedra, água e lama enchiam a caverna, bloqueando a entrada de volta para a mina. Olhei para cima. Devia ter havido mais rochas acima do que Tobias Dawson tinha insinuado, porque a pedra tinha formado um telhado, de acentuada inclinação, em vez do arco natural da caverna original.

Eu não ia sair dessa maneira. Porque mesmo se eu estivesse em plena força, em vez de machucada, sangrenta e esgotada, duvido que eu poderia ter conseguido explodir o meu caminho através desse tanto de pedra e terra. Elementais tinha um monte de força bruta, mas, em última análise, todos nós tínhamos os nossos limites, mesmo eu.

Então eu contornei a borda dos escombros, descendo e subindo de uma duna rochosa de terra barrenta para a outra. Ao longe, ouvi a torrente de água, como uma tigela enchendo. Eu não sabia para onde a água do riacho havia ido embora quando eu desabei o teto, mas estava por perto. Outro motivo para eu sair daqui. Não tinha derrotado Tobias Dawson para sucumbir a algo tão simples como afogamento.

Eu tinha acabado de descer deslizando uma duna particularmente grande quando um pequeno som me chamou a atenção. Um lamento, pequeno e afiado, na pedra em volta de mim. Estendi minhas mãos brilhantes. Um flash de luz me chamou a atenção, e eu olhei para o chão. E percebi que estava de pé sobre os diamantes.

Eles se espalhavam pelo chão debaixo dos meus sapatos enlameados como maçantes lágrimas congeladas. A maioria deles tinha sido pulverizado em pedaços pequenos, lascas e reflexos que chamavam a luz prateada que emanava de minhas palmas. Ainda bonitos, mesmo em seu estado arruinado. Pena que eles eram absolutamente inúteis para mim. Definitivamente não eram o melhor amigo de uma garota, neste caso.

Eu continuei andando até que cheguei ao lado mais distante da caverna, mas a terra e as pedras estavam bloqueando totalmente a saída. O que significava que eu tinha que encontrar outra maneira de sair daqui - agora.

Então, deslizei de volta na direção que eu tinha vindo, parando tempo suficiente para tirar os sapatos de salto alto e atirá-los na escuridão. Os saltos quebrados estavam fazendo mais danos para os meus pés do que ir descalça faria. Eu tinha acabado de chegar do recesso onde eu originalmente estava oculta quando uma mancha de branco me chamou a atenção contra a pedra cinza. O que foi isso? Outro diamante?

Arrastei me aproximando mais e percebi que era a mão direita de Tobias Dawson, saindo de um monte de terra, com os dedos esticados. Eu rastejei sobre a terra e pedras para olhar mais perto. Mas era apenas uma mão de fora, nada mais.

Eu verifiquei para ver se havia pulso, mas o anão não tinha um.

O frio da morte já havia envolvido seu corpo.

Ainda assim, eu peguei um pedaço irregular de rocha e cortei o pulso só para ter certeza. Sentei-me ali, descansando e assistindo seu sangue penetrando na terra e brechas de rocha.

Quando o pulso parou de escorrer, eu continuei andando.

Entrei mais profundamente na parte de trás da caverna - a parte que eu não tinha visto quando Tobias Dawson havia me desafiado para um duelo. A caverna estreitava em um pequeno corredor que mal era largo o suficiente para uma pessoa se espremer através dele.

Eu fiquei diante dele e olhei para a escuridão, me perguntando o que havia no final do arco-íris da meia-noite. Apenas uma maneira de descobrir. Eu não podia voltar para trás, e tinha que sair.

Então dei um passo a frente na escuridão que me esperava.

***

Eu só tinha andado poucos metros no corredor quando o mundo passou do cinza escuro para um tom tão negro como o carvão que Tobias Dawson tinha rasgado dessa montanha. Não havia luz à frente, nada para me ajudar a ver os perigos que aguardavam. E eu não tinha escapado do anão só para quebrar a minha perna e acabar morrendo de fome aqui. Então, chamei a minha magia de gelo novamente. Ela veio a mim com tanta facilidade como antes, e eu aumentei a intensidade das chamas queimando em minhas cicatrizes da runa de aranha até que pudesse ver bem o suficiente para caminhar. Em torno de mim, a pedra resmungou, afiada, com raiva e mágoa de toda a agitação que tinha visto hoje.

— Desculpe, — eu murmurei para a rocha. — Eu não tenho escolha.

Minha voz bateu contra a pedra e ecoou de volta para mim. O som me fez tremer, e eu segui em frente, usando as mãos para iluminar meu caminho. A passagem ficou mais estreita e estreita, até que eu tive que virar de lado para passar por ela. Mas eu continuei. Não era como se eu tivesse um monte de outras opções. Não havia como voltar atrás. Apenas seguir em frente.

Continuando, a passagem abriu um pouco, permitindo-me passar de frente, em vez de ter que me torcer de um lado para o outro. Mas seis metros mais a frente, estreitou-se novamente. Eu cerrei os dentes e escorreguei de lado.

E assim continuou, às vezes, eu podia andar pelos corredores com facilidade, mas outras, eu tinha que virar de lado encolhendo meu estômago e me forçando através de passagens que eram pouco maiores do que meio metro. Mas

eu continuava me movendo. Apesar dos meus muitos ferimentos, do meu maxilar quebrado e meu crânio latejante. Além do influxo estranho de magia friamente queimando em minhas veias, eu continuei, sem parar para descansar ou dormir. Quem sabia se um dia eu iria acordar?

Poderia haver algum gás nocivo aqui já me matando lentamente. Alguma forma de monóxido de carbono ou algo igualmente letal. Não, eu não ousava parar, nem para descansar, nem para chorar, nem para nada. Se Fletcher Lane tivesse de repente saído das sombras e se oferecesse para me contar todos os segredos que ele tinha escondido de mim, onde Bria estava e como ela era - eu teria continuado a caminhar para descobrir a verdade.

Então eu marchei na escuridão, apenas com o brilho prateado mágico das minhas palmas para iluminar o caminho. O tempo deixou de ter qualquer espécie de significado. Havia apenas pedras para me orientar. Rochas afiadas picavam meus pés. O cheiro do meu próprio sangue. E o murmúrio das pedras em torno de mim.

À medida que fui deixando a destruição da caverna para trás, os murmúrios das pedras tornaram-se suaves e doces, mais uma vez. Falavam da água, do ar e da passagem lenta do tempo que tinha pouco efeito sobre elas. Após os gritos das pedras e do gemido dos diamantes quebrados na caverna, o murmúrio das pedras era tão calmante quanto uma canção de ninar. Mas eu empurrei o som para o fundo da minha mente, desligando-o.

Por que se eu o escutasse, iria querer parar, mesmo que por apenas alguns minutos, e se isso acontecesse eu estava morta.

Não sei quanto tempo eu caminhei, apenas me arrastando pela terra escura. Minutos, horas, dias, o tempo parecia não ter fim. Mas eu tropecei livre do corredor estreito em que estava e entrei em uma sala maior, quase tão grande como a caverna onde os diamantes tinham estado. Eu continuei andando até o meio da sala antes de perceber que estava andando diretamente para uma parede de pedra pura.

Parei, pisquei, e estendi as palmas brilhantes das minhas mãos.

A passagem ramificava-se em duas direções. Esquerda e direita, dois buracos tão escuros como todos os outros em que eu andei, rastejei e deslizei. Mas desta vez, eu tinha que fazer uma escolha. Mas qual? E faria mesmo algum bem? Eles tanto poderiam me levar mais longe na montanha, como de volta um ao outro, ou mesmo me levar direto para um beco sem saída. Pelo tanto que eu havia andado, eu poderia estar a meio caminho para a China por agora.

Mas ainda assim, eu tinha que tentar. Primeiro a direita. Desci para o corredor direito, andei cerca de 30 metros e coloquei minha mão machucada e sangrenta na parede de pedra. Os habituais murmúrios baixos de água, rocha e tempo soaram de volta para mim. O mesmo som que eu tinha ouvido durante horas. Suspirei, e virei para o caminho do corredor da esquerda. Mais uma vez, eu coloquei minha mão sobre a pedra e ouvi suas vibrações. Água, pedra, tempo. Nada que me dissesse qual caminho seguir.

— Porra, — eu rosnei em voz alta.

Minha maldição ecoou até o topo da caverna e saltou de volta para mim antes reverberando através de toda a área. Eu suspirei e varri minha mão sobre o meu rosto, manchas de sangue, sujeira e musgo mais profundas em minha pele.

Flutter-flutter. Flutter-flutter.

Eu congelei, me perguntando se estava imaginando o barulho. Se eu tinha, de alguma forma, uma concussão e simplesmente não sabia. Talvez eu já estivesse morta, e tudo isso fosse apenas um sonho final ou algum tipo de purgatório antes de ser enviada para abaixo.

Flutter-flutter. Flutter-flutter.

Não, eu não estava imaginando. O barulho parecia vir de algum lugar lá em cima. Num impulso, levantei minhas mãos sobre minha cabeça, palmas para cima. Peguei minha magia novamente e as frias e ardentes chamas de prata nas cicatrizes da runa de aranha em minhas palmas se intensificaram. Eu apenas aumentei a potência da minha lanterna humana. Fiz uma careta e olhei para a escuridão acima da minha cabeça. Parecia haver algum tipo de figura maciça presa ao teto. Que inferno…

De repente uma forma minúscula se desprendeu do teto. Então outro, depois outro, depois outro. Levei alguns minutos para perceber o que eram.

Morcegos, centenas deles.

Evidentemente, minha maldição retumbante havia perturbado seu sono tranquilo. Porque todas as criaturas abandonaram seus poleiros. Eles pairavam no ar por um momento antes de baterem a distância. Todos seguiam pelo corredor esquerdo.

Meu coração se elevou, e eu segui atrás deles o mais rápido que pude. Morcegos precisavam de ar, luz, insetos, água. Se eles podiam sair, então eu

também podia. Eu não me importava se houvesse apenas um pequeno buraco suficiente para que apenas as criaturas aladas pudessem passar.

Eu encontraria uma maneira de passar meu traseiro humano por ele também.

Naturalmente, os morcegos eram muito mais rápidos do que eu e não tinham dificuldades pela falta de calçado adequado para espeleologia. Mas, ainda assim, corri atrás deles tão rápido quanto o meu corpo dolorido me deixou. A passagem fez curvas algumas vezes antes de abrir-se em uma sala redonda. Parei na entrada e pisquei. Era minha imaginação ou era mais claro aqui? Eu deixei cair meu domínio sobre minha magia. A zona ficou escura, e meu coração começou a afundar novamente. Mas eu fiquei lá, esperando. E lentamente, a área entrou em foco.

Olhei para cima, e lá estava ela. Uma abertura a cerca de 6 metros acima da minha cabeça. O que parecia a luz do sol da manhã filtrava em meio a um emaranhado de cipós kudzu[60] que caiam das paredes como cobras. Olhei a abertura. Parecia ser apenas grande o suficiente para eu conseguir passar se me apertasse muito. Não havia tempo como o presente.

Rasguei um par de pedaços do que restava do meu vestido e enrolei em torno de minhas mãos. Então eu agarrei uma porção do kudzu e puxei. As vinhas pareciam suficientemente fortes para suportar meu peso, então comecei a subir.

Foi difícil. Tão malditamente *difícil*. Ainda mais difícil do que alcançar a minha magia de gelo para parar Tobias Dawson naqueles momentos finais na caverna. Mas pé a pé e polegada a polegada, eu me puxei subindo nas vinhas. Sempre que achava uma pedra que desse para apoiar o pé, parava e descansava meus dedos frios, machucados e sangrentos. Os cipós sob o meu corpo cheiravam vagamente a orvalho. Eu estava a meio caminho na parede, quando senti uma brisa fria entrando pelo buraco vazio.

A carícia do ar contra o meu rosto machucado e latejante me fez querer chorar.

Mas eu sacudi minha emoção. Agora não era o momento de me entregar para os meus sentimentos. Eu poderia sempre escorregar e cair. Eu não ia morrer de um pescoço quebrado. Não agora, quando o doce aroma de sol estava a poucos metros de distância.

[60] É o nome de um cipó originário do sudoeste da Ásia, Malásia e Indonésia.

Respirei fundo e comecei a subir novamente. As paredes estreitavam-se para formar uma espécie de ponto circular em que a abertura estava. Eu ia ter que deixar de usar os cipós kudzu, alcançar a borda do buraco, e esperarar que a terra não se desmoronasse sob o meu peso enquanto subia.

Eu encontrei um bom ponto de apoio e descansei um momento, reunindo minha força mais uma vez, para o tempo final. Quando me senti forte o suficiente, eu dobrei meus joelhos, e chutei para cima, chegando a borda da abertura. Minhas mãos tentaram pegar a borda. No último segundo, meus dedos se fixaram em torno de outro cipó kudzu, este ancorado em algum lugar acima da superfície.

Eu me pendurei ali no meio do ar, apoiada apenas pelos meus dedos. Neste ponto, eu estava chorando abertamente da dor em minhas mãos, braços e ombros. Mas de alguma forma consegui me segurar.

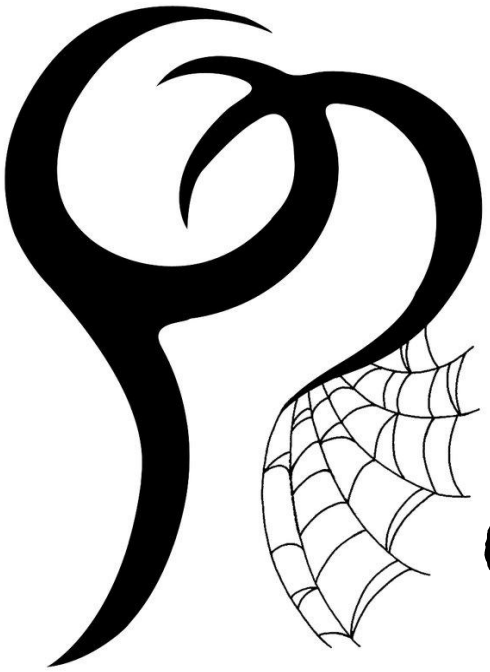
Deslizei uma mão acima no cipó. Em seguida, a outra. Transportando-me para cima. Rosnados e gritos meio vomitados saíam dos meus lábios, como se estivesse possuída por algum espírito maligno. Talvez eu estivesse.

Porque a minha vontade de sobreviver era uma coisa poderosa. Alexis James não tinha sido capaz de me superar. Nem Tobias Dawson. Eu não ia deixar alguns úmidos, cipós kudzu escorregadios me pararem agora. Então eu fiquei lá e avancei de meu jeito, como uma aranha escalando sua própria teia.

Finalmente, a minha mão direita alcançou o ar claro. Eu coloquei-me sobre a borda da abertura, testando o chão.

Pedra sólida, mais do que firme o suficiente para me apoiar. Eu me joguei para cima e consegui alcançar o meu cotovelo direito para cima e para fora do buraco. Em seguida, o outro. Respirei fundo e me forcei completamente para cima. Minha cabeça abriu o emaranhado de cipós que cobriam a abertura, e a luz do sol de manhã cedo verteu sobre o meu rosto, cegando-me. Fechei os olhos e acolhi o seu calor, embora ainda fosse fraco.

E com uma explosão final de força, eu me joguei para cima e para o amanhecer.



Capítulo 32

Eu me arrastei de lado para longe do buraco em minhas mãos e joelhos. Consegui avançar 6 metros antes do resto da minha força ceder, e caí de cabeça no chão. Por um longo tempo, eu só deitei lá no chão da floresta inspirando o cheiro de terra das folhas que formavam um cobertor crepitante e áspero debaixo de mim. Havia ruído de gorjeio acima da minha cabeça. Mais morcegos?

Não, eu percebi depois de um momento. Pássaros. Os pássaros estavam cantando. O que significava que eu tinha definitivamente, finalmente, escapado do meu labirinto subterrâneo.

Um sorriso se estendeu pelo meu rosto espancado. Eu deixei ir, e o mundo se desvaneceu em preto.

***

Algum tempo depois, acordei na mesma posição que tinha estado quando desmoronei. Uma bochecha plantada no solo. Braços e pernas espalhados em ângulos estranhos, pesados e dormentes. Tentei ficar de joelhos e imediatamente gemi conforme dor preenchia cada parte do meu corpo.

Porra. Doía estar viva.

De alguma forma eu consegui rolar sobre minhas costas enquanto formigamentos de dor disparavam por meus membros. Uma árvore de bordo espalhava seus galhos sobre minha cabeça, oferecendo um pouco de sombra. O sol estava alto no céu agora. Parecia que era por volta do meio-dia. Uma vez que meus braços e pernas pararam de queimar com dor, levantei minha cabeça e estudei meus arredores. Eu estava no meio de um matagal de árvores. Bordos, pinheiros, choupos, e muito mais me ladeavam como soldados. Moitas de rododendro e trechos de arbustos com espinhos serpenteavam por entre as árvores, como cordas de luzes verdes e marrons de Natal.

Eu suspirei. Embora quisesse fazer nada mais do que ficar aqui e dormir pelos próximos três dias, eu sabia que tinha de me mover. Eu não sabia onde diabos estava, o que significava que os outros não tinham chance de me encontrar. Eles provavelmente pensavam que eu já estava morta, presa sob a terra com Tobias Dawson e seus dois gigantes.

Sorri. Eu apreciaria voltar do túmulo só para ver o olhar no rosto de Finn.

Levei algum tempo, mas me apoiei sobre os cotovelos, então me sentei. Levei ainda mais tempo para ficar de joelhos, então de pé. Olhei ao redor da clareira onde eu havia emergido da terra e encontrei um pedaço de madeira caída. Usando-o como uma espécie de bengala, eu manquei em frente.

Dor pulsou pelo meu corpo a cada passo. Eu tinha cortado meus pés gravemente sobre as rochas no interior da montanha, e os arbustos com espinhos, amoras, e os gravetos que cobriam o terreno não ajudavam. Mas eu tropecei em frente.

Não sei quanto tempo andei, uma hora, talvez duas, mas eventualmente, cheguei a um pequeno riacho. Talvez fosse o que corria sobre a caverna. Eu não sabia, e realmente não me importava. Eu me abaixei em uma das rochas e mergulhei os pés na água. Fria como gelo, mas parecia o céu nos meus pés e tornozelos inchados. Engoli vários bocados da água e lavei as mãos e o rosto da melhor maneira possível. Tive o cuidado de deixar uma parte do meu corpo secar antes de me mover para a próxima. Eu não queria ficar com hipotermia do choque da água fria.

Mas a umidade fria ajudou a me reviver - e me fez perceber exatamente com quanta fodida dor eu estava. Cada parte de mim doía, mas as áreas verdadeiramente problemáticas eram a minha mandíbula quebrada, crânio dolorido, e mãos, joelhos e pés ralados, machucados, ensanguentados. Jo-Jo Deveraux ia ter sérios problemas quando começasse a me curar.

O pensamento me fez sorrir, o que se transformou em uma careta quando os músculos da minha mandíbula gritaram de dor.

Uma vez que me senti forte e seca o suficiente, usei minha bengala para me empurrar de pé e seguir me arrastando. Andei cerca de trinta minutos, quando me deparei com o que pareciam ser dois sulcos feitos por um carro no meio da floresta. Franzi as sobrancelhas. Será que alguém tinha uma casa aqui em cima? Isso poderia ser bom ou ruim. Bom, se eles estivessem fora e tivessem um telefone. Ruim, se eles estivessem em casa e tivessem uma visão clara de mim.

Mas eu pisei na trilha lisa e me dirigi a esquerda, subindo para o que quer que pudesse estar no topo desta subida. Eu fiz todo o caminho até a clareira antes de perceber onde eu estava - na estrada de acesso que dava para a mina de carvão de Tobias Dawson. Eu ainda podia ver as marcas de pneus na lama de onde Donovan Caine e eu tínhamos dirigido até aqui na noite em que invadimos o escritório do anão. Inferno, eu provavelmente estava em pé por volta do mesmo local que estive quando tirei a roupa para o detetive.

Ironia. Que vadia fodida.

Eu balancei a cabeça e marchei em direção à borda do cume. Ruído subia para mim da bacia abaixo.

Homens gritando uns para os outros, juntamente com a moagem de máquinas pesadas. Eu manquei mais perto da borda do cume e encarei para baixo. Não estava particularmente surpresa com a debandada de atividade. Homens e mulheres, a maioria bombeiros, policiais e outros funcionários de resgate, espreitavam para frente e para trás no chão rochoso abaixo de mim. Alguns deles tinham conduzido os seus veículos na bacia, e as luzes vermelhas e azuis giravam e giravam. As sirenes tinham sido há muito tempo desligadas, no entanto. As pessoas ficavam juntas em pequenos grupos conversando entre si, mas principalmente o que faziam era encarar a mina diante delas.

Ou o que restava dela.

A parede direita da bacia, que tinha sido tão alta e forte como as outras, tinha desmoronado em si mesma, como um pedaço de papel alumínio barato. A entrada para a mina de carvão e o segundo e menor eixo, o que levava aos diamantes, tinham sido completamente obliterados. Sujeira tinha derramado centenas de metros fora da abertura original, enterrando as trilha de metal que levavam no interior da mina. Todo o lado da bacia parecia um castelo de areia que alguém tinha chutado.

Eu. Eu tinha sido quem tinha dado o chute. Eu usei a minha magia para escapar de Tobias Dawson, e desmoronei metade da montanha no processo. Eu sempre achei que Jo-Jo Deveraux estivesse me enganando quando alegava que eu tinha mais magia de Pedra do que qualquer um que ela já tinha visto. Que ela estava apenas fingindo quando dizia que eu era ainda mais poderosa do que ela. Mas enquanto eu encarava a montanha despedaçada, realmente, verdadeiramente, comecei a acreditar nela.

O pensamento fez meu estômago apertar.

— Droga, — eu sussurrei.

Por um momento, outra imagem brilhou diante dos meus olhos.

A casca arruinada, desmoronada do meu próprio lar de infância.

Eu usei a minha magia para destruí-la também, para trazer todas as pedras abaixo, para tentar salvar a mim mesma e a Bria. Eu balancei minha cabeça, e a imagem desapareceu. Mas o aperto no meu estômago não foi embora.

Olhei para baixo e percebi que minhas mãos estavam brilhando novamente. As cicatrizes de runa de aranha sobre minhas palmas queimavam com chamas prata, geladas mais uma vez - mesmo que eu não estivesse conscientemente me agarrando a minha magia. Enrolei minhas mãos em punhos e desejei que a luz, a magia, se afastassem. Depois de um momento, as chamas morreram, desaparecendo de volta para as cicatrizes como se o silverstone na minha carne fosse de algum modo a fonte de seu poder. Eu não conseguia parar de encarar as minhas palmas.

Era minha imaginação ou as cicatrizes de runa de aranha tinham se tornado mais pronunciadas? Por alguma razão, eles pareciam como pura prata nadando na minha carne agora, em vez das cicatrizes mais pálidas que tinham sido antes. Eu esfreguei minha cabeça dolorida.

Algo para me preocupar mais tarde. Muito mais tarde.

Concentrei-me na bacia mais uma vez, meus olhos sacudindo sobre as muitas figuras abaixo. Apesar da multidão, não demorou muito para encontrá-lo - Donovan Caine. O detetive estava perto da entrada da mina, olhando para o que parecia um mapa aberto sobre o capô de uma caminhonete. Provavelmente um mapa da própria mina de carvão. Um capacete branco cobria a cabeça do detetive e lançava seus traços na sombra, junto com os do homem ao seu lado. Mas eu o reconheci também. Owen Grayson.

Franzi o cenho. Por que Owen Grayson estaria aqui? Então eu me lembrei. Ele estava na mineração assim como Dawson tinha estado. Com o anão enterrado debaixo da montanha, Grayson era a coisa mais próxima de um perito que a cidade de Ashland tinha sido capaz de encontrar. Atrás dos dois homens, várias escavadeiras e retroescavadeiras moviam terra para fora do caminho. Tobias Dawson estava morto. Eles deveriam ter economizado seu combustível.

Eu fiquei lá no cume e encarei Donovan, bebendo a vista do elegante, resistente detetive. Depois que isto estivesse terminado, depois que eu estivesse curada, ele e eu teríamos uma longa conversa - sobre nós. Porque eu queria o detetive e ele me queria também - e eu estava cansada de sua moral, sua culpa sobre querer estar comigo, ficando no caminho daquilo que poderíamos ter juntos.

Embora eu estivesse a milhares de pés de distância, Donovan Caine de alguma forma sentiu o meu olhar fixo, do modo como as pessoas sentem quando você olha para elas longo e duro o suficiente. Sua cabeça virou à direita, depois à esquerda, tentando encontrar a fonte de sua inquietação. Ele disse alguma coisa para Grayson e se dirigiu em minha direção. Donovan continuou olhando à direita e à esquerda para todo mundo que passava. Eu pisei mais longe para a borda do cume, assim ele poderia esperançosamente me ver. O detetive voltou através da massa de pessoas e máquinas.

Depois de um momento, Owen Grayson o seguiu. Provavelmente curioso para saber o que o detetive estava fazendo.

Donovan Caine estava a meio caminho através da bacia na minha direção quando parou e, finalmente, olhou para cima. Nossos olhos se encontraram e se prenderam através da distância. Cinza em ouro. Owen Grayson chegou a seu lado e seguiu a linha de visão do detetive.

Ele me avistou também. Ele na verdade sorriu.

Pelo menos alguém estava feliz em me ver, porque Donovan Caine não estava. Ele inclinou seu capacete para trás, e avistei o franzido em seu rosto. A visão, sua falta de felicidade ou mesmo algum alívio, me cortou mais do que as rochas que haviam cortado meus pés.

Concentrei-me em Donovan Caine e levantei a minha mão sangrenta em saudação. O detetive ficou lá por alguns segundos - imóvel. Então ele se virou e disse algo para Grayson, que franziu a testa e acenou com a cabeça. Grayson andou alguns metros para longe e tirou um telefone celular. Ele apertou um número e falou com alguém, ainda olhando para mim.

Grayson terminou a sua ligação e disse algo para Donovan, que acenou de volta. Em seguida, o detetive se virou e caminhou em direção à entrada da mina desmoronada. Ele nem sequer olhou de novo para mim.

E isso fodidamente *doeu.*

Donovan virando as costas para mim doeu muito pior do que qualquer coisa que Tobias Dawson tinha feito para mim na mina de carvão. Ou qualquer outra coisa que eu tinha suportado nestas últimas poucas horas.

Mas eu não tive tempo para me concentrar na severa reação do detetive por causa de Owen Grayson.

Grayson não ficou onde estava, mas ele não voltou tampouco. Em vez disso, ele se aproximou de mim, olhando sobre seu ombro de vez em quando para se certificar de que ninguém estava muito interessado em seu paradeiro. Ele parou perto da parte inferior do cume onde eu estava de pé, perto o suficiente agora que eu podia ver o sorriso que se estendeu através do seu rosto.

Muito ruim que o sorriso estava no rosto do homem errado.

Mas o que era ainda mais curioso foi o fato de que Grayson começou a escalar até o cume. Eu pisei fora da borda e manquei de volta para a clareira. Eu não queria ninguém me vendo no meu estado atual - ou adivinhando onde eu estive. Deixe-os pensar que Owen Grayson queria uma melhor visão do desastre que eu causei. Mas não havia nada que pudesse fazer sobre Grayson agora, então me sentei na terra nua e me inclinei contra uma árvore. Esperando.

Não demorou muito para ele escalar até o cume. Ele nem se incomodou em limpar a lama e as folhas fora de seus jeans. Em vez disso, ele veio direto para mim e parou, os olhos violeta sacudindo para cima e para baixo do meu corpo, avaliando minhas lesões.

— Você parece como se tivesse ido ao inferno e voltado, — ele murmurou.

Eu quase consegui dar um sorriso. — Você poderia dizer isso.

Grayson tirou sua jaqueta de couro e cuidadosamente a envolveu sobre meu peito. Seu perfume subiu para mim - esse aroma rico, de terra que me fazia pensar em metal.

— Posso fazer alguma coisa por você? — Perguntou ele. — O detetive me pediu para ligar para seu amigo Finnegan Lane. Eu tive uma conversa bastante interessante com ele na festa de Mab Monroe na noite passada. Eu não acho que

o Sr. Lane acreditou em mim quando eu disse a ele que você estava de pé no cume acima da mina de carvão. Ele me chamou de bastardo cruel, mentiroso, mas disse que estava a caminho. E que se eu estivesse mentindo, ele me bateria até a morte com as mãos nuas.

— Finn provavelmente estava apenas chateado. Ele tende a ser emocional em tempos de crise.

— E o que você faz em tempos de crise, Gin? — Grayson perguntou.

Eu o encarei. — Eu sobrevivo.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto, e emoções brilharam em seus olhos. Admiração misturada com diversão. Uma expressão que eu nunca tinha visto no olhar dourado de Donovan Caine.

— Donovan disse mais qualquer coisa para você lá em baixo na bacia? Qualquer coisa mesmo?

O rosto de Grayson se fechou. — Nada importante.

Sua voz era tão gentil, com tanta pena, que isso me fez querer apunhalá-lo com a minha bengala. Eu odiava que sentissem pena de mim.

— Donovan não estava feliz de me ver, estava? Ele pensou que eu tivesse morrido naquela mina com Tobias Dawson e os outros, e estava feliz com isso. Ou, pelo menos, aliviado. — Meu coração torceu quando eu disse as palavras, mas eu sabia que elas eram verdadeiras.

Essa era a única maneira de explicar a reação fria do detetive para mim. — Ele não quer que eu esteja viva. Não realmente.

Owen Grayson deu de ombros. — Eu não sei o que o Detetive Donovan Caine pensa ou quer, mas eu considero que ele é um enorme idiota.

— Por que isso?

Ele me encarou. — Porque ele está lá embaixo procurando por Dawson, e eu estou aqui em cima com você.

Eu não disse nada. Minhas emoções estavam cruas demais, frescas demais para isso. Owen Grayson abriu a boca de novo, mas o som do motor de um carro o interrompeu. Ele ficou de pé.

— Eu acho que seu amigo Finn está aqui, — ele murmurou.

Grayson estendeu a mão para mim, mas eu não a tomei.

Em vez disso, me ergui em meus pés, usando a minha bengala bruta por apoio.

— Você sabe que pode se apoiar em mim se precisar.

Eu balancei minha cabeça. — Não é preciso. Eu estou bem.

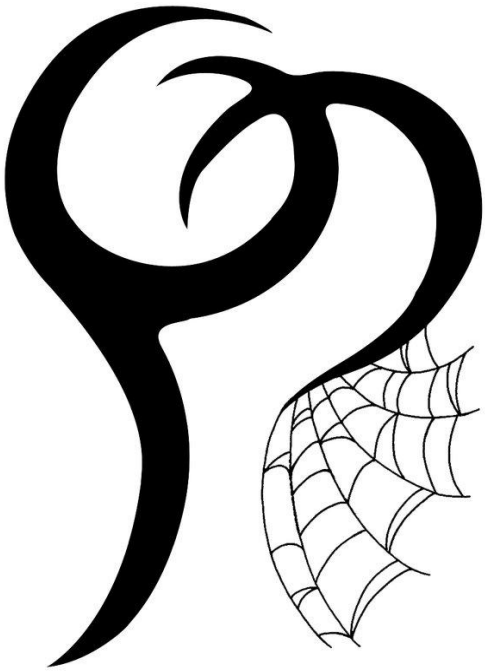
Novamente aquele sorriso pequeno torceu seus lábios. — Eu acho que sua definição da palavra 'bem' precisa de uma séria inspeção.

O som do motor ficou mais alto. Quem quer que fosse, eles estavam com pressa. Alguns segundos depois, o Cadillac Escalade de Finn estourou por entre as árvores e derrapou até uma parada à nossa frente. Os pneus viraram e jogaram lama por toda a parte em mim e Owen Grayson. Eu fiz uma careta. Um insulto final sobre o que tinha sido um inferno de uma noite.

As portas da SUV abriram. Finnegan Lane saiu primeiro. Seus olhos verdes me varreram, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. As outras portas se abriram e Jo-Jo Deveraux saiu do carro. O mesmo fez Sophia. Os três ficaram de pé ali perto do veículo apenas me encarando.

Finn parecia boquiaberto, radiante e atordoado ao mesmo tempo. Jo-Jo tinha um olhar pensativo, conhecedor em seus olhos pálidos que eu não gostei. E Sophia, bem, a anã Goth estava na verdade sorrindo para mim - tanto quanto ela jamais sorriu para alguém.

— Vocês caras sentiram minha falta? — Eu resmunguei.



Capítulo 33

Houve muitos abraços e choros. Finn deu a maior parte dos abraços, gentilmente colocando os braços em volta de mim e apertando tão forte quanto ousava. Jo-Jo fez a parte do choro.

Lágrimas desciam pelo rosto da anã como se seus olhos fossem o epicentro de uma cachoeira. Elas rapidamente dominaram a máscara à prova d'água. Sophia permaneceu estoica como sempre.

— Como você saiu da montanha? — Finn perguntou.

Seus olhos verdes continuavam percorrendo meu corpo como se ele ainda não tivesse certeza de que eu estava viva.

Eu abri minha boca para responder quando Jo-Jo me interrompeu.

— Depois. — a anã disse. — Olhe para essa pobre garota. Nós precisamos leva-la de volta para o Warren para que eu possa começar a trabalhar nela. Agora mesmo. Sophia, se me permite, por favor.

A anã gótica veio até mim e me recolheu.

O toque dela era mais gentil do que eu tinha imaginado, e ela me segurava como se eu fosse uma estátua de cristal delicada que ela tivesse medo de quebrar.

— Eu sei andar, — protestei com uma voz fraca. — Fiz isso o último dia e noite.

— E é por isso que você vai descansar agora. — Jo-Jo disse.

— Você vai precisar de toda sua energia quando eu começar a te curar. Pois não vai ser bom, querida. Principalmente seu rosto.

Sophia andou a passos largos até o veiculo. Jo-Jo abriu a porta de trás para ela. Owen Grayson andou até lá e deteve a anã gótica antes que ela me colocasse lá dentro.

— Eu também gostaria de saber como você saiu da montanha, — ele disse. — Talvez você gostaria de me contar alguma noite ao jantar.

Pensei em Donovan Caine e no jeito que ele virou as costas para mim. Eu não tinha certeza de como me sentia sobre o detetive no momento, muito menos sobre alguém novo como Owen Grayson. Mas pensei no jeito com que Grayson olhou para mim – abertamente, diretamente, sem uma gota de julgamento em seus olhos violeta.

— Talvez.

— Você tem meu número. — Grayson respondeu.

Eu bufei. — Oh, sim, tenho.

— Eu vou te ver, Gin. Em breve, se conseguir o que quero.

Eu pensei na promessa confiante em seu tom de voz – e o estranho punhado de ansiedade que isso remexeu em mim. O pensamento cruzou minha mente que talvez fosse... legal ser conquistada, só para ser... querida, sem nenhuma culpa ou relações ou morais. De qualquer forma, eu sabia que as coisas com Owen ainda não estavam perto de terminar. O que quer que fosse esse seu interesse em mim, isso não ia passar tão cedo.

Ele me deu outro sorriso antes de Sophia me por na traseira do Cadillac, e nossos olhares se travaram. Cinza no violeta. Oh, sim, eu pensei, encarando ele através do vidro tingido.

Owen Grayson era definitivamente alguém que valia a pena observar.

***

Finn dirigiu devagar, mas ainda era uma viagem irregular pela estrada de acesso. Cada sacudida fazia meus ossos chacoalharem. Agora que eu estava entre amigos, eu podia baixar minha guarda, largar aquela vontade fria e dura que eu mantive por tanto tempo. E isso fez tudo doer muito mais. Eu devo ter apagado porque depois percebi que eu estava deitada sobre um balcão na frente da loja Country Daze.

— O que estamos fazendo aqui? — Eu murmurei, encarando o ventilador de teto girando sobre minha cabeça.

O rosto de Jo-Jo pairou sobre o meu.

— Porque quando você desmoronou a montanha, isso criou uma fossa gigantesca lá fora. Já está cheia de água. Ainda não atingiu a casa, mas pode atingir. Então te trouxe para a loja onde era mais seguro. Agora, relaxe, Gin, o máximo que puder. Pois isso vai doer.

Os olhos de Jo-Jo brilharam brancos, e o seu poder de Ar rolou para fora dela como ondas invisíveis. A anã pôs a mão contra a minha testa. A dor quente de sua magia me preencheu, e eu não soube de mais nada.

***

Da próxima vez que acordei, estava deitada em uma cama que não era a minha. Eu me sentia melhor, mas cansada até os ossos ao mesmo tempo, o que me disse que meu corpo ainda estava se recuperando do trauma que passei e por ser atingida pela magia de Ar curadora de Jo-Jo. Eu estremeci em pensar em quanto a anã tinha precisado usar para me curar. Mas enquanto eu estive consciente, alguém me deu banho e me vestiu com uma calça de moletom muito larga, uma camisa de mangas longas combinando e meias grossas.

Eu afastei o cobertor de cima de mim, fiquei de pé, e tropecei até o aparador no canto. Olhei para o meu reflexo no espelho. Eu parecia a mesma de sempre, cabelo escuro castanho chocolate, olhos cinza, pele clara, algumas sardas no nariz e nas bochechas. Mexi meu maxilar. Perfeito como sempre, e todos os meus dentes soltos estavam presos mais uma vez. Por mais terrível que eu estivesse quando saí da montanha, Jo-Jo Deveraux tinha me curado – curado totalmente.

Eu tinha que pedir a Finn para dar à anã um bônus pelo enorme esforço dessa vez.

Abri a porta do quarto e olhei em volta.

Eu estava no andar de cima da casa dos Fox, pela visão de todas as imagens de Warren, Violet, e o resto da família nas paredes. Eu fui para a direita e desci uma escada estreita. Eu tinha acabado de pisar no chão quando algo brilhante do lado de fora da janela chamou minha atenção.

O pequeno afluente que corria pela casa dos Fox e pela reserva da cidade tinha se transformado num grande lago. Ele se estendia por uns quatrocentos metros, e acabava em um declive no chão.

Provavelmente exatamente sobre o lugar onde a caverna com diamantes estava. O lago era mais um sinal de como minha magia tinha alterado o terreno, de como eu tinha feito essa coisa sem ao menos pensar nas consequências.

— Droga. — sussurrei.

Balancei a cabeça e desci as escadas. Vozes suaves se espalhavam pelo local, então foi para onde eu me dirigi.

— ... não acredito na quantidade de poder que ela usou, quanta magia ela foi capaz de usar.

Eu parei onde estava no corredor. Jo-Jo estava falando – sobre mim.

— Eu mesmo não teria acreditado se eu não tivesse sentido, — Warren T. Fox respondeu com sua voz alta e débil. — Parecia que a montanha inteira estava se rasgando em duas. Pior que um terremoto.

— Gin só está agora chegando ao total de seu poder, — Jo-Jo respondeu. — Ela só vai ficar mais forte.

— Eu odiaria estar com ela de mau humor, — Warren murmurou.

Eu esperei no corredor, mas os dois não disseram mais nada. Então eu entrei no recinto em que eles estavam sentados. Os dois olharam para mim. Sophia e Finn não estavam para ser encontrados, e Violet provavelmente ainda estava na casa de Eva. A televisão piscava na frente de Warren e Jo-Jo, mostrando cenas da mina destruída, apesar de estar sem som.

— Sentindo-se melhor? — Jo-Jo perguntou. Eu dei de ombros.

— Um pouco. Mas ainda estou cansada.

— Você vai ficar. — A anã respondeu. — Precisei de um bom tempo para te consertar desta vez. O que quer que você tenha feito naquela mina, isso custou um preço.

Eu não respondi. Em vez disso, olhei para Warren.

— Tenho certeza de que você já adivinhou, mas Tobias Dawson está morto. E também dois de seus gigantes. Ele não vai te incomodar mais.

O velho homem concordou com a cabeça e se balançou para frente e para tras em sua poltrona.

— Eu imaginei isso.

— O que aconteceu lá embaixo, Gin? — Jo-Jo perguntou. — Na mina.

Sentei no sofá e coloquei os pés debaixo do meu corpo.

— Dawson me apagou na festa de Mab Monroe. Ele de alguma forma reconheceu minha magia. Quando eu acordei, eu estava na mina com o anão e dois gigantes. Nós estávamos nesta caverna, esta bela caverna. É lá que os diamantes estavam, centenas deles nas paredes de pedra como pequenas lâmpadas. Dawson me bateu. Ele queria saber se Warren havia me contratado para matá-lo. As coisas comuns.

— O que você disse? — Warren perguntou. Eu sorri.

— Eu disse a ele que estava trabalhando para Mab Monroe. Que ela o queria morto.

Alguma coisa brilhou nos olhos de Jo-Jo, mas ela mascarou a emoção antes que eu pudesse descobrir o que era.

— E aí o que aconteceu? — Jo-Jo perguntou. Dei de ombros.

— Pensei que não ia sair de lá viva e que eu poderia levar Dawson e seus valentões comigo. Então eu usei minha magia da Pedra e do Gelo para destruir o teto. É por isso que ele precisava de sua terra, Warren. A caverna estava bem debaixo do afluente, e o teto era muito frágil para ele continuar minando os diamantes sem você saber disso.

Warren concordou.

— Depois que a poeira baixou, eu ainda estava viva, e eles não. Então eu procurei por um caminho para sair da caverna, e encontrei um. Fim da história.

Não contei a Jo-Jo sobre minhas mãos, sobre o fato de que eu parecia ter mais magia do Gelo agora do que antes.

Que eu podia sentir o poder frio agitando em minhas veias. Haveria tempo suficiente para isso depois. Depois que eu descobrisse sozinha se isso era só um acaso.

Joguei minha mão na direção da televisão.

— O que eles estão dizendo?

Warren apertou o controle remoto, e o som surgiu.

— Estão dizendo que foi um terremoto. Que Dawson e seus homens estavam fazendo uma inspeção noturna e ficaram presos lá dentro. Ainda estão escavando para acha-los, apesar de todos saberem que já estão mortos a essa altura.

Pensei na mão pálida de Dawson se esticando do monte de terra e pedras – e o jeito que eu cortei o pulso do anão só para ter certeza.

— É, Dawson está morto e enterrado.

— Estou feliz que você não acabou do mesmo jeito. — Warren disse.

Eu encarei os escombros na televisão. O som de terra ressoando e o som agudo das pedras tocou em meus ouvidos.

— Eu também.

Jo-Jo foi chamar Finn e Sophia e dizer a eles que eu estava finalmente acordada, me deixando sozinha na sala com Warren.

O velho se levantou da poltrona, seus ossos estalando, e desapareceu. Eu assisti às notícias do desastre da mina.

Warren voltou um minuto depois carregando uma pequena moldura. Ele olhou para ela por um momento, depois a colocou em minhas mãos.

— Aqui. Sei que não posso te pagar pelo que fez com Dawson e tudo o que você sofreu. Mas gostaria de te dar algo, e achei que você poderia querer isso.

Olhei para a foto. Uma fina camada de pó cobria a imagem, que eu limpei com a ponta da camiseta.

A foto devia ter sido colorida em algum tempo, mas ela desvaneceu com o tempo para um amarelo embaçado. Dois rapazes, mais para adolescentes, olhavam para mim. O mais baixo obviamente era Warren T. Fox. Ele encarava a câmera com uma expressão séria, como se não gostasse de tirar fotos. O outro homem era Fletcher, cujo grande sorriso compensava a falta do sorriso de Warren. Os dois usavam camisas do trabalho e aventais. Varas de pescar e caixas de equipamentos estavam a seus pés, junto com uma linha de pesca. Árvores cercavam a área atrás deles.

— Você e Fletcher? — Perguntei.

Warren se ajeitou na poltrona e começou a se balançar de novo.

— Sim. Tirada alguns meses antes de ele começar o Pork Pit. A última foto que tiramos juntos.

— Não quer ficar com ela então?

Warren deu de ombros.

— Não preciso de uma foto para me lembrar de Fletcher. Nunca precisei.

Ele olhou para a televisão, mas eu ainda conseguia ver a umidade em seus olhos escuros. Naquele momento, eu soube que Warren sentia falta de Fletcher Lane assim como eu sentia, mesmo que ele nunca admitisse. E eu soube que a foto era uma de suas posses estimadas. Porque era um símbolo de sua amizade, de sua infância juntos, e todos os bons momentos e esperanças e sonhos que eles compartilharam.

Eu tinha fotos de Fletcher, mas nenhuma como essa. Nenhuma que mostrasse ele sendo tão natural e despreocupado. Nenhuma que mostrasse ele como ele realmente era, sem a máscara calma que ele apresentava a tantas pessoas, inclusive a mim, ao longo dos anos.

Pela primeira vez, eu senti que estava vendo o real Fletcher Lane.

E agora Warren estava me dando a foto. Seu gesto me tocou de uma forma que nada tinha feito por um bom tempo. Eu posso ter sido uma assassina por dezessete anos, posso ter matado muitas pessoas, mas ajudar Warren e Violet Fox foi definitivamente uma das melhores coisas que eu já fiz.

— Tudo bem, — eu disse. — Tem um lugar vazio na parede do Pork Pit. Acho que vai ficar ótima lá.

Warren concordou. Eu andei até ele, e beijei sua bochecha enrugada. Ele cheirava a Old Spice[61] e menta.

— Obrigada por isso.

Ele não olhou para mim, mas um rubor cresceu do lado de seu pescoço.

— Não é nada.

— Não. — Eu disse numa voz baixa, olhando para o rosto sorridente de Fletcher. — É tudo para mim.

***

Desconcertado, Warren deu uma desculpa sobre checar a loja, me deixando sozinha na sala. Eu fiquei sentada olhando a foto dele e Fletcher até Jo-Jo Deveraux voltar.

— O que é isso? — Ela perguntou.

Eu mostrei a foto para ela.

— Legal da parte dele te dar, — a anã respondeu, sentando no sofá.

— É, foi mesmo.

Não falamos por um momento. Finalmente, Jo-Jo quebrou o silêncio.

— Quer falar sobre isso? — Ela perguntou com uma voz suave. — Sobre o que aconteceu na montanha? Sobre sua magia? Sobre como você está mais forte agora?

Minha cabeça estalou.

— Como você sabe disso?

[61] Old Spice é uma marca de produtos corporais para homens.

Os olhos pálidos dela eram velhos e sábios em seu rosto maquiado.

— Eu pude sentir quando estava te curando. Sua magia do Gelo, ela está mais forte agora, não está?

Suspirei e falei para ela o que aconteceu na caverna.

Sobre como eu havia sentido algo dentro de mim e o fato de as cicatrizes de aranha em minhas mãos brilharem mais do que uma lanterna. Eu até fiz uma demonstração.

Jo-Jo se inclinou e estudou minhas mãos prateadas. Então ela meneou a cabeça e se sentou no sofá.

— Então, o que aconteceu comigo? É temporário? Permanente? Eu quebrei minha magia ou algo assim?

Jo-Jo gargalhou.

— Nada disso, Gin. Mas sim, eu acredito que seja permanente, — ela me deu um olhar firme. — Você já se perguntou por que sua magia da Pedra é muito mais forte que seu poder do Gelo?

Dei de ombros.

— Na verdade não. É raro o bastante ser capaz de controlar dois elementos. Eu sempre presumi que minha magia do Gelo simplesmente era mais fraca.

Jo-Jo balançou a cabeça.

— Não, querida, sua magia do Gelo não é mais fraca. Só estava contida – até agora.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Como?

Ela acenou com a cabeça para minhas mãos.

— Pelo silverstone em suas mãos. Você sabe tanto quanto eu que o silverstone é um metal mágico, que pode conter e absorver magia elementar.

— E daí?

— Daí que o silverstone também pode bloquear a magia. No seu caso, o metal em suas mãos te impediu de perceber completamente seu potencial do Gelo.

— Não entendo.

Jo-Jo pôs os pés sobre a mesa de café. Ela estava descalça, as unhas pintadas de rosa, como sempre.

— Você sabe que há muita dualidade na magia elementar. Muitos prós e contras entre os quatro elementos. Agora, Pedra está mais para uma magia interna. Você não tem que fazer nada para ouvir as vibrações das rochas à sua volta. Ar é do mesmo jeito. Mas Fogo e Gelo são diferentes. A maioria dos elementares liberam esses dois tipos de magia pelas mãos. É mais fácil e mais rápido formar uma bola de fogo em sua mão do que atirar dos olhos ou da bunda.

Eu sorri com os exemplos interessantes.

— Mas você tinha silverstone derretido em suas mãos. Então, de certa forma, o metal abafava sua magia do Gelo toda vez que você tentava liberá-la de suas mãos. Como um gargalo. Faz sentido?

Pensei em todas as vezes que formei um cubo ou um par de pedras de gelo. Jo-Jo estava certa. Eu quase sempre usei as minhas mãos para fazer essas coisas, mas a maior parte do tempo quando eu usava minha magia da Pedra para endurecer minha pele, o poder quase sempre vinha de dentro.

— Acho que entendi agora. Mas como eu fui capaz de usar tanta magia de Gelo na caverna se o silverstone estava bloqueando?

Jo-Jo me encarou.

— Porque você finalmente trouxe o suficiente de sua magia de Gelo à tona para subjugar o silverstone. Você atingiu o metal, quebrou aquela barreira. Sua magia do Gelo sempre foi tão forte quanto sua magia de Pedra, Gin. Agora, finalmente subiu à superfície onde você pode usá-la. É por isso que suas cicatrizes de aranha parecem mais brilhantes, mais com uma cor prateada agora. Porque sua magia do Gelo está bem aí esperando que você a use. Pois seu poder está no silverstone agora, ao invés de ser bloqueado por ele.

— Você sabia, não é? — Perguntei. — Você sabia o tempo todo por que minha magia do Gelo era mais fraca. Por que não me contou?

— Porque você tinha que atravessar o silverstone sozinha — Jo-Jo disse. — Eu não podia fazer isso por você.

Eu sentei e olhei para as cicatrizes iguais que decoravam as palmas das minhas mãos. Um pequeno círculo cercado por oito finos raios. Um em cada mão. Uma runa de aranha. O símbolo da paciência.

— Você só vai ficar mais forte agora, Gin — Jo-Jo disse num tom de voz quieto. — Um dia em breve, você vai ser a Elemental mais forte de Ashland. Mais forte até do que Mab Monroe.

Mais forte que Mab? Eu não sabia se isso era uma boa coisa, já que os elementares do Fogo só usavam seu poder para a destruição. Mab só usava sua magia para matar, machucar, e queimar qualquer um que ficasse em seu caminho. Eu posso ter sido uma assassina, mas eu não queria ser como ela. Não agora, nem nunca.

Fechei as mãos em punhos, escondendo as cicatrizes de vista, e tentei ignorar o tremor que atingiu meu corpo.

***

Eu passei o resto da noite na casa dos Fox, descansando, e Finn veio me buscar no dia seguinte antes do meio-dia, como era seu estilo. Eu estava sentada na varanda da frente do Country Daze com algumas roupas emprestadas de Violet Fox quando ele estacionou seu Cadillac Escalade. Eu já tinha me despedido de Warren T. Fox, que ainda estava lá dentro com Jo-Jo Deveraux. Sophia ia chegar mais tarde para pegar sua irmã mais velha, que queria passar mais algumas horas fofocando com Warren.

Finn saiu do carro e andou até mim. Ele deslizou os óculos para baixo para que pudesse olhar por cima das lentes.

— Bela roupa.

— Legal te ver também, Finn — respondi em um tom irônico.

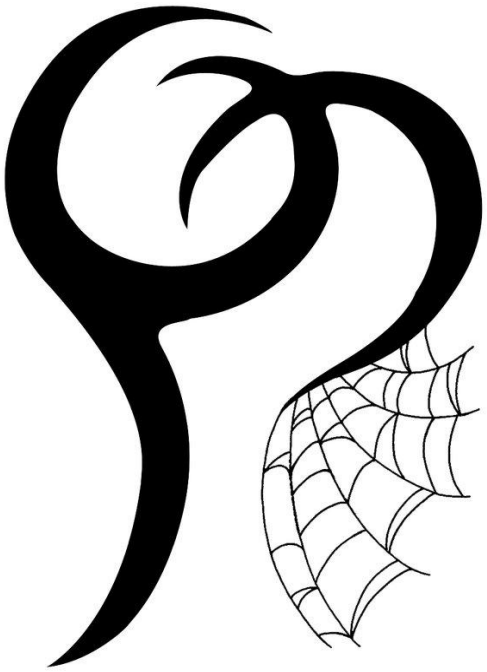
Mas de qualquer forma levantei e abracei meu irmão adotado. Ele me abraçou de volta o mais forte que podia.

— Pronta para ir embora? — Finn perguntou.

Eu olhei para a placa montada sobre a porta da frente. Country Daze. É, *atordoado*[62] era uma forma de chamar tudo que passei nos últimos dias. Eu olhei para a placa brilhante por mais um momento, então me virei e sorri para Finn.

— Vamos. Me leve para casa. Me leve para Pork Pit.

[62] Do original 'Daze' que significa estar atordoado, em um torpor. Ela faz um trocadilho com o nome da loja.



Capítulo 34

O incidente na mina de carvão se desenrolou durante a semana seguinte. Pessoas trabalhavam dia e noite todos os dias, cavando, movendo e transportando terra e pedra fora do caminho antes de finalmente recuperarem o corpo de Tobias Dawson, juntamente com os de seus dois funcionários gigantes. O legista disse que ambos os gigantes e Dawson morreram de traumatismo fechado[63].

Yeah, o desabamento tinha eliminado os gigantes, mas Dawson tinha morrido daquelas adagas de Gelo que eu lancei em seu torso. Muito ruim que as provas haviam derretido - como sempre. Algo que eu estava grata.

Depois que os trabalhadores de resgate recuperaram os corpos, não havia muito mais o que fazer. Então eles fecharam a mina e foram para casa. Alguns dias mais tarde, Finn me mostrou um artigo de negócios no *Ashland Trumpet* que dizia que Owen Grayson havia comprado a companhia inteira de Tobias Dawson por quase nada. Nenhum plano tinha sido anunciado sobre o que aconteceria com a mina que desabou, e Grayson foi citado dizendo que ele não estava com pressa para tomar uma decisão. De qualquer maneira, eu tinha destruído os diamantes na caverna, de modo que ninguém estaria farejando por ali tão cedo. O que significava que Warren T. Fox, sua neta, Violet, sua loja, terra, e casa estavam seguras agora e no futuro previsível.

Eu estava contente de ter sido capaz de ajudar os Foxes, contente por ter sido capaz de fazer algo para alguém que uma vez significou tanto para Fletcher

[63] Lesão sofrida quando o corpo humano atinge ou é atingido por um grande objeto externo.

Lane. Eu achava que o velho teria aprovado que eu ajudasse Warren, mesmo se os dois se separaram em condições ruins todos aqueles anos atrás.

Quanto a mim, eu deslizei graciosamente de volta para a aposentadoria. Frequentando aulas na Faculdade Comunitária de Ashland. Lendo.

Cozinhando. Cuidando do Pork Pit.

Esse último era mais fácil agora, já que Jake McAllister estava fora do caminho. O incidente na mina havia dominado o noticiário, é claro, mas havia uma pequena menção sobre Jake e o fato que ele tinha sido encontrado morto na casa de seu pai. O legista culpou causas naturais causadas por um defeito cardíaco não detectado - ou algum absurdo assim. Não houve menção de Jake estar na festa na casa de Mab Monroe, e nenhuma menção dele sendo encontrado morto a facadas em um dos banheiros.

Mas com Jake morto, seu pai, Jonah McAllister, não tinha nenhuma razão real para me pressionar mais. Pelo menos, não sobre o assalto e eu prestar queixas contra seu filho de novo. Oh, eu imaginava que Jonah ainda estava com raiva de mim sobre o que tinha acontecido no dia em que ele veio ao restaurante e que ele voltaria para me assediar mais cedo ou mais tarde, se apenas porque ele apreciava esse tipo de coisa. Mas, por agora, o Pork Pit estava de volta com seu fluxo regular de clientes. Ainda assim, eu me mantive atenta por problemas. Se Jonah McAllister me conectasse com a prostituta loira que estava na festa de Mab, ele iria pegar seus gigantes, vir para o Pork Pit, e destruir o restaurante até o chão - comigo dentro.

É por isso que eu tinha pedido a Finn para fazer algumas perguntas discretas sobre o assunto. Disseram que Jonah McAllister estava fervendo de raiva sobre o assassinato de seu filho - e o fato de o incidente ter ocorrido na mansão de Mab Monroe. McAllister havia jurado que ia encontrar o assassino de seu filho e cuidar dela ele mesmo - com as próprias mãos. Disseram também que Mab Monroe estava lívida com o fato de que alguém se atrevera a assassinar o filho de seu advogado em sua própria casa.

Também disseram que Mab estava discretamente à procura de uma prostituta loira que compareceu à festa e foi vista saindo com Tobias Dawson. De acordo com Finn, a elemental do Fogo havia enviado Elliot Slater e um par de seus capangas gigantes para questionar Roslyn Phillips sobre a prostituta misteriosa. Mas Slater finalmente se convenceu de que o convite e o colar de runa foram roubados da Agressão do Norte sem o conhecimento de Roslyn. Ainda assim, eu tinha pedido a Finn para transferir a Roslyn uma quantidade significativa de dinheiro para ajudar a compensar o que eu estava certa que tinha sido uma entrevista forçada.

E eu ainda me perguntava sobre aquela noite na festa e por que Mab não tinha apenas me matado quando eu estava nocauteada no chão em frente a ela. Teria sido fácil ela fazer. Por que fazer Dawson me matar? Por que fazê-lo me levar para outro lugar? Mab sabia que ele me levaria à mina? Talvez ela achasse que eu mataria Dawson por ela, e ela poderia entrar e ter todos os diamantes para si mesma. Não teria sido um mau plano, se eu não tivesse desmoronado toda a montanha no processo.

Eu não sabia o raciocínio da elemental de Fogo, e nunca acreditei muito na sorte. Mas eu sabia que tinha evitado a minha própria morte naquela noite. Mas agora ela estava procurando ativamente por mim, e eu não tinha ilusões sobre o que aconteceria se ela algum dia descobrisse a minha verdadeira identidade.

O fato era que eu teria que ser mais cuidadosa no futuro - pelo menos até que outra pessoa chamasse a atenção de Mab Monroe.

***

Duas semanas depois do incidente na mina, eu estava empoleirada no meu banquinho no Pork Pit lendo *As Aventuras de Huckleberry Finn* de Mark Twain. A cópia de Fletcher de *Where the Red Fern Grows* adornava a parede ao lado da caixa registadora, é claro, mas algo novo a acompanhava - a foto dele e de Warren T. Fox. Eu acho que Fletcher teria gostado de tê-la no restaurante.

Era uma noite de segunda-feira novamente e quieta exceto pelos meus dois clientes - Eva Grayson e Violet Fox. As duas universitárias estavam sentadas ao balcão, sorvendo ruidosamente milkshakes de chocolate e estudando. Seus livros cobriam uma grande parte da bancada. Eva e Violet começaram a vir ao Pork Pit pelo menos uma vez por semana quando tinham uma ou duas horas para matar entre as classes. Às vezes, Cassidy, outra amiga de Eva, se juntava a elas. Mas, mais frequentemente do que não, eram apenas as duas garotas.

— Então, quando você vai sair com meu irmão mais velho? — Eva perguntou, afastando seu copo vazio de milkshake.

Olhei para cima do meu livro. — Por que você pergunta?

Eva olhou para mim. — Porque cada vez que eu menciono que estive aqui, ele me pergunta como você está, Gin. Por que você não dá ao pobre rapaz uma chance?

Eu levantei minha sobrancelha. — Se o seu irmão mais velho quer me convidar para sair, ele pode vir aqui e fazer isso sozinho, em vez de ter sua irmã mais nova defendendo seu caso para mim.

Eva acenou a mão. — Eu só estou te enchendo com as boas qualidades de Owen. Não defendendo o seu caso.

— No que você me disse que estava se formando, de novo?

— Marketing, — Eva respondeu com um sorriso.

— Eu encerro meu caso.

Violet apenas riu e tomou outro gole de seu próprio milkshake.

A porta da frente se abriu, fazendo com que o sino badalasse. Olhei para cima, pronta para receber um cliente potencial.

E ele entrou no restaurante.

Detetive Donovan Caine. Cabelo preto, olhos dourados, pele bronze. O detetive hispânico parecia o mesmo que eu me lembrava, exceto pelas linhas em seu rosto. Pela primeira vez, elas pareciam ter suavizado, como se algum grande peso tivesse sido tirado de seus ombros magros. Como se tivesse feito alguma decisão que finalmente trouxe-lhe uma medida de paz. Fiquei imaginando o que poderia ser, mas eu tinha um sentimento engraçado que tinha algo a ver comigo. Talvez tudo a ver comigo.

O detetive se aproximou e descansou as mãos sobre o balcão. Mãos que haviam feito coisas tão maravilhosas ao meu corpo. — Gin.

— Detetive.

— Podemos conversar? — Ele perguntou em voz baixa.

Eu não tinha visto o detetive desde aquela tarde que eu acenei para ele do cume, e ele não tinha feito qualquer esforço para me contatar. As pessoas sempre falavam sobre os estágios do luto que você passava quando algo traumático acontecia. Hah. Eu praticamente me mudei de magoada para simplesmente puta, sem paradas no meio. Ainda assim, eu estava curiosa para saber por que Donovan tinha vindo, o que ele queria dizer para mim agora, duas semanas tarde demais. Fodida curiosidade. Simplesmente não me deixaria em paz.

— Claro. Vamos papear. — Virei meus olhos cinza para Violet e Eva. — Por que vocês garotas não vão na parte de trás por alguns minutos e convencem Sophia a fazer-lhes mais um pouco de milkshake? Por conta da casa.

Violet deu de ombros e andou ao redor da extremidade do balcão. Eva Grayson estudou Donovan Caine com interesse aberto. Ela fungou, claramente me dizendo que ela não achava que o detetive tivesse alguma vantagem sobre seu irmão mais velho. Então ela seguiu Violet.

Esperei até que as duas universitárias desaparecessem pela porta e estivessem fora do alcance da voz antes de olhar de volta para o detetive. — Eu vi você na TV na mina de carvão. Parecia que tinha as mãos cheias recuperando o corpo de Tobias Dawson.

O detetive assentiu. — Eu tinha. Mas Owen Grayson foi uma tremenda ajuda com isso. Assim como todos os outros trabalhadores de emergência e desastre.

Nós poderíamos ter falado sobre o tempo de tão interessante quanto a conversa estava. Mas as mãos do detetive agarraram a borda do balcão como se ele quisesse quebrá-lo. Ele estava aborrecido com alguma coisa. Eu não tinha ideia do que poderia ser. Porque ele foi quem tinha virado as costas para mim naquele dia na mina, e não o contrário. Então eu decidi ir ao coração do assunto.

— Por que você veio aqui, Donovan? — Eu perguntei. — O que você quer?

O detetive me encarou, seus olhos dourados traçando o meu rosto. — Estou deixando Ashland, Gin. Eu pensei que você deveria saber. Achei que devia dizer-lhe pessoalmente.

Por um momento eu estava atordoada. Simplesmente atordoada. De todas as coisas que ele poderia ter dito, eu não estava esperando isso - e as emoções que isso despertou em mim. Mágoa. Raiva. Tristeza.

— Você está deixando a cidade? Por quê?

Donovan deslizou as mãos pelo seu cabelo preto. — Um monte de razões. Demais para entrar nisso agora.

— Bem, vamos entrar na única que importa, a verdadeira razão porque você está aqui. Eu, — retorqui. — Você está deixando a cidade por minha causa, não é?

— Culpado. — O detetive tentou sorrir. Não saiu muito bem.

— Por quê? — Eu perguntei. — Você virou as costas para mim na mina naquele dia. Eu recebi a mensagem. Por alguma razão, você não quer ter nada a ver comigo. Não mais. Você não tem que sair da cidade para conseguir isso, detetive. Eu não sou o tipo que corre atrás de um homem, implorando-lhe para não deixá-la.

Minha voz pingava com ácido. Assim como meu coração, mas eu mantive meu rosto calmo, frio, remoto. Eu não ia deixar Donovan Caine saber o quanto ele me machucou naquele dia - o quanto ele estava me machucando agora. Eu pensei que nós poderíamos ter algo juntos, uma relação real. Que talvez Donovan fosse alguém com quem eu pudesse compartilhar meu coração e vida, sombrios como eles eram. Mas essa esperança tinha queimado e desintegrado em cinzas, como tantas outras coisas na minha vida. Esperança. Uma emoção desperdiçada, mais frequentemente do que não.

— Eu vim aqui para explicar, — disse Donovan em voz baixa. — Você pode por favor só me deixar fazer isso?

— Muito bem, — eu rosnei. — Explique.

Donovan puxou uma respiração profunda. — Eu penso em você todo dia, Gin. Desde aquela noite em que nos conhecemos na casa de orquestra. A noite que Gordon Giles foi assassinado. Tenho repetido essa cena mais e mais na minha cabeça. E não só essa. Aquela noite, na Agressão do Norte. O tempo que passamos juntos no clube country. Então, no meu carro há algumas semanas. Naquela noite, na chuva. Eu não consigo tirar você da minha cabeça. Sua voz, seu cheiro, sua risada, a maneira como você se sente contra mim.

— Por que isso é uma coisa ruim? — Eu perguntei. — Nós estamos atraídos um pelo outro. Isso é o que as pessoas fazem quando estão atraídas uma pela outra.

Donovan olhou para mim. — É uma coisa ruim por causa de quem você é e o que você costumava fazer.

Eu tinha esperado as palavras, mas elas ainda doíam. Eu suspirei.

— Se isso ainda é sobre Cliff Ingles…

Ele balançou a cabeça. — Não se trata de Cliff, não mais. Eu sei porque você o matou. Como eu disse antes, eu poderia ter feito isso sozinho, se eu tivesse a chance. Não, isso é sobre mim.

Eu só olhei para ele.

Donovan puxou uma respiração. — Você sabe por que eu não fui te ver na mina?

— Na verdade, não.

— Depois daquela noite em que estivemos juntos no meu carro, senti que talvez pudesse haver algo entre nós, — disse ele em voz baixa. — Mas então você disse que estava indo atrás de Tobias Dawson. Para matá-lo. E eu deixei você ir. Eu te *deixei* ir. Eu apenas assisti em segundo plano enquanto você foi atrás de outro homem - para assassiná-lo. Eu fiz a mesma coisa que eu sempre jurei não fazer - eu olhei para o outro lado. Não porque Dawson era um cara mau, mas por causa de você. Eu me comprometi por sua causa, Gin, e o que eu sinto por você.

Culpa, aflição, e decepção cintilaram em seus olhos de ouro. E eu pensei de volta no que Warren T. Fox havia me dito. *Ele não é o certo para você,* a voz do velho sussurrou na minha cabeça. De alguma forma, eu empurrei minha mágoa de lado, tentando ser calma e racional sobre o assunto. Tentando fazer Donovan Caine mudar de ideia. Ficar. Nos dar uma fodida *chance.*

— Você sabe tão bem quanto eu que Tobias Dawson nunca iria deixar os Foxes em paz. Que ele estava com Mab Monroe e ambos - ambos - teriam feito tudo ao seu alcance para pôr as mãos sobre os diamantes. A morte de Dawson era a única maneira de salvar Warren e Violet.

Donovan sacudiu a cabeça. — Eu simplesmente não consigo me forçar a acreditar nisso, a aceitar isso.

Esta era a mesma velha discussão que tivemos tantas vezes. Demais para contar. Não iria a qualquer lugar, então eu decidi tentar outra tática. — Por que sentir algo por mim é tão terrível? Por que você não pode simplesmente aceitar o fato de que eu costumava ser uma assassina e que eu estou tentando mudar?

— Porque você nunca vai mudar. Não realmente.

— Oh não?

— Não, — ele respondeu com voz firme. — Pense nisso. Nós descobrimos o que Tobias Dawson está fazendo, e qual é a primeira coisa que sai de sua boca? Você fala de matá-lo. Você não considera qualquer outra opção, não considera nada. Você decidiu que queria Dawson morto, e você fez isso acontecer.

— Eu fiz o que precisava ser feito, — eu disse com uma voz fria. — Nada mais, nada menos. E não havia outras opções, detetive. Porque a polícia nesta

cidade é uma piada, e nós dois sabemos disso. A única lei, a única justiça, em Ashland é a que as pessoas fazem por si mesmas.

Donovan se encolheu com as minhas palavras duras, mas ele não contestou. — Eu só... eu não posso mais fazer isso. Sinto muito, Gin. Mas essa coisa com a gente, acabou.

— Então você está deixando a cidade para ficar longe de mim? — Eu disse cortante.

Donovan levantou as mãos num gesto impotente. — Sim. Não. Eu não sei. Não é tudo sobre você. Parte disso é o departamento. Há tanta corrupção lá. Eu só estou... cansado de tudo isso. De levantar cada fodida manhã e saber que eu estou lutando uma batalha perdida. Eu estou no limite aqui, Gin. Perto de me tornar tal como todos os outros policiais corruptos desta cidade. Deixar você ir depois de Alexis James era uma coisa. Ela veio atrás de nós dois em primeiro lugar. Mas Tobias Dawson, isso era diferente. Se tivesse sido qualquer pessoa além de você, eu teria algemado seu traseiro e arrastado para o quartel general antes de chegar perto de Dawson. Mas eu não fiz. E me arrependo disso. Mais do que você jamais vai saber. Sinto muito, Gin. Eu quero que você saiba disso. Eu realmente sinto muito.

— Não, — eu disse. — Sou eu quem sente muito. Sinto muito que perdi meu tempo com você. Encare isso, Donovan. Você não está deixando a cidade porque eu matei Dawson. Você está deixando a cidade porque você não me impediu de fazê-lo. Porque você não teve a força para isso. Porque mesmo agora, apesar de tudo, você ainda quer me foder. Você está fugindo porque a sua moral é mais importante para você do que qualquer outra coisa, incluindo o que você poderia ter comigo.

Donovan se encolheu, mas ele não negou a verdade das minhas palavras. Era tarde demais para isso. Agora o detetive apenas parecia cansado. Sua resignação só me deixou mais furiosa. Por um momento, a raiva surgiu através de mim, dura e fria e amarga como bile. Eu queria atirar alguma coisa, quebrar alguma coisa. Eu queria quebrá-lo. Espalmar minha faca, dar um passo à frente e cortar sua garganta com ela. Machucá-lo como ele estava me machucando.

Mas eu inspirei uma respiração. Eu poderia ferir Donovan com palavras, mas nada mais. Eu posso ser uma ex-assassina, mas eu era melhor do que isso. Eu nunca tinha matado por paixão, e eu não ia começar agora. O detetive não valia a pena.

— Você virou as costas para mim na mina, porque você estava feliz que eu estava morta, — eu disse. — Porque a escolha de estar comigo tinha sido tirada

de suas mãos, e sua moral preciosa ainda estava intacta. E então eu apareci de novo, ainda viva. E você estava de volta à estaca zero. Essa é a verdade real, não é?

Ele não disse nada. E eu finalmente deixei-me reconhecer algo que eu sabia o tempo todo. Donovan Caine me queria, mas ele não era forte o suficiente para me aceitar. Não o meu passado, não a minha força, e não a mulher que eu era. Decepção amarga me encheu, substituindo minha raiva, mas eu me forcei a fazer a última pergunta que eu queria uma resposta.

— Onde você está indo?

Ele balançou a cabeça. — Eu acho que é melhor se você não souber, Gin.

Eu assenti. Talvez fosse.

— Eu também vim aqui para te avisar, — disse Donovan em um tom suave. — Jonah McAllister está em busca do sangue de quem quer que matou seu filho. Ele não vai parar até encontrar a pessoa responsável. Uma das minhas fontes diz que ele está olhando para todo mundo que Jake teve um problema - inclusive você. E Mab Monroe não acha que você morreu na mina com Dawson. Meu capitão recebeu uma ligação dela outro dia querendo saber se tínhamos encontrado mais corpos nos escombros. Assim vigie suas costas.

— Por que me dizer tudo isso? — Eu perguntei. — Não é como se você se importasse. Não de verdade.

Não o suficiente para ficar. Isso é o que eu queria dizer, gritar para ele. Mas eu não gritei.

Donovan deu de ombros. — Eu não sei. Eu acho que eu senti que devia isso a você. O departamento já me substituiu.

— Com quem? — Eu perguntei mais para dizer algo do que por qualquer curiosidade real.

Ele encolheu os ombros novamente. — Algum fodão de Savannah chamado Coolidge. Isso é tudo que eu sei. Uma mulher. Supostamente uma verdadeira lutadora. Assim como você.

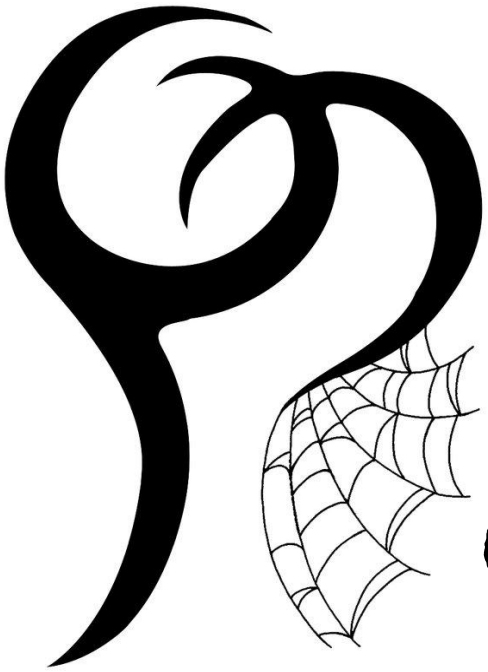
Donovan olhou para mim novamente. Seus olhos de ouro queimaram nos meus. Emoções piscaram em seu olhar. Saudade. Medo.

Pesar. Determinação. Pela primeira vez, eu suavizei meu rosto e deixei que ele visse o que eu realmente sentia por ele. Surpresa cintilou em seus olhos, e por um momento, eu pensei que poderia ser suficiente para ele mudar de ideia. Mas, então, seu rosto endureceu, e eu sabia que tinha perdido ele. Eu esperava que a moral de Donovan Caine o mantivesse aquecido à noite, porque eu nunca mais iria.

Não agora.

Não havia mais nada a dizer. O detetive acenou para mim uma última vez, me olhou nos olhos por mais um momento.

Então ele se virou e saiu do Pork Pit, deixando meu bar, meu coração, frio, vazio e dolorido.



Capítulo 35

Eu dei a Violet e Eva seus milkshakes prometidos, em seguida, expulsei-as e fechei o restaurante. Trinta minutos mais tarde, eu estava prestes a sair quando o telefone tocou. Por um capricho eu peguei, meio esperando que pudesse ser Donovan Caine, chamando a pedir desculpas ou algo assim. Qualquer coisa.

— Pork Pit.

— Olá, Gin.

A voz profunda de Owen Grayson inundou a linha. Um som agradável, mas eu não consegui segurar meu suspiro de decepção.

— Owen.

— Você não parece muito feliz em ouvir de mim, — ele disse.

— O que você quer? — Talvez eu devesse ter sido mais agradável, talvez eu teria sido mais agradável se não fosse por Donovan Caine.

— Eu só queria falar com você, ver como você estava, desde que você não retornou nenhuma das minhas mensagens, — ele disse em uma voz suave.

Minha mão apertou o telefone. Desde o incidente na mina, Owen Grayson havia ligado para o Pork Pit e deixou-me algumas mensagens, nenhum dos quais eu retornei.

Principalmente porque eu não sabia onde as coisas ficaram comigo e Donovan Caine. Bem, agora eu sabia. Mas eu não precisava que Owen Grayson aparecesse e pegasse as peças. Eu poderia fazer isso tudo sozinha. Venho fazendo isso há anos.

— Tenho andado ocupada.

— Vendo Donovan Caine? — ele disse. — Eva ligou e me disse que parou no restaurante esta noite e que as coisas estavam tensas entre vocês dois.

Meus olhos cinzentos estreitaram. — Eva é muito tagarela, não é?

Owen deixou escapar uma risada. De alguma forma o som baixo iluminou meu humor um pouquinho. — Não a culpo. Pedi-lhe para desempenhar o papel de espia.

— E por que isso?

— Porque a minha oferta continua de pé, — ele respondeu. — Sobre querer conhecer a verdadeira Gin Blanco.

Eu bufei. Eu não acho que Owen gostaria da verdadeira Gin Blanco e sua coleção de facas silverstone. Então, novamente, ele não tinha vacilado naquela noite na festa de Mab Monroe, quando eu tinha fingido ser uma prostituta. E isso era mais consideração do que Donovan Caine já tinha alguma vez me mostrado. Ainda assim, eu não estava pronta para saltar para algo novo. Não com Owen Grayson, cujos verdadeiros motivos ainda eram um mistério para mim. Apesar do desejo que eu tinha visto em seus olhos violeta.

— Desculpe, Owen, mas eu apenas não estou no humor agora, — eu disse num tom gentil. — Eu não acho que estarei em um futuro próximo.

— Não se preocupe, — Owen respondeu em um tom suave. — Eu não sou nada senão paciente. Eu só queria chamar e lembrar que você tinha outras opções, Gin.

— Bem, eu vou manter essas outras opções em mente, — eu disse. — Mas agora, eu tive um longo dia e pretendo ir para casa, sozinha.

— Não me deixe impedir você, então, — ele murmurou.

— Não se preocupe. Eu não vou.

Ele soltou uma risada, e eu encontrei-me a sorrir de volta, apesar do meu humor.

— Boa noite, Gin, — ele resmungou.

— Boa noite, Owen.

E assim, ele se foi. Mas ao contrário de Donovan Caine, eu sabia que Owen Grayson estaria de volta. Por alguma razão, esse pensamento me confortou, de pé na escuridão do restaurante.

***

Depois da chamada de Owen, fui para casa de Fletcher. Verifiquei o cascalho na entrada da garagem, em seguida, o granito ao redor da porta. Quando estava satisfeita de que não havia ninguém à espreita, entrei e fui direta para a cozinha. Me servi de um copo de gin, coloquei alguns cubos de gelo no copo e me sentei no sofá na sala. Eu inclinei minha cabeça para trás, olhei para o espaço, e meditei.

Maldito Donovan Caine. Ele era tudo em que eu podia pensar agora. Eu não podia acreditar que o detetive estava realmente deixando Ashland. Que ele estava *me* deixando. Que nunca iríamos ter a oportunidade de explorar plenamente esta atração escaldante entre nós. Toda essa promessa deixada de lado. E para quê? Para o detetive poder descansar à noite, sua moral idealista e código ultrapassado de justiça ainda permanecerem intactos? Inútil, tudo isso.

Tomei um gole do meu gin, saboreando a queimadura fria do álcool. Por um momento, pensei em tirar a garrafa do armário e me embebedar. Mas não me faria nenhum maldito bem. Eu apenas acordaria com uma ressaca amanhã. Donovan Caine ainda estaria partindo, se ele já não tinha ido. Ele tinha acabado de terminar, mais ou menos, com uma antiga assassina. Não o tipo de pessoa que você queria que soubesse o seu paradeiro.

Eu poderia ir atrás de Donovan, é claro. Falar com ele novamente, pleitear meu caso, impiedosamente seduzi-lo a nos dar outra chance. A ficar em Ashland. Eu não pensei em mais nada no caminho para casa.

Mas eu não podia fazer isso. Porque eu ainda queria o que eu sempre quis, que Donovan Caine me desejasse, quisesse estar *comigo*, Gin Blanco, a antiga assassina que se chamava Aranha. Mas ele não queria, e ele nunca quereria. Seu código de justiça não iria deixá-lo, não mais do que o meu iria me deixar esquecer

todas as coisas ruins que eu tinha feito na minha vida, todas as pessoas que eu tinha matado. Ou fingir que eu não faria tudo de novo, se se tornasse necessário.

— Warren, seu velho maldito, você estava certo, afinal. — Eu levantei a minha taça em um brinde, então tomei outro gole de gin.

Pousei meu copo sobre a mesa do café maltratada, e meus olhos pousaram na pasta — a que continha a informação sobre a minha família assassinada. Isso era outra coisa em que eu tinha pensado muito nestas últimas semanas. Pela primeira vez, eu acho que percebi porque Fletcher Lane a tinha deixado para mim. Ele lamentava seu passado com Warren T. Fox, por não fazer as pazes com seu velho amigo. Fletcher tinha tido cerca de cinquenta anos para fazê-lo, e nunca tinha chegado a fazê-lo. Ele não queria que eu tivesse os mesmos arrependimentos, de modo que o velho tinha me dado uma escolha, me deu a informação que eu precisava para fazer uma escolha. E eu sabia o que ia fazer. Eu sabia desde a noite de festa de Mab Monroe.

Desde que eu percebi que ela era a elemental do fogo que tinha assassinado a minha família.

Talvez tivesse sido o seu cheiro de jasmim, misturado com a fumaça. Talvez tivesse sido a sua voz sedosa. Ou até mesmo o riso breve que ela soltou enquanto estava de pé em cima de mim, discutindo minha morte iminente com Tobias Dawson.

Mas trouxe todas as minhas memórias daquela noite de volta para a superfície. Eu não tinha visto o rosto da elemental do fogo, quando ela me torturou. Mas eu tinha ouvido a sua voz, seu riso.

E eram idênticos aos de Mab.

Eu tinha certeza disso agora. Ou talvez eu sabia o tempo todo, mas simplesmente não queria admitir isso para mim mesma. É por isso que Fletcher tinha escrito o nome de Mab na pasta para começar. Para me fazer olhar em sua direção e descobrir por mim mesma.

Eu sabia *quem*, agora eu queria saber o *porquê*. Por que Mab matou minha mãe e irmã mais velha? Por que ela me torturou? Por que ela exigiu saber onde Bria estava? Quando eu descobrisse o porquê, eu teria a peça final do quebra-cabeça.

E então eu mataria a cadela.

Ah, eu sabia que não ia ser fácil. Que eu poderia morrer no processo. Que eu provavelmente iria morrer. Mas Mab Monroe havia assassinado minha família, me fez pensar que eu tinha matado minha irmãzinha por dezessete anos. Eu vivi nas ruas e comi lixo por causa dela. Escondi-me de viciados e proxenetas vampiros e todo o lixo de Southtown. Já estive assustada e fraca por causa dela. Mas não mais. E a minha não era a única família que ela tinha arruinado ao longo dos anos. A família Snow não era uma nota de rodapé em comparação com todas as coisas horríveis que Mab Monroe tinha feito.

E então havia Bria. Meus olhos foram para a foto da minha irmãzinha. Cabelos loiros, olhos do azul centáurea, a runa de prímula em volta do seu pescoço. Ela estava lá fora em algum lugar, esperando por mim.

— Eu vou encontrar você, irmãzinha, — sussurrei. — De uma forma ou de outra.

Meus olhos foram para os desenhos de runas apoiados em cima da lareira. Eu olhei para a imagem do Pork Pit que eu tinha desenhado, do sinal sobre a porta da frente. A runa de Fletcher, a meu ver. Eu levantei a minha taça em outro brinde.

— A você, Fletcher Lane, — eu disse. — Espero fazer você se sentir orgulhoso.

Só o tique-taque do relógio de pêndulo na sala quebrou o silêncio. Bebi o gin e coloquei o meu copo de lado. Então eu peguei a pasta, pronta para passar por todas as informações novamente. E novamente e novamente se necessário.

Até que eu encontrasse todas as respostas que estava procurando.

Donovan Caine estava certo sobre uma coisa. Parte de mim sempre seria a Aranha - e era hora de dar bom uso às minhas habilidades. Para fazer as coisas que precisavam ser feitas.

Encontrar Bria.

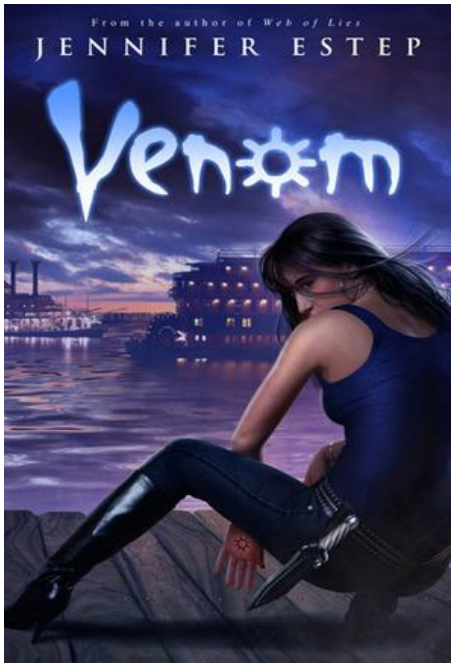
Descobrir porque Mab Monroe havia assassinado minha família.

Matar Mab.

— Os bons velhos dias estão de volta, — eu disse.

Então eu comecei a trabalhar.

A série Elemental Assassin continua em... *Venom:*



Que tipo de assassino trabalha pro bono?

É difícil ser uma assassina fodona quando um gigante está matando você a socos. Felizmente, eu nunca deixei o orgulho ficar no caminho do meu trabalho. Minha missão atual é pessoal: aniquilar Mab Monroe, a Elemental de Fogo que assassinou minha família. O que significa proteger a minha identidade, mesmo que eu tenha que esconder a minha poderosa magia de Pedra e Gelo quando mais preciso dela.

Para o público, eu sou Gin Blanco, proprietária do melhor restaurante de churrasco de Ashland. Para os meus amigos, sou a Aranha, assassina aposentada. Ainda faço favores no escuro. Como livrar uma amiga vampira de seu perseguidor gigante - o valentão favorito de Mab que quase me matou com seus punhos enormes.

Pelo menos o irresistível Owen Grayson está do meu lado. O homem sabe demasiado sobre mim, mas vou correr esse risco. Então há a Detetive Bria Coolidge, uma das melhores de Ashland. Até recentemente, eu pensava que minha irmá mais nova estava morta. Ela provavelmente pensa o mesmo sobre mim. Mal ela sabe, eu sou uma assassina de sangue frio... que está prestes a salvar a vida dela.

Sobre a Autora:



De noite, Jennifer Estep é uma autora, rondando as ruas de sua imaginação em busca de sua próxima ideia de fantasia.

Jennifer escreve a série de fantasia urbana "Elemental Assassin". Os livros se focam em Gin Blanco, uma assassina de codinome Aranha, que pode controlar os elementos de Gelo e Pedra. Quando ela não está ocupada matando pessoas e corrigindo erros, Gin dirige uma churrascaria chamada de Pork Pit na metrópole fícticia do sul de Ashland. A cidade é também o lar de gigantes, anões, vampiros e elementais - Ar, Fogo, Gelo e Pedra.



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503



All Creatures of the night get together ***After dark***